



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E
FEMINISMO**

DARLANE SILVA VIEIRA ANDRADE

**A “SOLTEIRICE” EM SALVADOR:
DESVELANDO PRÁTICAS E SENTIDOS ENTRE ADULTOS/AS
DE CLASSES MÉDIAS**

**SALVADOR – BAHIA
2012**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO**

DARLANE SILVA VIEIRA ANDRADE

**A “SOLTEIRICE” EM SALVADOR:
DESVELANDO PRÁTICAS E SENTIDOS ENTRE ADULTOS/AS
DE CLASSES MÉDIAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, como requisito parcial a obtenção do grau de Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, gênero e Feminismo.
Linha de pesquisa: Identidade, Gênero e Cultura

Orientadora: Dra. Maria Gabriela Hita

SALVADOR – BAHIA
2012

Revisão e formatação: Vanda Bastos

A554 Andrade, Darlane Silva Vieira
A “solteirice” em Salvador: desvelando práticas e sentidos entre
Adultos /as de classes médias / Darlane Silva Vieira Andrade. –
Salvador, 2012.
312f.: il.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Gabriela Hita
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

1. Mulheres solteiras – Classe média – Salvador (BA). 2. Homens solteiros –
Classe média – Salvador (BA). 3. Relações de gênero. 4. Celibatários. I. Hita,
Maria Gabriela. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 305.3

DARLANE SILVA VIEIRA ANDRADE

**A “SOLTEIRICE” EM SALVADOR:
DESVELANDO PRÁTICAS E SENTIDOS ENTRE ADULTOS/AS DE
CLASSES MÉDIAS**

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Área de Concentração: Mulheres, Gênero e Feminismo. Linha de Pesquisa: Gênero, Identidade e Cultura.

Salvador, 6 de setembro de 2012

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Gabriela Hita - Orientadora

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2004). Professora do Departamento de Sociologia da Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Eliane Gonçalves

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Professora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás

Profa. Dra. Giovana Dal Bianco Perlin

Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (2007). Professora de Psicologia da Faculdade Ruy Barbosa e da Pós-Graduação no Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados

Prof. Dr. Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2007). Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia

Profa. Dra. Márcia Santana Tavares

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2008). Professora do Curso de Serviço Social no Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Ivia Iracema Duarte Alves

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1996). Professora do PPGNEIM na Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Cecília Maria Bacellar Sardenberg

Doutora em Antropologia pela Universidade de Boston (1997). Professora do Departamento de Antropologia e do PPGNEIM, na Universidade Federal da Bahia

Ao meu sobrinho Guilherme, por me dar tanta alegria.

A todas as pessoas solteiras, para que sigam livres.

AGRADECIMENTOS

A construção desta tese foi, o tempo todo, motivada pelo sentimento de amor: ao tema, às teorias que embasam o estudo, em especial, à perspectiva feminista dos estudos de gênero. Como toda relação de amor, conflitos existiram e desafios tiveram que ser enfrentados até chegar a este produto final. Neste processo, foram muitas as pessoas que participaram de forma significativa. A elas, meus agradecimentos:

A meus pais, Janete e Darlan Andrade, que sempre apoiaram as minhas escolhas. A minhas irmãs Daiana e Talitha Andrade, sou grata pelo amor e carinho de vocês. Ao meu sobrinho, Guilherme Andrade, que nasceu e cresceu com meus estudos de dissertação e tese, ensinando-me uma nova forma de amar. A toda minha extensa família, que vem torcendo pela “Doutora da família”. E à psicóloga Graça Luz, pelo precioso apoio.

Sou grata às amigas e aos amigos das minhas mais variadas redes sociais com quem pude compartilhar minha vida, minhas ideias sobre a tese, meus ideais de militância e, principalmente, por encontrar em muitos/as deles/as o verdadeiro sentido da frase “amigos/as são a família que escolhemos”. Às amigas: Helena Miranda, Alessandra Almeida, Ana Luíza Fagundes (saudades!) e Rosângela Castro; Luana Mattos, Ajurymar Santos, Yulle Dantas; Sônia Machado, Sandara Carvalho; Glaciane Reis e Graciela Ferreira; Mayara Muniz e Suzane Casas. Aos amigos: Aurélio Cardoso, David Santana e David Ventura. Aos meus amigos e amigas transnacionais: Pablo Benito, Flors Navarro, Gerardo Delgado, Milan Fric, Antonio Carmona, Raul González, Sandra Biolkova, Hafeez Amin, Estibaliz de Miguel, Sara Eldén – sem vocês, minha passagem por Manchester não teria sido tão alegre!

À equipe de docentes, funcionários/as e discentes/colegas do PPGNEIM, por proporcionarem aprendizagem e militância para além dos muros da universidade. Às professoras Cecília Sardenberg e Ana Alice Costa; tenho muito orgulho de ter sido aluna de vocês e poder ter visto de perto a importância que têm para o feminismo brasileiro e mundial. Às professoras Ívia Alves e Antônia Garcia, por colaborarem com o tema da minha pesquisa. A todos/as os/as colegas deste Programa, pela agradável convivência, desde a primeira turma, em 2006. E às/aos colegas do grupo de estudo Família e Redes Sociais.

Agradeço, de forma especial, às pessoas que participaram mais diretamente do processo de construção desta tese: minha orientadora, Gabriela Hita, por acreditar no meu trabalho e me desafiar a superar a mim mesma, dando-me importante suporte para o andamento desta pesquisa; Vanessa May e Brian Heaphy, que foram meus co-orientadores na Universidade de Manchester, através de quem obtive referências importantes para repensar e reconstruir uma série de discussões teóricas e metodológicas para este estudo, junto com toda equipe de pesquisadores/as do Morgan Center, em especial, Carol Smart e David Morgan.

Agradeço, também, aos/às pesquisadores/as que tiveram a “solteirice” como tema de estudo e que se interessaram em conhecer minha pesquisa, a realidade brasileira acerca da temática e a compartilhar comigo das suas experiências neste campo: a

socióloga Roona Simpson, da Universidade de Edinburgo, e o sociólogo Yiun-tung Suen, da Universidade de Oxford. No Brasil, à professora Eliane Gonçalves e suas preciosas contribuições para meus estudos; à colaboração da querida professora Giovana Perlin, de Osvaldo Fernandez e de Márcia Tavares, pela participação na minha banca de defesa.

Ao professor Paulo César Alves, pela importante contribuição metodológica na fase quantitativa da pesquisa; às professoras Stella Sarmiento e Maria do Carmo, que me deram grande auxílio para a elaboração do questionário e o uso do SPSS. Não sei o que faria sem a ajuda de vocês!

Agradeço àqueles/as que me ajudaram na coleta de dados, por enfrentarem comigo o desafio de conseguir a colaboração de solteiros/as para responder a um instrumento com 55 questões! Mais uma vez, sou grata a Helena Miranda, principal auxiliar em todas as fases da pesquisa; aos/às estudantes de Psicologia da Faculdade Ruy Barbosa; às psicólogas Sandara Carvalho e Emanuele Medeiros, que colaboraram na realização dos grupos focais. Também a Valfrido e Elena, pelo apoio nas transcrições de materiais de áudio; e a Vanda Bastos, por revisar meu texto e pelas palavras de conforto.

Agradeço, especialmente, a todos/as os/as participantes das diferentes fases do estudo, por confiarem em compartilhar comigo um pouco das suas experiências de solteiros/as.

Sou grata às pessoas dos meios midiáticos que me convidaram a falar sobre minha pesquisa e temas relacionados, colaborando na divulgação do estudo e, ao mesmo tempo, proporcionando reflexões sobre a pesquisa. Também a todos/as dos espaços por onde transitei, dando cursos, palestras e exercendo, desta forma, minha militância –NEIM, Conselho Regional de Psicologia, Grupo de Trabalho Relações de Gênero e Psicologia e Sindicato de Psicólogos/as no Estado da Bahia. Agradeço às professoras da Faculdade Ruy Barbosa, Anamélia Carvalho e Rosália Correia, por incentivarem meu trabalho; e à memória da professora Mercedes Carvalho, grande referência na Psicologia, a quem devo eternos agradecimentos por me ensinar a amar minha profissão de psicóloga e pesquisadora.

Por fim, ao auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que favoreceu a realização deste estudo, na esperança que haja mais incentivo e valorização da pesquisa neste país.

*Que nada nos defina. Que nada nos
sujeite. Que a liberdade seja a nossa
própria substância.*

Simone de Beauvoir

RESUMO

Esta tese buscou compreender o fenômeno da “solteirice” na contemporaneidade, especificamente na capital baiana, a partir de experiências e construções de sentidos atribuídos a esta condição para homens e mulheres adultos/as, de classe média, solteiros/as e que moram sozinhos/as em Salvador. Partindo de discussões interdisciplinares sobre as mudanças na vida pessoal, nas relações de gênero, nos relacionamentos e nos estilos de vida em contexto urbano, que colaboram para pensar os novos sentidos e práticas em torno da “solteirice”, a pesquisa fez uso da epistemologia feminista, tendo o gênero como categoria principal utilizada para a análise dos dados; adotou métodos mistos com o uso de instrumentos quantitativos e qualitativos: realizou grupos focais, dos quais participaram quatro mulheres e três homens; aplicou questionário estruturado respondido por 76 pessoas; realizou observações de campo em espaços de lazer na cidade, entrevistas biográficas guiadas pela “linha da vida” e diários, estes realizados com uma subamostra de seis participantes. Todos/as/os/as participantes tinham idade variando entre 30 e 60 anos, formação universitária, eram residentes em bairros de status médio/alto em Salvador e foram classificados/as como pertencentes à classe A/B pelo Critério de Classificação Econômica Brasil. A construção dos dados e o diálogo com a literatura sobre o tema permitiu, primeiramente, a reconstrução do conceito de “solteirice” a partir das dimensões estado civil, estilo de vida e solidão, sendo a liberdade, a principal dimensão, ao mesmo tempo o elemento que interliga as outras dimensões e o mais importante significado da “solteirice”. O estudo permitiu a construção do perfil de um grupo específico de solteiros/as que moram sozinhos/as no que se refere a características socioeconômicas, vivências em torno da “solteirice” no campo relacional e sexual, nas rotinas de lazer e trabalho, e suas expectativas para o futuro, além de mapear os territórios na cidade por onde transitam especialmente no lazer, apontando que a condição de “solteirice” é vivenciada tanto dentro como fora do lar tendo a liberdade como centralidade. Por fim, permitiu observar algumas diferenças de gênero na forma com que a solteirice é experienciada, visto que a liberdade que é tão cara à vida de solteiro/a, tem pesos diferentes para homens e mulheres, principalmente no campo da sexualidade, haja vista a maior permissividade social para os homens exercerem o sexo fora do casamento do que para as mulheres: apesar de muitas participantes terem uma vida sexual ativa, outras se mantêm celibatárias até se engajarem em uma relação estável, mostrando que a solteirice expressa as mudanças e permanências na vida pessoal.

Palavras-chaves: Solteirice. Morar sozinho(a). Relações de gênero. Classe média. Estilo de vida urbano.

ABSTRACT

This thesis sought to understand the contemporary phenomenon of “singleness”, specifically in the capital of Bahia, through experiences and the definition of the condition of being single middle class men and women who live by themselves in Salvador. The study was based on interdisciplinary discussions about the changes in personal life, gender relations, relationships, and lifestyles in urban contexts that have contributed to the rethinking of the definition and practices of “singleness”. The research was based on feminist epistemologies, taking gender as the main category chosen to analyze the data. It adopted mixed methods with both qualitative and quantitative techniques: focus groups in which four women and three men participated; structured questionnaires to which 76 people responded; field observations carried out in leisure spaces around the city; and a subsample of six participants given biographical interviews guided by their “life grids” and diaries. Participants range from 30 to 60 years old, have a university level degree, live in middle to high class neighborhoods in Salvador, and are classified as belonging to A/B social class according to Brazilian Criteria of Economic Classification. The compilation of data and the analysis of the literature about the theme at hand allowed, firstly, for the reconstruction of the concept of “singleness” according to its dimensions of civil status, lifestyle, and loneliness, using freedom as the focal point, as well as the element that connects all the dimensions and the most important meaning of “singleness”. Secondly, this study allowed for the construction of a profile of a specific group of singles living alone, based on their socioeconomic characteristics and experiences of “singleness” in the field of relationships and sexuality, on their leisure and work routines, and on their expectations for the future. In addition, the study mapped the areas around the city occupied by singles, especially for leisure activities, showing that the singleness condition is experienced inside and outside the home, freedom being the main focus. Finally, this study revealed some gender differences in the way that singleness is experienced, given that freedom, as the major characteristic of single life, has different connotations for men and women, especially in regards to sexuality: it is more socially acceptable for men to have sex outside marriage than for women. Although many single women have an active sex life, others remain celibate until they enter into a stable relationship, which suggests that singleness represents both changes and permanencies in personal life.

Keywords: Singleness. Living alone. Gender relations. Middle class. Urban lifestyle.

RESUMEN

Esta tesis ha buscado comprender el fenómeno de la “solteridad” en la contemporaneidad, específicamente en la ciudad de Salvador de Bahía (Brasil), a partir de experiencias y construcciones de sentidos vinculados con esta condición para hombres y mujeres adultos/as, de clase media, soltero y que viven solos en Salvador. Partiendo de las discusiones interdisciplinarias sobre los cambios en la vida personal, en las relaciones de género, en los relacionamientos y en los estilos de vida en un contexto urbano, que ayuda a pensar en nuevos sentidos y prácticas entorno de la “solteridad”, la investigación ha utilizado la epistemología feminista, teniendo el género como categoría principal utilizada para análisis de datos; se ha adoptado métodos mixtos con el uso de herramientas cuantitativos y cualitativos: ha realizado grupos focales, de los cuales han participado cuatro mujeres y tres hombres; se ha aplicado cuestionarios estructurados contestado por 76 personas; se ha realizado observaciones de campo in situ de ocio en la ciudad, entrevistas biográficas guiadas por la “línea de la vida” y diarios, estos realizados con una pequeña muestra de 6 participantes. Todos los participantes han tenido edad entre 30 y 60 años, graduación universitaria, residentes del barrio de status medio/alto en Salvador y fueran clasificados como pertenecientes a clase A/B por el criterio de Clasificación Económica Brasil. La construcción de los datos y el dialogo con la literatura sobre el tema ha permitido, primeramente, la reconstrucción del concepto de la “solteridad” a partir de las dimensiones del estado civil, estilo de vida y soledad, siendo la libertad, la principal dimensión, al mismo tiempo el elemento que interconecta a otras dimensiones y lo más importante significado de la “solteridad”. El estudio ha permitido la construcción del perfil de un grupo específico de solteros/as que viven solos/as en relación las características socio económicas, vivencias entorno de la “solteridad” con respecto al campo interpersonal y sexual, en las rutinas de ocio y trabajo, en sus expectativas para el futuro, como también de mapear los territorios en la ciudad por donde trafican especialmente el ocio, apuntando que la condición de la “solteridad” es vivida dentro y fuera de casa teniendo la libertad como centralidad. Por fin, ha permitido observar algunas diferencias de género en la forma con que la “solteridad” es experimentada, ya que la libertad que es cara para la vida de los soltero/as, ha tenido peso diferente para hombres y mujeres; principalmente en el campo de la sexualidad, pues ha mayor permisividad social para los hombres concedieren el sexo fuera de casamiento que las mujeres: a pesar de muchos participantes tener una vida sexual activa; otros se mantienen celibatos hasta que se involucren en una relación estable, enseñando que la “solteridad” expresa los cambios y permanencia en la vida personal.

Palabras-clave: “Solteridad”. Vivir solo. Relación de género. Clase media. Estilo de vida urbano.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Número e percentual segundo a faixa etária dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011-2012	127
Tabela 2	Número e percentual segundo a religião à qual pertencem os/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011-2012	128
Tabela 3	Número e percentual segundo o grau de escolaridade dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011–2012	130
Tabela 4	Número e percentual segundo a área de formação dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011-2012	131
Tabela 5	Número e percentual segundo a renda mensal dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011-2012	132
Tabela 6	Número e percentual segundo o tempo de moradia unipessoal dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011–2012	135
Tabela 7	Número e percentual segundo a naturalidade dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011–2012	137
Tabela 8	Número e percentual segundo o trânsito por outras cidades, segundo os/as participantes do estudo, por sexo – Salvador, 2011-2012	138
Tabela 9	Número e percentual de respostas segundo os motivos que os/as participantes relataram para residirem fora de Salvador, por sexo – Salvador, 2011-2012	139
Tabela 10	Número e percentual de respostas segundo o significado da solteirice para os/as participantes do estudo, por sexo – Salvador, 2011-2012	150
Tabela 11	Número e percentual de respostas segundo os motivos de estarem solteiros/as referidos pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	155
Tabela 12	Número e percentuais de respostas segundo os motivos para morar só, apontados pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	159
Tabela 13	Número e percentual de respostas segundo os momentos em que os/as participantes sentem solidão, por sexo – Salvador, 2011-2012	173
Tabela 14	Número e percentual de respostas segundo o acompanhamento psicoterápico feito pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	175
Tabela 15	Número e percentual de respostas, segundo o número de horas trabalhadas pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	180
Tabela 16	Número e percentual de respostas, segundo a carga horária semanal destinada ao lazer pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	181
Tabela 17	Número e percentual de respostas, segundo a frequência de realização de atividades domésticas pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	182

Tabela 18 Média e desvio padrão das respostas segundo os objetivos do lazer, segundo os/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	205
Tabela 19 Número e percentual de respostas, segundo quem toma a iniciativa para ter uma relação sexual, por sexo – Salvador, 2011-2012	209
Tabela 20 Número e percentual de respostas, segundo a realização de atividades de lazer sozinho/a pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	215
Tabela 21 Número e percentual de respostas quanto à preferência por frequentar lugares de lazer em relação à faixa etária, segundo os/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	219
Tabela 22 Número e percentual de respostas segundo o tipo de relação que prevaleceu no histórico de relacionamento dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	225
Tabela 23 Número e percentual de respostas, segundo o tempo de duração do último relacionamento dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	225
Tabela 24 Número e percentual de respostas segundo o tipo de pessoa com quem os/as participantes fizeram sexo nos últimos seis meses, por sexo – Salvador, 2011-2012	230
Tabela 25 Número e percentual de respostas segundo a opinião quanto à ligação entre sexo e amor, dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	236
Tabela 26 Número e percentual de lugares onde comumente os/as participantes encontram pessoas para fazer sexo, por sexo – Salvador, 2011-2012	237
Tabela 27 Número e percentual de respostas, segundo a frequência de prática sexual dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	238
Tabela 28 Número e percentual de respostas, segundo a prática da masturbação pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	239
Tabela 29 Número e percentual de respostas, segundo o grau de influência de passado sexual ativo da outra pessoa para ter com ela um relacionamento estável, por sexo – Salvador, 2011-2012	241
Tabela 30 Número, média e desvio padrão de respostas, segundo assertivas relacionadas ao casamento entre os/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	246
Tabela 31 Número de respostas, média e desvio padrão, segundo o grau de satisfação dos/as participantes com aspectos da vida, por sexo – Salvador, 2011-2012	247
Tabela 32 Número de respostas, média e desvio padrão segundo a importância atribuída a aspectos da vida pessoal, pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	252
Tabela 33 Número, média e desvio padrão de respostas, segundo projetos para o futuro dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012	253

LISTA DE SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Estudos Populacionais
ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCEB	Critério de Classificação Econômica Brasil
CEPIA	Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação
CGEE	Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
GRAVAD	Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LAT	<i>Living apart together</i>
LGBTT	lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis
MAM	Museu de Arte Moderna
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RMS	Região Metropolitana de Salvador
RU	Reino Unido
SM	Salário Mínimo
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
TCA	Teatro Castro Alves
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A PROPOSTA DE ESTUDO SOBRE A “SOLTEIRICE”	17
1 A “SOLTEIRICE” NA CONTEMPORANEIDADE: (RE)CONSTRUINDO CONCEITOS	47
1.1 A “SOLTEIRICE” COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL	48
1.2 A PRODUÇÃO DA “SOLTEIRICE” EM UMA CULTURA DE CASADOS	53
1.3 SOLTEIRICE: A EMERGÊNCIA DO ESTILO DE VIDA DE SOLTEIROS/AS	62
1.4 A SOLTEIRICE, O VIVER SÓ E A SOLIDÃO	71
2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	78
2.1 A PERSPECTIVA FEMINISTA E OS USOS DO GÊNERO	78
2.2 O USO DOS MÉTODOS MISTOS	89
2.2.1 FASE 1: EXPLORAR EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS SOBRE A “SOLTEIRICE”	91
2.2.2 FASE 2: CONSTRUÇÃO DE PERFIS DE SOLTEIROS/AS	94
2.2.3 FASE 3: O ESTUDO BIOGRÁFICO DE SOLTEIROS/AS	101
2.2.4 FASE 4: AS ROTINAS RELACIONAIS RETRATADAS EM DIÁRIOS	104
3 QUEM SÃO OS SOLTEIROS E AS SOLTEIRAS QUE MORAM SOZINHOS/AS EM SALVADOR: PERFIL SOCIOECONÔMICO	107
3.1 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA PESQUISA: SALVADOR E A CLASSE MÉDIA	107
3.2 APRESENTAÇÃO DA AMOSTRA	109
3.2.1 PARTICIPANTES DOS GRUPOS FOCAIS	110
3.2.2 PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS E DIÁRIOS	115
3.2.3 PARTICIPANTES QUE RESPONDERAM AOS QUESTIONÁRIOS	127
3.3 FORMAÇÃO, TRABALHO E RENDA	130
3.4 SOBRE CLASSIFICAÇÃO DA CLASSE SOCIAL	134
3.5 SOBRE A MORADIA	135
3.6 ORIGEM E DESLOCAMENTOS	137
4 SER SOLTEIRO/A E MORAR SOZINHO/A EM SALVADOR: PRÁTICAS E SENTIDOS	141
4.1 AS DIMENSÕES DA SOLTEIRICE	142
4.2 MOTIVOS PARA ESTAREM SOLTEIROS/AS	153
4.3 VIVER SÓ: ESCOLHAS POSSÍVEIS	157
4.4 MORAR SÓ: SIGNIFICADOS E A APRESENTAÇÃO DA CASA	162

4.5 MORAR SÓ: POSSIBILIDADES E LIMITES PARA AS RELAÇÕES DE INTIMIDADE	167
4.6 A SOLIDÃO PARA QUEM VIVE SÓ	172
5 SOBRE A ROTINA E O LAZER DOS/AS SOLTEIROS/AS: TERRITÓRIOS E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE EM SALVADOR	179
5.1 A ROTINA DOS/AS SOLTEIROS/AS	179
5.2 O COTIDIANO RELACIONAL DOS/AS SOLTEIROS/AS EM DIÁRIOS	183
5.3 SOBRE O LAZER	193
5.4 TERRITÓRIOS DE SOCIABILIDADE E A DINÂMICA DA PAQUERA	201
5.4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CARNAVAL, SAIR SOZINHO/A E AS LIMITAÇÕES NOS ESPAÇOS DE LAZER	213
6 SOLTEIROS/AS PROCURAM? SOBRE A SEXUALIDADE, AVALIAÇÃO DA VIDA DE SOLTEIRO/A ATUAL E PROJETOS PARA O FUTURO	221
6.1 SOBRE A SEXUALIDADE	221
6.1.1 HISTÓRICO DE RELACIONAMENTO AMOROSO	224
6.1.2 SEXO E RELACIONAMENTOS ATUAIS	229
6.1.3 SOBRE AMOR E SEXO	235
6.1.4 SEXO: ONDE ENCONTRAR?	236
6.1.5 FREQUÊNCIA DAS RELAÇÕES SEXUAIS ATUAIS	237
6.1.6 EXPECTATIVAS EM TORNO DOS RELACIONAMENTOS	240
6.2 AVALIAÇÃO DA VIDA DE SOLTEIRO/A E PROJETOS PARA O FUTURO	246
6.2.1 GRAU DE SATISFAÇÃO SOBRE ASPECTOS DA VIDA PESSOAL	246
6.2.2 PROJETOS PARA O FUTURO	250
CONSIDERAÇÕES FINAIS	256
REFERÊNCIAS	269
APÊNDICES	287
APÊNDICE A ROTEIRO DE CONDUÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS	288
APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS GRUPOS FOCAIS	289
APÊNDICE C FICHA DE IDENTIFICAÇÃO PARA INTEGRANTES DOS GRUPOS FOCAIS	290
APÊNDICE D QUESTIONÁRIO	291
APÊNDICE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS QUESTIONÁRIOS	299
APÊNDICE F ROTEIRO DE ENTREVISTA “LINHA DA VIDA”	300

APÊNDICE G	GUIA DE INSTRUÇÃO PARA REALIZAÇÃO DOS DIÁRIOS301
APÊNDICE H	MODELO E ROTEIRO DE ENTREVISTA DE DEVOLUÇÃO DO DIÁRIO 302
APÊNDICE I	QUADROS DE CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES E FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO303
APÊNDICE J	TABELAS 307
ANEXO	 312

INTRODUÇÃO

A PROPOSTA DE ESTUDO SOBRE A “SOLTEIRICE”

Este estudo de tese traz a “solteirice” como tema principal. Aqui, chamo de “solteirice”¹ a condição de ser ou estar solteiro/a, ou seja, a vivência de quem não está em uma relação marital, podendo ou não ter experienciado, previamente, uma relação de conjugalidade. Partindo desta noção, interessa neste estudo explorar e compreender quais são as concepções no que diz respeito à “solteirice” assim como os significados e sentidos construídos em torno das vivências e experiências de homens e mulheres adultos/as, de classe média, solteiros/as e que moram sozinhos/as em Salvador.

Fazendo uso de uma epistemologia feminista (HARAWAY, 1988; 1995; HARDING, 1991; 1996; 1998), o estudo utiliza *gênero* como principal categoria para análise dos dados e adota métodos mistos com a utilização de instrumentos quantitativos e qualitativos. Assim, os dados foram construídos e analisados a partir da aplicação de questionário estruturado, grupos focais e entrevistas biográficas, sendo complementados com observações de campo, em uma amostra composta por pessoas de ambos os sexos², solteiros/as que moram sozinhos/as em bairros considerados de estrato médios/alto em Salvador.

O tema da “solteirice” tem chamado atenção na mídia escrita com notícias sobre “o aumento do número de pessoas solteiras” e a emergência das “novas solteiras” em diversos países ocidentais, incluindo o Brasil³, e na mídia

¹ O termo “solteirice” tem sido utilizado em estudos sobre solteiros/as no Brasil e no exterior (*singleness*) para se referir, de diversas formas, ao estado de estar sem um par conjugal. Ao longo desta tese, foram retiradas as aspas deste termo em função de que o mesmo foi sendo reconstruído e ganhando uma dimensão própria como consequência da construção dos dados deste estudo.

² A amostra que compôs os questionários era formada por setenta e seis pessoas; sete participaram dos grupos focais; seis pessoas fizeram as entrevistas biográficas guiadas pela “linha da vida” e destas, cinco realizaram os diários. Maiores detalhes sobre a composição da amostra estão postos no segundo capítulo, de caráter metodológico, e no terceiro, que descreve analiticamente as características da população estudada.

³ Jornais norte-americanos notificam que o país está “solteiro” – *Single America*, assim como notícias no Reino Unido anunciam a solteirice britânica – *Single Britain* (FUREDÌ, 2002), para dar visibilidade ao fenômeno. No Brasil, estudos de Eliane Gonçalves (2007) e Mariana Antunes (2010) analisam reportagens em revistas de grande circulação no país, que apontam a emergência das “novas solteiras” na virada do milênio, estimuladas pelos dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano

televisionada, com personagens solteiros/as em filmes e seriados⁴, principalmente em fins do século XX e início do milênio. O tema começa a ser interesse de estudos diante do crescente aumento do número de homens e mulheres solteiros/as registrado por dados demográficos⁵, vistos agora com significados mais positivos, situados no contexto de transformações velozes que caracteriza a contemporaneidade.

Autores como Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (1990), Anthony Giddens (1992; 2000; 2002), Terry Eagleton (1996) e Manuel Castells (1999) analisam a contemporaneidade a partir de uma série de transformações aceleradas ocorridas na Modernidade, desde a segunda metade do século XX, no período pós-guerra, decorrentes das mudanças no sistema capitalista, do advento da globalização, dos avanços nas ciências e tecnologias, principalmente no setor de comunicação, e do crescimento das cidades e das indústrias que irão repercutir em diversos aspectos sociais como as relações familiares, amorosas etc. Tais mudanças criam dinâmicas novas e particulares nos modos de ser, de viver e de construir identidades em sociedades complexas, especialmente entre pessoas que vivem em (grandes) centros urbanos.

Alguns elementos que passam a caracterizar as sociedades urbano-industriais ocidentais e informatizadas, nesse cenário de grandes transformações, são o individualismo, o imediatismo, a descartabilidade, o fim das tradições e as mudanças nas noções de tempo e espaço – passando a prevalecer o tempo

2000 que revelaram o aumento do número de pessoas solteiras e das que moram sozinhas no país. As notícias na mídia continuaram a retratar o fenômeno, também em 2011 e 2012, a partir da divulgação dos dados censitários (de 2010) apontando a continuidade do crescimento do número de pessoas que moram sozinhas e das solteiras.

⁴ Como nos seriados norte-americanos que retratam a vida de pessoas solteiras: as mulheres em *“Sex and the city”* (exibido nos Estados Unidos pelo canal HBO de 1998 a 2004), e os homens, em *“Two and a half men”* (exibido pelo canal Warner, desde 2003); e nos filmes como *“O Diário de Bridget Jones”* – parte 1 e parte 2 (ambos estreados também em fins dos anos 1990) – baseado nos romances de Helen Fielding (2001). As personagens femininas têm sido referidas em estudos sobre mulheres solteiras (TAVARES, 2008; REYNOLDS, 2008 e outros). Os trabalhos de Márcia Rejane Messa (2006a; 2006b; 2007) analisam o seriado *“Sex and the city”*, discutindo as construções de gênero e ideologias que mostram os paradoxos da valorização da “solteirice” de mulheres urbanas e independentes, ao passo que reforçam a busca da felicidade em uma relação conjugal, o que também verifiquei em análise de episódios que tratam especificamente da condição de solteira das personagens principais e dos dois filmes frutos do seriado, para trabalho acadêmico orientado pela professora Ivia Alves (ANDRADE, 2010).

⁵ Estes números serão postos adiante.

presente e emergindo os múltiplos espaços, inclusive os virtuais –, a velocidade e o dinamismo, a instabilidade e a transitoriedade, o nomadismo e a emergência de uma cultura marcada pelo consumo. Ganham importância os signos, as imagens, a mídia e os discursos, por representarem os principais tipos de transformações que são discutidas por Terry Eagleton (1996), Ulrich Beck (1997), Manuel Castells (1999), Anthony Giddens (2000), Zigmunt Bauman (2001a), Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles (2004), dentre outros.

Nesse contexto, há forte consenso sobre como a linearidade, a estabilidade e as normas bem definidas que regiam o funcionamento e a organização de diversos campos, como a construção do saber, as regras que norteavam comportamentos de homens e mulheres engajados/as em relações familiares, conjugais e amorosas, dentre outros, vão perdendo o caráter de fixidez em meio a uma realidade marcada pela instabilidade, transitoriedade e também pelos paradoxos que caracterizam a contemporaneidade.

Para Gilberto Velho, as cidades são, por excelência, o *lócus* dessas mudanças, porque ali são forjadas novas formas de sociabilidade e interação social, sendo elas pontos de articulação de uma grande rede que passa a conectar esferas diversificadas da vida social de sociedades distantes, geográfica e culturalmente, que são aproximadas, de formas distintas e complexas, pela globalização. Nas cidades contemporâneas, o estilo de vida que emerge é caracterizado pela “interação intensa e permanente de atores variados circulando entre mundos e domínios, num espaço social e geograficamente delimitado” (1995, p. 229), possível dentro do processo de formação de um mercado mundial (capitalista, globalizado), com aplicação dos horizontes de trocas materiais e simbólicas bem como a complexificação das relações de trabalho, na medida em que há a ampliação do quadro de alternativas laborais e as inseguranças de um mercado cada vez mais instável, como vai discutir Ulrich Beck (1997).

Neste cenário, marca o estilo de vida urbano a ideia de liberdade de escolha – de modos de viver, de trabalhar etc. –, que tem como contrapartidas o anonimato e a fragmentação da experiência social, mas que caminha junto com o desenvolvimento de áreas de domínios de sociabilidade, de lazer, de crenças religiosas, atividades políticas, etc. Outro ideário, e característica marcante da vida social urbana em sociedades industriais ocidentais, é o desenvolvimento de

ideologias individualistas, ou seja, uma “valorização inédita do indivíduo, erigindo-o como unidade básica da vida social” (VELHO, 1995, p. 230).

Autores como Anthony Giddens (1992; 2000; 2002), Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (1990) e Zigmunt Bauman (2001a) discutem sobre essas ideologias individualistas dentro de um processo de democratização e individualização⁶ das sociedades, um processo em que as pessoas constroem escolhas e projetos desvinculados de uma coletividade, tendo o “eu” como referência, característico de uma cultura narcísica⁷ (LASCH, 1983), intimista e individualista. Isto ocorre porque as regras sociais, as tradições e as instituições, que davam um sentido de unicidade e segurança ao “eu” por estarem pautadas em modelos lineares e estáveis, agora se encontram marcadas pela pluralidade, diversidade, instabilidade e transitoriedade (GIDDENS, 2000). Não tendo mais um modelo a seguir, resta às pessoas construir projetos de vida em torno das suas biografias e, neste sentido, “viver só” – solteiro e morando sozinho – é um dentre outros modos de viver.

Desde aqui se discute uma “vida só”, protagonizada por pessoas pertencentes às classes ou camadas médias urbanas cuja conceituação é muito abrangente⁸, de acordo com Gilberto Velho (1989), pois a sua definição diz respeito à dimensão simbólica, ficando os aspectos materiais subordinados a esta esfera. Considera o autor que este segmento social se caracteriza pelos processos de

⁶ O conceito de individualização deve ser entendido e associado ao processo de modernização das sociedades industriais ocidentais, constituindo-se dois conceitos inter-relacionados. Ulrich Beck (1997) define a individualização como um processo no qual os indivíduos, enquanto agentes da ação, estabelecem suas formas de vida individual e coletiva e são a expressão de suas escolhas. Assim, falar em individualização é colocar o indivíduo como referência, sem, contudo, confundir com a característica de individualismo que tem a ver com processos mais subjetivos. O individualismo é explicado por Gilberto Velho (1989) como uma valorização do indivíduo no sentido da construção do sujeito (que, por ser plural, permite o uso do termo *individualismos*). Esta construção envolve referências básicas do político, econômico, da sexualidade, do discurso, entre outros, que podem estar articulados; mas há um foco principal desde onde se irradiam experiências e valores.

⁷ O termo narcisismo utilizado como metáfora para falar de uma cultura centrada no “eu”, vem da Psicanálise que o define como um estado psíquico que se origina do retorno dos investimentos objetais (e da libido) em direção ao ego, aludindo sempre a um fenômeno segundo o qual um indivíduo elege a si próprio como objeto de amor (FREUD, 1980).

⁸ Nesta tese foi privilegiado o termo “classes médias” abarcando noções de “classes médias urbanas”, “classe média”, “camadas médias urbanas” ou “segmentos médios” que tratam de um mesmo segmento social, atentando para o fato de que o conceito de classe média foi utilizado neste estudo mais para a construção de critérios para escolha da amostra do que para o aprofundamento teórico desta discussão, o que será feito em artigos futuros.

subjetivização e individualização, acrescidos da aquisição de um determinado poder de consumo de bens materiais, principalmente de bens culturais⁹, sendo uma classe formada por pessoas mais intelectualizadas.

Análises da socióloga Rosário Mauritti (2011) apontam como o “viver só” protagonizado por pessoas mais intelectualizadas é visto como um estilo de vida capaz de conferir sentido e de articular um novo paradigma da cultura de Modernidade, tornando-se uma clara manifestação – e também um indicador fiável – do movimento radical e multiforme do centramento do indivíduo sobre si mesmo. Para Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (1990), este centramento se enraíza no desejo de uma vida independente em que ter dinheiro significa ter o seu próprio dinheiro, ter espaço significa ter o seu próprio espaço e mesmo o mais elementar sentido da vida pode ser vivido tendo como centro o próprio indivíduo.

Na contemporaneidade, os indivíduos também são vistos como nômades consumistas que buscam o prazer individual e o bem-estar pessoal nas atividades sociais e nas suas redes de relações. Mais que a preocupação com o outro, preocupam-se consigo, com o seu corpo e, inseridos em uma cultura *psí*, buscam o autoconhecimento, fazendo uso de serviços psicológicos, terapêuticos e consumindo literatura de autoajuda (GIDDENS, 1992). Diante destes comportamentos mais imediatistas, vão precisar fazer uso de tecnologias da informação para se comunicar, relacionar e trabalhar.

Observa-se, também, uma maior flexibilidade no modo como constroem suas identidades e se engajam em relações sociais, familiares ou amorosas, todas elas mais diversificadas do que comumente o eram em um passado recente, com modelos mais restritos e pautados por rígidas normas de comportamento social. (EAGLETON, 1996; CASTELLS, 1999; BAUMAN, 2001a; SEVERIANO, 2001; GIDDENS, 1992; 2000; 2002; NICOLACI-DA-COSTA, 2004; ROSENEIL; BUDGEON, 2004).

⁹ Os fatores econômicos falam da distribuição da renda, que diferencia camadas da população entre ricos, pobres e, em um espaço intermediário entre eles, as classes médias. Estes fatores se somam ao histórico de origem familiar, à formação educacional e à ocupação exercida. Assim, as classes médias são formadas por pessoas com poder de consumo, formação educacional elevada e o exercício de ocupações mais intelectualizadas que, mais do que retorno financeiro, trazem prestígio social. Estudos sobre costumes das classes médias no Brasil apontam que os bens culturais têm sido expressos no investimento em educação e em atividades culturais de lazer tais como ida a teatro, cinema e viagens, bem como outras atividades intelectuais (O'DOUGHERTY, 1998; SOUZA; LAMOUNIER, 2010; TAVARES, 2008).

Desde essa perspectiva, as identidades aqui são vistas como fruto de construção social e histórica, portanto, mutáveis (CIAMPA, 2001). Assim, é possível visualizar maior flexibilidade para as construções de gênero, em um movimento de desconstrução dos binarismos, das hierarquias e das desigualdades que as sustentavam, sendo as identidades vistas como multidimensionais (GIAVONI; TAMAYO, 2000). Há ainda a emergência de identidades andróginas¹⁰ (NOGUEIRA, 2001), além das diversas possibilidades identitárias em que as construções de gênero são vistas como performáticas, ou seja, construídas na ação¹¹ (BUTLER, 2003).

No campo da intimidade, as transformações são tratadas dentro do processo de individualização e democratização das sociedades ocidentais contemporâneas, com tendência a escolhas mais livres e relações mais horizontalizadas que atendam aos ideais de liberdade individual e à busca de bem-estar e satisfação pessoal, tal como discutem Anthony Giddens (1992), Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (1990) e Zigmunt Bauman (2001b) ao se referirem às importantes mudanças nas famílias, sexualidades, conjugalidades, relações amorosas e relações de gênero. Giddens (1992) mostra as diversas possibilidades relacionais e de exercício de uma sexualidade “plástica”, ou seja, desvinculada de normas rígidas como da reprodução e do casamento, que é exercida no “relacionamento puro”.

O “relacionamento puro” não tem uma estrutura que o sustente além do autoconhecimento e da apreciação das qualidades de cada pessoa envolvida na relação, que é o que as mantém juntas – ou seja, a relação é eterna enquanto durar a satisfação de estar nela. Giddens (1992) também discute a presença do “amor confluyente” nos relacionamentos, com referência a um tipo de amor contingencial que permite às partes envolvidas, uma abertura de si para o outro. Em outra direção,

¹⁰ O conceito de androginia significa que atributos de masculinidade e feminilidade estão presentes no autoconceito, o que possibilita um extenso e diversificado repertório de comportamentos sociais assim como uma maior aproximação entre os sexos no sentido de por fim às desigualdades e hierarquias que impunham a dominação de um sexo sobre o outro (NOGUEIRA, 2001).

¹¹ A discussão sobre identidades performáticas é desenvolvida na obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, da feminista Judith Butler (2003) que utiliza argumentos pós-modernos para desconstruir o conceito de gênero e incorporar a ação na sua (re)construção, ou seja, a partir da ação, os sujeitos constroem suas identidades que envolvem não somente o gênero – no plural – e outros marcadores sociais e se imbricam com as expressões de sexualidades.

Jean-Claude Guillebaud (1999) problematiza como a exacerbação do individualismo e a incorporação de características do momento social atual, como a velocidade e o hedonismo, nas relações podem afastar as pessoas do contato com a alteridade, colaborando para o exercício de uma sexualidade voltada para o prazer pessoal e imediatista.

Para Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (1990), as mudanças contemporâneas são geradas pelas transformações no amor, que se tornou elemento importante para lidar com um mundo tão devastador, impessoal e transitório, pois é através deste sentimento que as pessoas podem encontrar a si mesmas e entrar em contato com outras. O amor passa, então, a nortear relações de todo tipo, trazendo liberdade de escolha e também outras coerções, pois, quando a busca do bem-estar pessoal e da felicidade não é construída em bases sólidas e eternas, este fica ameaçado no movimento de se relacionar porque, estando com o outro, a liberdade pessoal tem de ser negociada em função de projetos em comum e, em uma cultura individualizada, em que se deve permitir que a pessoa amada seja livre, desejando que ela te ame, você restringe sua liberdade (BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990). Assim, a vida íntima se torna um contingente misto de liberdade e insegurança, de possibilidades e armadilhas em que estruturas e regras necessitam ser reinventadas.

Zigmunt Bauman (2001b) também colabora para a discussão sobre os paradoxos nas relações afirmando que, ao mesmo tempo em que as pessoas buscam se conectar, elas temem o compromisso, impossibilitando o estabelecimento de relações mais profundas. Assim, emergem os envolvimentos e escolhas por relações mais rasas, como as “relações de bolso”, que são acionadas quando cada um deseja. Estas relações mais rasas podem ser expressas com o que no Brasil chamamos de *ficar*¹², um tipo de relacionamento transitório que possibilita o encontro sexual sem compromisso afetivo e de fidelidade, tendo a função de satisfação imediata do prazer e que pode funcionar como uma ponte para um relacionamento mais estável, como um contrato de encontros sexuais esporádicos ou, simplesmente, findar após o primeiro contato entre as pessoas (WEINGÄRTNER

¹² O termo *ficar* começou a ser utilizado por adolescentes e jovens, na década de 1980, e até o momento continua em uso, também por adultos, para retratar relações mais esporádicas onde são permitidos beijos, trocas de carícia, podendo incluir o ato sexual.

et al., 1995; CHAVES, 1997; 2004; ANDRADE; PERLIN, 2003; ANDRADE, 2004; 2007; ORNELLAS, 2008; FÉRES-CARNEIRO; ZIVIANI, 2009).

No campo das famílias e lares, as mudanças são percebidas na forma como as pessoas se relacionam, com tendência a relações mais igualitárias, sendo a construção da intimidade nutrida, em grande medida, por meio da abertura ao diálogo entre as pessoas envolvidas na relação (GIDDENS, 1992). Nesta seara, a característica que prevalece é a diversidade. É comum falar-se em famílias compostas por casais homossexuais, recasamentos, casais com filhos adotivos, casais que não tem filhos, em lares constituídos por amigos/as e colegas, dentre outras configurações, uma tendência percebida mundialmente pelo aumento das famílias monoparentais (constituídas por um dos pais e filhos) com destaque para o aumento do número de domicílios constituídos por uma só pessoa e de pessoas solteiras, principalmente nos grandes centros urbanos. (BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990; GIDDENS, 1992; FÉRES-CARNEIRO, 1998; CASTELLS, 1999; FÉRES-CARNEIRO; ZIVIANI, 2009; MAY, 2011 e outros).

Antes de destacar os domicílios formados por uma só pessoa e por pessoas solteiras, situo aqui um campo de discussão que tem sido desenvolvido a partir de estudos empíricos: os estudos em torno da “vida pessoal”, expressão que melhor fundamenta a concepção de “solteirice” tratada nesta tese. A socióloga britânica Carol Smart (2007)¹³ utiliza o conceito de “vida pessoal” (no original, *personal life*) com base nas colaborações da tese da individualização e nas críticas a alguns dos argumentos utilizados por autores como Anthony Giddens, Zigmunt Bauman e Ulrich Beck que a defendem, principalmente no que se refere ao seu caráter generalista, ou seja, ao modo como toda Grande Teoria é construída, sendo utilizada para ler as mudanças sociais a partir do contexto de países desenvolvidos, sem considerar particularidades que são mais possíveis de serem observadas em estudos empíricos de menor extensão (ao menos, geográfica).

O conceito de “vida pessoal” abarca não somente as famílias e arranjos nos domicílios, mas, também, todos os tipos de relações e vivências íntimas experienciadas em lugares e espaços diferentes, já que, no cotidiano, as relações se dão de forma complexa, ainda segundo Smart (2007), que considera também que o estabelecimento das relações atuais e da construção de estilos de vida se pauta na

¹³ Esta autora foi consultada no original, em inglês, assim, as citações diretas e os conceitos aqui expressos são traduções livres.

possibilidade de fazer escolhas, tal como discutem Giddens (1992) e outros autores. Mas, com base em leituras (também) feministas, considera que estas escolhas não são feitas de forma “solta” e “fluida” e, sim, dentro de contextos específicos, marcados por gênero, raça, classe social, geração e localização, dentre outros.

Assim, os estudos no campo da “vida pessoal” privilegiam olhares mais empíricos e em contextos menores nos quais se tem verificado algumas das mudanças na intimidade discutidas pela teoria da individualização, mas, também, uma série de permanências nos relacionamentos de todo tipo, principalmente porque algumas das velhas estruturas patriarcais da sociedade ainda não mudaram¹⁴ (ao menos, não em todos os contextos), como discutem Lynn Jamieson (1999), Simon Duncan e Darren Smith (2006), Brian Heaphy (2007), Diana Mulinari e Kerstin Sandell (2009).

A “vida pessoal” também vai abarcar um tipo de arranjo que tem sido denominado “família por escolha” (no original, *families of choice*), ou seja, aqueles lares formados por casais do mesmo sexo (WEEKS; HEAPHY; DONOVAN, 2001) e por amigos e colegas (HEATH, 2004; DAVIES, 2011), incluindo a moradia unipessoal. Como o termo diz, a forma de viver em relação se dá em um contexto onde as escolhas são possíveis e são feitas fora de modelos convencionais de família nuclear, em resumo, formada por casais heterossexuais, em que homens e mulheres têm papéis de gênero bem definidos colocando a mulher no papel de cuidadora do lar e o homem, no de provedor.

¹⁴ Neste sentido, apesar de haver relacionamentos com maior abertura para o diálogo e as diversas possibilidades de exercício de uma sexualidade mais livre para homens e mulheres, incluindo as práticas homoeróticas, ainda há desigualdades de gênero observadas, por exemplo, na divisão não equitativa do trabalho doméstico e na violência doméstica – psicológica, física, moral e patrimonial – presente em diversos estilos de relacionamentos. Lynn Jamieson (1999), ao analisar estudos empíricos sobre o comportamento sexual de homens e mulheres em contexto britânico e norte-americano, aponta que a intimidade e a desigualdade continuam a coexistir em muitas vidas pessoais. Os relacionamentos pessoais continuam altamente gendrados. Homens e mulheres, cotidianamente, evocam estereótipos de gênero ou se fazem de cegos para os processos gendrados quando constroem sentido sobre si como amantes, parceiros, mães, pais e amigos. No Brasil, Maria de Fátima Araújo (2009), corroborando com as discussões de Jamieson (1999), considera que o debate em torno do tipo de relacionamento em que se espera alcançar a igualdade – o “relacionamento puro”, tal como propõe Giddens (1992) – pode ser um ideal buscado, mas que dele poucos se aproximam. Suas qualidades e características são equivalentes aos princípios da democracia política, que também são ideais e que, com frequência, ficam distantes da realidade, segundo a autora.

Neste contexto, morar só e ser solteiro/a é um tipo de escolha por um modo de viver que ganha contornos específicos na realidade contemporânea. Para Carol Smart, a ideia de que viver só pode trazer benefícios tem sido construída a partir do entendimento de que as escolhas que as pessoas fazem sobre seus relacionamentos e a forma como vivem está “começando a mudar quando não mais prevalece o pressuposto que somente vivendo em uma família nuclear baseada no casamento pode ser uma forma adequada de viver” (2007, p. 18).

As mudanças são percebidas em dados demográficos que apontam como têm aumentado os chamados domicílios unipessoais, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970 (GONÇALVES, 2007; MAURITTI, 2011) e naqueles trazidos por Elizabeth Badinter (1986) relativos aos anos de 1962 e 1983 que apontam um aumento de 70% entre pessoas que vivem sozinhas em metrópoles como Paris e Nova Iorque. Nestes, a proporcionalidade era de dois casais para cada uma pessoa sozinha. Na década de noventa, na Alemanha, a proporção de lugares compostos somente por uma pessoa era de 35% e em alguns centros urbanos chegava a 50%, com tendência a aumentar, segundo Beck e Beck-Gernsheim (1990).

Nos Estados Unidos e na Europa, o número de domicílios unipessoais continua aumentando. Segundo Rosário Mauritti (2011), no início dos anos 2000, nos quinze países que fazem parte da União Europeia, 12% da população, ou seja, cerca de 47 milhões de pessoas moravam sozinhas e, nos Estados Unidos, este número é ainda maior: 27% da população, no ano 2000 (Censo, 2007¹⁵). Frank Furedi (2002), tomando como base dados do *Social Trends*, afirma que, no início do século XXI, no Reino Unido, sete milhões de adultos moravam sós, representando três vezes mais do que o número de pessoas nesta condição há cerca de quatro décadas. A estimativa para o ano de 2020 é que 40% dos domicílios no Reino Unido sejam constituídos por uma só pessoa.

Segundo Elza Berquó e Suzana Cazenaghi (1988), em países em desenvolvimento, como o Brasil, esta é também uma realidade que vem se conformando, principalmente a partir da década de 1970, com tendência à diminuição do número de membros da família e ao aumento das famílias monoparentais assim como dos lares unipessoais, chegando, no ano 2000, à

¹⁵ Disponível em: <http://www.unmarried.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=72>. Acesso em: 7 nov. 2011.

seguinte característica: entre os anos de 1991 e 2000, dados do Censo Demográfico 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam a diminuição da quantidade de membros da família brasileira (de 3,9 membros, em 1991, para 3,5, no ano 2000), assim como do número de famílias nucleares (de 65,3%, em 1991, para 61,1%, em 2000). Os lares unipessoais cresceram na proporção de 32,5%, passando de 6,5% (2,4 milhões do total de famílias), em 1991, para 8,6% (4,1 milhões), em 2000, sendo grande parte destas famílias constituídas por mulheres (15%).

Essa tendência continuou na primeira década deste milênio: a quantidade de membros para a família brasileira, divulgada pelo Censo Demográfico (IBGE, 2010), foi de 3,3 pessoas por domicílio; o número de famílias nucleares também diminuiu, somando 47,3%; e a proporção de lares unipessoais aumentou, chegando a 12,1% das famílias brasileiras, totalizando quase sete milhões de pessoas residindo sozinhas no país¹⁶.

Sobre o número de pessoas solteiras em países ocidentais, Márcia Tavares (2008) cita matéria de Paula Mageste¹⁷ que traz dados sobre o número de mulheres solteiras nos Estados Unidos: na faixa dos 30 aos 34 anos, os números de mulheres solteiras cresceram de 6% para 22% nos últimos trinta anos. Lá existem 43 milhões de solteiras.

No Brasil, a proporção de solteiros/as chegou a 42,3% (totalizando 57,9 milhões de pessoas), em 2000, sendo que 52,7 milhões nunca tiveram nenhuma união marital e 5,2 milhões eram solteiros/as que já viveram antes em união

¹⁶ No Nordeste esta porcentagem é de 10,6%; as regiões com maior porcentagem de pessoas morando sozinhas são: Sudeste, com 13,1%, Sul, com 12,4%, e Centro Oeste, com 11,8%; a região Norte soma 9,2% de lares. Dos estados brasileiros, a maior porcentagem de moradias unipessoais foi o Rio de Janeiro (15,6%) e Rio Grande do Sul (15,2%), tendo Porto Alegre como a cidade com maior porcentagem das cidades brasileiras (21,6%). Na Região Metropolitana de Salvador (RMS), 13,4% dos lares são unipessoais, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), amostra do ano de 2009 (IBGE, 2010). Dados disponíveis em <http://www.ibge.gov.br/english/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2012.

Um gráfico que retrata a realidade de Salvador traz outro dado: o número de domicílios com apenas um morador soma 35,8% do total de residências. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/>>. Acesso em: 5 mar. 2012.

¹⁷ MAGESTE, Paula. Mulher solteira procura: Por que mulheres bem-sucedidas e interessantes têm dificuldade em encontrar um companheiro para a vida. **Revista Época**, São Paulo, n. 250, p. 50-57, 3 mar. 2003.

consensual (IBGE, 2000¹⁸). A capital com maior número de solteiros/as, na época, no país, foi Salvador, com 45% da população acima dos 18 anos, solteira¹⁹. Em 2010, este número chegou a 64,7% da população da capital baiana que, somado ao número de pessoas separadas judicialmente (1,3%), divorciadas (3%) e viúvas (4,3%), chegou a 73,3% (IBGE, 2010)²⁰.

Chama atenção o aumento do número de jovens solteiros/as no Brasil: dos 25 aos 29 anos e dos 30 aos 34 anos, estes/as constituíam cerca de 30% em cada grupo de idade, no ano 2000. Em 2010, a quantidade de solteiros/as no país chegou a 55,3% e, somado ao número de separados/as, divorciados/as e viúvos/as, a 65,1% (IBGE, 2010). Dados demográficos de períodos anteriores relativos às décadas de 1970 e 1980, analisados por Berquó e Cazenaghi (1988), mostraram que grande parte da população de pessoas solteiras no país estava em uma faixa etária maior, acima dos 45 anos, e era formada, principalmente, por mulheres que vivenciavam o chamado “ninho vazio” – estando sós em função da saída dos filhos de casa e como resultado de separação conjugal ou viuvez – ou que nunca se casaram. As idosas, com mais de 60 anos, porém, eram, nesta amostra, a maioria, representando 53,4% das mulheres que vivem sozinhas, sendo a maioria delas, viúva. Já os homens estavam sozinhos em diferentes faixas etárias, prevalecendo aqueles em idades mais jovens²¹.

Discussões sobre as diferenças de gênero nesta seara têm levado a discrepâncias no mercado amoroso no qual os homens têm mais possibilidade de se casar e recasar no decorrer da vida, diferente das mulheres que, com o avançar da idade (e também com o aumento de escolaridade), têm menos chances de encontrar

¹⁸ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/26122003censofecund.html.shtm>>. Acesso em: 25 jul. 2006.

¹⁹ Na Bahia, a cidade de Jussiapé tem a maior proporção de solteiros/a (que nunca viveram em união) do Brasil com 52,7% (IBGE, 2000). A segunda capital da “solteirice” é Brasília, com 41% de solteiros/as (51% homens e 49% mulheres), seguida por Belo Horizonte, com 40% (52% homens e 48% mulheres), e Fortaleza, com 38% (49% homens e 51% mulheres). Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/brasil/noticia.jsf?id=931592>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

²⁰ O IBGE considera o estado civil de pessoas acima de 10 anos de idade. No total, em Salvador, são 1.507.558 solteiros/as, segundo registro do último censo (IBGE, 2010).

²¹ No período analisado pelas autoras, na faixa etária de 15 a 29 anos, havia 25% de homens e 9,4% de mulheres solteiros/as; dos 30 aos 44 anos, 26% de homens e 13,7% de mulheres; dos 45 aos 59 anos, 23,4% de homens e 53,4% de mulheres; e com 60 anos ou mais, 25,6% de homens e 53,4% de mulheres solteiras e que moravam sozinhas. No senso de 2010, continua este quadro, com grande parte das mulheres solteiras e morando sozinhas acima dos trinta anos.

um par (BERQUÓ, 1986; TAVARES, 2008). Apesar de as chances de casamento não serem o foco de discussão nesta tese, o que chama a atenção é o fato de ter aumentado o número de adultos jovens solteiros em uma faixa etária que, em épocas anteriores, comumente as pessoas estariam se casando. O adiamento do casamento pode ser lido com dados a respeito do aumento da idade ao casar: em 2000, a média de idade ao casar estava entre 22 e 27 anos e, no ano de 2010, para homens, foi de 29 anos enquanto para as mulheres chegou aos 26 anos (IBGE, 2000; 2010).

Notícias veiculadas pela mídia sobre o tema no Brasil²² assim como análises sobre o assunto têm apontado como a tendência das mudanças está relacionada a causas sociais multifacetadas assim como a escolhas pessoais, na medida em que os significados em torno de morar só e de estar solteiro/a têm sido vinculados à conquista pessoal de independência e liberdade (MAURITTI, 2011).

As causas sociais estão ligadas ao crescimento do número de divórcios e separações²³ e ao aumento da expectativa de vida, com maior número de idosos/as morando sós, assim como a características sociais, como o individualismo, que tem sido cada vez mais incorporado aos modos de vida. Bernardo Jablonski (1998) e Anthony Giddens (1992) apontam outros fatores como a diminuição da religiosidade e a difusão da Psicanálise, a revolução sexual, o aumento e a divulgação de estudos sobre sexualidade, o advento dos anticoncepcionais mais simples e efetivos e o desenvolvimento de tecnologias de reprodução, dentre outros, que se traduzem no aumento do sexo pré-marital e em uma vida sexual mais livre, em especial para as mulheres.

Chama atenção, neste campo, as mudanças na função social do casamento, que deixa de ser um destino para homens e mulheres, perde a obrigação de ter de “durar para sempre” e passa a ser mais um dentre os vários elementos de escolha dos projetos de vida (VAITSMAN, 1994; SMART, 2007; MAY,

²² Uma das notícias veiculadas pela mídia neste ano: BRASIL, Agência. **Aumenta número de pessoas que moram sozinhas, mostra IBGE**. Disponível em: <<http://cadaminuto.com.br/noticia/2011/11/16/aumenta-numero-de-pessoas-que-moram-sozinhas-mostra-ibge>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

²³ O divórcio atingiu sua maior taxa no Brasil, desde 1984: 36,8% de aumento do ano de 2009 para 2010, resultado em grande medida pelas facilidades jurídicas. Neste período, Salvador foi considerada a capital com maior número de divórcios no Nordeste, com 3.942 processos (IBGE, 2010). Em alguns países, como nos Estados Unidos, a taxa de divórcios chega a 50% dos casamentos (CASTELLS, 1999).

2011) permitindo a eleição de outras formas de relacionamento assim como a vivência do não casamento.

Se, há poucas décadas, o casamento (especialmente no caso das mulheres) era visto como prioridade, atualmente parece perpassar o destino de homens e mulheres adultas a busca por uma melhor inserção no mercado de trabalho, sendo a independência financeira um dos fatores que levam a escolhas por viver só, principalmente para as mulheres, desde que passaram a ter maior inserção no mercado de trabalho. Há consenso entre diversos autores e autoras de que um fator importante para mudanças de perspectivas e de comportamentos tenha sido a entrada maciça das mulheres (de classe média) no mercado de trabalho. Atualmente, elas respondem por 32,1% da força de trabalho em termos globais (CASTELLS, 1999). Soma-se a esta inserção, a presença das mulheres em faculdades e cursos de pós-graduação, o que favorece a independência feminina.

Nesses processos de mudança, colaboraram, de forma significativa, os impulsos promovidos pelos movimentos sociais, principalmente o movimento das mulheres, e os questionamentos promovidos por um movimento feminista multifacetado²⁴ (COSTA; SARDENBERG, 1994; JOHNSON, 1997; NOGUEIRA, 2001). Em estudos sobre mulheres e homens solteiras/os, o feminismo é referido em função da importância dos questionamentos por ele promovidos acerca dos modelos rígidos e estereotipados de arranjos familiares, relacionais e identitários, denunciando as estruturas patriarcais que os fundamentavam assim como a

²⁴ O feminismo é um movimento social que tem o propósito de equiparar os sexos no que diz respeito ao exercício dos direitos cívicos e políticos. Pode ser também uma estrutura básica de consciência e a denúncia de práticas sexistas que privilegiam um sexo em detrimento do outro que desembocam na desigualdade de direitos, de liberdade e em diferentes oportunidades reais de intervenção na vida social. O feminismo foi influenciado por acontecimentos históricos, políticos e sociais, tais como a revolução industrial e as duas grandes guerras, e por teorias como o marxismo, a psicanálise, o pós-estruturalismo e o pós-modernismo. O movimento surgiu na Europa setecentista e se espalhou pelo mundo, tendo diferentes fontes de ação em diferentes contextos históricos e sociais (COSTA; SARDENBERG, 1994; JOHNSON, 1997; NOGUEIRA, 2001). Este movimento é dividido em três ondas, sintetizadas por Antônio Flávio Pierucci (1999) a partir da sequência de debates em torno de uma política identitária voltada para a igualdade, desta para a diferença e da diferença para as diferenças. Ou seja, a primeira onda do feminismo prioriza a conquista de direitos para as mulheres exercerem sua cidadania tanto quanto os homens; a segunda foca nas diferenças entre homens e mulheres e questiona os modelos patriarcais vigentes que fundamentam estas diferenças; já a terceira onda reconhece as diferenças identitárias, de gênero, classe, raça, idade/geração, etc. desde dentro das categorias de homens e mulheres, dando abertura à diversidade de identidades e sexualidades.

disseminação de ideais de autonomia, independência e liberdade, que ganham impulso na segunda onda deste movimento – de fins da década de 1960 até a década de 1980 – e que, atualmente, têm feito parte das novas noções e vivências do estar solteiro/a (GONÇALVES, 2007; REYNOLDS, 2008; TAVARES, 2008; SIMPSON, 2003; 2009).

Esses ideais, juntamente com as diversas transformações no campo da vida pessoal, têm colaborado para novas visões sobre as pessoas solteiras, tirando-as da marginalidade (GORDON, 1994) que por muito tempo as assolava. Se, há poucas décadas, as pessoas solteiras a partir de uma certa idade – analisadas e referidas criticamente pelo senso comum como “solteironas”, as que “ficaram no caritó” ou “ficaram para titia” –, eram consideradas solitárias e infelizes, isto para as mulheres, ou como pessoas que levavam uma vida irresponsável e sem comprometimento afetivo, no caso dos homens, as novas noções construídas vêm tirando a experiência de ser ou estar solteiro/a da margem, desvinculando seus significados também da solidão, da infelicidade e da falta de responsabilidade. Da mesma forma, o morar só tem deixado de ser visto como um tipo de arranjo “incompleto” ou que signifique isolamento social porque a vida social em contexto urbano contemporâneo permite outras formas de agenciamento e de vivência destas situações (CHANDLER, 2004; REYNOLDS, 2008; MAURITTI, 2011).

As noções sobre ser ou estar solteiro/a, ou o que nesta pesquisa chamo de “solteirice”, incorporam, assim, novos elementos no cotidiano relacional, como o estabelecimento de redes de relações significativas, por exemplo, as de amizade, a busca por atividades diversas que dão prazer e satisfação nos campos do trabalho e lazer e possibilitam o exercício da sexualidade em relações de diversos tipos, como as transitórias: o *ficar*. Também têm incorporado novos olhares sobre a solidão, vista como um sentimento que permite o crescimento pessoal, tal como discute Luci Helena Mansur (2011) ao estudar, a partir de mulheres solteiras e que moram sozinhas, na capital paulista, o processo de passagem da solidão para a *solitude* que tem como significação a transformação de um estado de solidão, em seu sentido negativo, para a possibilidade do encontro consigo mesmo/a e, conseqüentemente, o crescimento pessoal (*solitude*). Estes e outros aspectos que fazem parte das vivências de sujeitos das classes médias urbanas, como aponta Gilberto Velho (1989), têm sido observados em pesquisas com pessoas solteiras

(GONÇALVES, 2007; ANDRADE, 2007; TAVARES, 2008; ANTUNES, 2010; MANSUR, 2011 e outras).

O estudo de Eliane Gonçalves (2007) sobre mulheres solteiras mostra como têm sido construídas as novas noções de “mulheres só” no Brasil contemporâneo e como o fato de estar solteira, no que diz respeito à moradia unipessoal, vem sendo considerado um novo modo de viver em contexto urbano que incorpora os ideais de liberdade, autonomia e independência, por muito disseminados pelo feminismo – também defendidos pela tese da individualização. A autora discute como reportagens veiculadas em revistas de grande circulação no país, a demografia e também depoimentos de mulheres (solteiras, morando sozinhas, em Goiânia) confirmam a existência de uma nova personagem social, as “novas solteiras”, ou seja, mulheres “independentes”, “autônomas”, que são hoje vistas como “senhoras do seu destino”.

Essa nova noção, no entanto, não se aplica de forma generalizada às mulheres brasileiras. As reportagens que tratam das “novas solteiras” no país, fazem referência a mulheres de classes médias e altas, brancas, escolarizadas, independentes economicamente, liberadas sexualmente, vivendo sozinhas em grandes centros urbanos, na região Sudeste do país, principalmente no trecho Rio–São Paulo (GONÇALVES, 2007; ANTUNES, 2010). Apesar das referências regionais e locais, os estudos sobre o tema no Brasil focam a realidade de mulheres e homens solteiras/os pertencentes às classes médias urbanas – que também têm sido o foco de estudos em outros países (TRIMBERGER, 2005; REYNOLDS, 2008; MAURITTI, 2011, dentre outros).

Diversos estudos têm se debruçado sobre o tema, dando diferentes focos à reconstrução da noção de “solteiro/a” ou do que aqui nomino “solteirice” discutida sob aspectos identitários que fazem parte das vivências e trajetórias de mulheres nesta condição, por exemplo, em Maceió (AMORIM, 1992) e na capital paulista (ANTUNES, 2010), vistas também como parte integrante de uma política afirmativa de identidade. Eliane Gonçalves (2007), por sua vez, trata do conceito como um estilo de vida que tem a ver com uma maneira de ser ou estar no mundo, de fazer escolhas e viver a vida, sendo, portanto, para ela, a “solteirice” uma forma de vida adotada por quem quer “viver só” sem que isto implique na negatividade da solidão, e sim, em uma vida com autonomia e independência. Algo similar discute Christiane Victorino (2001), ao falar de mulheres que optaram por morar só no Rio de Janeiro,

contrastando com pesquisas realizadas em contexto europeu (SIMPSON, 2003; 2009; REYNOLDS, 2008; MAURITTI, 2011) e norte-americano (TRIMBERGER, 2005).

Retratando a realidade baiana, o estudo de Márcia Tavares (2008) ao tratar da solteirice, utiliza as noções de “solteirona” e “solteirão”, ou seja, mulheres e homens que nunca se casaram, visando investigar práticas e construções de sentidos dentro da realidade de Salvador e Aracaju, focando também em homens e mulheres adultos de classe média. Os achados desta socióloga levaram, dentre outras questões, à discussão sobre a tendência das mulheres de permanecerem solteiras e, no caso dos homens, de poderem adiar o casamento indefinidamente sem, contudo, terem suas chances no mercado matrimonial diminuídas. Assim, apesar de ter problematizado as possibilidades vivenciais e relacionais destas pessoas solteiras, as chances de casamento também estiveram presente em suas análises.

No estudo que realizei para o Mestrado, procurei, a partir de uma amostra de vinte pessoas solteiras de ambos os sexos, adultas e de classe média vivendo em Salvador, explorar a relação entre as principais características da contemporaneidade trazidas pela Teoria Social e elementos do estilo de vida, relacionamentos amorosos e das identidades destas pessoas solteiras, em contexto urbano. Percebeu-se uma maior aproximação dos/as entrevistados/as com características mais cosmopolitas e contemporâneas, por suas posturas identitárias, rompendo mais com estereótipos e tradições em torno da família e do casamento. Porém, tais posturas, que se aproximam da visão das “novas solteiras” que vem sendo abordada em outros estudos, não foram discutidas com foco nas particularidades e nos perfis de quem são e como vivem estas pessoas, e que identifico como as que moram sozinhas, assim como não foi possível se debruçar com mais ênfase sobre qual a noção de “solteirice” para aqueles que ocupam o lugar de “solteiro/a”.

Defino a categoria solteiro/a, primeiramente, como um indicador atual do estado civil, quando contraposto ao do “estar unido” ou “casado”, isto é, considero aqui apenas quem não é casado/a ou unido/a, significando dividir o mesmo teto com algum/a parceiro/a, o que me permite incluir as categorias separados/as e viúvos/as. Logo, esta forma de conceber o ser/estar só ou solteiro/a pode abranger diversas situações: divórcio, viuvez, quem não se casou porque “passou da idade” ou por

opção e quem fez votos de castidade. Contudo, para não elastecer demasiadamente esta categoria, no que se refere ao seu cruzamento com outras de estado civil, no presente estudo, privilegiei a experiência do/a solteiro/a que está nesta condição por um período de tempo considerável, ou seja, não inferior aos últimos cinco anos de sua vida. Isto é, para participar da amostra, a pessoa deveria não ter se engajado em alguma forma de união estável/consensual (casamento ou decisão de morar junto) nos cinco anos anteriores.

Parto do pressuposto de que o fenômeno da “solteirice” atrelado ao aumento dos domicílios unipessoais é resultado de um conjunto de transformações econômicas, sociais, culturais e comportamentais que vão se sucedendo ao longo do tempo e que têm produzido variações nas vivências pessoais e na mentalidade de indivíduos nas sociedades modernas, fazendo com que este fenômeno tenha hoje novos significados e que, por se tratar de um fenômeno novo e recente, precisa ser estudado para ser melhor compreendido.

Nesta pesquisa para o Doutorado, interessou, pois, explorar a relação entre o estilo “viver só” e a experiência concreta e particular da “solteirice” em cada um dos/as entrevistados/as. Com isto, pela construção do perfil dos solteiros de classes médias em Salvador, realizada mediante questionários e indagação do modo como vivem, sentem e pensam sobre esta situação em entrevistas biográficas, trago, na tese, de modo mais aprofundado, a partir de uma perspectiva teórica e analiticamente fundada, a (re)construção da noção de “solteirice”, objeto do qual apenas comecei a me aproximar na dissertação de Mestrado, mas que com as atuais estratégias metodológicas, novas ferramentas teóricas e o amadurecimento das minhas interrogações estou, de fato, enfrentando nesta pesquisa de Doutorado.

Desde aqui, o **objetivo principal deste estudo** é compreender o fenômeno da “solteirice” na contemporaneidade, especificamente em Salvador, a partir de experiências e construções de sentidos sustentados por homens e mulheres solteiros/as, adultos/as, de classes médias, morando sozinhos/as na capital baiana. De modo mais específico, pretendi:

a) explorar concepções e sentidos construídos em torno da experiência de ser ou estar solteiro/a de homens e mulheres adultos/as, de classes médias que moram sozinhos/as em Salvador;

b) identificar o perfil de homens e mulheres solteiros/as em Salvador, a partir de elementos do estilo de vida que revelem costumes de classe (dados

socioeconômicos, rotina de trabalho e lazer, costumes em relação ao exercício da sexualidade e redes de relações sociais, vivências em torno da “solteirice”, da solidão, níveis de satisfação quanto a aspectos da vida pessoal atual e projetos para o futuro);

c) explorar e aprofundar as experiências em torno da “solteirice” em entrevistas biográficas, buscando compreender as principais motivações e contextos relacionais que conduziram a condição de estar solteiro/a;

d) investigar se existe relação entre a vivência da “solteirice”, do morar só, e o sentimento de solidão e, caso exista, como ele é experienciado e como lidam com ele.

Assim, foram formuladas algumas questões de modo a nortear a construção dos instrumentos para a investigação e suas análises:

a) o que é a “solteirice” para uma geração de adultos de classe média, que moram sozinhos em Salvador; quais os seus significados e sentidos?

b) quais os principais motivos que levaram estas pessoas a estarem solteiras e morando sozinhas: nestes prevalecem escolhas ou contingências?

c) quais são os costumes de classe, no que se refere a aspectos do estilo de vida, práticas socioafetivas e no campo da sexualidade, para solteiros e solteiras?

d) esses costumes indicam transformações no campo da intimidade, nos modos de viver e em posturas identitárias para homens e mulheres?

e) essas pessoas, em suas práticas, incorporam características de autonomia, liberdade, independência e também de individualismo, esperadas – ou lidas teoricamente – por pessoas que estão inseridas em uma cultura urbana?

f) a solidão está presente nas vivências? caso esteja, como a experienciam e lidam com ela?

g) quais as expectativas em relação ao futuro, nos diversos âmbitos da vida? E, por fim,

h) quais são as implicações que o estilo “viver só” tem para a manutenção e a experiência da “solteirice”?

Para a operacionalização dos objetivos, foi utilizada uma metodologia mista, fazendo uso de recursos quantitativos e qualitativos que buscaram, desta forma, abarcar a complexidade do fenômeno. Assim, os dados foram construídos em diferentes etapas, tendo como base a realização de grupos focais, a aplicação de

questionário estruturado complementado com observações de campo e entrevistas biográficas tendo como técnicas utilizadas a entrevista guiada pela “linha da vida” e diários.

Na primeira etapa, foram realizados grupos focais²⁵ (MINAYO, 1995; GATTI, 2005), para explorar noções e concepções da “solteirice” bem como experiências em torno do morar só, com um grupo de sete pessoas adultas, de ambos os sexos, solteiras, morando sozinhas em Salvador, que foram acessadas por meio da minha rede social através do efeito “bola de neve”, em que uma pessoa indica outra para colaborar no estudo. A seleção da amostra considerou o fato de que as pessoas não estavam, no período estabelecido, convivendo conjugalmente, não considerando o estado civil anterior, e moravam sozinhas em bairros considerados de classes médias/altas da cidade tais como Pituba, Barra, Jardim Apipema, entre outros²⁶.

A conversa nos grupos foi gravada em áudio e transcrita, sendo submetida à análise de conteúdo. A principal contribuição das conversas nos grupos foi traçar algumas dimensões da “solteirice” que pudessem revelar noções sobre este conceito, que seriam confirmadas/descartadas ao reaparecerem, ou não, nos questionários e nas entrevistas. As dimensões a partir daí estabelecidas foram: a) como *estado civil* – incluindo a construção deste conceito em contraposição ao casamento e discutindo expectativas e críticas a esta instituição, assim como considerando a solteirice como um estado temporário (o *estar solteiro/a*); b) como *estilo de vida* – o *ser solteiro/a*, e não o *estar solteiro*, adotado por quem constrói um estilo de viver próprio sob esta condição; c) como *solidão* – discutida como um sentimento que independe do estado civil e do tipo de moradia, mas que é inerente à condição humana e que pode ser vivenciado de forma positiva, aproximando-se da *solitude* (MANSUR, 2011); por fim, d) como *liberdade* – considerada a principal dimensão da solteirice, um elemento que interliga as outras dimensões e seu mais importante significado.

A segunda etapa objetivou construir informações sobre o perfil dos/as solteiros/as, no que se refere a práticas em torno de elementos dos estilos de vida,

²⁵ Sobre grupos focais ver Apêndices A, B e C, respectivamente: Roteiro de Condução, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Ficha de Identificação dos sujeitos.

²⁶ A escolha do local de moradia foi um dos critérios adotados para a definição de classe social, para todas as etapas da coleta de dados, tendo os bairros sido classificados de acordo com a renda da população. Ver Tabela dos Bairros no Anexo A.

costumes de classe envolvendo o lazer, a sexualidade, as redes de relações socioafetivas, a rotina, o grau de satisfação com a vida atual e os projetos para o futuro. Para tanto, foi construído um questionário estruturado com 55 questões²⁷, que foi aplicado a uma amostra de 76 pessoas de ambos os sexos, incluindo solteiros/as que nunca haviam se casado, separados/as ou divorciados/as.

A seleção da amostra utilizou o critério de tempo de solteiro/a, delimitado nos últimos cinco anos, ou seja, pessoas que neste período não tenham se engajado em uma relação conjugal. Os critérios de morar só e pertencer às classes médias foram mantidos e serão explicitados adiante. Para acesso à amostra, também foi utilizada a técnica da “bola de neve” combinada a anúncio sobre a pesquisa na internet (em redes sociais, blog e jornal local) e a visita a alguns locais de lazer na cidade, tendo sido parte dos questionários aplicados pessoalmente e o restante por *e-mail*. Para o tratamento dos dados, foi utilizado o programa estatístico SPSS 11.0 (*Statistical Package for Social Sciences* versão 11), tendo as análises das respostas dialogado com os dados qualitativos.

O uso desse instrumento e de suas análises ganhou destaque na tese, visto que os dados colaboraram para a confirmação de opiniões acerca da “solteirice”, principalmente quanto às dimensões emergentes nas conversas dos grupos focais, assim como possibilitou destacar tendências referentes a comportamentos e costumes de classe dos/as solteiros/as, principalmente em relação ao lazer, moradia, níveis de satisfação quanto a aspectos da vida atual e projetos para o futuro, que até então não haviam sido apresentados de modo quantitativo em outros estudos. Permitiu, também a construção de dados sobre os costumes no campo da sexualidade, embora não tenha sido possível construí-los da mesma forma, ou seja, utilizando instrumentos qualitativos, visto que, falar da própria sexualidade em grupo ou para um/a pesquisador/a, em entrevista individual, é uma tarefa difícil, apesar da maior abertura social na atualidade para se tratar destes temas.

Para complementar dados sobre costumes de classe envolvendo as práticas de lazer e para situar os principais territórios de sociabilidade em Salvador, contextualizando os espaços onde estas práticas se estabelecem, foram feitas observações de campo em espaços de lazer na cidade que as pessoas solteiras e

²⁷ Ver, no Apêndice D, o Questionário aplicado e, no Apêndice E, o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

de classes médias costumam frequentar, principalmente bares e boates localizados nos bairros boêmios da cidade (Rio Vermelho e Barra), identificados a partir de observações feitas em outros estudos sobre solteiros/as em Salvador (ANDRADE, 2007; TAVARES, 2008) e naqueles mencionados pelos/as participantes dos grupos focais. Nestes espaços, foi possível observar a dinâmica de interação entre as pessoas, o movimento da paquera e, em conversas informais, as opiniões de homens e mulheres sobre tais dinâmicas, assim como entrar em contato com pessoas que se mostraram interessadas em conhecer o estudo para participação na pesquisa. Essas observações foram registradas em Diários de Campo e agregadas às análises dos perfis.

Na terceira fase, foram realizadas entrevistas de cunho biográfico guiadas pela “linha da vida”²⁸, tal como proposto em estudos de Rachel Thomson (2003) e Rachel Thomson e Janet Holland (2002) e como tem sido utilizado em diversos estudos com mulheres (HITA, 1997) e, também, como prática educativa em formação feminista. As entrevistas foram utilizadas visando aprofundar a discussão sobre a “solteirice”, discorrendo-se sobre as suas dimensões, para a compreensão das motivações e dos contextos relacionais que favoreceram a condição atual de solteiro/a. A técnica da “linha da vida” consiste na realização de uma entrevista com caráter de história de vida guiada por uma linha desenhada pelo/a entrevistado/a em uma folha em branco, onde o/a mesmo/a destaca pontos que guiarão a conversa sobre os principais acontecimentos no decorrer das diferentes fases da vida.

Essa técnica foi eleita por proporcionar um guia para que a conversa fosse facilitada e a memória acionada, permitindo tratar das principais questões do estudo de forma individual, o que resultou em dados importantes que confirmaram achados dos questionários e grupos focais em torno de costumes em relação à solteirice assim como apontaram como o processo de construção da condição de solteiro/a se deu para o grupo entrevistado. Revisitar o passado de cada participante desta etapa também foi uma estratégia utilizada para conhecer mais os contextos sob os quais se situam as práticas relacionais presentes, que seriam acessadas com os diários, na etapa seguinte. Participaram das entrevistas guiadas pela “linha da vida”, três homens e três mulheres (que responderam aos questionários) eleitos de forma aleatória em relação às características dos perfis, tendo sido tomado o

²⁸ O Roteiro de Entrevista se encontra no Apêndice F.

cuidado de incluir pessoas de diferentes orientações sexuais para abarcar diversidade de lugares de fala.

As entrevistas que, tal como o material dos grupos focais, foram gravadas, transcritas e analisadas sob a análise de conteúdo, dialogam, no decorrer dos capítulos de dados, com os achados dos outros instrumentos utilizados. A última etapa da construção dos dados utilizou como técnica a realização de diário (ELLIOT, 1997; ZIMMERMAN; WIEDER, 1977) aplicada a quem realizou as entrevistas. Os diários consistiram em anotações de informações referentes às redes de contato mais significativas que estiveram presentes na rotina dos/as participantes no período de uma semana, assim como o local onde aconteceram e os objetivos do contato²⁹. Após o período de uma semana, foi agendada uma entrevista de devolução dos diários para que se conhecesse mais sobre o contexto onde as relações destacadas por cada participante aconteceram, assim como o tipo e qualidade destas. Destes, cinco (de três mulheres e dois homens) foram utilizados na análise final.

Os diários mapeavam, também, os lugares por onde transitaram os/as participantes, funcionando como fonte de informações sobre territórios de sociabilidade para solteiros/as de classes médias na cidade, visto que grande parte da rotina destas pessoas estava voltada para encontro com amigos e amigas em espaços de lazer, com a função de manutenção desta relação de amizade – o que confirmou dados similares acessados nos outros instrumentos utilizados, principalmente nos questionários. A entrevista que sucedeu a construção dos diários foi gravada, transcrita e submetida à análise de conteúdo com um levantamento prévio quantitativo dos dados registrados nos diários, tendo a análise de todo material dialogado com os dados das fases anteriores.

A combinação dessas técnicas possibilitou um olhar abrangente sobre o fenômeno da “solteirice”, desde a amplitude das representações, opiniões e noções sobre a condição de solteiro/a – a partir de experiências de pessoas em um grupo focal e das respostas dos questionários, complementadas com o meu olhar sobre as práticas de sociabilidade nos territórios de lazer na cidade – até olhares mais micro sobre o fenômeno, o que foi possível com o uso das entrevistas em uma amostra menor. Ao final, a pesquisa retratou a realidade de um grupo específico de solteiros/as, delimitado por características geracionais, de classe social e pela

²⁹ O Guia de Instruções para realização dos Diários se encontra no Apêndice G; o Modelo de Diário e o Roteiro de Entrevista para Devolução, no Apêndice H.

condição de estarem solteiro/as: homens e mulheres (brancos/as, negros/as, pardos/as, hetero, homo e bissexuais); adultos/as com idade entre 30 e 60 anos, que não estavam engajados/as em relacionamentos conjugais/maritais, há pelo menos cinco anos, que moram sozinhos/as e são oriundos/as das classes médias de Salvador.

Para a definição deste recorte populacional, considerou-se importante delimitar, principalmente, que tipo de solteiros/as incluir na amostra e como definir classe média em Salvador. O tipo de solteiro/a foi delimitado em função do objetivo do estudo, o de compreender experiências em torno da “solteirice” e, para tal, foi incluído o critério de tempo que as pessoas estavam solteiras para, minimamente, apreender vivências pessoais em torno desta condição, considerando, também, como já posto, que a condição de solteiro/a, vista primeiramente como um estado civil, engloba quem não vivenciou a situação de casamento e quem já passou por esta e voltou ao estado de solteiro/a, razão pela qual foram incluídas na amostra tanto pessoas que nunca haviam se casado como as separadas. Também foram incluídas pessoas que atualmente estavam namorando e as que não estavam, considerando que homens e mulheres solteiros/as comumente vivenciam diferentes experiências relacionais (passadas e atuais).

A condição de solteiro/a foi delimitada também pela moradia, visto que há relações de casamento em casas separadas, ou seja, pessoas casadas que vivem sós – os chamados, em inglês, LAT (*living apart together*) (MILAN; PETERS, 2003) – que não foram incluídas nesta pesquisa por não ser objeto do estudo analisar as diferentes modalidades de conjugalidade.

Na amostra, foi definida a presença de homens e mulheres, para observar a experiência de solteiro/a de forma gendrada, sem, contudo, controlar-se as características de orientação sexual, cor/raça e origem geográfica/naturalidade, de forma a abarcar diferentes lugares de fala. O que foi controlado em relação às características pessoais da amostra foi a idade, para garantir que fossem inseridas na amostra pessoas adultas (entre 30 e 60 anos). A idade mínima (trinta anos) foi definida, primeiramente, em função dos dados demográficos terem apontado o aumento do número de solteiros/as na faixa etária próxima e acima dos trinta anos³⁰

³⁰ Apesar de estes dados apontarem o aumento de solteiros/as também no grupo de idade a partir dos 25 anos, seria mais difícil encontrar pessoas morando sozinha nesta idade, em função de outros fatores socioeconômicos e culturais. Devido às demandas de um

bem como o aumento da idade ao casar, que se aproxima dos trinta anos; quanto à idade máxima, esta foi definida em função de a idade de 60 anos marcar o fim da adultez (BRASIL, 2003), de forma que incluir pessoas acima desta idade – idosas – no estudo demandaria outros recortes teóricos e analíticos que não foi a proposta desta tese.

Em segundo lugar, em função dos resultados do estudo realizado para o Mestrado, que apontaram serem os/as adultos/as acima de trinta anos aqueles que estavam morando sozinhos/as e que tinham opiniões mais centradas na solteirice, ou seja, para estes, a preocupação com o casamento não era tão evidente como o era em pessoas abaixo desta idade (ANDRADE, 2007).

Em terceiro, a delimitação da idade considerou as discussões sobre as mudanças psicossociais na própria forma de vivenciar a fase adulta e a passagem para esta fase que tem sido marcada mais pela inserção no mercado de trabalho e pela desvinculação emocional da família de origem do que pelo casamento e pela constituição de família. Além disto, a vida adulta tem se tornado mais dinâmica em função também das diversas possibilidades relacionais, que permitem o trânsito entre vivências conjugais e períodos mais longos ou mais curtos de solteirice. (AYLMER, 2001; GUERREIRO; ABRANTES, 2005; CAMARANO et al., 2006).

A definição de classe social considerou que esta categoria está imbuída de relações de poder trazidas pelo fator econômico, tal como discute Heleieth Saffioti (1992). Assim, o maior ou menor acesso ao capital tem dividido as sociedades em classes, definidas por este fator que vai, de certa forma, agrupar as pessoas de acordo com seu status econômico e ocupacional, levando à conformação de uma consciência de classe, segundo A. Pitirim Sorokin (1973), ou uma identidade de classe, conforme Amaury de Souza e Bolivar Lamounier (2010).

Assim, a partir dos vínculos econômicos e ocupacionais vão se definir modos de vida e traços comportamentais (também valores, linguagem, etc.) dos membros da classe, de formas similares, mostrando, desde uma perspectiva marxista, que a condição material é a base para se construir pensamentos e modos

mercado cada vez mais competitivo, muitos adultos jovens têm adiado a saída da casa dos pais para terem condições de investir na formação profissional, ou, quando o fazem, residem com outras pessoas, por não terem, efetivamente, condições financeiras para morar sozinhos/as (HEATH, 2004; GUERREIRO; ABRANTES, 2005) e ainda, por uma questão cultural, há homens e mulheres adultos/as que, mesmo tendo conquistado independência financeira e alto nível de formação educacional, permanecem mais tempo na casa dos pais.

de viver. Ao discutir classe social, Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron (2010) consideram que esta classificação e, de modo específico, a da classe média, se dá em razão da profissão, da origem familiar, das remunerações e modos de consumo e, por vezes, da psicologia da classe média. No Brasil, as discussões de Gilberto Velho (1989) colaboram para a compreensão dos estilos de vida urbanos das camadas médias que trazem características pautadas no processo de individualização e psicologização das sociedades, em que os critérios de autonomia e liberdade individuais são pontos de partida para o estabelecimento das relações sociais.

O conceito de classe social é complementado, aqui, com o de estilo de vida, que se refere ao gosto ou às preferências sistemáticas compreendidas como um sistema de diferenciação que corresponde às diferentes posições nos espaços sociais, determinados por bens culturais, chamado de “capital cultural” e que se soma ao “capital social”, ou seja, redes de relações sociais, segundo Souza e Lamounier (2010). O estilo de vida é força integradora do *habitus*, tal como conceitua Pierre Bourdieu (2007): um sistema de esquemas inconscientes, mas não imutáveis, que são responsáveis por orientar escolhas. As variantes do *habitus* podem ser por gosto ou estilo pessoal de cada um, em relação a família, classe e a uma época.

Assim, as definições de classe social abarcam critérios objetivos (educação, ocupação, renda e potencial de consumo) e os critérios subjetivos (valores, atitudes, crenças e estilos de vida). Para a definição de classes médias, a combinação destes elementos foi adotada, considerando que este segmento social é formado por pessoas mais intelectualizadas, com nível educacional alto, ou seja, pessoas graduadas, o que proporciona acesso a ocupações também mais intelectualizadas e que têm um poder de consumo que permite a subsistência e alimenta gostos e preferências por hábitos que mantêm um padrão de vida voltado para o consumo também de bens culturais, tal como discutem estudos sobre classes médias no Brasil (O'DOUGHERTY, 1998; NERI, 2008; TAVARES, 2008; SOUZA; LAMOUNIER, 2010).

Também foi utilizado como referência de classe social, o local de residência, ou seja, bairros que se caracterizam por possuírem uma melhor infraestrutura e moradores de diferentes segmentos médios e altos de Salvador, segundo a classificação realizada, com base em dados do IBGE (2010), pela

professora Antonia Garcia (atualizando dados do seu estudo publicado em 2009), que também colabora para a discussão sobre a articulação entre classe social e raça/etnia na cidade, visto que estes bairros de estratos médios e altos são espaços sociais onde residem mais pessoas brancas do que negras e pardas que, por sua vez, são maioria nas regiões periféricas e isto em uma cidade onde 80,9% da população é composta por negros/as e pardos/as (IBGE, 2010).

Assim, estipulou-se que a amostra seria composta por pessoas que morassem sozinhas em bairro de estratos médios/altos na cidade, tais como Barra, Pituba, Caminho das Árvores e outros, que tivessem escolaridade mínima de 3º Grau, renda mínima de três salários mínimos³¹ e poder de consumo de bens duráveis que caracterizam as pessoas de classe A/B, medido pelo Critério de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2008)³².

Sobre os critérios subjetivos que definem classe social, esta tese focou na variável estilo de vida, discutindo, na construção dos dados, elementos que tratam de costumes em torno da vida socioafetiva, da rotina, das práticas de lazer e sociabilidade, apontando como os solteiros e as solteiras transitam por lugares considerados de classes médias na cidade e como costumam realizar programas de lazer de cunho cultural e intelectual tais como leituras, ouvir música em casa, ver TV/DVD, fazer viagens, dentre outros também discutidos em estudo de Márcia Tavares (2008).

A análise dos dados considerou que este fenômeno, devido a sua complexidade, merece ser olhado de forma qualitativa, tal como discute Jennifer Mason (2006) ao tratar do privilégio deste tipo de análise no uso de métodos mistos. Assim, nesta tese, os dados construídos com uso das diferentes técnicas foram analisados de modo que pudessem dialogar entre si, apontando proximidades entre os dados construídos por cada instrumento e o que de mais específico pôde ser tratado por cada um deles.

O processo de análise foi norteado pela categoria gênero, sendo esta utilizada no estudo principalmente em seu aspecto relacional (SCOTT, 1988) e não somente como diferença cultural e histórica sobre os corpos sexuados e vista de

³¹ Este valor foi adotado considerando critério de Marcelo Neri (2008) e classificação de renda feita em estudo de Adriana Macedo et al. (2001) em Salvador.

³² Este critério será explicado com detalhes no Segundo Capítulo.

forma interseccionada com as categorias raça e classe – em se tratando de pessoas de segmentos médios em Salvador cuja maioria é branca em uma cidade onde prevalece uma população negra (e parda) – e também idade/geração, considerando que o foco do estudo são pessoas adultas de diferentes grupos de idade e, que esta reflete representações sociais e expectativas sobre a experiência da adultez para homens e mulheres. Considerou ainda a identidade sexual, incluindo, na amostra, gays, lésbicas e bissexuais que, apesar de não serem maioria na amostra dos questionários, foram incluídos nas entrevistas contribuindo para reflexões sobre diferentes lugares de fala e das práticas de solteiros/as na cidade.

Colocadas a apresentação da proposta de estudo e as principais discussões sobre a solteirice que esta tese procura travar, os capítulos foram organizados de forma a traçar um percurso de como foi feita a construção acerca dos significados sobre a solteirice para adultos de classes médias em Salvador e como foram sendo desveladas as suas práticas, discutindo como esses significados e as experiências estão relacionados aos modos de viver em contexto urbano.

No Primeiro Capítulo, a “solteirice” é apresentada como uma construção social tendo seu significado variado no decorrer do tempo em sociedades ocidentais a partir das mudanças sociais que incidem no campo da vida pessoal, implicando em transformações de sentidos e valores atribuídos a quem não tem um par conjugal: da marginalidade em que se colocavam as pessoas solteiras às noções e práticas mais positivas em contextos de relações que se pretendem mais democráticas. Neste sentido, são apresentadas as dimensões da “solteirice” como *estado civil* e a discussão que a contrapõe ao casamento; como *estilo de vida* que se fundamenta em leituras sobre a “vida pessoal” e as “famílias por escolha”; e como *solidão*, vista aqui de modo ressignificado em um momento em que a vida só não supõe isolamento das redes de sociabilidade.

O Segundo Capítulo descreve os pressupostos epistemológicos e metodológicos que fundamentam uma pesquisa feminista, destacando a proposta de construção de um *conhecimento situado* e o uso do gênero como a principal categoria de análise vista aqui de modo interseccionalizado com os marcadores sociais *classe social*, *raça/etnia*, *sexualidade/orientação sexual* e *idade/geração*. Neste capítulo também estão delineados, com maior detalhamento sobre as escolhas metodológicas, o uso de métodos mistos e a priorização de análises mais qualitativas. Explica, ainda, como se deu a seleção da amostra e o processo de

criação e aplicação dos instrumentos, apresentando as diferentes fases em que foi feita a construção dos dados, expondo como técnicas os grupos focais, os questionários complementados com observações de campo, as entrevistas biográficas e os diários.

Os capítulos que se seguem discutem os dados construídos, apresentando, o Terceiro Capítulo, o contexto em que a pesquisa se situa: a cidade de Salvador, suas características sociais e econômicas bem como os aspectos dos segmentos médios nesta cidade. Em seguida, apresenta as características sociais e os aspectos da vida pessoal dos integrantes dos grupos focais, bem como expõe elementos das biografias da subamostra que participou das entrevistas e dos diários, de modo a contextualizar seus lugares de fala. Por fim, traz dados do perfil social e econômico dos/as participantes que responderam ao questionário, dialogando com os dados anteriores.

Seguindo a apresentação da amostra, o Quarto Capítulo discute os principais sentidos e práticas em torno da solteirice, apontando as particularidades das noções, representações e o que esta condição proporciona para a vida atual dos/as participantes do estudo. Revela, ainda, aspectos das vivências de moradia unipessoal, os motivos declarados para morarem sozinhos/as e estarem solteiros/as, e investiga como o sentimento de solidão aparece nestas vivências para algumas pessoas bem como as estratégias de enfrentamento utilizadas. A discussão que é articulada nos dados se dirige às noções de transição entre *ser* e *estar* solteiro/a, à *condição* e à *situação* de estar só, assim como às dimensões de estilo de vida, estado civil e solidão, que se apresentam como componentes da “solteirice” e que também se fazem presentes nas particularidades do morar só, sendo a liberdade apontada como o principal significado e uma importante dimensão desta dupla condição.

O Quinto Capítulo traça um panorama da rotina dos/as solteiros/as em Salvador, que reflete os costumes das classes médias urbanas na forma como administram o tempo destinado às atividades cotidianas, os lugares por eles/as transitados no lazer e as redes de sociabilidade onde as amizades têm ganhado destaque. Desta forma, apresento dados construídos com o uso dos diversos instrumentos, com destaque para os diários através dos quais se pode confirmar que a vida pessoal também é vivida nos espaços da cidade (e nos virtuais). O capítulo

discute ainda as dinâmicas de paquera nos espaços de lazer, destacando diferenças de gênero e orientação sexual.

O Sexto Capítulo discute o que as pessoas solteiras procuram nos diversos campos da vida pessoal, apresentando, primeiramente, dados sobre as práticas em torno da sexualidade, os costumes e as expectativas construídas neste terreno, que é atravessado pelas construções de gênero. Mostra, em seguida, uma avaliação acerca do nível de satisfação demonstrado pelos/as solteiros/as sobre os diversos aspectos da vida social, pessoal, do trabalho, das relações sociais e afetivas, bem como os principais projetos para o futuro, observando como a solteirice se apresenta neste panorama.

Nas Considerações Finais, retomo os principais achados do estudo trazendo algumas reflexões sobre os diversos temas tratados até aqui, que confirmam o uso do termo *solteirice* como representante da condição de ser ou estar solteiro/a que traz tanto elementos sociais como das práticas pessoais para quem mora sozinho/a, possíveis e escolhidas por adultos/as em grandes centros urbanos.

CAPÍTULO 1

A “SOLTEIRICE” NA CONTEMPORANEIDADE: (RE)CONSTRUINDO CONCEITOS

A palavra “solteirice”, segundo dicionário eletrônico³³ significa “ação ou dito próprio de indivíduo solteiro”. Segundo Silveira Bueno (1996), a palavra solteiro³⁴:

[...] vem do latim *solitarius*: isolado, separado, solitário; é um adjetivo dado a quem não se casou, que já não está casado ou comprometido. Também conhecido/a como celibatário e a celibatária, ou seja, homem e mulher que não se casaram.

Assim, desde este lugar, de quem já se casou, de quem não se casou e de quem se sente solitário, trago, neste capítulo, as possíveis reconstruções do conceito de “solteirice” a partir de algumas de suas dimensões: a) como *estado civil*, na sua relação com o casamento; b) como *estilo de vida*: discutida em sua relação com novos arranjos familiares no âmbito da “vida pessoal” e das “famílias por escolha”, que trazem a liberdade como um importante significado; e c) como *solidão* – olhada, aqui, de forma combinada com a experiência do viver só –, um sentimento experienciado no âmbito pessoal que pode acarretar sofrimento mas, também, vir a ser uma fonte para o crescimento pessoal, uma experiência social que tem ganhado outros significados, para além do reflexo do isolamento social, na medida em que as pessoas sem um par conjugal e que moram sozinhas se engajem em diversas redes de relações sociais e escolham, voluntariamente, a *solitude*.

Para discorrer sobre essas dimensões, proponho olhar o conceito de solteirice como uma construção social, tal como discute Jill Reynolds (2008) em estudo sobre o tema em contexto britânico³⁵.

³³ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=solteirice>>. Acesso em: 2 mar. 2010.

³⁴ Mais especificamente: **solteiro** (latim *solitarius*, -a, -um, isolado, separado, solitário); *adj. s. m.1.* Que ou quem não casou. = CELIBATÁRIO ≠ CASADO; *adj. 2.* [Informal] Que já não está casado ou comprometido. = DESCOMPROMETIDO ≠ COMPROMETIDO, 3. [Náutica] Diz-se de qualquer cabo disponível e pronto a servir. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=solteiros>>. Acesso em: 2 jun. 2011.

³⁵ A autora entrevistou 30 mulheres com idade entre 30 e 60 anos, em Londres.

1.1 A “SOLTEIRICE” COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Estudando a temática da “solteirice”, Jill Reynolds (2008) defende a necessidade de realização de uma construção social deste conceito, que deve ser também investigado sob uma perspectiva dos discursos, desde as bases de análise de poder foucaultianas (FOUCAULT, 1979) e das práticas, como na perspectiva de Pierre Bourdieu (2003; 2007), em especial, aqui, as práticas em torno do cotidiano de solteiros/as de classes médias urbanas. Estes constructos permitem a diferenciação cultural e apresentam um conjunto maior de possibilidades do que outros tipos de abordagens que se utilizam de modelos mais fixos de identidades. Ainda para a autora, o processo de viver sob a condição de solteira, em sociedades modernas, pode ser visto de modo mais flexível, significando que viver com esta possibilidade pode se tornar, em si, um projeto de identidade pessoal para mulheres solteiras (e também para os homens solteiros).

Essa noção de identidade trazida por Jill Reynolds (2008), relacionada a um projeto reflexivo do eu e que envolve a criação de uma história de si mesmo, similar à proposta de Anthony Giddens (1992), problematiza que as identidades e *selves* podem ser narrados (ou construídos) a partir de variações determinadas de diversos contextos. Deste modo, ao elaborarem narrativas ou histórias sobre si e construírem sentido para suas escolhas de vida, as pessoas trabalham com os recursos discursivos que lhes estão disponíveis. De fato, para esta autora, as narrativas são a melhor forma de manusear identidades, em contextos complexos e fragmentados da experiência entrelaçados por diversos valores de âmbito ideológico. A este respeito, a categorização das práticas e dos discursos no campo da solteirice também produzem modos de subjetivação.

Considerando, também, a perspectiva da Linguística de Saussure³⁶, que colabora para a construção do conceito de solteirice (*singleness*, em inglês), Jill Reynolds (2008, p. 13) aponta que “não há uma conexão natural ou constante entre

³⁶ A teoria da linguagem de Saussure retrata a composição do signo pelo seu significante e significado. O significante é uma imagem sonora da palavra ou a palavra escrita, que se encontra no campo da forma; o significado é a concepção ou sentido que é atribuído ao significado, residindo no plano do conteúdo (SAUSSURE, 1996). Para Jill Reynolds (2008), o sentido da “solteirice” (*singleness*) é elusivo, sendo visto tanto como significado e significante, porque seu significado ou o que está posto para ser o seu significantetem sido diferenciado no decorrer do tempo, como é mostrado em exemplos de como os escritores definem solteirice.

a palavra 'solteirice' e o significado que esta transmite: os significados são socialmente construídos". Assim, os diferentes significados construídos sobre a "solteirice" estão relacionados, principalmente, ao status marital, ao não estar casado/a, que foi o primeiro significado eleito para ser foco deste estudo, como discutido no capítulo anterior.

Outros significados são agregados ao estado civil, trazendo variações e diferentes olhares acadêmicos para o conceito, encontrando-se, assim, estudos que focam em pessoas que nunca se casaram e não têm filhos (como o estudo de Márcia Tavares, 2008); aqueles que incluem pessoas que já foram casadas, as separadas, divorciadas e viúvas, independentemente de estarem ou não engajadas em um relacionamento amoroso ou de viverem com familiares – Reynolds (2008) cita o estudo de Adams³⁷ e há, ainda, o estudo da norte-americana E. Kay Trimberger (2005); e outros estudos que incluem todas estas categorias de pessoas solteiras, mas não incluem aqueles que atualmente vivem em um relacionamento de coabitação (GORDON, 1994); por fim, há os que focam nas pessoas em diferentes lugares de solteiros/as e que moram sozinhas (GONÇALVES, 2007; MAURITTI, 2011; MANSUR, 2011, entre outros), com os quais, em especial, esta tese dialoga.

Segundo Jill Reynolds (2008), alguns trabalhos emergentes focam em mulheres que "não estão casadas" ou que afirmam "não estarem em um relacionamento de coabitação" e mencionar um lugar fora da estrutura de casamento e de coabitação pode parecer estar reportando a uma estrutura do que é o casamento e que este esteja dentro de uma relação de coabitação.

Para a autora, a questão da coabitação é complexa, por ser esta uma categoria que inclui pessoas solteiras – o que significa que não estão legalmente casadas –, embora estudiosos/as sobre a "solteirice" considerem a coabitação como próxima o suficiente do casamento para excluírem das suas pesquisas aqueles/as que vivem sob o mesmo teto. Em contraste, há relacionamentos em casas separadas, que podem incluir casais que não tenham se unido maritalmente previamente e também divorciados/as e com filhos que escolhem não coabitar até que os filhos tenham crescido (MILAN; PETERS, 2003). Neste sentido, algumas articulações são acionadas para se definir uma parceria ou uma relação conjugal,

³⁷ ADAMS, M. **Single blessedness**: observations on the single status in married society. New York: Basic Books, 1976.

agregando o que, no mínimo, envolve uma união estável: o compromisso emocional e financeiro³⁸.

Outro elemento que é agregado para diferenciar os significados da “solteirice” é a idade. Jill Reynolds (2008) problematiza que o padrão geracional pode operar quando é necessário definir idades ou grupos de idades a partir dos quais serão analisados os discursos e práticas em torno da “solteirice”, visto que, socialmente, uma pessoa solteira de vinte anos será vista de uma forma diferente de uma com cinquenta anos de idade, assim como estas terão experiências diferenciadas desde seus lugares de classe social, orientação sexual, etc., que se somam às experiências pessoais conjugais e relacionais prévias.

A questão da idade/geração dialoga com uma discussão de cunho psicossocial em torno do ciclo da vida (curso da vida ou fases da vida), que, comumente, inclui o casamento na adultez – fase da vida que é foco desta tese –, dando pouco espaço para explorar as particularidades da “solteirice”, as vivências sociorrelacionais e suas implicações subjetivas e as relações familiares de quem está solteiro/a ou voltou a ficar sem um par conjugal.

Nos estudos de desenvolvimento humano, quando se tratava de pessoas solteiras, a referência que se tinha era a de adultos jovens que estão nesta condição de forma temporária, até que se casem e, assim, cumpram seus papéis no ciclo de vida, que envolve a constituição de família, porque, socialmente, isto é o que se esperava deles, principalmente para as mulheres, que não vivenciavam um período maior como solteiras por saírem da casa dos pais diretamente para a do esposo. Diferentemente, era costumeiro que os homens passassem um período solteiros visando ingressarem no mercado de trabalho antes de se casarem (AYLMER, 2001). Em se tratando de adultos/as maduros/as, o foco dos estudos comumente se encontra na vida conjugal ou separação/divórcio além da relação com filhos/as, não considerando as vivências de quem não se casou ou de quem já vivenciou esta experiência e voltou a estar solteiro/a (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006; CAMARANO et al., 2006).

³⁸ Esse dois itens são aqui trazidos por serem uma referência para se definir uma relação conjugal como uma união estável ou um casamento. No entanto, há de se considerar que, em meio a estes, há uma diversidade de acordos entre as partes envolvidas, o que dá a este terreno uma maior complexidade, que não será discutido amplamente por não ser foco desta tese.

Assim, quando a temática era estudada no campo da Psicologia, o foco se dirigia para os problemas individuais impeditivos para o engajamento e a manutenção de uma relação estável ou do casamento, buscando origens psíquicas ou na história relacional (problemática) das pessoas solteiras que justificassem o não casamento (REYNOLDS, 2008).

Muitos dos estudos sobre as pessoas solteiras e as que vivem sozinhas privilegiaram as mulheres, que são postas como estando na vanguarda das mudanças de comportamento, já que, tanto quanto os homens, elas podem escolher ou serem levadas pelas circunstâncias a passarem períodos da vida, solteiras. Lynn Jamieson, Fran Wasoff e Roona Simpson (2009) discutem, no entanto, quando analisam as estatísticas acerca do aumento do número de pessoas que moram sozinhas (em contexto europeu) e estão solteiras, que são os homens, em sua maioria, que ocupam este lugar³⁹. Desta forma, as autoras sugerem a necessidade de desenvolvimento de estudos para uma melhor compreensão das práticas de homens solteiros que moram sozinhos, o que vem sendo feito em algumas pesquisas como a de Shelly Budgeon⁴⁰ (2008) e de Márcia Tavares (2008) e em meu estudo de Mestrado (ANDRADE, 2007).

Os estudos sobre pessoas solteiras utilizam diferentes significados que oferecem distintas posições de sujeitos, principalmente para as mulheres, por exemplo, “celibatárias”, “solitárias”, “independentes”, “desesperadas por um homem” e “poderosas”, tal como cita Jill Reynolds (2008), que afirma que as diferentes posições de sujeitos e os significados transmitidos dependem da relação discursiva pela qual a “solteirice” é localizada. A “solteirice” é, pois, aberta a constantes releituras e reinterpretações.

Reynolds (2008) chama, ainda, a atenção para a alteridade e para os sistemas de diferenças, que são importantes, na linguagem e no sistema semiótico, para a construção de identidade, afirmando que a variedade de definições de “solteirice” tem em comum o fato de que elas são formadas pela declaração daquilo que uma mulher solteira *não é* – não é sexuada, não é casada, não é aparentada (em relação de parentesco), não vive com parceiro/a –, tal como eram representadas

³⁹ Por exemplo, ao analisarem dados censitários durante o período de 1991 e 2001, constataram que os homens tenderam a passar mais tempo morando sozinhos: 77%, enquanto as mulheres, numa porcentagem de 64%, em diversos países da Europa.

⁴⁰ Esta autora foi consultada no original, em inglês, assim, as citações diretas e os conceitos aqui expressos são traduções livres.

as mulheres solteiras em décadas anteriores, desde um lugar marginalizado⁴¹ por não pertencerem a uma relação conjugal ou familiar. No entanto, com o tempo e com as diversas mudanças sociais, a definição de “solteirice” parece estar se expandindo para cobrir categorias previamente excluídas de mulheres e para abarcar as possibilidades de vida relacional, sexual e social que as solteiras (e os solteiros) têm, afirmando um lugar social que pode trazer privilégios quando este lugar também representa escolhas pessoais (BUDGEON, 2008).

Essas mudanças se direcionam para a substituição do estigma da “solteirona” como mulher assexuada e que ficou em um lugar social desprivilegiado por não estar casada para a mulher “moderna”, “descolada”, “poderosa” e “senhora do seu destino”, tal como discute Eliane Gonçalves (2007) que encontra na condição de solteira, grandes possibilidades de investimento na vida pessoal, no trabalho e de engajamento em relacionamentos diversos sem, necessariamente, ter uma vida desprovida de sexo; a imagem do “solteirão”, o homem boêmio, *bon vivant*, por não ter uma conotação negativa, visto que tem privilégios no que tange ao exercício da sexualidade estando na condição de solteiro, prevalece, mas o uso do termo deixa de ser comum.

Apesar de olhares positivos para a “solteirice”, em uma cultura de dupla moral sexual, também são marginalizadas as mulheres solteiras, pois, agora vistas como sexualmente ativas ou como aquelas que estão sempre disponíveis para o sexo, esta “disponibilidade” pode ser avaliada como negativa⁴², o que as torna “perigosas” para os casamentos. Também os homens solteiros que nunca se casaram ou os que já foram casados e não voltaram a se casar podem ser “acusados” de não terem se desvinculado da relação com suas mães ou mesmo

⁴¹ Para Tuula Gordon (1994), este lugar de marginalização ocupado pelas mulheres solteiras é visto também em função da construção da cidadania que, para elas, está mais no plano teórico do que na prática, visto que a sua noção foi construída sob os moldes da hegemonia masculina que excluía as mulheres como sujeitos de direito. Apesar das conquistas quanto ao exercício de cidadania em diversos âmbitos, principalmente com a conquista do direito ao voto, à educação e ao trabalho fora do lar, na prática, ainda se tem muito a alcançar para que o exercício da cidadania seja pleno para as mulheres, visto que elas ainda ocupam muitas posições sociais desiguais em relação aos homens.

⁴² O artigo de Eliane Gonçalves (2009) sobre a reinterpretação da solidão das mulheres solteiras no Brasil traz como resultado comentários das suas entrevistadas afirmando esta imagem da mulher solteira como uma ameaça aos casamentos bem como a imagem de que a mulher quando sai sozinha, principalmente em ambientes de lazer, o faz com o objetivo de procurar um homem, o que as deixa vulneráveis a abordagens indesejadas.

terem a sua masculinidade questionada (GORDON, 1994; BUDGEON, 2008). Logo, a condição de “solteirice” para homens e mulheres parece demandar a criação de estratégias para gerenciar o viver em uma cultura permeada por mudanças, mas que carrega vestígios de uma ideologia que tem o casamento como norma.

1.2 A PRODUÇÃO DA “SOLTEIRICE” EM UMA CULTURA DE CASADOS

A construção social da “solteirice”, que vem sendo feita à luz da ideia do casamento como seu oposto semântico, tem como principal definição a situação da pessoa com relação ao estado civil: o não estar em uma relação marital. Esta definição é que demarca a posição das pessoas em uma estrutura classificatória e sutilmente hierarquizada pelos valores do senso comum distinguindo as pessoas em diferentes denominações como as de casadas, divorciadas, separadas, viúvas. A partir da ocupação destes distintos lugares é que comumente se organizam comportamentos os quais, por muito tempo vinham privilegiando quem ocupava o lugar de casado/a.

Jill Reynolds e Margareth Wetherell (2003), ao estudarem o tema das mulheres solteiras em contexto britânico, chamaram a atenção para o fato de que as mulheres casadas ou engajadas em relacionamentos longos com homens eram raramente solicitadas a explicar sobre sua condição, diferentemente das mulheres solteiras. Às casadas, não se perguntava, por exemplo, “por que você se casou?”, ao contrário das solteiras das quais ainda hoje se espera uma explicação sobre a sua situação, de preferência uma história que fale das “circunstâncias” e “oportunidades perdidas” ou a explicação pela culpa, por ser “incapaz de segurar um homem”, como problematizam as autoras.

Na mesma direção de crítica, Shelly Budgeon considera, ainda, que quem não está casado ou com um par, geralmente, não é incluído em estudos que focam na maneira como o cuidado e a intimidade são praticados, mas este viés também reforça a tendência de situar as diferentes formas de relacionamentos em um “valor de relacionamentos postos hierarquicamente, com a parceria sexual no topo seguido de famílias de origem, famílias formadas, por amigos/as e assim por diante” (2008, p. 303).

A questão da união conjugal está ainda vinculada ao que denomino de solteirice nesta pesquisa, quando a imagem da pessoa solteira ainda é associada à

de quem está esperando encontrar alguém para o estabelecimento de uma união conjugal ou quando o estilo de vida de quem está solteiro/a pode ser visto (ou esperado) como diferenciado do de quem está casado, revelando que, socialmente, ainda há resquícios de uma “ideologia do casamento e da família” (BUDGEON, 2008) ou do “familismo” (GONÇALVES, 2007).

Este tipo de ideologia vem sendo forjado com base em uma sociedade que colocou a família conjugal como o centro, como afirma a historiadora Cláudia Maia, ao se referir, especificamente, à construção da “solteirona”, no século XIX, no Brasil: “numa sociedade em que a família conjugal tornou-se o centro, as mulheres celibatárias só poderiam sair da penumbra e emergirem como uma figura marginal” (2011, p. 25). Estudos sobre a “solteirice” (de quem nunca se casou e os que já se casaram) têm se reportado à história das mulheres, das famílias e do casamento⁴³ para explicar os lugares que as pessoas solteiras, principalmente as mulheres, ocupavam nas sociedades ocidentais. E, aqui, trago algumas discussões sobre esta história para contextualizar as mudanças de perspectivas sobre as pessoas solteiras.

Ao revisitar esse percurso histórico, Luci Mansur (2011) discute como processos sociais multifacetados favorecem o crescimento da taxa de celibato, desde o final do século XVIII, assim como a maior expectativa de vida da população de países ocidentais, em função dos avanços da medicina e da higiene⁴⁴. Naquele período, a taxa de celibato cresce, tendo seu pico na primeira década do século XIX, para depois estabilizar ou diminuir, concomitante à diminuição da idade para o casamento, atentando para as diversas realidades de países europeus com taxas mais altas ou mais baixas de celibato⁴⁵. Além dos parâmetros demográficos, que sugerem a existência do celibato (tais como proporção de sexos, mortalidade diferencial, idade ao casar, diferença de idade entre os cônjuges), este também está relacionado ao segmento de regras sociais que controlavam o casamento – que era

⁴³ Para consultar estudos históricos que discorrem sobre mulheres solteiras e domicílios unipessoais no Brasil, ver Emanuel Araújo (2006) e D’Incao (2006).

⁴⁴ Neste período, identifica-se uma alta taxa de celibato entre mulheres, incluindo solteiras e viúvas, por exemplo, “na França, em 1851, para 27% de homens celibatários ou viúvos correspondiam 46% de mulheres sós, sendo que 34% eram solteiras e 12% eram viúvas” (MANSUR, 2011, p. 36-37).

⁴⁵ Sobre este dado, a taxa de celibato, na Rússia, em 1897, foi inferior a 5%; em 1880, na Prússia e Dinamarca, foi de 8%; em certas localidades francesas e portuguesas, em meados do século XIX, 20%; em 1860, atingiu 48%, na Suíça (MANSUR, 2011).

retardado para alguns filhos ou permitido ao filho que iria herdar a herança familiar baseada no *pater familias*.

No século XIX, além da permanência desta cultura, os processos de urbanização e industrialização favoreceram o aumento do celibato nos centros urbanos⁴⁶, segundo Luci Mansur (2011), apoiada nas ideias de Dauphin (1990)⁴⁷, provocando reação na sociedade, no que dizia respeito às mulheres solteiras, quanto à incerteza de sua identidade social, tendo a imprensa europeia divulgado a ocorrência do excedente de mulheres sós e questionado sobre o lugar que as “solteironas” iriam ocupar naquela sociedade organizada sob uma cultura que valorava o casamento. As mulheres solteiras levavam, então, uma vida casta, permanecendo a maioria delas na casa dos pais até a velhice, porque deviam fidelidade à unidade familiar; outras iam para os conventos e as de famílias menos abastadas se prostituíam ou trabalhavam como comerciantes (FONSECA, 1989).

Apontando algumas mudanças significativas, neste período, para as mulheres que não se casavam, com referência à conquista de direitos, mesmo estes não sendo os mesmos das casadas, viúvas ou separadas, diz Luci Mansur:

Se, anteriormente, o casamento era a única saída para as mulheres, com o código napoleônico, assumido em toda Europa, surge uma nova possibilidade – as celibatárias passam a ser consideradas responsáveis por si mesmas e por seus bens, ou seja, alheias ao casamento atingem a maioridade e os mesmos direitos dos homens, sem que isso represente de fato o *status* de cidadã. A *maioridade* significa, antes de tudo, que as mulheres sós deverão suprir suas próprias necessidades e não terão a mesma assistência, prestada pela família ou pelo Estado, que as mulheres casadas, viúvas ou separadas. (MANSUR, 2011, p. 39, grifo da autora).

A partir daí, a autora discorre sobre o papel significativo do trabalho fora do lar, para as mulheres solteiras – que passavam a exercer as atividades de caráter doméstico, porém remunerado, como a função de governantas e, também, o trabalho nas fábricas –, mulheres que, no entanto, foram educadas para o

⁴⁶ A dispersão das famílias europeias no século XIX, do meio rural para os centros urbanos, favorece o aumento do número de solteiros/as nas cidades porque, no meio rural, o casamento permanece como uma cultura mais forte do que no meio urbano. Nas cidades, o excedente feminino de solteiras passa a ser uma realidade, também, em função da menor taxa de mortalidade das mulheres.

⁴⁷ DAUPHIN, C. Mulheres sós. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1990. v. 4, p. 477-495.

casamento ou para o celibato permanente, para que vivessem em função do trabalho (ou a serviço da igreja). Ao final do século XIX, em países ocidentais, o trabalho e a educação ganharam mais espaço na vida das mulheres começando a gerar barreiras para a constituição de família⁴⁸, o que irá se ampliar ao longo do século XX.

Chama a atenção o fato de que, ao final do século XIX e no decorrer do século XX, o casamento passa a ser questionado e o divórcio, ao ganhar amparo legal, vai significar um “acréscimo de liberdade para as mulheres e ganha muitas adeptas nas classes médias urbanas, principalmente da Europa protestante” (MANSUR, 2011, p. 43). Com isto, as mulheres que dispunham de maiores recursos financeiros e instrução começam a ter a possibilidade de escolher sua vida conjugal inclusive o não casamento, em um contexto influenciado também pela disseminação dos ideais feministas. Neste sentido, solteiras e feministas, ao renunciarem ao casamento, estariam reivindicando sua autonomia.

Principalmente a partir da segunda metade do século XX, o processo de individualização e democratização das sociedades – iniciado no século anterior e que, no período pós-guerra, se configura de forma mais acelerada – juntamente com diversas outras mudanças sociais, econômicas e políticas, como dito no capítulo anterior⁴⁹, acarreta transformações nas famílias, enfraquecendo o peso real e simbólico do modelo, até então tido como hegemônico, de família nuclear⁵⁰. Neste cenário, criou-se a visão de que a “solteirice” reflete a “crise da família”, em uma sociedade agora egoísta, hedonista e amoral, como também estudiosos/as centraram análises sobre o tema, como aponta Rosário Mauritti (2011). Em contrapartida, este fenômeno também começa a ser visto de forma positiva em decorrência de que as relações humanas passam a se configurar de forma diversa e tendem a ser mais horizontalizadas (GIDDENS, 1992; CASTELLS, 1999).

Na discussão sobre as transformações da família, François de Singly (2003) aponta dois modelos de família moderna, no século XX: o primeiro tipo, do

⁴⁸ Nos Estados Unidos, entre 1870 e 1900, 75% das mulheres com diploma universitário não se casaram, segundo Dauphin (1990 apud MANSUR, 2011) que acrescenta o fato de que as mulheres só são geralmente mais qualificadas e melhor remuneradas.

⁴⁹ Para uma discussão mais detalhada sobre as principais mudanças e características da contemporaneidade, ver o primeiro capítulo da minha dissertação de Mestrado (ANDRADE, 2007).

⁵⁰ Este modelo é próximo ao modelo parsoniano de família. Para saber mais sobre esta discussão, ver a tese de Gabriela Hita (2004).

início do século até o ano de 1960, enfatizava o afeto como eixo centralizado e hierárquico; o segundo se distinguia pelo peso maior dado aos processos de individualização caracterizados pela igualdade entre seus membros. As discussões sobre o tema em contexto brasileiro apontam para a convivência destes dois modelos, o hierárquico e o igualitário, como partes do processo de modernização da família brasileira (MACHADO, 2001). A subjetividade, porém, não acompanha as rápidas transformações neste âmbito, fazendo coexistir os dois modelos, o “arcaico” ou “tradicional” e o “plural” ou “pós-moderno” (VAITSMAN, 1994).

As análises feministas sobre as mudanças nas famílias se direcionam a questionar o modelo tradicional, tido como um modelo que se sustenta em estruturas sociais patriarcais que não foram superadas apesar da existência de novos arranjos e de identidades mais plurais. Neste sentido, consideram que o modo pelo qual a sexualidade e as relações estão organizadas na sociedade ainda carrega como norma a heterossexualidade, alimentando uma cultura de casais, um tipo de ideologia que é imposto, de forma sutil, por meio de discursos e normas sociais que naturalizam a sexualidade exercida em relações heterossexuais dentro de uma estrutura familiar e de um casamento tradicional (WITTIG, 1992; SWAIN, 2004; RICH, 2010)⁵¹. Neste sentido, quem está fora do casamento tenta gerenciar a vivência da “solteirice” em uma cultura onde estar em uma relação conjugal é o esperado (AMADOR; KIERSKY, 2003; BUDGEON, 2008).

Este gerenciamento passa também pela construção de gênero, na medida em que o feminino é construído em função da sua relação com o outro, o que coloca a mulher como aquela que busca ou que é reconhecida por se relacionar (afetiva e sexualmente) com os homens⁵². Esta construção vai ser questionada por Judith Butler (2003), Monique Wittig (1992) e outras feministas ao discorrerem sobre a flexibilização das identidades de gênero. Sobre a construção da identidade lésbica, Wittig (1992) afirma que, no sentido de construção de uma identidade feminina que não está vinculada a uma relação heterossexual, as lésbicas não seriam, então, mulheres, um argumento que foi utilizado por Shelly Budgeon (2008) ao problematizar que quem mora sozinho/a e está solteiro/a, independentemente da orientação sexual, não está em uma estrutura de relacionamento conjugal, por isto,

⁵¹ Retomarei o tema da heterossexualidade como norma, no próximo capítulo.

⁵² Muitas dessas discussões acerca das construções identitárias de gênero se pautam na Psicanálise, como as de Joan Scott (1988), que cita os trabalhos de Nancy Chodorow e Carol Gilligan.

fora das construções identitárias convencionais. Este diálogo é particularmente importante para o que chamo de solteirice, considerando que este lugar pressupõe uma ruptura com normas identitárias.

Ao entrevistar homens e mulheres em contexto britânico, Shelly Budgeon analisa como os participantes⁵³, para lidarem com a discrepância entre as suas construções identitárias sociais (pois, de alguma forma, espera-se deles o casamento) e individuais (estando eles em um lugar que lhes traz satisfação pessoal, como mencionaram no estudo), em função de estarem fora do lugar de casados/as ou de engajados/as em uma relação amorosa longa que implicasse em coresidência, comumente utilizam estratégias de distanciamento da ideia de casamento. Uma delas foi a de retratar a “solteirice” em termo das oportunidades que esta condição oferece e dos custos implícitos de se envolver em um relacionamento. Neste sentido, “fazer parte de uma cultura de casais foi avaliado como tendo um efeito negativo em perseguir metas de carreira, construir relações de amizade e desenvolvimento do *self*” (2008, p. 314).

Em um estudo com mulheres solteiras, Tuula Gordon (1994) também encontrou mais opiniões negativas do que positivas acerca do casamento representadas pelas palavras “prisão”, “uma chatice”, ou pelo conceito de que “os homens têm as mulheres como suas serventes”, dentre outras. Sobre esta negatividade percebida acerca do casamento a partir de opiniões de solteiros/as, Shelly Budgeon (2008) consulta estudos sobre casais para contrapor opiniões e discute como algumas pesquisas têm apontado que os casais tendem a desenvolver uma gramática em comum, mas que este tipo de linguagem, muitas vezes, restringe os parâmetros de intimidade moderna, que se pretende democrática, como discute Anthony Giddens (1992) ao falar do “relacionamento puro”, porque se baseia no discurso da interdição, perpassado pela expressão “não pode”: como exemplos, “você não pode deixar a casa sem dizer onde está indo; você não pode sair quando a outra pessoa quer ficar em casa” (BUDGEON, 2008, p. 316), causando assim, uma relação de dependência que, muitas vezes, as pessoas solteiras não estão dispostas a vivenciar.

⁵³ A autora realizou entrevista em profundidade com 51 pessoas de ambos os sexos (22 homens e 29 mulheres), solteiras, de diferentes orientações sexuais e com idades variando entre 24 e 60 anos, no Reino Unido.

As visões negativas sobre o casamento podem estar sinalizando alguns resquícios de um modelo convencional, de caráter mais hierárquico, convivendo com ideais e práticas mais democráticos de relações. O casamento convencional limitava as mulheres ao âmbito da família, impedindo que elas trabalhassem e desenvolvessem outras funções além do cuidado com a casa, marido e filhos. No entanto, desde que as mulheres passaram a trabalhar e a compartilhar o orçamento doméstico com seus parceiros, aumentando sua independência e autoestima, associado a tantas outras transformações das relações íntimas, o casamento tem passado também por modificações, deixando de ser hoje visto como uma instituição obrigatória e uma união econômica entre duas famílias para ser o resultado do amor entre as pessoas, além de significar um meio de construção de intimidade e de favorecer o crescimento pessoal.

Como problematiza Anthony Giddens (1992), os paradoxos da sociedade atual estão presentes no terreno da intimidade, pois, ao passo que aumentam as separações e divórcios, frutos de insatisfações com o casamento, também aumentam os recasamentos. Portanto, as práticas apontam a coexistência de experiências boas e ruins: o casamento como instituição pode ser ainda uma relação desejada e satisfatória para muitos casais (PERLIN; DINIZ, 2005), mas, também, deletéria, como observam diversos estudos sobre os conflitos conjugais que desembocam, em última instância, na violência doméstica (OLIVEIRA, 2004; JABLONSKI, 2009 e diversos outros estudos).

Por outro lado, para Shelly Budgeon (2008) assim como para Lynn Jamieson (1999), a repetida construção que traz a cultura de casal como difícil e problemática sugere a necessidade de questionar a expansão da ideia de que a individualização desmantela as heteronormas e abre caminhos para o “relacionamento puro”, primeiro porque,

[...] longe de querer um engajamento tipo de negociação que Giddens clama como base da intimidade, muitos dos entrevistados [adultos solteiros em contexto britânico] viam igualmente muitos dos seus relacionamentos simplesmente como muito trabalho para pouco retorno. (BUDGEON, 2008, p. 314).

Em segundo lugar, os/as informantes do estudo da referida autora viam mais a possibilidade de relações democráticas nas relações de amizade do que na esfera sexual, visto que os/as amigos/as são apoio para lidar com as

estigmatizações decorrentes de não estar em uma situação de casal. Neste sentido, as relações de amizade têm operado “para diminuir o valor das relações de casal, enquanto também provém a base para uma reivindicação de pertencimento social”. Ainda para a autora: “As amizades constituem uma condição de possibilidade para a transformação da solteirice da margem de uma cultura obcecada com o romance, namoro e casamento, para um status que requer o reconhecimento de seus próprios direitos” (BUDGEON, 2008, p. 314)⁵⁴

Apesar da visão negativa sobre o casamento e da dificuldade que percebem no lidar com os relacionamentos amorosos, o engajamento em uma relação de cunho afetivo-sexual mais duradoura é esperada por muitos solteiros e solteiras, como apontam os resultados do estudo de Shelly Budgeon (2008) assim como percebi em algumas entrevistas, no meu estudo de Mestrado (ANDRADE, 2007). Outra pesquisa que demonstra a existência desta expectativa foi realizada entre adultos/as mais jovens, pelo psicólogo Bernardo Jablonski, no Rio de Janeiro, apontando que os jovens (muitos deles filhos de pais divorciados) estão dispostos a casar e “embora conscientes das dificuldades envolvidas, traduzidas pelo grande número de divórcios, não parecem preocupados de antemão com a busca de soluções, parecendo acreditar que ‘com eles será diferente’” (2009, p. 128).

A expectativa sobre uma relação conjugal também está relacionada às escolhas pela “solteirice”, visto que, comumente, as pessoas solteiras são questionadas sobre os motivos pelos quais se encontram nesta condição. Sobre o tema, Jill Reynolds (2008) propõe olhar as escolhas não como parte de um problema (individual e negativo), mas como parte de um recurso discursivo disponível para as mulheres solteiras.

Em seu estudo, Jill Reynolds (2008) discute como as participantes transitam entre escolhas e diferentes possibilidades em torno da solteirice, apresentando, nos resultados de sua pesquisa, os seguintes discursos: o da espera por serem escolhidas, incluindo a dificuldade de se relacionar; o da afirmação de não quererem se casar, por terem tido experiências amorosas ruins no passado ou por não terem o desejo de estar em uma relação de casamento – o que é visto pela autora como uma possibilidade de agenciamento, já que as mulheres assumem estar indo contra a expectativa social do casamento; o discurso de que há o desejo

⁵⁴ Adiante, a discussão sobre as relações de amizade serão desenvolvidas.

de estar em um relacionamento, mas encontram dificuldades para enfrentar os desafios de serem independentes e temem perder a liberdade que conquistaram; por fim, o de escolher o tipo de pessoa e de relacionamento que consideram ideais para se engajar. Estes repertórios foram analisados pela autora como trazendo possibilidades de lidar com o dilema de se apresentar como tendo agenciamento, poder e controle sobre suas escolhas.

No estudo de Tuula Gordon (1994) sobre mulheres solteiras⁵⁵, a “solteirice” foi analisada sob o ponto de vista de ser ou não voluntária, uma escolha, e, também, de ser considerada como “fixa” ou “transitória”, ou seja, estas desejavam permanecer solteiras ou almejavam o casamento. Seus achados apontaram que a maioria das mulheres entrevistadas era “solteira voluntária”, ou seja, tinha optado por esta condição e estava satisfeita com este status, mesmo que não tivesse planos de assim continuar e que considerava, ainda, a “solteirice” como algo que trazia estabilidade a suas vidas. Relata, ainda, que apenas um quinto das participantes assumiu ter feito uma escolha equivocada pela solteirice enquanto a outra parte diz ter permanecido solteira por ter tomado pequenas e variadas decisões, ao longo da vida, que as levaram a isto e mais: que, por volta dos trinta anos, muitas participantes relataram ver a “solteirice” como um arrependimento, mas que a maioria destas resolveu esta crise e se tornou “solteira voluntária”.

A escolha pela “solteirice” pode ser também paradoxal, como sugerem os resultados do estudo de Lewis e Moon (1997), que tiveram como resposta para a pergunta “Você está solteira por escolha?”, o “sim” e o “não”, curiosamente com a mesma explicação para as respostas: “Sim, estou solteira por escolha, porque eu não encontrei ninguém com quem eu queira casar”; “Não, não estou solteira por escolha, porque eu não encontrei ninguém com quem eu queira casar” (apud REYNOLDS⁵⁶, 2008, p. 98), o que pede um olhar mais atento para as contradições destas escolhas pela “solteirice”.

Sobre a escolha de parceiros/as, as pessoas solteiras, principalmente as mulheres, têm a possibilidade de escolher com quem querem se relacionar e que tipo de relacionamento almejam, sendo, assim, consideradas como mais exigentes,

⁵⁵ O estudo de Tuula Gordon (1994) foi realizado na Finlândia e utilizou entrevistas com 72 mulheres solteiras com idade variando entre 35 e 69 anos, sendo a maioria com idade entre 40 e 50 anos.

⁵⁶ Esta autora foi consultada no original, em inglês, assim, as citações diretas e os conceitos aqui expressos são traduções livres.

o que se tornaria a razão pela qual permanecem solteiras. Outra discussão aponta para os desafios enfrentados no âmbito dos relacionamentos quando as “novas mulheres” se deparam com “antigos homens” que ainda consideram que há “mulheres para casar” e “mulheres para fazer sexo” – ou “para *ficar*” (TAVARES, 2008; ANDRADE, 2007).

Os debates sobre as escolhas por *estar/ser* solteira/o ao enfatizarem o contraponto do casamento, refletem uma cultura em que ainda a parceria amorosa e de longa duração é valorizada. No entanto, Shelly Budgeon (2008) e outras autoras problematizam que, apesar da cultura de casal e das demandas sociais para o engajamento em relacionamentos conjugais longos, as práticas sociais têm apontado que as relações de duração mais curta têm aumentado, vêm sendo a norma, além de outras modalidades de relacionamentos que não implicam, necessariamente, a coabitação.

Não somente as práticas das relações conjugais, mas, também, as normas convencionais que norteavam as sexualidades e os relacionamentos estão se transformando, tendo como resultado o fato de os indivíduos se tornarem capazes de questionar normas estabelecidas e de exercitarem escolhas no que tange a decisões sobre como organizam suas relações, sexualidades, estilos de vida e identidades, escolhas que podem estar fora das normas de casamento heterossexual, coresidência e filhos (BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990; GIDDENS, 1992; BAUMAN, 2001b). E *estar* ou optar por *ser* solteiro/a pode ser uma destas escolhas, uma opção que tem sido vista não somente como uma transição para o casamento ou como a negação deste, mas como um novo estilo de vida e uma nova forma de organização de família. É desde esta perspectiva que passo a utilizar o termo solteirice com referência ao modo de *ser/estar* solteiro/a.

1.3 SOLTEIRICE: A EMERGÊNCIA DO ESTILO DE VIDA DE SOLTEIROS/AS

A solteirice combinada com a moradia unipessoal vem se configurando como um novo estilo de vida em um contexto onde noções mais positivas têm sido construídas em torno de quem não está em uma relação conjugal, isto porque a imagem de infelicidade que a sociedade atribuía à pessoa solteira e que vivia sozinha tem mudado (SMART, 2007; 2011).

Noções mais positivas sobre solteirice, em especial, sobre as mulheres solteiras, começam a aparecer, na década de 1970, com todo o movimento de permissividade, de liberdade de expressão da sexualidade, possibilitando que as mulheres solteiras fossem vistas como pessoas ativas sexualmente, passando, segundo Shelly Budgeon, de “solteiras” para “swingueiras⁵⁷” (2008, p. 309). Para Tuula Gordon (1994), o status de solteira é associado às mulheres urbanas e modernas que trabalham, buscam independência e que constroem um lugar social com mais autonomia, porque têm possibilidade de escolha: são as chamadas *city-singles*, ou seja, as solteiras glamurosas das grandes cidades.

Tuula Gordon (1994) utiliza o mito das amazonas como uma metáfora para falar das mulheres solteiras, por serem elas “poderosas” e romperem com identidades pré-estabelecidas. As mulheres empoderadas⁵⁸ representam a conquista de autonomia e a possibilidade de exercício de cidadania alcançada depois de muitas lutas travadas principalmente pelo feminismo como movimento social. Os direitos ao voto, à educação, ao trabalho como exercício de cidadania⁵⁹ assim como a ocupação dos espaços públicos possibilitam que escolhas no âmbito da vida pessoal sejam agenciadas (VELOSO, 2012). A estes elementos se soma a independência financeira, já defendida, na década de 1950, por Simone de Beauvoir (1980) e, também, por Virgínia Wolf (1985) como um fator imprescindível para a conquista de autonomia.

⁵⁷ No Brasil, o termo *swinger* é utilizado para denotar a prática sexual com mais de uma pessoa. O termo é trazido por Budgeon (2008) para apontar como as mulheres solteiras passam a ser vistas como quem tem uma vida sexual ativa e que esta sexualidade pode ser exercida de maneira diversificada.

⁵⁸ O empoderamento é visto como um processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, afetivos e conductuais. O termo se origina do inglês *empowerment*, significando aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, discriminação e dominação social. Para Maria Elisabeth Kleba e Agueda Wendausen (2009), há três níveis de empoderamento: o *pessoal*, que possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da liberdade; o *grupal*, que desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade; e o *estrutural*, que favorece e viabiliza o engajamento, a corresponsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania.

⁵⁹ As conquistas das mulheres e as mudanças sociais favoreceram a participação mais ativa também das solteiras, na vida social, exercendo sua cidadania. Sobre mulheres e cidadania, ver o texto “Cidadania, estudo, pesquisa, informação e ação”, em: BARSTED; HERMANN, 1999.

A independência financeira e a autonomia são, assim, importantes para a promoção do empoderamento de mulheres, no entanto, apenas isto não promoverá a autonomia social plena para as mulheres, porque é preciso uma mudança de estrutura das sociedades para a assunção da plena igualdade social entre os sexos⁶⁰, segundo Tuula Gordon (1994).

No âmbito das representações das solteiras – e também dos homens solteiros –, a autonomia e a liberdade são elementos importantes para a construção de novas noções que valorizem o fato de as pessoas *estarem/serem* solteiras e, assim, alguns termos têm sido adotados para representar um status mais positivo para quem é solteiro/a e vive sozinho/a, como o termo *quirkyalone*, criado pela escritora Sasha Cagen⁶¹ para se referir à pessoa que gosta de ser solteira – sem que isto represente o oposto de estar em um relacionamento – e prefere estar solteira a “namorar por namorar⁶²”, questionando, desta forma, o namoro ou qualquer outro tipo de relacionamento obrigatório e, também, as noções arcaicas de amor romântico em favor do autorrespeito, do espírito independente, da criatividade, do amor verdadeiro e da confiança – ideais atuais de amor, tal como discute Anthony Giddens (1992).

Em um artigo, a norte-americana Bella DePaullo (2010), que também escreve sobre solteiros/as, faz uso do termo *single at heart* (solteiro/a de coração) para se referir a pessoas que estão solteiras por escolha e gostam desta condição, mas que, diferente dos *quirkyalones*, não almejam um relacionamento ou um “amor verdadeiro”. No Brasil, no senso comum, chamaríamos as pessoas solteiras que se sentem bem nesta condição de “bem resolvidas” ou “solteiras convictas”.

A visão positiva sobre as pessoas solteiras foi primeiramente retratada no livro de Regena English, datado de 1998⁶³, que utiliza o termo *leather spinster* para se referir à mulher heterossexual ou assexuada que está feliz sem casar e não tem o

⁶⁰ A situação de desigualdade social se reflete, por exemplo, nas diferentes oportunidades de salários e de trabalho para homens e mulheres, acarretando, ainda, para elas, salários mais baixos e empregos precários apesar das situações econômica e educacional para muitas mulheres terem melhorado (BRUSCHINI, 2007).

⁶¹ Autora do livro *Quirkyalone: a manifest for uncompromising romantics*, publicado em 2004. Uma descrição da proposta da autora está disponível no site: <<http://quirkyalone.net/>>. Acesso em: 9 jun. 2012

⁶² Expressão utilizada para quem namora para responder a uma demanda social que fundamenta um desejo pessoal de estar engajada em um relacionamento.

⁶³ ENGLISH, Regena. *Leather Spinsters and their degrees of asexuality*. St. Mary Publishing Company, URL, 1998. Disponível em: <<http://leatherspinsters.com/preview.html>>.

desejo de procurar um parceiro. A partir da publicação deste livro, English começa a publicar, também em jornais, textos que promovem a celebração da vida de solteira para mulheres (BUDGEON, 2008)⁶⁴. Além desta autora, outras publicações endossam uma vida de solteira com positividade tal como o livro de Candance Bushnell (2006), *Sex and the city*, que retrata o cotidiano de mulheres solteiras e independentes em Nova Iorque, que deu origem a um seriado televisivo e a dois filmes. Na América do Sul, o livro de Claudia Aldana (2008), *31, profissão: solteira*, segue a mesma linha de discussão, dentro do contexto chileno.

Além das já citadas, diversas outras publicações endossam a construção da solteirice como uma escolha ativa que transmite a mensagem que “a solteirice não é somente uma parte viável do curso da vida, atualmente, mas que dela não se pode envergonhar”, segundo Shelly Budgeon (2008, p. 311), que defende, ainda, que o status dominante de solidão em que a solteirice estava embasada começa a ser desafiado por representações nas quais as redes de amizade proveem uma rica fonte de sentidos para a solteirice e significativas conexões.

Assim, dialogo nesta pesquisa com os significados do *ser* e *estar* solteiro/a tratados até aqui, que vêm atrelando a solteirice à ideia de um novo estilo de vida mais do que à vivência de uma situação ou a pura condição de estado civil ou uma fase transitória, como problematiza Eliane Gonçalves (2007; 2009), estilo de vida, que é visto por Pierre Bourdieu (2003) como um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem a mesma intenção expressiva, fala de gosto pessoal e de jeito de viver que refletem elementos de uma cultura urbana contemporânea.

O estilo de vida tecido em grandes centros urbanos, em um contexto de democratização e individualização das sociedades ocidentais, que traz a possibilidade de escolha (individual) como marca, é olhado aqui desde uma discussão sobre as dinâmicas relacionais da “vida pessoal” que abarcam as “famílias por escolha”, ou seja, arranjos de relacionamentos que fogem dos moldes convencionais da família nuclear e agregam outras redes de relações que vão além das de parentesco e casamento, incluindo as relações de amizade e a busca por

⁶⁴ Apesar de Shelly Budgeon (2008) apontar esta publicação como um marco para escritos que trazem a valorização da vida de solteira para as mulheres, na década de 1970 já havia publicações sobre a vida sexual de mulheres solteiras (BROWN, 1965a, 1965b, 1972) e também de homens solteiros (ELLIS, 1969), com diferença que os livros traziam a concepção de que as pessoas solteiras buscavam um casamento.

relações mais horizontalizadas. Assim, morar só e estar solteiro/a é visto como um entre diversos arranjos com estas características.

A expressão “famílias por escolha”, por outro lado, dialoga e ajuda a aprofundar o que eu entendo como solteirice. O termo foi cunhado na década de 1980 para se referir às configurações contemporâneas de família e aos “experimentos de vida” não convencionais, como a união de casais do mesmo sexo (WEEKS; HEAPHY; DONOVAN, 2001) e a moradia compartilhada com amigos e colegas (DAVIES, 2011; HEATH, 2004). Tal modo de viver está dentro do ideal de democratização das relações, no campo da intimidade, como discute Anthony Giddens (1992), considerando que as escolhas por estes modos de viver não são feitas de forma solta, como aparentam propor os teóricos que compartilham com as ideias da tese da individualização, mas, sim, são localizadas a partir dos lugares sociais de gênero, raça/etnia, classe social, idade/geração e outros (SMART, 2007; MAY, 2011).

O que marca esse tipo de arranjo é a possibilidade de se escolher vivenciar relações e estilos de vida que não se pautam somente nas convencionais relações estabelecidas entre pessoas que possuem laços consanguíneos ou que são unidas pelo matrimônio, nem necessariamente se limitam às pessoas que vivem sob o mesmo teto ou que seguem relações de gênero rígidas, permitindo sair dos padrões convencionais de família, de relacionamentos e modos de viver. Assim, a expressão “famílias por escolha” emerge a partir da necessidade de combater a visão preconceituosa sobre as relações que não se pautam no modelo heteronormativo.

Reverendo as transformações no campo das famílias, como fazem Jeffrey Weeks, Brian Heaphy e Catherine Donovan (2001), a socióloga Carol Smart (2007), em seu livro “*Vida pessoal: novas direções no pensamento sociológico*”⁶⁵, discute como ocorreram muitos debates sociológicos sobre o assunto que, porém, trouxeram mais explicações sobre mudanças sociais mais amplas e relações sociais do que sobre a vida familiar, de forma mais específica, e cita as análises funcionalistas, marxistas, feministas e as teorias da sociedade de risco e da individualização que têm sido utilizadas para entender as mudanças no campo das famílias.

⁶⁵ Título no original: “Personal life: new directions in sociological thinking”.

Em meio a esses debates, o termo “família” vem sendo amplamente criticado, especialmente quando usado no singular, porque sua conotação refere um modelo patriarcal e heteronormativo em que há desigualdades de poder, clara divisão sexual do trabalho na qual as mulheres ocupam lugares domésticos, privados, que são desprivilegiados socialmente, e os homens, atuam no âmbito público e são mais valorizados. Outras nomenclaturas têm sido utilizadas na tentativa de incluir uma discussão que abarque a diversidade de arranjos familiares, de parentesco, dos domicílios e assim por diante, sem, contudo, extinguir o termo “família⁶⁶”.

Partindo desta discussão e de críticas a teorias generalistas, Carol Smart propõe utilizar o termo “vida pessoal”, para analisar as diversas maneiras pelas quais as pessoas vivem seus relacionamentos com pais, filhos, amigos, amantes, etc. “Vida pessoal” inclui intimidade, sentimentos como o amor, a comunicação, etc. e “procura abraçar mudanças conceituais assim como mudanças empíricas acerca das realidades sociais [...]”. Esta noção parte da contribuição do sociólogo David Morgan (1996)⁶⁷ para os estudos sobre famílias que, ao considerar as práticas familiares, “captura a ideia de que as famílias são o que elas fazem, não mais sendo definidas exclusivamente pela co-residência ou pelo parentesco e casamento” (SMART, 2007, p. 27; 28). Este debate compartilha com a forma contemporânea de pensar as relações humanas, mais focada em como estas relações se dão, sem, no entanto, se prender a modelos pré-definidos de relações convencionais de família e matrimônio⁶⁸.

A autora explica os principais conceitos neste campo: o significado de “pessoal”, que tem a ver com o “eu” (*me*), mais social do que o “eu” (*I*) da tese da individualização considera a ideia analítica de que a “vida pessoal” está embutida na vida social e cultural e, baseado nos trabalhos de Giddens (1992) e Beck e Beck-

⁶⁶ Diversos estudos têm problematizado o uso do termo família (no singular), tais como os realizados por Gabriela Hita (2004), Cláudia Fonseca (2000), Marisa Corrêa (1982) e Anthony Giddens (1992).

⁶⁷ MORGAN, David. **Family connections**, Cambridge: Polity, 1996.

⁶⁸ A proposta trazida pelo uso do termo “vida pessoal” se aproxima das discussões feitas por Gabriela Hita (2004) ao estudar sobre as casas ou famílias matriarcais em bairro periférico de Salvador, em que utilizou, a partir de uma unidade doméstica, o diálogo com noções de redes sociais, de vizinhança e parentesco, dentre outras, para olhar de forma mais abrangente o fenômeno, utilizando em sua metodologia, a análise combinada e cruzada de falas de informantes do mesmo domicílio, suas redes de parentesco e as redes de relações que estabeleciam desde fora da casa.

Gernsheim (1990), compartilha a ideia de “projeto de vida” que permite às pessoas espaço para tomar decisões e fazer planos, mas “não incorpora a ideia de construções de biografias individualizadas como se as pessoas fossem agentes que flutuassem livremente com recursos suficientes para atingirem suas metas” (SMART, 2007, p. 29), considerando, assim, que as escolhas são feitas de forma contextualizadas, desde os marcadores de gênero, classe social, raça/etnia, etc.

O termo “vida pessoal” é imparcial e não prioriza relações com laços biológicos ou vínculo marital e, desta forma, há mais espaço conceitual para “famílias por escolha” assim como para o casamento de pessoas do mesmo sexo e outros arranjos. O conceito de “vida pessoal” não se propõe a ser estático como a ideia convencional de “família” (nuclear e patriarcal) parece ser – o conceito de “curso de vida” introduz esta ideia nos estudos da vida familiar. A proposta da autora é, ao estudar a vida pessoal, não fazer distinção entre a vida privada e a pública: a “vida pessoal” é vivida em diferentes lugares e espaços, é acumulativa (através da memória, da história e da passagem do tempo) e forma uma série de conexões, o que a faz flexível.

O conceito também reconhece as áreas da vida que são interesse de muitos campos do saber tais como a sexualidade, os corpos, as emoções, a intimidade, e pode integrar estes elementos criando um todo que é maior do que a soma de suas partes, mais do que tratando os temas como subcampos de disciplinas (especificamente da Sociologia, que é o campo de estudo de Carol Smart). Por fim, a “vida pessoal” inclui dimensões de classe, etnicidade, religião, sexualidade, gênero e deficiência, que podem ser descritas através de narrativas, e permite lhes dar significados através da atenção não somente para as diferenças, mas referenciando as tradições culturais, os hábitos, as memórias, a transmissão geracional e a emoção. Como o termo “família”, pautado em uma heterossexualidade normativa, faz com que muitos não heterossexuais não simpatizem com ele ou o utilizem para desafiar definições convencionais: “uma identificação com padrões existentes e um esforço mais ou menos consciente de subvertê-los”⁶⁹ (WEEKS; HEAPHY; DONOVAN, 2001, p. 11), este contexto de discussão colabora para pensarmos no fenômeno da solteirice, permitindo o debate acerca das “famílias por escolha”.

⁶⁹ Autores consultados no original, em inglês, assim, as citações diretas e os conceitos aqui expressos são traduções livres.

Importante nas “famílias por escolha” é a horizontalização das relações, considerando, contudo, que, assim como todos os tipos de relações, os conflitos existem e precisarão ser negociados. Igualmente importante é a incorporação de elementos de rede social, como as relações de amizade, que funcionam como um suporte afetivo tanto quanto as relações com parentes. Diversos estudos sobre redes de amizade têm confirmado a importância destas relações para a vida urbana atual, incluindo o valor destas redes na própria construção da intimidade e na satisfação pessoal. Este tipo de relacionamento é baseado em igualdade e pode prover um senso de identidade e pertencimento, necessários em um tempo de incerteza que caracteriza a contemporaneidade: “o ‘laço de ligação’ e flexibilidade que uma relação de amizade pode proporcionar oferece caminhos preciosos de negociação do risco e da incerteza”⁷⁰ (WEEKS; HEAPHY; DONOVAN, 2001, p. 52).

Nos estudos sobre as relações de amizade estas são tratadas tendo em vista a sua complexidade, visto que há diferenciações entre tipos e funções das redes de amizades e, inclusive, a existência de uma “ética da amizade” (DAVIES, 2011) que, afirmam Jeffrey Weeks, Brian Heaphy e Catherine Donovan (2001), está pautada em noções de autonomia individual e mútuo envolvimento. Relatam ainda que os/as homossexuais argumentam:

[...] primeiro, que, de muitas formas, as parcerias não-heterossexuais são similares a parcerias mais amplas de relacionamentos de parentesco como revelado por pesquisa recente; mas, segundo, que o valor da relação negociada e da democracia emocional é destacada por não-heterossexuais pela sua contínua marginalização. O resultado é um intrigante e sofisticado terreno de crenças e comportamentos que proporcionam um suporte necessário para um agenciamento moral em um mundo incerto. Isto é o que chamamos de ‘ética da amizade’. (2001, p. 76).

Katherine Davies (2011), por sua vez, afirma que estudos sobre amizades enfatizam como a imagem deste tipo de relação é positiva na mídia – veja-se os seriados *Friends* e *Sex and the city*, por exemplo – e na vida social, porém, não só para esta autora, mas também para outras/os, a definição de amizade é complexa, assim como a sua dinâmica: amigos/as não compõem apenas a “família que escolhemos”, mas, também, membros da família podem ser considerados

⁷⁰ As noções de risco e incerteza sociais são discutidas como características da Modernidade Reflexiva tal como defendem Anthony Giddens, Scott Lash e Ulrich Beck (1997).

amigos/as. Para Weeks, Heaphy e Donovan (2001), em se tratando de relações não heterossexuais, as amizades são consideradas como sua base, pois nestas relações, como refere Katherine Davies (2011, p. 51), a amizade existe sob “muitas formas, e tem significados simbólicos que variam em diferentes lugares e diferentes épocas”.

Os tipos de relacionamento vão dos mais simples aos laços mais complexos, segundo Katherine Davies: “simples amizades”; “amigos para diversão”, que são tipos de amigos/as com os/as quais se mantém relações em situações específicas, no ambiente de estudo, no trabalho e em situações de lazer; e “amigos conforto”, “almas gêmeas”, relações que são mais complexas e mais íntimas. Sobre estes tipos de amizades, a autora explica:

‘Amizade simples’ pode incluir amigos ‘associados’ que compartilham uma atividade em comum [...] mas que a amizade não continua fora dos parâmetros desta atividade. Similarmente, ‘amigos para diversão’ são relações mais complexas [...] porque a relação não se estende além das formas divertidas de sociabilidade. As ‘amizades complexas’ incluem os ‘amigos conforto’ que proveem suporte emocional e a ‘alma gêmea’, a relação mais complexa e na qual as pessoas são mais ligadas. Estas são as ‘amizades para tudo’, na qual os amigos trocam confidências, provê suporte emocional, ajuda mútua, diversão e outras funções⁷¹. (2011, p. 3).

A autora discute também como as relações de amizade não são somente positivas como a mídia costuma apresentar, mas há conflitos que podem gerar o fim da amizade, com em qualquer outro tipo de relacionamento. Katherine Davies (2011) também chama atenção para o fato de que as amizades não são escolhidas de forma descontextualizada: alguns elementos são fundamentais nas escolhas dos/as amigos/as tais como classe social, gênero, localização geográfica e outros.

As relações de amizade também terão grande valor para a vida de quem está solteiro/a quando outras modalidades de agenciamento, que incluem, inclusive, relações mediadas pela internet, passam a fazer parte de vivências de sujeitos das classes médias urbanas, como aponta Gilberto Velho (1989) e como tem sido observado em pesquisas sobre a “solteirice” no Brasil (GONÇALVES, 2007; ANDRADE, 2007; TAVARES, 2008; ANTUNES, 2010) e em estudos internacionais já aqui citados.

⁷¹ Esta autora foi consultada no original, em inglês, assim, as citações diretas e os conceitos aqui expressos são traduções livres.

No estudo de Tuula Gordon (1994), as mulheres entrevistadas avaliaram os relacionamentos de amizade como sendo aqueles que proveem um senso de proximidade e pertencimento e chama a atenção para familiares que também ocupam o lugar de redes de apoio e que passam a ser considerados amigos. Em seu estudo, as mulheres solteiras apontaram, por exemplo, suas irmãs como as pessoas com quem tinham uma relação de maior proximidade e intimidade, como suas amigas e confidentes. Assim, tanto as relações de amizade como as familiares que assumem também esta função, podem proporcionar um balanceamento entre a necessidade de separação de alguns laços para manter a independência e de conexão com outros. As redes de relações formadas por familiares foram, por muito tempo, negligenciadas pelo feminismo, que focou o lado negativo da família – como um lugar de dependência e de relações hierárquicas –, esquecendo a sua importância também como uma rede de suporte social, quando as relações se estabelecem de forma a proporcionar este suporte.

A seguir, veremos como as redes de sociabilidade reconfiguram olhares para a solidão de solteiros/as em grandes centros urbanos.

1.4 A SOLTEIRICE, O VIVER SÓ E A SOLIDÃO

A solidão é um “sentimento que atravessa culturas, classes, idades, gêneros e a todos os estados civis”, afirma a psicóloga Luci Mansur que, no que diz respeito a gênero, mais especificamente, às mulheres, sinaliza que, embora sempre tenham existido mulheres vivendo sozinhas conjugalmente, “este fenômeno ganha mais evidência nas sociedades ocidentais contemporâneas e encontra formulações distintas conforme o segmento social” (2011, p. 93), tendo um significado existencial específico para mulheres cuja condição socioeconômica é favorável à sobrevivência, no caso de seu estudo, solteiras e de classe média como as de que tratamos nesta tese, e que vivem sozinhas em São Paulo.

A solidão, sentimento que faz parte da existência humana e, na atualidade, um fenômeno social nas grandes metrópoles, vincula a solteirice e o morar só (ou viver só) ao aspecto de isolamento socioconjugal – como referido em estudos há décadas atrás –, mas, também, a um caminho para o crescimento

pessoal e para a adoção de um estilo de vida (*solo life*⁷²) que, ao contrário da noção anterior, não implica em isolamento e sim na escolha ou preferência por ficar sozinho/a sem que isso implique em afastamento permanente das pessoas que fazem parte das redes de sociabilidade.

A solteirice somada à moradia unipessoal era definida como solidão, por exemplo, na demografia, que se utilizou da expressão “pirâmide da solidão⁷³”, com referência à baixa probabilidade de casamento para mulheres solteiras em função do aumento da idade (BERQUÓ, 1986). Também em matérias veiculadas na mídia sobre o tema, a palavra solidão é comumente utilizada tanto para as pessoas solteiras como para as que moram sozinhas, como na reportagem de Marcelo Neri (2005), *A solidão é senhora*, que retrata o aumento do número de mulheres solteiras, descasadas e viúvas, ou o que ele chama de “solidão conjugal feminina”⁷⁴. O termo solidão associado ao estado ou condição de estar solteiro/a e à moradia unipessoal tem sido parte de reflexões sociológicas que tratam o fenômeno como “isolamento social” ou situações de “anomia” em segmentos sociais específicos como prevaleceu em análises de meados do século passado.

O isolamento social é “sobretudo, delineado segundo critérios etários e/ou de gênero ou ainda articulando estes com o momento de ciclo de vida, a situação conjugal e as redes sociais em que os indivíduos estão inseridos”, diz Rosário Mauritti (2011, p. 9). A autora sinaliza, ainda, que as reflexões dentro desta abordagem são estruturadas tendo como pano de fundo outros objetos que não o morar só, embora esta condição seja vista como uma variável importante para compreender preocupações gerais ligadas à incidência e ao crescimento de sentimentos de solidão e/ou situações de isolamento relacional.

Outras leituras focam em análises acerca da exacerbação do individualismo, sendo inevitável a sua experimentação (LASCH, 1983), e, neste sentido, o viver só e o estar solteiro/a se apresenta como uma de suas expressões, além de um reflexo da “fragilidade” dos laços humanos (BAUMAN, 2001b). Frente

⁷² Em estudos internacionais, tem-se utilizado o termo *solo life* como um estilo de vida, mas, tal como a categoria “solteiro/a”, esta categoria não é vista como fixa, porque as pessoas podem sair desta condição (JAMIESON; WASOFF; SIMPSON, 2009).

⁷³ Alguns dados da demografia vão trazer os paradoxos da conquista de independência para as mulheres adultas, quando apontam o descompasso entre o aumento da escolaridade, da renda e também da idade, e a diminuição de oportunidades no “mercado matrimonial” – a chamada “pirâmide da solidão” que trata Elza Berquó (2006).

⁷⁴ NERI, Marcelo. A solidão é senhora. **Jornal Valor**, 21 jun. 2005. Cad/col. Opinião, p. 13,

aos paradoxos da contemporaneidade, as mudanças sociais e as perdas das referências institucionais trazem um sentimento de saudosismo pela ausência dos contatos tal como eram feitos no passado, e com isto, o sentimento de solidão se faz presente socialmente; mas, em meio a este nostalgismo e à ideia da dissolução dos laços sociais e considerando que o individualismo é uma característica que tem incidência em modos de viver nos grandes centros urbanos, a solidão tem sido dissociada do isolamento social, compreendendo que este sentimento pode existir, mas independe de se estar ou não sozinho/a, solteiro/a, morando sozinho/a, ou de se encontrar sem algum tipo de companhia em outras situações.

Em estudo antropológico realizado com mulheres adultas pertencentes às classes médias e que moram sozinhas no Rio de Janeiro, Ísis Martins (2010)⁷⁵ encontrou nas categorias *estar só* e *ser só*, trazidas nas entrevistas, elementos para discutir, de forma ampla, o fenômeno: o *estar só* representou a configuração de um estilo de vida que busca se contrapor ao *ser só*.

A diferença sutil, mas radical, entre *ser* e *estar* produz uma inflexão no que diz respeito ao significado da experiência de morar sozinha que é decisiva. *Estar* é estado; remonta uma circunstância que pode ser interrompida a qualquer momento, na medida em que o sujeito decida ter a companhia de alguém. *Ser* é condição; situação que é vinculada à própria constituição do sujeito, inseparável dele. (MARTINS, 2010, p. 36).

Outra diferenciação foi referida por Rosário Mauritti (2011), ao citar o modelo teórico aplicado por Jeremy Tunstall⁷⁶ para analisar o fenômeno da residência unipessoal (em um grupo etário com 65 anos ou mais) em que o autor utilizou as expressões *estar só* e *sentir-se só*, sendo o primeiro proporcionado por um estado anômico, objetivo e mensurável, marcado pela ausência de contatos sociais; e o segundo, produto de construções cognitivas individuais relacionadas a

⁷⁵ O estudo foi motivado pelo interesse da autora em lançar um olhar antropológico para o projeto *Eu preciso de você*, promovido pela prefeitura do Rio de Janeiro, entre os anos de 2008 e 2009, que objetivava promover grupo de encontros para pessoas que se sentiam sozinhas, com o intuito de ampliar as suas redes de relações sociais. No projeto, cerca de 75% dos/as participantes/as eram mulheres.. Segundo a autora, “a justificativa para a implementação dessa política pública voltada para a diminuição do isolamento e do sentimento de solidão era a redução do número de doentes em decorrência deste sentimento; ou seja, para o governo municipal da época, a solidão adoce” (MARTINS, 2010, p. 14).

⁷⁶ TUNSTALL, Jeremy. **Old and alone**. A sociology study of old people. Londres, Routledge e Kegan Paul. 1966

aspectos psicológicos decorrentes de avaliações de situações pessoais no contexto social do qual a pessoa faz parte. O *sentir-se só*, desta forma, se aproxima do *ser só* de Isis Martins (2010).

Essas diferenciações colocam a solidão no seu patamar de experiência social e subjetiva, que é vista como um sentimento que se constitui na e pela experiência e que tem como função interrogar as pessoas sobre suas próprias formas de interação consigo, com seus contextos e com os outros. Para Rosário Mauritti (2011, p. 10), a solidão é vista em seu “caráter dinâmico, relacional e diversificado das concepções, das vivências e dos contextos que podem estar imbricados no que se designa, em sentido lato, como ‘solidão’”.

Como experiência social, a “solidão” de solteiros/as que moram sozinhos/as, embora, à primeira vista, pareça contraditória, está vinculada a uma vida dissociada do isolamento, quando se verificam as redes de sociabilidade possíveis a partir desta condição (MAURITTI, 2011; MARTINS, 2010; JAMIESON; WASOFF; SIMPSON, 2009, dentre outros/as). O elemento sociabilidade assume um caráter marcante para a constituição das subjetividades que se dá a partir da interação dos indivíduos com seus grupos (VELHO, 1989), daí a importância das redes de relações de amizade (DAVIES, 2011), das relações familiares e dos relacionamentos amorosos para solteiros/as (GORDON, 1994; GONÇALVES, 2007; ANDRADE, 2007 e outros estudos) – cuja ideia de “solteiro/a sim, sozinho/a nunca⁷⁷” tem sido difundida, no cotidiano, em chamadas de livros de autoajuda e nos sites de relacionamentos ou, ainda, a afirmativa “nem só nem mal acompanhados/as”, como utilizada por Eliane Gonçalves (2007; 2009) –, para representar a desvinculação da solteirice com o isolamento.

Outro ponto importante deste estilo de viver é o caráter voluntário que o *estar só* passa a ter quando quem mora só escolhe permitir ou não a presença de outras pessoas em seu lar, nos momentos ou situações que assim lhe forem convenientes. Desta forma, o caráter de privacidade e liberdade de escolher o modo com que a sociabilidade irá acontecer no espaço do lar, faz parte da experiência de quem mora só (MARTINS, 2010). Esta autora também se refere à característica de

⁷⁷ Título do livro da atriz Barbara Feldon (2008) que relata sua experiência como uma mulher divorciada. Eu utilizei expressão parecida para retratar os costumes e redes de relações socioafetivas em Salvador: “solteiros/as, mas não sozinhos/as” (ANDRADE, 2007; 2008).

recolhimento, que se aproxima, semanticamente, da privacidade, visto que as duas condições promovem satisfação pessoal.

A liberdade, neste contexto, representa o gosto pela solidão, no sentido de satisfação por estar só. Desta forma, o espaço privado se configura como um campo de agenciamento em que as escolhas pessoais, também nos campos Do exercício da sexualidade, da organização da rotina e dos cuidados com o lar, dentre outros elementos do cotidiano, fazem do espaço da casa um lugar de construção de subjetividade e um espelho da personalidade (ANDRADE, 2007). Isis Martins sintetiza a discussão dizendo:

Este gosto da solidão é um aspecto fundamental na configuração do espaço privado como reino da liberdade. Mas este isolamento não representava um apartamento do mundo como o ermitão ou o monge; ele estava mediado por outras relações e previa a seleção, muitas vezes, de um amigo para a fruição da solidão. (MARTINS, 2010, p. 33).

Por fim, os aspectos subjetivos implicados na experiência da solidão podem ser experienciados desde o sofrimento que esta poderia acarretar – que, em casos extremos, pode chegar ao adoecimento psíquico –, ou como uma experiência que possibilita o crescimento pessoal. O sofrimento foi tratado como parte da experiência de quem considera *ser só*, que representa a noção de solidão entre as informantes na pesquisa de Ísis Martins, sendo diferenciado do *estar só* como um modo de busca do valor do eu:

Não ser compreendido, não ter com quem compartilhar certas coisas e sentir-se insuficiente em termos afetivos, não ter opções de ocupação e de expressão, são alguns aspectos que meus informantes associam com frequência ao *estar só* que se torna solidão

[...]

Ser sozinha também ressalta fragilidades e carências do eu, enquanto o *estar só* reafirma as condições para a busca do indivíduo como valor e unidade. (2010, p. 78; 79, grifos da autora).

A solidão como um caminho trilhado em busca do conhecimento pessoal é discutida por Luci Mansur (2011) como *solidão-solitude*, explicada pela autora com

base em conceitos psicanalíticos. Na perspectiva psicanalítica winnicotiana⁷⁸, a solidão existe, paradoxalmente, porque o outro existe. É na falta do outro que a solidão se faz presente, quando há um grau de dependência da presença do outro. De acordo com esta perspectiva, a experiência de solidão está relacionada ao início da constituição do si mesmo e se configura como um tipo de “solidão fundamental e herdada”: “a possibilidade de alcançar essa solidão é interferida por várias ansiedades e nela se encontra a habilidade da pessoa saudável de estar sozinha cuidando de aspectos de si mesma” (SAFRA, 2011, p. 14).

Neste processo, a *solitude*⁷⁹ é subjacente à vida da pessoa como base fundamental do si mesmo; o trânsito da solidão para a *solitude* significa que o sentimento de solidão fundante, vivida porque há a dependência do outro, eventualmente pode ser reconhecido como *solitude*, ou seja, como um lugar e como uma situação de bem-estar, significando que um grau de independência foi alcançado. Nas análises de Luci Mansur (2011), este trânsito está relacionado a complexas injunções psicológicas e sociais que dependem da qualidade da sustentação emocional e das oportunidades culturais a que suas entrevistadas tiveram acesso.

Revedo as noções de solidão, estilo de vida e estado civil, que perpassam estudos sobre solteiros/as, as construções sobre esta noção e os paradoxos imbricados nas perspectivas de mudanças e permanências em relação à cultura de casado *versus* a emergência de um estilo de vida de solteiro/a, este capítulo buscou situar estas discussões, de modo a permitir um diálogo entre estas perspectivas e as práticas e sentidos construídos para solteiros/as em Salvador. E principalmente para, desde aqui, fundamentar o uso do termo solteirice com referência às pessoas solteiras, termo também utilizado em estudos no Brasil.

Mas, aqui, a solteirice vem significar a condição de solteiro/a que engloba as dimensões de estilo de vida – vivido também como uma forma de “famílias por escolha” –, estado civil e solidão, vivenciadas a partir das experiências no campo da vida pessoal – dentro e fora do lar – para sujeitos urbanos contemporâneos. Estas

⁷⁸ Donald Woods Winnicot foi um psicanalista e pediatra cujas teoria e prática analítica colaboram para a atuação com crianças. A leitura que Luci Mansur (2011) faz do autor traz suas contribuições para pensar a solidão como parte dos processos subjetivos do desenvolvimento humano.

⁷⁹ Em dicionário eletrônico, o termo *solitude* significa “o estado de se estar sozinho e afastado das outras pessoas, e geralmente implica numa escolha consciente”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Solidão>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

dimensões foram pensadas, tanto teórica como empiricamente, também com a exploração do tema nos grupos focais confirmada com os dados dos outros instrumentos utilizados no estudo e que serão discutidas, de modo mais específico, no Capítulo Quatro, a partir dos quais foram também se delineando estratégias metodológicas que estão descritas no Capítulo que se segue.

CAPÍTULO 2

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 A PERSPECTIVA FEMINISTA E OS USOS DO GÊNERO

O processo de construção deste estudo foi desafiador pelo fato de ter sido necessário estabelecer certas rupturas com uma série de pré-noções que foram sendo construídas por mim desde que comecei a estudar a temática há dez anos⁸⁰. Por vezes, me deparava com um terreno conhecido através destes estudos e, em outros momentos, me via diante de um campo novo, à medida que trabalhava na construção de novos dados bem como realizava leituras de pesquisas sobre o tema.

Outro desafio teve origem a partir do lugar desde onde me situo: uma mulher jovem solteira, de classe média, morando em Salvador e, há alguns meses, residindo sozinha⁸¹. Este lugar faz da “solteirice” parte do meu cotidiano, incluindo as minhas relações sociais com pessoas também solteiras, permitindo-me o trânsito por lugares de lazer para solteiros/as de classe média na cidade, bem como enfrentando as alegrias e desafios que esta condição de “viver só” me proporciona.

A busca do distanciamento necessário à construção do conhecimento científico, colocando como “estranho o que me é familiar”, e a transformação do cotidiano dos “achismos” que pulverizavam conversas entre pessoas das minhas redes de relações sociais sobre o que é a vida de solteiro/a, somadas às leituras científicas, fizeram parte do processo de construção das perguntas norteadoras desta tese. Sua operacionalização considerou a conscientização do meu lugar de

⁸⁰ Estes estudos começaram em 2002 quando, na graduação em Psicologia, ingressei no grupo de pesquisa em Psicologia e Sexualidade onde estudei o estilo relacional *ficar*, que é praticado prioritariamente por quem está solteiro/a (ANDRADE; PERLIN, 2003; ANDRADE, 2004). Dei continuidade às investigações sobre a temática, focando no estudo de identidades de pessoas solteiras, em monografia de Pós-Graduação (ANDRADE, 2005) e no Mestrado, investigando como características da contemporaneidade incidem sobre os estilos de vida, os relacionamentos e as identidades de homens e mulheres solteiros/as de classes médias, em Salvador (ANDRADE, 2007).

⁸¹ Estou morando sozinha há pouco menos de um ano, depois de ter experienciado dividir a moradia com colegas em outro país, por cerca de cinco meses, em 2011, e de ter passado boa parte da minha vida adulta morando com minha irmã e, por cinco anos, com ela e meu sobrinho.

sujeito que constrói conhecimento, as reflexões acerca dos questionamentos suscitados em estudos anteriores (ANDRADE, 2004; 2005; 2007) bem como as reflexões críticas sobre os resultados também de outros estudos com os quais entrei em contato no decorrer da construção deste trabalho (AMORIM, 1992; ROSENEIL; BUDGEON, 2004; GONÇALVES, 2007; 2009; BUDGEON, 2008; REYNOLDS, 2008; TAVARES, 2008; ANTUNES, 2010; MARTINS, 2010, dentre outros).

O reconhecimento do lugar desde onde construo esta tese é possível tendo como fundamentação uma perspectiva analítica interdisciplinar e feminista das relações de gênero sob uma teoria feminista perspectivista que considera o ponto de vista de quem produz o conhecimento, aspectos tão bem discutidos e problematizados por Donna Haraway (1988; 1995) e Sandra Harding (1991; 1996; 1998). Neste sentido, há o reconhecimento de que a construção do conhecimento é feita desde um lugar onde não se propõe a neutralidade nem a generalização das análises sobre o produto da investigação. Assim, o encontro do sujeito e do objeto de conhecimento é reconhecido, na medida em que a subjetividade faz parte do processo de “objetivação”.

A pesquisa feminista, sob esses moldes, reconhece que a construção do conhecimento científico é corporificada e assim, localiza e nomeia onde estamos nas dimensões do espaço mental e físico. A objetividade científica, nesta perspectiva, é revelada, também, como algo que diz respeito à corporificação específica e particular, uma visão objetiva somente alcançada com uma perspectiva parcial, porque não se pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, mas, sim, pode-se estar em um lugar com a mobilidade de ir para outro lugar, porém, localizando-o sempre. Logo, “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado. [...] Desse modo, podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver” (HARAWAY, 1995, p. 21). Assim, segundo João Manuel de Oliveira e Lígia Amâncio:

[...] a objetividade na produção feminista assenta-se na parcialidade, no olhar contextualizado, em vez dos falsos universalismos da ciência positivista, indissociavelmente inscrita na metanarrativa patriarcal e moderna, em busca de verdades para a sua autolegitimação (2006, p. 601).

Neste sentido, a constituição de sujeito não é unificada e nem há separação entre o sujeito e o objeto. As subjetividades são múltiplas, localizadas e

construídas, de modo que o próprio sujeito que conhece é parcial, ligando-se aos outros por via da intersubjetividade. Assim, não é a identidade que estrutura a posição de quem investiga, mas sim a afinidade parcial. Nesta perspectiva, não há a glorificação do método da ciência positivista nem a busca por produção de verdades universais (HARAWAY, 1995; DANSILIO, 2001).

Ao afirmar que a epistemologia feminista do *standpoint*⁸² requer forte suporte de objetividade, Sandra Harding (1991; 1996; 1998) utiliza o termo “objetividade forte” para contrastar com a fraca objetividade do objetivismo e seu relativismo, que segundo ela, a epistemologia do *standpoint* engloba; em seu texto *Strong objectivity*, afirma:

A epistemologia do *standpoint* chama para o reconhecimento de um relativismo histórico ou sociológico ou cultural-relativismo. Entende-se que toda crença humana inclui nossa melhor crença científica social situada, mas também requer uma evolução crítica para determinar em que situação social e tende a generalizar o que o maior conhecimento objetivo clama. Requerem, como relativismo, um acordo de relação entre crenças históricas localizadas e crenças objetivas maximizadas. Então, demandam o que chamo de objetividade forte, em contraste com objetividade fraca do objetivismo sem gêneros, relativamente julgamento⁸³. (1991, p. 142).

Como propõe a autora, a objetividade forte vem da crítica ao relativismo cultural e despolitizado e, ao incorporar a participação consciente entre o eu e o outro, requer que se investigue a relação entre sujeito e objeto mais do que rejeitar a existência ou a procura de um controle unilateral dessas relações: “A objetividade forte requer que o sujeito de conhecimento seja colocado na mesma crítica e plano causal como os objetos de conhecimento” (HARDING, 1996, p. 69). “Objetividade forte” requer “reflexividade forte”, porque as crenças culturais interferem em todos os passos da construção do conhecimento e, assim, o sujeito de conhecimento deve fazer parte do objeto de estudo:

Todos os tipos de objetividade focada nas relações naturais e/ou sociais que são o objeto direto de observação e reflexão deve também ter foco no observador e seus refletores – cientistas e o meio social em que ele incorpora os valores. (1996, p. 69).

⁸² Termo que significa “ponto de vista” que foi eleito para falar da produção de um “conhecimento situado”.

⁸³ Esta autora foi consultada no original, em inglês, assim, as citações diretas e os conceitos aqui expressos são traduções livres.

Desta forma, enquanto sujeito, me situo dentro da proposta de obter uma afinidade parcial com o objeto de estudo, de que trata Donna Haraway (1995), como me apresentei no início deste capítulo e por isso, também, decido escrever em primeira pessoa. Fazer uma pesquisa feminista é também se comprometer com a mudança social, fazendo jus à ideologia do movimento feminista que embasa as epistemologias feministas⁸⁴ e, ainda – o que é de suma importância –, utilizar o gênero como uma categoria de análise das relações sociais.

Os usos do gênero pelo feminismo datam da década de 1980 quando os ideais deste movimento adentram a Academia⁸⁵, proporcionando o desenvolvimento de discussões acerca das construções sociais, históricas, culturais e simbólicas sobre o corpo sexuado, buscando, desde aí, problematizar as origens das desigualdades entre os sexos. A historiadora Joan Scott (1988) discorre sobre como o uso do gênero na Academia se referia aos estudos sobre mulheres e como este uso foi estratégico justamente para firmar um novo campo de estudo. Assim, com o avançar das discussões, o gênero passou a incorporar, em suas análises, os homens e as relações estabelecidas entre eles, entre eles e as mulheres e, ainda, delas entre si, dentro de uma perspectiva relacional do conceito. Utilizando a perspectiva foucaultiana de poder, define Joan Scott (1988, p. 14): “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Para explicar seu argumento, aponta como o gênero vai estruturar a “percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social”, tal como a divisão sexual do trabalho, a procriação, o parentesco, etc., e que estas referências estabelecem distribuições de poder. Neste sentido, o “gênero torna-se implicado na concepção e na construção do poder em si” e será um aparato importante para a

⁸⁴ Para fazer jus à ideologia feminista, utilizo, nesta tese, a escrita gendrada – o/a (s) – com o intuito de desinvisibilizar o feminino que uma gramática masculinista tornou invisível. Também faço uso do primeiro nome do/a(s) autor/a(s) para dar visibilidade a quem produziu aquele conhecimento – se homem ou mulher.

⁸⁵ O desenvolvimento do conceito, no entanto, parte de discussões teóricas feitas desde décadas anteriores, com referência a explicações sobre as diferenças comportamentais, subjetivas, históricas, culturais e biológicas entre homens e mulheres. As obras *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (publicada, pela primeira vez, em 1949), e *Sexo e temperamento*, de Margareth Mead (publicado, pela primeira vez, em 1935), marcam estas discussões. O primeiro traz elementos explicativos sobre o fato de que a mulher não nasce pronta, ela “torna-se mulher”, a partir de sua inserção na sociedade e da sua construção subjetiva; o segundo discute como diferentes temperamentos podem ser desenvolvidos por homens e mulheres inseridos em diferentes contextos culturais.

“compreensão das relações complexas entre as diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1988, p. 16; 17).

O gênero também implica em quatro elementos que são relacionados entre si: os *símbolos* culturalmente disponíveis e que evocam representações múltiplas sobre a mulher, por exemplo, Eva e Maria; os *conceitos normativos*, que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos tais como as instituições, que reforçam a oposição binária do masculino e feminino; a inclusão da noção do *político* como proposta de fim da fixidez dos binarismos referenciados nas instituições e organizações sociais; por fim, o aspecto das *identidades subjetivas*, que são pensadas nas discussões feministas a partir da teoria psicanalítica, principalmente a lacaniana das relações objetais, relidas por Nancy Chodorow e Carol Gilligan (SCOTT, 1988).

Segundo essa perspectiva, as identidades sexuais e de gênero são construídas com base nas relações de identificação estabelecidas com as figuras parentais que representam as características masculinas e femininas. Os conflitos inerentes a este processo cessam com a resolução do complexo edípico em que as energias pulsionais são canalizadas para um objeto de amor – heterossexual, por norma – e a feminilidade e a masculinidade são encontradas. Joan Scott (1988), apesar de concordar com o uso da Psicanálise, defende a sua historicização tal como o fizeram tantas outras teóricas feministas⁸⁶.

A partir da década de 1990, por influência das teorias pós-modernas, do foco na linguagem e nos discursos como construtores de realidade, o próprio conceito de gênero passa a ser questionado e desconstruído. Judith Butler (2003) propõe, então, o conceito de performatividade, para falar deste processo, considerando que o gênero é construído na ação e perpassa os binarismos masculino e feminino hegemônicos. Corroborando os debates das feministas lésbicas, aponta como a sexualidade deve andar junto com as discussões de gênero e identidade, chamando a atenção para a discussão da diversidade sexual e para

⁸⁶ Além das leituras feministas pautadas nos olhares psicanalíticos sobre o aspecto da subjetividade, outras vertentes da Psicologia colaboram neste campo de discussão, tal como a psicologia social, a psicologia sócio-histórica, as teorias de famílias, dentre outras, que consideram a importância do contexto social, histórico e cultural, assim como a experiência pessoal e a qualidade das relações que as pessoas estabelecem ao longo da vida, que não se restringem ao núcleo familiar (da forma que a psicanálise retrata), como fazendo parte do processo contínuo e inacabado de desenvolvimento da personalidade, da subjetividade e das identidades – que incluem as identidades de gênero e sexuais.

como, no âmbito dos movimentos sociais, o feminismo tem que enfrentar o desafio da pluralização do seu objeto – antes, a mulher (e as mulheres) – para abarcar as diversas frentes de batalhas contra todos os tipos de opressão e discriminação.

As discussões de Judith Butler (1987; 2003) e das feministas lésbicas compartilham a ideia de que o pensamento heterossexual precisa ser combatido, para dar voz e vez à diversidade. Para Monique Wittig, a forma pela qual as relações sociais se organizam gira em torno do pensamento heterossexual. A chamada “matriz heterossexual” normatiza corpos, comportamentos, sexualidades e modos de se relacionar, colocando o que está fora desta matriz como um abjeto.

A sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime apenas lésbicas e homossexuais, ela oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todas e todos que estão na posição de serem dominadas(os). Para constituir uma diferença e controlá-la é um ‘ato de poder, uma vez que é essencialmente um ato normativo. **Todos tentam mostrar o outro como diferente**, mas nem todos conseguem ter sucesso ao fazê-lo’. (WITTIG, 1992, p. 29, grifos da autora).

Shelly Budgeon (2008), em seu texto *Cultura de casais e a produção da solteirice*, utiliza os argumentos feministas sobre a heterossexualidade normativa, apontando como as expressões da sexualidade estão organizadas por normas e convenções que orientam as práticas cotidianas. Neste caso, a norma que prevalece é a ideologia da família e do casamento baseada na assunção de que todos desejam um/a parceiro/a sexual e que o relacionamento amoroso e conjugal seria o tipo de relacionamento mais importante que a pessoa poderia ter⁸⁷.

A força da ideologia da cultura do casal é tanta que o seu status privilegiado raramente é reconhecido ou questionado (BUDGEON, 2008). Assim, o estudo sobre não estar casado/a não é ainda um tema central na Academia (lentamente, vem começando a ser), pois a ideologia do casamento privilegia estudos sobre casais e tem influenciado as formas como as Ciências Sociais têm

⁸⁷ O que chama a atenção aqui é o fato de que, por muitos anos, o feminismo lutou pela não obrigatoriedade do casamento e da constituição da família. Mas, neste novo milênio, é o casamento como direito que entra de novo nas agendas de luta, agora dos gays e das lésbicas. Neste sentido, a discussão sobre o casamento ainda é presente e mesmo depois de tanto se questionar esta instituição, a ideologia que o perpassa não foi superada: o que mudou (ou o que ainda se busca mudar) é a forma como as relações dentro do casamento são gerenciadas, desconstruindo muitos dos pressupostos patriarcais que o rondavam.

conduzido os estudos, na medida em que esta ideologia “guia os tipos de perguntas a serem feitas, os tipos de estudos que são conduzidos e a forma com que os resultados são interpretados” (BUDGEON, 2008, p. 302).

A autora considera, ainda, que os estudos pouco têm privilegiado quem não está em uma relação conjugal, mas, por outro lado, aponta que, apesar do status que o casamento ocupa na sociedade, as normas convencionais que norteavam as sexualidades e os relacionamentos estão se transformando, como sugerem os teóricos da tese da individualização (GIDDENS, 1992; BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990; BAUMAN, 2001b) e as feministas. Neste sentido, os indivíduos são também capazes de questionar normas vigentes e de exercer o direito de escolher a forma como organizam suas relações, seus estilos de vida e identidades, escolhas estas que podem estar fora da norma do casamento heterossexual, da coresidência e de filhos.

Desde esses olhares para a construção do conceito de gênero, as análises propostas nesta tese observam proximidades e diferenças entre experiências de homens e mulheres na condição de solteiros/as, atentando para as relações e performances possíveis dentro desta condição. O uso do gênero para análise, no entanto, não se faz de forma isolada, e sim, interseccionalizada com outros marcadores sociais tais como classe social, raça/etnia, idade/geração, localização/territórios, sexualidades (ou orientações sexuais), dentre outros, visto que a experiência, tanto pessoal como social, é complexa e, portanto, perpassada por diversos vetores. O conceito ganhou destaque no texto de Kimberlé Crenshaw que o utiliza como referência à forma pela qual as discriminações se dão por múltiplas vias, afirmando que *interseccionalidade*

[...] é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (2002, p. 177).

A utilização da *interseccionalidade* como ferramenta de análise permite visibilizar a complexidade da vivência cotidiana, criando um contexto híbrido e fluido

no qual diferentes pessoas e grupos existem, se articulam e empreendem suas lutas por melhores condições de vida (CRENSHAW, 2002). Também permite visualizar os aspectos dinâmicos e relacionais das identidades sociais, como fazem as abordagens construcionistas de Anne Mcklintock (1995⁸⁸; 1992⁸⁹) e Avtar Brah (2006)⁹⁰ que são interessantes para esta tese porque falam das possibilidades que são oferecidas aos sujeitos, não olhando somente para as estruturas de opressão que se inter cruzam para produzi-los⁹¹. Assim, os marcadores de identidade, tais como gênero, classe ou raça/etnia aparecem como recursos que possibilitam a ação (PISCITELLI, 2008).

Sobre esses marcadores, Alda Brito da Motta (1999; 2005) considera que as dimensões de gênero, raça, classe e geração são realizadas no cotidiano e na história e, portanto, são categorias relacionais ou da experiência⁹². Para a autora, com exceção de classe (que se refere eminentemente ao social), as categorias geração, gênero e raça estão inscritas no corpo e na cultura, assim como estão inseridas no campo da ideologia e do poder porque o elemento biológico é utilizado para justificar ideologicamente o poder e a dominação: o sexo “frágil”, a raça “preguiçosa”, a idade “imatura” e a “esclerose”. Desta forma, faço uma ressalva a respeito das categorias que norteiam as análises propostas nesta tese.

A categoria gênero tal como exposta até aqui é a principal categoria de análise nesta tese, considerando também os aspectos da sexualidade como identidades sexuais e as práticas sexuais tal como discutidas por Judith Butler

⁸⁸ Cf: MCKLINTOCK, Anne. **Imperial leather**, Race, gender and sexuality in the colonial contest. Routledge, 1995.

⁸⁹ Cf: MCKLINTOCK, Anne. The Angel of Progress: Pitfalls of the term “pos-colonialism”. *Social text*, n. 31/32, **Third World and Post-Colonial Issues**, p. 84-98, 1992.

⁹⁰ Cf: BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação, **Cadernos Pagu** 26, p.329-365, 2006.

⁹¹ Os marcadores de identidade são vistos como categorias articuladas, para Mcklintock, existindo *em* e *por meio das* relações entre elas. Brah, por sua vez, discute estas articulações sugerindo que a subjetividade e a identidade possam ser consideradas para a compreensão das dinâmicas de poder na diferenciação social. A autora propõe utilizar a diferença como categoria analítica, procurando pensar na diferença como experiência, relação social, subjetividade e identidade (PISCITELLI, 2008).

⁹² Sobre o tema, José Maurício Domingues chama atenção para a “pluralização dos estilos de vida, a multiplicação das ‘tribos’ e grupos com sobretudo distintas sensibilidades e preferências estéticas [...] agudiza a heterogeneidade dessas subjetividades coletivas [as de gênero, raça e classe]” em uma sociedade contemporânea. E “com a crescente individualização da vida social, com chances de vida diferenciadas e cada vez mais contingentes, inclusive *dentro* das *mesmas* coletividades de classe e profissionais, essa complexificação social se exponencializa” (2002, p. 69, grifos do autor).

(2003). A sexualidade é compreendida desde uma perspectiva sociocultural que é lida a partir do aparato sexual: “os corpos, modelados em feminino e masculino são, portanto, uma invenção social, já que o cerne da questão é a importância dada a este aspecto da materialidade da carne” (SWAIN, 2004, p. 1).

Quanto às práticas sexuais, estas são lidas aqui a partir das discussões contemporâneas em torno das transformações da intimidade feitas, principalmente, por teóricos da tese da individualização (GIDDENS, 1992; BAUMAN, 2001b; BECK; BECK-GERNISHEIM, 1990), tal como posto na Introdução, dialogando com a linha de discussão sobre a “vida pessoal” (SMART, 2007; MAY, 2011) dentro da perspectiva feminista, ou seja, considerando o contexto cultural desde onde estas práticas estão situadas: em uma sociedade brasileira, especificamente baiana à qual pertence o grupo de solteiros/as de classe média urbana aqui estudado.

Como já exposto, a categoria classe social remete ao aspecto econômico e de estilos de vida que têm sido forjados em grandes centros urbanos desde onde se dão as relações de poder guiadas pelo fator econômico e pelos bens culturais e os costumes e valores de classe que, em se tratando de classes médias em contexto urbano, refletem as características de individualização e psicologização das sociedades somadas ao seu poder de consumo (VELHO, 1989; 1994; 1995; BOURDIEU, 2003).

A categoria raça é discutida juntamente com classe social, visto que a composição das classes sociais mais abastadas no Brasil historicamente se deu com os brancos das camadas privilegiadas. A raça é considerada por Levi-Strauss et al. (1970) como uma categoria cultural com base no fato de que, biologicamente, não haveria uma explicação sobre a raça (humana). No entanto, a cor da pele, ao longo da história da humanidade, impeliu sistemas de dominação e discriminação, em meio à hegemonia branca dos colonizadores europeus, dominação esta que, no Brasil, tende a ser invisibilizada com o discurso de uma “democracia racial”⁹³, mas

⁹³ Carlos Hasenbalg e Nelson Silva citam estudos sobre relações raciais no Brasil: nos anos de 1930, há a democracia racial freiriana; de 1940 a 1950, é detectado o preconceito contra os negros; na década de 1960, reconhece-se a existência de preconceitos, discriminação e desigualdades raciais. A raça é tratada neste período como um epifenômeno de outras categorias (como classe) e o preconceito e a discriminação são manifestações do atraso cultural (classe). Na década de 1970, raça e cor são tratadas como atributos classificatórios e princípios de seleção racial. Assim, a raça é considerada uma “variável ou critério que tem um peso determinante na estruturação das relações sociais”. (1992, p. 11).

tem ganhado visibilidade com o reconhecimento do racismo e a consequente formulação de políticas de ação afirmativa (HASENBALG; SILVA, 1992).

Em Salvador, a questão racial é importante para caracterizar a população que compõe a classe média, visto que a cidade tem maioria populacional formada por negros/as e pardos/as, sendo que são os brancos que ocupam ainda as áreas geográficas (bairros) mais ricas da cidade (GARCIA, 2009). Neste sentido, a classe social e a raça são categorias de identidade social utilizadas nesta tese para situar os lugares de fala da amostra e, também, os lugares geográficos, visto que a moradia e os territórios de lazer na cidade que pessoas dos segmentos médios costumam frequentar são recortados, principalmente, por estes marcadores sociais.

Segundo Ana Martinez, Juana Moya e Maria de los Ángeles Muñoz (1995), os espaços não são neutros do ponto de vista de gênero, visto que, geograficamente, são ocupados por mulheres e homens, de forma diferenciada, considerando as diferenças socioculturais e identitárias que derivam da divisão sexual do trabalho e das relações de poder entre os gêneros que se pautam em um sistema econômico social no qual os homens se apropriam do trabalho das mulheres em benefício próprio. Nesta perspectiva, o espaço incorporado na análise materialista da história e da sociedade foi pensado como uma expressão das relações sociais, em especial, daquelas ligadas à produção e ao consumo, mas também reagindo a elas, em um movimento dialético do ponto de vista das relações de classe.

A noção de espaço considera que, na perspectiva sociológica, este pode ser primordialmente dado, algo concreto, mas a sua organização e seu sentido são produtos de transformação e das experiências sociais, sendo também político e repleto de ideologias (SOJA, 1993). Esta categoria é útil, também, para refletir sobre os espaços por onde transitam as pessoas solteiras, em Salvador, em momentos de lazer, dialogando com o estudo de Erico Nascimento (2007), realizado nesta cidade, que observou a construção, pela população de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis (LGBTT), de territórios e guetos, muitos dos quais são equivalentes aos espaços também frequentados por solteiros/as de classes médias⁹⁴.

⁹⁴ Estes locais serão apresentados no Capítulo Cinco.

Por fim, a categoria idade/geração auxilia a situar os/as participantes do estudo em grupos de idades de adultos (jovens e maduros) que compartilham a experiência de viverem em uma mesma época (AYLMER, 2001; GUERREIRO; ABRANTES, 2005). A idade se configura como um fator importante de organização social em que comportamentos, posições e situações sociais são definidas e institucionalizadas: define-se idade para votar, para casar e para se aposentar, por exemplo. A idade é, também, transitória – “somos sempre jovens ou velhos de alguém” (BRITTO DA MOTTA, 2005, p. 3) – e, ainda, tem seu componente individual, como algo próprio de cada pessoa.

O valor social que a idade adquire se dá quando referida a grupos ou categorias de idade – por exemplo, criança, jovem, “adultos plenos⁹⁵” e velhos – em termos de legitimidade ou não para realizar tal ou qual ação na sociedade. O tempo social vai ser expresso, assim, pela geração, com o reconhecimento dos indivíduos sendo feito como pertencendo a um grupo com idades semelhantes que vive em uma mesma época e fez parte de acontecimentos semelhantes. As gerações têm como referência este grupo social e a família, diferentemente das idades que são institucionalizadas. O sentido sociológico de geração é definido por Alda Britto da Motta como:

[...] um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social e que tem aproximadamente a mesma idade. E por isso mesmo estão expostos à aproximadamente os mesmos tipos de eventos ou circunstâncias (2005, p. 5).

A categoria idade/geração auxilia a refletir sobre as mudanças nos processos de transição para a vida adulta e no que, socialmente, se espera dos adultos visto que esta fase da vida tem ganhado um caráter dinâmico em meio as exigências do mercado de trabalho e da diversidade da vida pessoal – afetiva, conjugal, familiar (CAMARANO et al., 2006; AYLMER, 2001; GUERREIRO; ABRANTES, 2005).

⁹⁵ Este termo é utilizado por Alda Britto da Motta (2005) para referir a importância dos adultos na sociedade. Marialice Forracchi também aponta o valor dos adultos: “Toda sociedade elabora uma noção ideal de ‘adulto’, na qual estão sintetizadas as suas aspirações mais ambiciosas, seus valores mais raros, suas normas mais características, numa palavra, a essência do seu *ethos*. Esse ideal de adulto constitui o ponto máximo da sua humanização, a demonstração viva da riqueza e da variedade das suas potencialidades, a prova incontestável da sua justiça e envergadura moral” (1972, p. 19).

Definidos os pressupostos da realização de uma pesquisa feminista e dos usos de gênero de forma interseccionalizada com outras categorias sociais que são importantes para esta tese, aponto um último elemento relevante para o estudo: fazer pesquisa feminista é também discutir as desigualdades em que se pautam as relações sociais e dar voz⁹⁶ a sujeitos e temas que tiveram pouca centralidade em estudos acadêmicos, como as pessoas solteiras, que ficaram à margem da sociedade quando o modelo de família conjugal se consolidou, segundo análises da historiadora Cláudia Maia (2011). Mesmo entre os estudos feministas, ainda que existam muitas pesquisas e discussões sobre as mudanças do papel das mulheres na sociedade e na família, os estudos sobre a “solteirice” não foram privilegiados apesar da importância de as mulheres terem levantado bandeiras contra a obrigatoriedade do casamento e pregado o respeito às escolhas e vivências fora de relacionamentos mais convencionais, de acordo com Jill Reynolds, que afirma:

A ‘solteirice’ é um tema importante para o feminismo: no entanto, este tema tem sido deixado à margem das teorizações feministas. Enquanto o feminismo tem dado atenção às possibilidades das mulheres viverem de forma independente dos homens e moldarem suas vidas de forma ativa, muitos dos debates têm focado na desigualdade de poder nas relações entre homens e mulheres. (2008, p. 12-13).

Assim, esta pesquisa busca colaborar para o resgate da temática no campo dos estudos feministas e dar visibilidade ao estudo das pessoas que estão na condição de solteiras.

2.2 O USO DOS MÉTODOS MISTOS

Sabendo que a apreensão da realidade das vivências dos sujeitos investigados não se dá de forma linear nem será possível em sua completude, optei por uma estratégia metodológica mista, com a combinação de técnicas quantitativas e qualitativas, para obter uma compreensão maior do fenômeno estudado.

⁹⁶ O uso da expressão “dar vozes” é recorrente em pesquisas feministas, devido ao propósito de desinvisibilizar temáticas socialmente importantes, mas que foram desprivilegiadas dos estudos acadêmicos. Faço a ressalva de que mencionar o “dar voz” não quer dizer que os sujeitos das pesquisas não têm voz: eles têm e falam por si no cotidiano. Nos estudos acadêmicos, no entanto, essas vozes serão ouvidas a partir de direcionamentos metodológicos e analíticos feitos pelo/a pesquisador/a.

Duas premissas que fundamentam o uso dos métodos mistos são apontadas por Jennifer Mason, sendo a primeira que “a experiência social e as realidades vividas são multidimensionais e que o entendimento destas é empobrecido e pode ser inadequado quando a visão desses fenômenos é feita por uma única dimensão”. A autora exemplifica com uma situação de pesquisa que busca investigar a relação entre uma mãe e uma filha, mostrando como esta relação pode ser vista em diversas dimensões e que, para os diversos aspectos, há a necessidade de metodologias e métodos que “abram nossa perspectiva para a multidimensionalidade das experiências vividas”⁹⁷ (2006, p. 10; 11). Argumenta ainda que é preciso pensar criativamente e multidimensionalmente sobre métodos e sobre as próprias questões de pesquisa.

A segunda premissa é a de que “as vidas sociais (e multidimensionais) são vividas, experienciadas e ordenadas simultaneamente nas escalas macro e micro” (MASON, 2006, p. 12). Sendo as ideias de macro e micro construções científicas, elas podem ser vistas como pautadas no próprio dualismo da ciência, que inclui o público *versus* o privado, o social e cultural *versus* o individual, a estrutura e a agência, objeto e sujeito e assim por diante. Para a autora, assim como para as teóricas feministas, estes dualismos são transcendidos na experiência vivida e, da mesma forma, devem ser transcendidos na ciência. Esta transcendência se dá considerando que os diversos elementos estão conectados entre os citados domínios multidimensionais.

Jill Reynolds (2008) considera que a “solteirice” engloba um conjunto de significados e práticas complexas. Assim, esta tese lida com construções de sentidos ou significados sobre a “solteirice” a partir de experiências de homens e mulheres que estão na condição de solteiros/as. Estes dois elementos – construções de sentidos e experiências – englobam as multidimensões que Jennifer Mason (2006) discute. Os sentidos são construídos a partir de um discurso social, de representações sociais de um fenômeno percebidas socialmente, assim como por cada indivíduo. A noção de experiência dialoga com o que o historiador Edward Thompson (1981) propõe: ser uma “resposta mental e emocional seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a

⁹⁷ Esta autora foi consultada no original, em inglês, assim, as citações diretas e os conceitos aqui expressos são traduções livres.

muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”⁹⁸ (THOMPSON, 1981, p. 15 apud MACEDO, 2008, p. 74).

A socióloga Márcia Macedo, utilizando este conceito para trabalhar com mulheres chefes de família de classe média em Salvador, considera que a referência de Thompson (1981) permite observar que a experiência vivida, além de pensada, é também sentida, o que traz o estabelecimento de um “nexo mais orgânico entre as dimensões mais estruturais e a da subjetividade” (2008, p. 75). Neste processo, Thompson vê os sujeitos como ativos, nas situações experienciadas, porque são também construtores de estratégias de enfrentamento à lógica dominante. Os sujeitos experimentam situações objetivas e, simultaneamente, tratam esta experiência em sua consciência e sua cultura, agindo, assim, sobre a situação.

O desafio de estudar experiências pessoais, as práticas sociais e os seus significados em torno da condição de solteiro/a está relacionado à própria complexidade do ser humano e da vida social. Por um lado, o que é dito não é, exatamente, o que as pessoas fazem; por outro lado, o que elas fazem, muitas vezes, não pode ser expresso em palavras. Para acrescentar, o material construído através de diferentes métodos é sempre analisado de acordo com a interpretação do/a pesquisador/a, o que é feito com base no seu ponto de vista – do lugar pessoal, social e, principalmente, das suas referências teóricas. Desta forma, a realidade não pode ser apreendida tal como ela é, mas pode-se chegar perto.

2.2.1 FASE 1: EXPLORAR EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS SOBRE A “SOLTEIRICE”

Para trabalhar os sentidos e experiências de “solteirice” entre adultos/as de classes médias, primeiramente utilizei grupos focais, um instrumento eleito para mapear e explorar os principais sentidos e significados de viver só a partir de experiências de homens e mulheres, de forma a levantar algumas hipóteses ou perguntas de pesquisas, em três eixos: a) opiniões sobre a “solteirice”; b) o morar sozinho/a; e c) a solidão. Isto possibilitou explorar dimensões da “solteirice” e seu significado maior, a liberdade, sendo o primeiro ponto de impulso para o uso de outros instrumentos que visavam captar mais detalhadamente estas dimensões

⁹⁸ THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

identificadas nos grupos focais e os costumes e práticas de solteiros/as de classes médias vivendo na cidade de Salvador.

O grupo focal foi escolhido em função de suas características: o de poder trabalhar simultaneamente com um conjunto de pessoas selecionadas pelo/a pesquisador/a, com experiências similares, para discutir e comentar o tema objeto da tese a partir da reflexão e do compartilhamento de suas experiências pessoais (GATTI, 2005; MINAYO, 1995). Neste estudo, a similaridade das pessoas estava no fato de que todas não estavam vivendo maritalmente, ou seja, estavam solteiras, moravam sozinhas e pertenciam à classe média.

Para Bernadete Gatti (2005), em pesquisas nas áreas de Ciências Sociais e Ciências Humanas, o grupo focal tem por objetivo identificar, a partir das trocas realizadas, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, o que não seria possível tratar com outros métodos, visto que, nesta técnica há a possibilidade da interação entre as pessoas participantes que pode produzir um efeito benéfico, já que uma pessoa pode ver que sua experiência e suas opiniões podem ser compartilhadas por outras pessoas ou divergirem delas. O uso do grupo focal para pesquisas pode gerar, inclusive, a possibilidade de reflexão para a vida pessoal de cada participante acerca do que está sendo discutido no grupo.

Há relatos de pesquisas utilizando a metodologia de grupo focal que geraram um efeito, inclusive, terapêutico para os/as participantes, como o estudo monográfico sobre a sexualidade em mulheres (solteiras, independentes financeiramente e pertencentes à classe média) no climatério, realizado por Josefa Carvalho (2003), em Salvador. Nesta pesquisa, muito embora o objetivo de criação do grupo não tenha sido terapêutico, as mulheres relataram este efeito, inclusive, demandando a possibilidade de continuidade dos encontros. Para Bernadete Gatti (2005), uma reflexão em grupo permite, ainda, compreender o processo de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como as práticas e comportamentos em relação a fatos e eventos específicos, dentro de uma coletividade.

Para a primeira etapa do processo de investigação, foram realizados três grupos focais, no ano de 2009, com duração de duas horas cada, cujo material foi gravado em áudio e posteriormente transcrito. Participaram dos grupos quatro mulheres e três homens, todos com idades acima de 30 anos, solteiros/as (ou seja, sem uma relação marital ou uma relação estável no momento, incluindo pessoas

separadas e que nunca haviam se casado) e que estavam vivendo sozinhos, em bairros de status socioeconômico médio/alto, em Salvador (Jardim Apipema, Caminho das Árvores, Pituba, Costa Azul e Brotas). A participação das pessoas variou em cada grupo, em função de sua própria disponibilidade, o que não prejudicou o andamento do estudo já que a proposta era discutir temas diferentes em cada grupo sem focar no processo grupal e na vinculação entre os participantes, como se faz em um grupo de cunho mais terapêutico.

Assim, o primeiro grupo discutiu o que era *ser* ou *estar* solteiro/a e como eles/as viam esta experiência na cidade de Salvador. No segundo encontro, tratou-se da moradia unipessoal: as vantagens e desvantagens do morar só e, no terceiro, da solidão, buscando investigar se este sentimento está presente na vida de quem mora só e está solteiro/a e, quando sim, como este sentimento é experienciado e como lidam com ele. Outras questões emergiram no decorrer da conversação nos grupos tais como opiniões sobre o casamento e a comparação da “vida de casado/a” com a “vida de solteiro/a”, comportamentos de homens e mulheres na paquera, expectativas com relação aos relacionamentos amorosos mais estáveis, opiniões e curiosidades sobre comportamentos e práticas homoeróticas.

Para a análise do material produzido nos grupos, foi utilizada a análise de conteúdo que permite, a partir de categorias analíticas, discutir os principais temas do estudo. Foram importantes, na construção dos dados, as categorias sobre a “solteirice” que foi definida a partir das seguintes dimensões: a) estilo de vida – vivenciado por quem incorpora a “solteirice” como parte das escolhas de vida e da identidade, podendo dizer, por exemplo, “eu *sou* solteiro/a”; b) estado civil – em contraposição ao casamento, englobando discussões sobre representações e lugares sociais ocupados pelas pessoas solteiras e pelas casadas, assim como debates em torno das expectativas do casamento, da busca de uma “pessoa ideal” e de uma “relação ideal”, da mudança de status, cabendo, assim, dizer “*estou* solteiro/a”, marcando a transitoriedade deste lugar; c) solidão – uma dimensão que foi também emergente, mas não no seu sentido negativo (como, no início da pesquisa, imaginei que seria⁹⁹), e sim como uma experiência que favorece o

⁹⁹ Por partir de um primeiro pressuposto de que a solidão deveria ser vista desde seus elementos negativos demandando a criação de estratégias para lidar com estes, muitas questões postas para os/as participantes (nos grupos focais e questionários) foram formuladas neste sentido. A concepção sobre solidão foi, contudo, incorporando outra

crescimento pessoal; d) “liberdade” – por fim, na conversa realizada nos três encontros de grupos focais, esta dimensão emergiu com força como o principal significado da “solteirice”, representando e resumindo a condição de *ser/estar* solteiro/a e relacionada a autonomia, privacidade e à possibilidade de fazer escolhas individuais.

Nos grupos também emergiram informações enriquecedoras relativas a costumes de classe em termos de lazer, redes de relações de amizade e as relações afetivo-sexuais de cunho mais transitórios, além de comportamentos de gênero que marcam essas vivências.

2.2.2 FASE 2: CONSTRUÇÃO DE PERFIS DE SOLTEIROS/AS

Nesta fase, foi utilizado um questionário estruturado para construir o perfil de homens e mulheres solteiros/as de classes médias em Salvador, explorando algumas questões tratadas nos grupos focais, no que se refere às dimensões da “solteirice”, incluindo outras que pudessem captar tendências gerais que caracterizariam as vivências em torno das práticas relacionais, sexuais, de trabalho e de lazer de pessoas solteiras morando sozinhas. A escolha de um instrumento quantitativo para captar o perfil ou os perfis de solteiros/as de classes médias considerou que pouco se conhece ainda sobre esta população e ganhou uma grande dimensão nesta pesquisa, pela quantidade de informações reveladas.

Para os questionários, foi considerado um tempo de “solteirice” de, pelo menos, cinco anos, para poder abarcar um período de experiência em torno da condição de estar solteiro/a, o que não foi controlado nos grupos focais. Na análise dos grupos, percebemos que o pouco tempo de vivência da “solteirice” (no caso de duas mulheres da amostra que tinham se separado há poucos meses) favorecia o recorrente olhar para a relação conjugal vivida anteriormente e não para a situação de solteiro/a presente.

Para a elaboração do questionário, que levou cerca de quatro meses, com a aplicação de dois pilotos (em fins do ano de 2010), foram considerados, além das discussões dos grupos focais, outros instrumentos utilizados em pesquisas anteriores sobre o tema das pessoas solteiras, neste caso, um questionário

dimensão ao longo da construção dos dados e a partir de novas leituras, abarcando, assim, noções mais positivas, como a de *solitude* (MANSUR, 2011).

semiaberto (ANDRADE, 2005) e um roteiro de entrevista (ANDRADE, 2007). Outros estudos sobre temas correlatos e instrumentos utilizados nestas pesquisas foram consultados e serão citados adiante. O questionário é formado por 55 questões distribuídas nos seguintes itens: a) Dados pessoais; b) Moradia; c) Lazer e costumes; d) Situação afetivo-sexual; e) Solteirice e solidão; e f) Projetos para o futuro.

Para construir as questões sobre os *dados pessoais*, foi consultado o instrumento utilizado no Exame Nacional de Cursos (ENEM)¹⁰⁰, de 2010, que contém questões padronizadas nacionalmente para obter dados referentes a cor, idade, escolaridade, ocupação, renda e religião. Outros itens foram incluídos, tais como orientação sexual, moradia e deslocamentos (passagem por outras cidades além de Salvador).

Para os dados referentes à classe social, foram considerados os critérios objetivos de renda e potencial de consumo, escolaridade, local de moradia (bairro) e os critérios subjetivos referentes aos elementos que compõem os estilos de vida, tais como as atividades de lazer, como tem sido considerado em estudos que discutem sobre as características e costumes da classe média brasileira (SOUZA; LAMOUNIER, 2010; O'DOUGHERTY, 1998; NERI, 2008).

A renda foi medida em salários mínimos (SM), considerando o valor do ano de 2011¹⁰¹ e incluindo participantes na amostra final do estudo que tivessem renda mínima de três salários mínimos¹⁰². Esta definição foi feita considerando que Marcelo Neri (2008) classifica como pertencendo à classe média, as famílias com rendimento mensal entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807,00, e como de classes mais altas (média/alta e alta), acima deste valor¹⁰³. Não incluímos a renda mínima definida por Neri (o que corresponderia a um rendimento mínimo de dois salários mínimos) para considerar pessoas que tenham renda um pouco mais alta e, também, para acompanhar a divisão de rendimento feita por Adriana Macedo et al. (2001), em estudo em Salvador, que considerou como rendimento médio o de famílias que

¹⁰⁰ Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em: 7 jul. 2010.

¹⁰¹ O valor considerado foi o de R\$545,00 – quinhentos e quarenta e cinco Reais – aprovado pela Lei nº 12.382, de 25 de fevereiro de 2011. Informação disponível em: <http://www.portalbrasil.net/salariominimo_2011.htm>. Acesso em: 20 mar. 2011.

¹⁰² O valor correspondente é de R\$1.635,00 (hum mil seiscentos e trinta e cinco Reais).

¹⁰³ Considerando o valor do salário mínimo de 2011, seriam classificadas como pertencentes à classe média, as famílias com renda entre 2 e 8,8 SM, e às classes mais altas, acima de 8,8 SM.

recebem entre três e cinco salários mínimos, e como rendimento mais alto, acima de cinco salários¹⁰⁴.

Para medir o potencial de consumo, que é visto como uma variante da definição de renda, foi utilizado o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), que define as classes econômicas A, B, C, D, E, por meio de pontuação relativa à posse de bens duráveis tais como carro, TV em cores, rádio, videocassete ou DVD, máquina de lavar roupa, geladeira e freezer. Também são considerados o número de banheiros, a quantidade de empregados domésticos e o grau de instrução do chefe de família¹⁰⁵. Assim, as famílias com mais de 35 pontos, pertencem à classe A; entre 23 e 34 pontos, à classe B. Para esta classificação, os itens com maior valor são: escolaridade (com graduação); quantidade de TV em cores, banheiro, empregada doméstica e carro (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE PESQUISA, 2008). A formação educacional é um critério unânime na literatura, para a definição da classe média como composta por pessoas com nível educacional mais alto que se soma a ocupações voltadas para trabalhos mais intelectuais (O'DOUGHERTY, 1998; SOUZA; LAMOUNIER, 2010; BOURDIEU, 2003; VELHO, 1989), daí a priorização de sujeitos com nível superior, nesta tese.

Amaury de Souza e Bolivar Lamounier (2010) realizaram um estudo quantitativo/qualitativo acerca das percepções de brasileiros sobre o pertencimento às classes sociais e, no que se refere a renda e bens de consumo, discutem como os bens referidos no Critério de Classificação Econômica Brasil são indispensáveis para uma residência de classe média, apesar de muitos deles já se encontrarem fortemente massificados, tais como TV em cores, geladeira, rádio, videocassete. Isto tornou semelhante o consumo das famílias de classe média baixa e média/alta, graças ao acesso ao crédito, que se banalizou com a estabilidade do mercado brasileiro, nos últimos anos, tornando acessíveis bens antes inacessíveis às classes mais baixas e erodindo seu valor simbólico para a definição de uma identidade de classe média. Apesar disso, o Critério de Classificação Econômica Brasil (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE PESQUISA, 2008) foi utilizado com um dos definidores de classe média para garantir que os/as participantes do

¹⁰⁴ No ano de 2001, quando o estudo foi publicado, o salário mínimo era de R\$180,00 (cento e oitenta reais), e esse valor foi atualizado para o do ano de 2011.

¹⁰⁵ No questionário (Apêndice D), ver Questões 12 – para escolaridade – e 13 – para itens medidos pelo Critério de Classificação Econômica Brasil (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE PESQUISA, 2008).

estudo tivessem o mínimo de bens de consumo, sem desconsiderar o aspecto dos bens culturais que são valorosos para as classes médias.

Na pesquisa qualitativa, Amaury de Souza e Bolivar Lamounier opinam que hoje “o consumo volta-se mais para o que se costuma denominar bens conspícuos, denotadores de prestígios, enquanto no passado a prioridade era o aumento do ativo e a poupança” (2010, p. 41). Estes bens seriam os discutidos por Maureen O’Dougherty (1998), ao descrever os autorretratos das classes médias paulistanas: o consumo de bens culturais como prioridade, destacando determinadas atividades de lazer como ida a cinema, teatro e outros eventos artísticos, passeios no *shopping* e viagens, além do investimento na formação educacional, como também foi observado em estudo de Márcia Tavares (2008) sobre solteiros/as de classe média em Salvador e Aracaju.

Para a composição das questões referentes ao *lazer* no questionário utilizado nesta tese, estas tiveram como base estudos sobre solteiros/as em Salvador (ANDRADE, 2007; TAVARES, 2008) e uma pesquisa de mercado realizada pelo grupo Ipsos (2008) que investigou práticas de lazer entre solteiros/as de nove capitais brasileiras¹⁰⁶.

Em relação à *situação afetivo-sexual*, foram utilizadas como referência algumas questões da pesquisa GRAVAD – Gravidez na adolescência e sexualidade (HEILBORN et al., 2009), o instrumento utilizado na pesquisa de Pós-Doutorado sobre relacionamentos amorosos de Giovana Perlin (2011), além de questões e discussões de pesquisas anteriores (ANDRADE, 2005; 2007) e os temas trabalhados nos grupos focais que foram transformadas em questões objetivas.

As questões relacionadas à *solteirice, solidão e projetos para o futuro* foram construídas também com base nos trabalhos anteriores realizados por mim e nas discussões dos grupos focais, incluindo algumas questões do instrumento desenvolvido por Giovana Perlin (2011), em se tratando de avaliação de aspectos importantes da vida pessoal e projetos para o futuro. Todas as questões foram formuladas de modo que pudesse haver flexibilidade nas respostas, contendo

¹⁰⁶ O estudo mapeou práticas de lazer em um universo de 11.322.000 solteiros com idade mínima de 18 anos, nas seguintes capitais: Grande São Paulo, Grande Rio de Janeiro, Grande Salvador, Grande Recife, Grande Porto Alegre, Grande Belo Horizonte, Brasília/DF, Curitiba e Fortaleza, no período entre abril de 2007 a março de 2008. Fonte: “Estudo da IPSOS aponta perfil dos solteiros em nove mercados” Ipsos: Estudos Marplan/EGM. Disponível em: <www.ipsos.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2010

questões de múltipla escolha e com respostas que puderam ser dadas em escalas e itens abertos, para que houvesse a possibilidade do/a participante escrever outra resposta, caso sua vivência e opinião não fossem contempladas nos itens propostos. Optou-se por ter uma questão aberta que referiu a opinião sobre ser solteiro/a, cujas respostas foram posteriormente codificadas, categorizadas e analisadas.

Após reformulações no instrumento com aplicação dos pilotos, a aplicação da versão final aconteceu no decorrer do ano de 2011 e nos primeiros meses de 2012. Esta se deu pessoalmente e por *e-mail*, conforme a disponibilidade do/a participante. O acesso a voluntários/as para participar desta etapa da pesquisa ocorreu, principalmente, através da minha rede de contatos, por efeito “bola de neve” pelo qual pessoas vão indicando outras, bem como participantes do estudo indicam outras pessoas para colaborar. Também foram acessados os/as participantes dos grupos focais que pudessem responder aos questionários e/ou indicar pessoas para tal finalidade¹⁰⁷.

No decorrer do processo, houve um esgotamento de indicações da minha rede de contatos, demandando a utilização de outras estratégias: o uso das redes sociais para divulgar a pesquisa, a publicação de artigo em veículos de comunicação locais¹⁰⁸ e, por fim, o contato com pessoas em locais de lazer – bares e boates – em Salvador, principalmente os localizados nos bairros da Barra e no Rio Vermelho.

Nesse processo, algumas dificuldades foram enfrentadas, principalmente para acessar homens solteiros. Primeiro, devido à extensão do questionário, que inibia a participação já que nem todas as pessoas com quem tive contato dispunham de tempo para colaborar. Segundo, muitos dos homens acessados e indicados para participação se mostraram pouco dispostos a colaborar, por vezes desacreditando

¹⁰⁷ Fiz contato com os/as sete participantes, sendo que Rafael estava morando fora do país, Simone e Gabriela não residiam mais sozinhas; Natália não dispunha de tempo para colaborar; e Cristiano não respondeu a *e-mail* nem a contato telefônico. Ricardo e Mar, no entanto, se propuseram a participar respondendo ao questionário, realizando também entrevista e diários. No capítulo seguinte, encontram-se dados sobre estes participantes, mas já aponto que estes nomes são fictícios para preservar suas identidades e que alguns destes nomes foram escolhidos pelos/as próprios/as participantes.

¹⁰⁸ Um pequeno texto retratando a “solteirice” em Salvador foi escrito para o site Aldeia Nagô, que divulga eventos sociais na cidade. Disponível em: <<http://www.aldeianago.com.br/content/view/5318/3/>>.

No decorrer da realização do Doutorado, dei entrevistas para rádios e dois programas de televisão tratando de temas sobre o estudo, o que favoreceu a sua divulgação. Também criei um blog com essa função: <www.solteirice-salvador.blogspot.com>.

que a pesquisa tivesse realmente fins científicos. Os comentários sobre a pesquisa eram no sentido de considerar que o questionário tinha o objetivo de encontrar uma paquera ou ser uma desculpa para iniciar uma conversa com homens solteiros, já que o contato era feito principalmente por mulheres: por mim e auxiliares de pesquisa (que eram mulheres em sua maioria, apesar de haver homens)¹⁰⁹; outros mostravam interesse no momento do contato, mas não davam retorno de imediato, principalmente quando solicitavam o encaminhamento do questionário por *e-mail*¹¹⁰.

Em diversos momentos, no contato com os homens, tivemos de usar o bom humor para poder lidar com situações em que eles duvidavam do caráter científico do estudo, principalmente nos espaços de lazer que, a priori são propícios para a paquera e, por isto, o estranhamento quando as pessoas são abordadas para participar de algum estudo. E abordadas por mulheres (solteiras).

Ao contrário dos homens, as mulheres foram mais colaborativas, não tendo sido difícil chegar ao número de mulheres necessário para compor a amostra; pelo contrário, foi excedido o número esperado incluindo mulheres que tinham o perfil fora do previsto para o estudo: algumas tinham menos de 30 anos, outras compartilhavam residência com amigos/as, colegas ou familiares e algumas não atendiam a todos os critérios de classe social esperados; então, estes questionários tiveram que ser descartados. A forma como homens e mulheres se disponibilizaram a participar do estudo já mostra como as diferenças de gênero e a relação entre pesquisadora e pesquisando/a fazem parte do processo da pesquisa.

Para poder ter uma amostra que fosse passível de análise estatística permitindo dar algum grau de generalização aos dados – sem a pretensão de ter um número de sujeitos que fosse representativo da população de solteiros/as da cidade

¹⁰⁹ Conteí com o auxílio de amigas, principalmente de Helena Miranda, que foram comigo a bares e boates. Para a aplicação dos questionários, conteí com o auxílio de estudantes de Psicologia da Faculdade Ruy Barbosa onde trabalhei no primeiro semestre de 2012 e coordenei o Programa de Experiência “Estudo sobre estilo de vida de solteiros/as em Salvador”.

¹¹⁰ Cabe aqui uma observação sobre o uso da internet na pesquisa: se, por um lado, a internet facilitou a divulgação do estudo através das redes sociais, em sites como <www.facebook.com> e em *blogs*, bem como a circulação de informações por *e-mail*, por outro lado, o uso deste recurso teve a característica de impessoalidade na forma de se fazer o contato com as pessoas, já que o/a pesquisador/a não se faz presente fisicamente e a efetiva participação das pessoas pode não ocorrer, ou ser mais demorada. Além do uso para a realização do estudo em Salvador, a internet também foi um veículo utilizado para o gerenciamento da aplicação dos questionários e para a construção de redes de indicações de participantes, no período em que estive realizando Estágio Doutoral no Exterior, trazendo os benefícios e desafios citados.

de Salvador – foram aplicados cerca de 120 questionários, no entanto, um refinamento da amostra foi feito para que todos os critérios necessários para a participação fossem atendidos, no que se refere à idade entre 30 e 60 anos, ao tipo de moradia (morar sozinho/a) e à localização do domicílio – bairros de classe média/alta em Salvador¹¹¹, ao tempo de solteiro/a (mínimo de cinco anos), e à classe social (ter graduação/3º grau, renda mínima de três salários e pertencer à classe A/B – classificada pelo Critério de Classificação Econômica Brasil). Assim, a amostra final foi composta por 76 pessoas. Para a computação e auxílio na análise estatística (descritiva) dos dados, foi utilizado o programa estatístico SPSS versão 11.0.

As observações de campo não se limitaram a esta fase do estudo, tendo começado no Mestrado, a partir do meu trânsito por lugares de lazer¹¹², onde pude observar a dinâmica da interação entre os sujeitos e foi possível também acessar pessoas para participação na pesquisa, além de complementar dados sobre estilo de vida e vivências da “solteirice” na cidade. As observações foram anotadas em diários de campo e trazidas para análise junto com dados construídos com outros instrumentos.

Como já posto na Introdução, a escolha dos lugares foi feita também a partir de estudos sobre o tema como o que realizei anteriormente (ANDRADE, 2007) e o de Márcia Tavares (2008), quando relata sobre os espaços de lazer em Salvador, complementado com publicações em forma de guias locais e nacionais que indicavam e classificavam lugares propícios para pessoas solteiras na cidade¹¹³.

¹¹¹ Como posto na Introdução desta tese, os bairros foram classificados de acordo com dados do IBGE em relação à renda da população em áreas geográficas da cidade. Foram considerados bairros onde prevalecem população com renda média e alta – com porcentagens mais altas em grupos de salários acima de 3 salários. Ver Anexo A.

¹¹² Bares: *Bohemia* e *Santo Antônio* (Jardim Brasil/Barra); *Carangueijo de Sergipe* (Barra e Pituba), *São Jorge Butequim* e *Pós-Tudo* (Rio Vermelho). Boates: *Leopoldina* (Graça); *Twist*, *30 segundos*, *Zen*, *Borracharia* e *San Sebastian* (Rio Vermelho). Praias/Barracas de Praia (Stella Maris e Praia do Flamengo) – *Marguerita* e *Barraca do Loro*, que existiram até o ano de 2009 e eram muito frequentadas por pessoas solteiras. Estas e diversas outras barracas de praia foram fechadas em função de uma lei federal que proíbe a construção em áreas pertencentes à Marinha. No ano de 2011, a *Barraca do Loro* foi reaberta, porque construída agora em uma área mais afastada da areia da praia, e frequentei o local algumas vezes. Carnaval em Salvador: *Camarote do Gueto*, *Camarote Othon* (em 2010); *Camarote Skoll* (em 2012). Ensaio de Verão: Margareth Menezes e Carlinhos Brown (2010), este último também em 2012.

¹¹³ Guias consultados: “Guia do ócio” (SALVADOR, 2010) e sites locais: www.aldeianago.com.br; www.ibahia.com; e guia da “Revista Veja – o melhor das cidades”.

As observações também foram guiadas pelas falas dos participantes dos grupos focais ao discutirem sobre o lazer para solteiros/as na cidade.

As observações fora de Salvador não puderam deixar de ser feitas, tendo em vista que, como pesquisadora e sendo também uma pessoa que faz parte do universo da população de pessoas solteiras do país, não pude me isentar de levar este olhar em todos os espaços em que transitei durante o período da construção dos dados. Neste sentido, as observações em outras cidades não objetivavam analisar e comparar estes lugares, porque isto tiraria o foco do estudo, mas funcionaram como uma forma de atenção a outras possibilidades de territórios e práticas de sociabilidade para solteiros/as. Assim, visitei espaços de lazer em outras cidades dentro e fora da Bahia, e do país¹¹⁴, principalmente no período que realizei estágio doutoral no Exterior.

Após as análises deste material, que trouxe um retrato mais geral/social das vivências em torno da “solteirice” e de perfis de pessoas, a fase seguinte elegeu o uso de material biográfico.

2.2.3 FASE 3: O ESTUDO BIOGRÁFICO DE SOLTEIROS/AS

Esta fase utilizou material de pesquisa biográfica para uma melhor compreensão das motivações e contextos que levaram as pessoas a estarem solteiras e morando sozinhas, ampliando também dados sobre as dimensões da “solteirice” e sobre as vivências relacionais atuais em uma amostra de seis pessoas, três homens e três mulheres, escolhidas de forma aleatória em relação ao perfil, mas de forma a incluir pessoas de diferentes orientações sexuais¹¹⁵.

¹¹⁴ Na Bahia: espaços no verão em Porto Seguro e em Morro de São Paulo. Em outros estados: boates em Florianópolis e Belo Horizonte (em 2008) e no Rio de Janeiro (em 2010 e 2011). Fora do país, fui a Buenos Aires, Argentina, onde visitei um pub (em 2008); em Roma e Zurique, fui a boates (em 2009) e tive a experiência nesta viagem à Europa, de estar sozinha em espaços de lazer e turismo em Roma e Paris. No período que morei em Manchester (em 2011), no Reino Unido, pude visitar diversos pubs e boates nesta cidade, em Londres e em curtas viagens que fiz a outras cidades, além de poder conviver com pessoas adultas e solteiras que, como eu, estavam fazendo intercâmbio, e com elas compartilhar experiências desta vivência, observando proximidades e diferenças do Brasil e outras culturas.

¹¹⁵ A inclusão dos sujeitos também considerou que em seus modos de ver a “solteirice” houvesse elementos que dialogassem com as dimensões deste conceito, o que foi observado em opiniões dadas pelos participantes dos grupos focais e em respostas dos questionários. As entrevistas também foram feitas considerando a disponibilidade dos sujeitos, tendo em vista as dificuldades enfrentadas para encontrar pessoas disponíveis

A pesquisa biográfica é utilizada para abranger uma série de tipos de pesquisas (como na história oral) e dados biográficos (como textos, materiais orais, visuais e multimídia). O uso de métodos biográficos tem a ver com a memória, um termo complexo que possui uma variedade de noções e abordagens: memória expressa recordações do passado que são lembradas, narradas, reinterpretadas e, às vezes, rejeitadas e esquecidas, de acordo com Brian Roberts (2002). Para a atual pesquisa, foi importante o resgate mnêmico da vida pregressa dos/as participantes, situando os processos que, ao longo das suas histórias de vida, favoreceram a vivência atual da condição de solteiro/a.

Assim, o material biográfico eleito no estudo foi baseado em entrevista de história de vida, tal como outros trabalhos com mulheres que privilegiaram esta técnica (MAY, 2001; HITA, 2004; MACEDO, 2008; TAVARES, 2008, dentre outros estudos). A história de vida é definida como a “história que uma pessoa escolhe para falar sobre a vida que ele ou ela viveu, contada da forma mais completa e honesta possível [...] geralmente como um resultado de uma entrevista guiada por outra pessoa”¹¹⁶ (ROBERTS, 2002, p. 3).

No caso deste estudo, as entrevistas foram guiadas pelo que Sara Wilson (2007) chama de “linha da vida”, uma técnica que foi utilizada por Gabriela Hita (1997) em estudo sobre fragilidade social em mulheres da periferia¹¹⁷ e que também tem sido usada em atividades realizadas com mulheres em formato de oficinas, em organizações feministas, como já pontuado na Introdução. O uso desta técnica também considerou as questões que elaborei no Mestrado às quais retornei agora com a ida a Manchester.

Para a realização da entrevista guiada pela “linha da vida”, o/a participante desenha uma linha em uma folha de papel em branco na qual pontua

para a participação. No total, foram realizadas nove entrevistas, mas três delas (a de duas mulheres e a de um homem) não foram incluídas na amostra final porque uma delas não foi gravada devido a problemas no áudio (a entrevista de uma mulher solteira na faixa etária dos quarenta anos) e as outras duas porque os/as participantes eram de classe média mais baixa (uma mulher que residia em bairro de classe baixa, apesar de ter graduação e renda de três salários, e um homem com origem familiar e social também mais baixa).

¹¹⁶ Este autor foi consultado no original, em inglês, assim, as citações diretas e os conceitos aqui expressos são traduções livres.

¹¹⁷ Nesta pesquisa de Hita (1997), identificava-se a localização, na linha da vida de mulheres de classe trabalhadora (em aberto), a presença e a avaliação subjetiva de experiência vivenciada sobre 34 diferentes eventos vitais objetivando captar quais deles tinham efeitos protetores ou vulnerabilizadores à sua saúde mental.

momentos e fases de sua vida que considera importantes para si. O relato destes momentos retrata assim, a sua trajetória de vida, de modo a contextualizar o lugar social, histórico, familiar e relacional desde onde a pessoa está falando, visando compreender este contexto e especialmente, as principais influências que conduziram o/a informante à “vida de solteiro/a” atual. Os dados destas entrevistas foram analisados qualitativamente e apresentados nos capítulos de dados de modo a dialogar com as informações construídas com os outros instrumentos. As entrevistas guiadas pela linha da vida funcionaram também como um modo de iniciar um contato mais próximo com o/a participante, facilitando também a realização dos diários.

2.2.4 FASE 4: AS ROTINAS RELACIONAIS RETRATADAS EM DIÁRIOS

O objetivo dos diários era construir informações sobre as rotinas relacionais dos/as participantes, ou seja, quais as redes de relações sócio-afetivas mais significativas para cada pessoa e os lugares onde os contatos com essas redes se deram – os territórios na cidade, em casa ou nos espaços virtuais –, possibilitando confirmar dados sobre rotina, lazer e sociabilidades possíveis na condição de solteiros/as.

Os diários foram aplicados às pessoas que participaram das entrevistas, no entanto, como uma delas não o devolveu, ao final, foram cinco os diários analisados. Foram realizados no mês de dezembro de 2011 e construídos durante sete dias, período em que os/as participantes deveriam anotar o nome das pessoas com quem mantiveram contato, o tipo de relação que mantém com elas, onde este contato aconteceu e o tempo/hora. Após o período de sete dias, foi agendada uma entrevista de devolução dos diários na qual cada participante explicava o que tinha registrado no instrumento, apresentando o que foi destacado. Todo o material foi gravado, transcrito e analisado por análise de conteúdo, dialogando com os outros dados do estudo.

O processo de construção dos diários teve uma repercussão positiva para os/as participantes que foram levados a refletir, principalmente, sobre as suas redes de relações. Ana Maria relata que, em sua rotina, considerava que passava muito tempo sozinha e tinha uma “impressão de solidão” (sic). Depois que fez os diários, percebeu que são muitas as pessoas com quem mantém contato pessoalmente, por

telefone e internet, o que faz com que a solidão seja somente uma impressão. Em suas palavras:

Ana Maria – *Eu gostei muito de fazer isso, sabe, porque às vezes eu acho que fico com uma impressão, assim, de solidão muito grande e eu fui vendo que eu converso com um monte de gente durante o dia [...] é como se elas estivessem aqui porque ficou uma coisa muito próxima, sabe. [...].* (Ana Maria, 50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasiliense, já morou junto).

Esse tipo de reflexão faz com que o uso dos diários também seja visto como um recurso terapêutico. No contexto de pesquisa, o seu uso é discutido por Don Zimmerman e Lawrence Wieder (1977) como uma técnica que pode ser utilizada para resolver algumas limitações em observações antropológicas.

No caso presente, embora não seja esta uma pesquisa antropológica, o uso dos diários complementou outros instrumentos utilizados, trazendo informações sobre como e onde são estabelecidas as redes de relações e oferecendo também um olhar para as rotinas ali expostas por serem estas pessoas destacadas no instrumento, de forma ordenada, permitindo visualizar como a dinâmica relacional acontecia sem precisar necessariamente da presença da pesquisadora. Assim, dados das redes de relações que emergiram nos grupos focais e foram sinalizadas nos questionários puderam ser confirmados, possibilitando discutir uma tendência da vida urbana – e para quem está solteiro/a – que é o lugar central em que têm sido postas as relações de amizade, o que será discutido em maior amplitude, nos capítulos analíticos.

Diários e entrevistas neles baseadas – o que se chama de método “diário-entrevista” – são úteis para indicar fenômenos que não são suscetíveis à observação porque não são focáveis ou acontecem fora de um tempo ou de limites ambientais definidos e são passíveis de serem alterados pela presença do/a observador/a, de acordo com os autores mencionados. Assim, o uso dos diários neste estudo funciona como uma estratégia de acesso às práticas cotidianas dos/as participantes e a suas redes de relações que não poderiam ser investigadas por meio da observação.

O termo diário é utilizado para todo registro gravado cujas anotações são feitas seguindo uma cronologia, como explicam Don Zimmerman e Lawrence Wieder:

Indivíduos são autorizados pelo investigador a manter um registro por um período de tempo específico seguindo com um conjunto de instruções. O emprego do material do diário neste sentido, quando combinado com uma entrevista (ou séries de entrevistas) baseadas no diário, é algo similar ao 'método de história de vida'. (ZIMMERMAN; WIEDER, 1977, p. 4).

Escrever atividades diárias permite coletar a performance da pessoa sem a presença do observador. Don Zimmerman e Lawrence Wieder descrevem uma pesquisa feita com o objetivo de colher dados sobre atividades diárias das pessoas e, para explicar o uso de diários, argumentam que, não tendo sido suficientes as entrevistas guiadas pela "linha da vida" utilizadas no estudo, os diários foram então, usados tendo algumas perguntas centrais como guia:

O que estas pessoas fazem o dia todo? Quais são as variedades de atividades que estão engajadas? Com quantas pessoas eles interagem todos os dias? Que tipo de relacionamentos há entre estas pessoas? Qual a sequência típica de eventos? E assim por diante. (1977, p. 6)

Nesta tese, as entrevistas que sucederam os diários foram guiadas por questões parecidas com as citadas pelos autores, que diziam respeito aos lugares transitados, às atividades realizadas e a informações sobre as relações estabelecidas com pessoas com as quais os/as participantes mantiveram contato, como posto anteriormente. Enquanto a primeira entrevista com base na "linha da vida" teve duração de uma hora e meia a duas horas, a segunda entrevista com base nos diários foi mais curta, durando de vinte a quarenta minutos.

O material dos grupos focais e das entrevistas guiadas pela "linha da vida" foi analisado qualitativamente. Para a análise dos diários, foi feito um levantamento quantitativo apontando a frequência das respostas em relação aos itens mais importantes dos instrumentos; da mesma forma, foram analisadas as respostas dos questionários. Apesar da quantificação de respostas, com dados mais estatísticos sobre os estilos de vida de solteiros/as, a discussão conjunta dos dados, que tem um cunho mais qualitativo e descritivo, foi exposta de modo intercalado e junto a resultados de perfis, a algumas falas ou narrativas de grupos focais e/ou entrevistas biográficas, nos capítulos analíticos, de forma a dialogarem entre si, apontando diferenças e proximidades dos dados em relação às técnicas utilizadas.

Jennifer Mason afirma as vantagens do uso de um viés qualitativo de análise para pesquisas que utilizam métodos mistos em função dos “aportes explicativos precisos por se preocupar com explicações em um sentido mais amplo do que com medidas ou causalidades” (2006, p. 16). Para a autora, a lógica da comparação de dados construídos com o uso de diferentes instrumentos combinados de forma criativa faz com que a análise foque no entendimento de distintas dinâmicas, mecanismos e particularidades de cada caso, de um modo mais holístico, e permite pensar “fora da caixa”, ou seja, dos padrões convencionais de construção de dados científicos. Outro elemento importante na lógica das explicações qualitativas é o significado do contexto, compreendido de forma multidimensional nesta dinâmica em que o “particular” é visto de forma situada com a experiência social e o entendimento do contexto (MASON, 2006).

A análise pode ser feita sob vários ângulos, quando se quer entender como a vida social é vivida em diferentes situações e também entender a relação em contextos específicos de processos e práticas. Assim, são desenvolvidas explicações que se movem entre diferentes contextos para o desenvolvimento de princípios que guiam explicações particulares. Este processo envolve, primeiro, uma explicação “contextual” cuja ênfase está em como diferentes dimensões do contexto estão juntas em relação aos processos ou questões que norteiam o estudo. Em segundo, envolve o uso da lógica comparativa para se mover entre diferentes contextos de forma a aumentar a extensão das explicações (MASON, 2006). Desta forma decorreram as análises que estão postas nos capítulos que se seguem.

CAPÍTULO 3

QUEM SÃO OS SOLTEIROS E AS SOLTEIRAS QUE MORAM SOZINHOS/AS EM SALVADOR: PERFIL SOCIOECONÔMICO

3.1 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA PESQUISA: SALVADOR E A CLASSE MÉDIA

O contexto de produção da pesquisa foi a cidade de Salvador, capital do estado da Bahia localizado no Nordeste do Brasil, em fins da primeira década do novo milênio, considerada uma metrópole que engloba outros centros urbanos formando a Região Metropolitana¹¹⁸. Sua população é de 2.676.606 de habitantes, sendo 53,32%, mulheres (em números: 1.427.305) e 46,67%, homens (ou em números absolutos, 1.249.301); na RMS, a população chega a 3.574.804, segundo dados do último censo (IBGE, 2010). Terceira região mais populosa do Nordeste, e sétima do Brasil¹¹⁹, com sua Região Metropolitana é um dos principais polos econômicos do Brasil baseando-se a sua economia na atividade de produção petroquímica, industrial e nos setores de serviço e turismo. O Produto Interno Bruto (PIB) da Região Metropolitana de Salvador equivale a 2% do PIB brasileiro, no entanto, esta capital também é conhecida pela pobreza, precariedade e informalização do trabalho.

O processo de industrialização, impulsionado, na década de 1980, com o surgimento do Polo Petroquímico, na Região Metropolitana de Camaçari, e, atualmente, com a vinda de outras grandes empresas e indústrias à região, favorece o processo de crescimento da capital baiana. Nesta evolução urbana, a dinâmica da vida social vai se transformando, gerando, também, segregações de gênero e raça, além da de classe social. Estudo de Antônia Garcia (2009) analisando características da capital baiana discute como grande parcela da população é formada por mulheres negras e pobres. A população negra (somando a população

¹¹⁸ A Região Metropolitana de Salvador (RMS), além da capital, compreende os municípios de Camaçari, Candeias, Dias d'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz.

¹¹⁹ Informação consultada em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Salvador#cite_note-IBGE_Pop_2010-1>. Acesso em: 29 maio 2012.

declarada de cor preta e parda), segundo dados do IBGE (2010) é de cerca de 80% em Salvador¹²⁰, prevalecendo este perfil desde o século XIX. A minoria branca é que vai constituir grande parte da população das classes mais abastadas na cidade, o que é visto geograficamente na ocupação de territórios locais, ou seja, pelos bairros. Em Salvador, a concentração de famílias de classes médias é de 41,4% (GUERRA, 2006¹²¹ apud TAVARES, 2008).

No levantamento feito por Antônia Garcia (2009), os bairros em que prevalece a população branca¹²² também correspondem a regiões na cidade onde a população tem maior renda que, pela divisão geográfica, são aqueles localizados predominantemente na orla ou próximos a ela, como as regiões da Vitória, Barra, Graça, Ondina, Rio Vermelho, Pituba, Costa Azul, Piatã e Stella Maris. Os bairros que adentram a orla também têm população com renda alta nas regiões do Iguatemi, Caminho das Árvores e Itagira (com 75% da população com renda acima de 20 salários mínimos)¹²³. Este é o contexto geográfico de classe e raça em que a pesquisa foi construída.

Como o estudo se volta para a classe média baiana, além do espaço geográfico, que vem combinado com a questão racial, nesta cidade, vão ser incluídos o fator econômico, a formação educacional e, principalmente, os costumes de classe, que expressam o gosto ou preferência pelo investimento na cultura, na formação educacional, além de carregar ideologia individualista e psicologizante, como defende Gilberto Velho (1989; 1994; 1995) e como tem sido reportado em trabalhos sobre o tema (O'DOUGHERTY, 1998; SOUZA; LAMOUNIER, 2010). Em

¹²⁰ Os dados do censo de 2010 apontam o aumento do número de pessoas que se declararam pretas e pardas no país, chegando a 56,8% da população, tendo Salvador como a cidade com maior número de pessoas que se declararam pretas (743.7 mil), seguida de São Paulo (736 mil) e do Rio de Janeiro (724 mil).

¹²¹ GUERRA, Alexandre *et. al.* (Org.). Atlas da nova estratificação social no Brasil, v. I, **Classe média: desenvolvimento e crise**. São Paulo: Cortez, 2006.

¹²² A porcentagem indica a população branca nos bairros/regiões: Graça (71,9%), Barra e Barra Avenida (71,7%), Itagira/Caminho das Árvores/Iguatemi (69,4%), Campo Grande, Canela e Vitória (68,6%), Pituba, Parque Nossa Sra. da Luz (67%), Chame Chame/ Jd Apipema, Morro do Gato e Morro do Ipiranga (61,9%), Stella Maris e Aeroporto (58,1%), Imbuí (52,8%).

¹²³ Na década de 1970, um estudo de Mercedes Cunha (1979) classificou os bairros da cidade por regiões, em relação à renda da população e por critérios históricos e funcionais, agrupando-os em estratos numerados de 1 a 6. De acordo com esta classificação, os estratos maiores correspondem a bairros com bom atendimento de infraestrutura e onde a população tem renda mais alta, sendo muitos deles citados pela classificação atual analisada por Antônia Garcia (2009), tais como Barra, Graça, Jardim Apipema, Pituba e Vitória, entre outros.

Salvador, Márcia Tavares sistematiza o autorretrato da classe média, a partir de depoimentos de homens e mulheres solteiros/as que nunca se casaram, a respeito dos seus costumes rotineiros:

[...] o auto-retrato desenhado pelos informantes revela que, em Salvador, ser classe média é investir nos estudos e carreira profissional para adquirir estabilidade financeira e/ou mobilidade social; possuir imóvel e carro próprio; freqüentar academias, restaurantes, bares e *shoppings* após um exaustivo dia de trabalho; ler livros de auto-ajuda e assistir filmes de entretenimento; recorrer a terapias alternativas; visitar outros lugares para abstrair da dedicação quase exclusiva ao trabalho e, se a solidão acena, buscar alento, mesmo que temporário, nas salas de bate papo e comunidades do *Orkut*¹²⁴, em que se tece o encontro entre pares, ainda que fugidio (TAVARES, 2009, p. 14).

Considerando as discussões citadas, este capítulo traz as características da amostra, apontando aspectos da classe média em Salvador, tendo as atividades de lazer, que também fazem parte dos costumes, discutidas de modo específico no Capítulo Cinco.

3.2 APRESENTAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra geral da pesquisa possui rendas diferenciadas (variando entre 3 e 30 salários mínimos, como apresentarei nos dados dos questionários), tendo a posição de classe definida não apenas pelo rendimento, considerando que a “inserção de classe tanto ocorre através da família de origem quanto pela ascensão profissional” (TAVARES, 2009, p. 4). Contudo, a apresentação dos/as participantes como membros de classe média, nesta tese, é construída através da prioridade conferida à manutenção de uma moradia individual que requer, além de recurso financeiro, também a adoção de um estilo de vida urbano condizente com um costume presente em pessoas mais intelectualizadas (MAURITTI, 2011), assim como outras características similares às percebidas no estudo de Márcia Tavares (2008): o investimento em educação e cultura, conquistas profissionais, os lugares que frequentam, as viagens que realizam dentro e fora do país e projetos de vida no âmbito profissional, afetivo, cultural e social. A partir destes elementos, apresento

¹²⁴ Site de relacionamento: www.orkut.com.

os/as participantes dos grupos focais, das entrevistas e diários, bem como dos questionários¹²⁵.

3.2.1 PARTICIPANTES DOS GRUPOS FOCALIS

Participaram dos grupos focais quatro mulheres e três homens, com idades entre 31 e 47 anos (média de 38 anos), heterossexuais, sendo um gay; todos declararam ser de cor parda ou branca, solteiros/as, sem um relacionamento amoroso estável no momento da realização dos grupos. Das participantes, uma era separada e uma divorciada (há menos de cinco anos); uma morou junto com um namorado e uma nunca se casou. Entre os homens, todos nunca se casaram nem compartilharam moradia com companheira/a, e um deles tem um filho. Quanto à formação, todos/as possuem graduação, com exceção de um homem, empresário, que tem o segundo grau completo¹²⁶ e exercem ocupações diversas como professor/a, profissional na área jurídica e dentista. A renda declarada variou entre 4 e 10 salários mínimos, sendo que um homem possui renda de 22 salários mínimos¹²⁷.

A esses participantes foram dados os seguintes codinomes: Natália – 41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, professora universitária, soteropolitana, nunca se casou; Mar – 37 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, separada; Gabriela – 32 anos, branca, heterossexual, professora universitária, paranaense, já morou junto; Simone – 32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada; Ricardo – 46 anos, pardo, heterossexual, biólogo e professor, baiano natural do interior do estado, nunca se casou e tem um filho; Cristiano – 31 anos, pardo, homossexual, jornalista e servidor público,

¹²⁵ No Apêndice I, os/as participantes são apresentados/as em quadros, sintetizando suas características e a forma de participação no estudo.

¹²⁶ A inclusão de um participante que não tem o terceiro grau se deu porque este critério não foi estabelecido *a priori*, na realização dos grupos focais. Além disso, este participante, apesar de não ter graduação, é empresário, mora sozinho e tem um estilo de vida de classe média, o que pode ser observado através do que descreveu como seus costumes e experiências de solteiro, principalmente, em termos de lazer – os bares e boates que citou são os de status médios na cidade – e o costume de viajar, além da condição de morar só em bairro de estrato alto na cidade.

¹²⁷ O valor vigente no ano de 2009 era de R\$510,00 (quinhentos e dez reais).

soteropolitano, nunca se casou; Rafael – 47 anos, pardo, heterossexual, empresário, soteropolitano, nunca se casou e já foi noivo.

Desse grupo, Mar (já com 40 anos) e Ricardo (com 49 anos, no período) participaram das entrevistas e realizaram os diários, em 2011, período em que ambos continuavam solteiros/as, sendo que Ricardo estava namorando há um ano e meio. Aqui apresento brevemente as características e contribuições nas conversas nos Grupos Focais:

Natália (41 anos) nasceu em Salvador, trabalha como professora universitária e já residiu por menos de um ano no interior da Bahia. Mora sozinha há três anos, em apartamento próprio, no bairro Costa Azul. Decidiu morar sozinha depois de ter passado quase um ano dividindo apartamento com sua irmã. A princípio, comprou o apartamento pensando em casar, depois gostou da ideia de ter um lugar para si, optando por permanecer sozinha. Reside próximo a sua família de origem (pais e irmã) e os tem como apoio em momentos de doença ou outra necessidade, além de poder contar com suas redes de amigos/as. Nunca foi casada e não pretende se casar nem ter filhos, apesar de já ter desejado constituir família. Seus relacionamentos de namoro costumam durar pouco menos de um ano; foi pedida em casamento pelo último namorado, mas preferiu continuar solteira para manter a liberdade que conquistou o que, para ela, significa organizar a rotina ao seu jeito e não ter a quem dar satisfações sobre sua vida.

Vivencia momentos de solidão quando sente falta de alguém para ter relações sexuais e, nestas situações, investe em alguma atividade prazerosa em casa, para se distrair, ou telefona para algum ex-namorado para fazer sexo sem compromisso. Nos momentos de lazer, gosta de ficar em casa, encontrar com amigos/as e viajar. Para um futuro relacional, considera que poderia ter um namorado, mas “cada um em sua casa” para não perder a liberdade que conquistou. Nos grupos focais, frisou como a independência feminina possibilita fazer escolhas que não necessariamente se voltam para o casamento e, por vezes, sua opinião era confrontada com a dos homens participantes que “estranhavam” ela afirmar que não quer se casar. As opiniões de Natália, nos grupos, se aproximam da ideia de adoção de um estilo de vida de solteira que rompe com expectativas em torno do casamento.

As outras participantes, Gabriela, Simone e Mar não afirmaram esta vontade de permanecerem solteiras, como Natália, apesar de gostarem do estilo de

vida adotado, percebendo, assim, a solteirice como uma vivência que pode ser transitória.

Gabriela (32 anos) migrou para Salvador há cinco anos, tendo antes residido em outras cidades do sul e sudeste do país, e reside em um apartamento alugado no bairro Brotas. Estava sem namorado há um ano e demonstrava o desejo de se casar com uma pessoa por quem ela sentisse amor, porque já havia passado pela experiência de compartilhar a moradia com um companheiro, por cerca de oito anos, e considerou esta vivência positiva. Apesar desta vontade, sente-se feliz na condição de solteira tendo uma rotina que inclui, além do trabalho, aulas de forró e o costume de sair com suas amigas para dançar, porém, também gosta de ficar em casa no lazer. Com relação ao sentimento de solidão, afirma que este existe devido à falta de uma companhia amorosa e não por falta de sexo.

Descreveu a si mesma como uma pessoa liberal, em termos de comportamento sexual, porque não tem problema em transar com uma pessoa sem estar envolvida emocionalmente. Considera que sexo e afeto não estão necessariamente relacionados e que o sexo traz benefícios para a saúde. Costuma fazer sexo com recém-conhecidos e com pessoas conhecidas (amigos). Considera que, por terem a liberdade de fazer sexo com quem quiser e quando quiser, as mulheres solteiras tendem a praticá-lo com mais frequência do que as casadas, que, por sua vez, segundo ela, fazem sexo por obrigação.

Esta informante foi vista pelo grupo como uma pessoa tímida porque falava pouco, mas apresentava opiniões e comportamentos “liberais”, o que chamou a atenção de Simone (32 anos), que se apresentou como uma pessoa faladeira e se sentiu à vontade para relatar sobre algumas experiências no campo sexual – por exemplo, relatou que fez sexo a três, para atender à fantasia de um dos seus namorados –, mas que, no momento que participou dos grupos focais, não tinha uma vida sexual ativa.

Simone (32 anos) é natural de Salvador, reside na Pituba, em apartamento de familiares, onde mora sozinha há oito meses e pelo mesmo período está solteira. Já residiu em outra cidade fora do estado da Bahia para acompanhar seu companheiro, na época. No seu histórico de relações amorosas, foi casada por dois anos e morou com seu último namorado. Não tem filhos e pretende se casar novamente, caso encontre a “pessoa ideal”. Relatou sua satisfação em morar sozinha e como esta preferência pode ser conflituosa, caso divida a residência com

outra pessoa novamente, porque se considera uma pessoa individualista e que a condição de estar solteira vai sendo incorporada no seu modo de viver com o passar do tempo, e vira uma identidade: o “*ser solteira*”.

Apesar deste olhar positivo, para Simone, as pessoas solteiras são vistas socialmente de forma preconceituosa, como tendo alguma dificuldade individual por não estarem casadas. Ao mesmo tempo, questiona sobre as convenções sociais em torno do casamento, acreditando que a pressão social é tão grande que, por vezes, ela não sabe ao certo se quer se casar por vontade individual ou para atender às expectativas da sociedade.

Sobre a moradia individual, diz gostar de ficar sozinha e apreciar a liberdade que tem para organizar sua rotina. O sentimento de solidão não existe neste momento de sua vida, porque considera que tem uma rede de suporte social – familiares e amigos/as – que proveem a ela um sentimento de segurança e bem-estar, diferente de quando morou com um namorado em outro estado, onde não tinha amigos/as e o relacionamento não estava satisfatório, período em que se sentiu solitária. Sua participação no grupo levou humor à discussão pelo seu jeito extrovertido e pela iniciativa, também, de questionar os outros participantes do grupo acerca das opiniões sobre os temas tratados. Cristiano (31 anos) foi uma pessoa, por exemplo, com quem dialogou nos grupos, por ser ele homossexual e por ela ter tido experiências homoeróticas, isto despertou sua curiosidade em torno desta vivência.

Cristiano (31 anos), natural de Salvador, é jornalista e servidor público. Reside sozinho há quase um ano, em um village alugado no Caminho das Árvores. Nunca se casou, não tem filhos e não tem planos de constituir família. Não costuma ter relacionamentos duradouros, e pouco falou sobre relacionamentos esporádicos. Já frequentou saunas gays na cidade, mas não se identificou com o objetivo do local – sexo sem compromisso. Aprecia ficar sozinho tanto em casa como em programas de lazer como ir ao cinema, o que prefere fazer em horários menos povoados, como nas últimas sessões dos filmes. Apresentou-se como uma pessoa introspectiva e que busca autoconhecimento ao fazer psicoterapia, tendo um perfil que dialoga com as discussões de Ísis Martins (2010) sobre sujeitos urbanos que moram sozinhos e elegem estar sós pelo seu jeito de ser, pelo autocentramento e introspecção.

Sempre quis morar sozinho, o que foi possível com a sua aprovação em concurso público. Por morar sozinho, os amigos esperavam que ele fizesse

“bacanais” em casa, mas esta não é uma prática com que ele se identifica e, por ser homossexual, sente que as cobranças familiares se dirigem para esta condição e não em torno de se ele está ou não solteiro. Sua opinião sobre a solidão é que este sentimento proporciona aprendizado e crescimento pessoal: “a solidão não é uma escolha, é uma escola”. Sendo o único homossexual nos grupos focais, pôde dar opiniões diferenciadas sobre expectativas em torno da vida de solteiro e dos relacionamentos. De modo geral, demonstrou se sentir confortável como solteiro.

Diferente de Cristiano (31 anos), os participantes Rafael (47 anos) e Ricardo (46 anos), talvez por estarem próximos aos cinquenta anos e por já terem uma vida profissional consolidada, apresentavam, no contexto de grupo, a expressão de uma vontade de sair da vida de solteiro/a, por já terem passado muito tempo nela.

Rafael (47 anos) tem o segundo grau completo e é empresário. Natural de Salvador, mora sozinho desde o início da década de 1980 e no período em que participou dos grupos residia em apartamento alugado em Brotas. Passou um período de sua vida residindo em hotéis, devido ao seu trabalho que demandava viagens constantes. Nunca foi casado, não tem filhos e, no momento, não tem uma relação estável; já foi noivo e não se casou, porque sentiu que faltava vivenciar outras experiências como solteiro e por temer algum dia decepcionar a noiva (caso a relação chegasse ao fim). Costuma ter relações duradouras e, geralmente, namora mulheres abaixo de trinta anos que conhece, grande parte das vezes, através de seu ciclo de amigos/as que incluem pessoas do seu ambiente de trabalho, visto que comumente está com elas em festas e viagens. Apesar de frequentar o “mitiê” (como denomina os ambientes de lazer frequentados por pessoas ricas) de Salvador, devido ao seu trabalho, não costuma *ficar* com mulheres que conhece em uma noite, porque acredita que, em festas e boates, é mais difícil encontrar alguém com quem possa ter afinidade para manter uma relação estável. Relatou, em diversos momentos, no grupo que em que participou, que ele é um “homem para casar” porque sabe cozinhar, gosta de crianças, é adorado pela família das namoradas e quer um relacionamento sério.

Nos momentos de lazer, prefere sair durante a semana para bares e boates e nos finais de semana costuma ficar em casa ou se reunir com amigos/as em suas casas. Gosta de morar sozinho e de ser solteiro, por se sentir livre para organizar sua rotina e poder fazer o que quiser, inclusive expor suas manias sem ter

alguém que o censure. Uma de suas manias é organizar a casa nas madrugadas, em finais de semana, o que para ele também é uma forma de lidar com a falta de uma companhia amorosa.

Para o futuro, apesar de apreciar a vida de solteiro, espera se casar e morar em casas separadas, para poder preservar sua individualidade e evitar possíveis conflitos. No grupo do qual participou (Grupo Focal 3), mostrou ser uma pessoa comunicativa, bem articulada e assumiu o papel de liderança, tomando a frente da conversa em vários momentos, refletindo sua postura como empresário.

Por fim, nos grupos participaram Ricardo (46 anos) e Mar (37 anos)¹²⁸ que também foram entrevistados individualmente e por isto serão trazidos no tópico seguinte.

Ressalto que aqui apresentei os lugares de fala e algumas opiniões deste grupo de pessoas sobre os principais aspectos do estudo, em especial, sobre as dimensões da solteirice – o estilo de vida, o estado civil, a solidão – e o significado da liberdade para quem está nesta condição, o que auxiliou na construção do conceito de solteirice que será apresentado no Capítulo 4.

3.2.2 PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS E DIÁRIOS

Os participantes das entrevistas e dos diários trouxeram informações sobre suas trajetórias de vida bem como de suas rotinas. Neste tópico, recupero os aspectos que foram mais relevantes de cada participante para a contextualização de suas trajetórias, observando, principalmente, os elementos que colaboraram para a vida de solteiro/a atual, de modo que, ao longo da discussão dos temas do estudo, nos capítulos que se seguem, a menção às suas falas estejam contextualizadas.

Foram participantes das entrevistas guiadas pela “linha da vida” seis pessoas (três homens e três mulheres) cujo perfil se diferenciou dos participantes dos grupos focais somente pelo aspecto do tempo de solteiro – ao menos cinco anos – e por todos/as terem graduação. A idade variou de 31 a 49 anos, com média de 39 anos; os bairros onde residem são: Jardim Apipema, Barra, Campo Grande, Estrada de São Lázaro/Federação e Chame-Chame.

¹²⁸ Para referir o perfil de Mar e Ricardo, no critério de idade, escolhi indicar a que tinham quando realizaram a última entrevista, três anos depois da participação nos grupos focais.

Além dos já citados Mar e Ricardo, os participantes foram: Beija-Flor – 33 anos, branca, heterossexual, psicóloga e professora universitária, baiana natural do interior do estado, já morou junto e foi noiva; Ana Maria – 50 anos, branca, heterossexual (que já vivenciou relacionamentos homoafetivos), historiadora e pesquisadora, brasiliense, já morou junto; Danilo – 31 anos, pardo, homossexual, advogado e servidor público, baiano natural do interior do estado, nunca se casou, mas viveu namoro mais íntimo, “como um casamento”, segundo ele, porque passavam boa parte da semana convivendo na mesma casa; Logan – 35 anos, pardo, homossexual, historiador, professor e artista, soteropolitano, já foi casado (morou junto). Com exceção de Logan, os outros cinco entrevistados fizeram os diários.

No grupo das mulheres, temos uma representante na faixa etária dos 30 anos, uma nos 40 e outra de 50 anos que compartilham da mesma condição de estarem solteiras, mas com histórias de vida diferentes e que conviveram com contextos sociais também um pouco diferentes¹²⁹, em função também da origem/história familiar. Eis um resumo de suas histórias:

Ana Maria (50 anos) é natural de Brasília, e já residiu em mais duas capitais até vir para Salvador, onde mora há cerca dois anos, em apartamento próprio. A migração para esta cidade foi motivada pela aprovação em curso de Mestrado. Ela possui três irmãos, dois sobrinhos e sua mãe, que reside no interior de Goiás, estava adoentada; seu pai é falecido. Sua trajetória de vida é marcada pela busca de independência e de alegria: desde cedo, ela procurou trabalhar para se tornar independente e, em relação à busca de alegria, em diversos momentos relatou que se sentia triste, principalmente em função de ter vivenciado relações familiares e amorosas mais distantes emocionalmente e conflituosas, o que a entristecia e a fazia, portanto, viver na busca de relacionamentos que proporcionassem alegria.

¹²⁹ Ana Maria vivenciou na sua infância um período de ditadura militar e de repressão, ao mesmo tempo de disseminação de ideais de luta pela igualdade social e liberdade de expressão, principalmente para as mulheres tendo em vista a influência do movimento feminista. Ela, contudo, teve esses ideais como parte da sua história de vida já na fase adulta no período em que trabalhou em uma Organização Feminista. Já Mar e Beija-flor não mencionaram como parte das suas vivências, o contato com ideais feministas, mas foram incentivadas pelos familiares a conquistarem a independência em um período que o casamento deixa de ser visto como o destino para homens e mulheres, tendo elas também oportunidades para escolherem sobre suas vidas.

Na sua infância, sua família migrou da capital do país para uma cidade do interior de Goiás por causa da repressão política na década de 1960. Sendo seu pai militante, decidiram sair da cidade, mas retornaram à capital federal quando os filhos estavam adolescentes para que pudessem estudar. Aos dezoito anos, Ana Maria decide trabalhar e adia a entrada na faculdade. Seu primeiro emprego foi no setor bancário onde seu pai atuava e no qual continuou pela sua vida adulta. Nesta fase, seus pais se separaram, mas ela e os irmãos ficaram pouco tempo com sua mãe, com quem tinham um convívio difícil, porque ela apresentava humor instável. Pouco tempo depois, Ana Maria se mudou com o pai para a capital de outro estado e foi neste período que começou a cursar a faculdade em paralelo ao trabalho (no setor bancário) até decidir ser garçoneiro em casa noturna porque era algo que estava na moda entre jovens universitárias.

Neste período, a relação com seu pai não estava boa porque ela se sentia sozinha já que ele era afetivamente distante. Ana Maria então, com 24 anos, decide se mudar para Recife, onde viveu grande parte da sua vida adulta; ao concluir a graduação e depois de ter trabalhado em diferentes setores, ela começa a atuar em uma organização feminista, até se mudar para Salvador.

No seu histórico de relacionamentos amorosos, o primeiro namorado foi um primo, com quem fugiu, na adolescência, porque seus pais proibiram o namoro¹³⁰. Depois desta relação, levou algum tempo para se sentir disponível para relacionamentos mais íntimos, voltando a namorar com 24 anos, em relações de curta duração até se engajar em relacionamentos mais longos, o que acontecia geralmente com pessoas que conhecia no ambiente de trabalho. Neste período, morando em Recife, dividiu apartamento com outras pessoas e viveu a experiência de morar junto com namorado, por duas vezes.

Nesta trajetória relacional, vivenciou duas relações homoafetivas – uma mais curta e outra que durou cerca de quatro anos. O seu apaixonamento por mulheres aconteceu concomitantemente ao seu envolvimento com o movimento feminista, que, segundo ela, forneceu suporte para compreender as relações sociais de gênero e suas vivências familiares e amorosas. Ela relatou que se sentiu à

¹³⁰ Era costume na época, as jovens fugirem de casa para ter uma vida sexual fora do controle dos pais, e foi isso que aconteceu com Ana Maria, segundo seu relato. Esta relação não durou muito, ela voltou para casa e terminou o relacionamento devido a desaprovação da família. Avaliou, contudo, que o término deste relacionamento foi bom porque o rapaz acabou se tornando uma pessoa criminosa, quando adulto.

vontade para contar aos irmãos sobre seu relacionamento, mostrando um “orgulho lésbico”. Com o término da sua última relação lésbica, percebeu que prefere ter relações heterossexuais, apesar de não estar fechada a se apaixonar por mulheres. Neste sentido, ela não se nomeia nem lésbica, nem bissexual.

Sobre sua vida de solteira em Salvador, relatou que passou por momentos difíceis quando chegou à cidade, por não ter amigos/as e que, por este motivo, fez muitas viagens para encontrar amigos/as residentes em outras cidades. Aos poucos, tem conhecido e estabelecido amizades novas pelos locais por onde transita – universidade, movimentos sociais, na prática de esporte e no próprio prédio onde reside. Atualmente mantém um relacionamento com um homem casado, com função sexual. Afirma que tem alguns “casos” assim também fora de Salvador e que ultimamente tem tentado encerrar porque sente falta de estar em um relacionamento estável, mas até encontrar alguém, continua se relacionando com o amante.

Ana Maria aprecia morar sozinha, mas, em sua trajetória de vida, vivenciou momentos de tristeza e solidão, inclusive passou por momentos de depressão em função do distanciamento familiar e também afetivo em alguns dos seus namoros. A superação destes momentos de dificuldades se deu com o apoio da sua rede de amigos/as e, atualmente, aponta como estas pessoas e também seus irmãos e sobrinhos são importantes na sua vida pessoal. Para o futuro, quer seguir carreira acadêmica e ter um relacionamento estável, mas questiona o modelo de relacionamento que está disposto na sociedade, considerando difícil manter relações amorosas mais igualitárias como as que estabelece com seus/suas amigos/as.

Mar (40 anos) escolheu este nome por gostar do mar já que costuma frequentar praias tanto para lazer como para praticar esporte – natação e mergulho. Ela reside em Salvador há cerca de dez anos quando migrou para esta cidade com o antigo companheiro e por motivos de trabalho. Atualmente está divorciada, tem um cachorro de estimação em um apartamento alugado desde que se mudou para a capital baiana.

Sobre sua trajetória familiar, relatou que seus pais trabalhavam e, desde cedo, a incentivaram a ser independente o que a estimulou a investir nos estudos e no trabalho. Sua família não lhe cobrava casamento e nem interferia em suas escolhas nos relacionamentos. Em seu histórico de relacionamentos, vivenciou

relações estáveis e já foi casada, mas, no período que participou do estudo, em que estava solteira e engajada em relacionamentos mais esporádicos, afirmou que na sua trajetória de vida amorosa, este tem sido o período em que ela mais se sente solteira.

Nos grupos focais, ela relatou sobre a sua vida como pessoa divorciada, avaliando que sua rotina, pelo fato de estar ou não com um companheiro, não passa por grandes mudanças no que tange ao lazer porque tem a liberdade de sair com amigas para dançar, por exemplo, estando ou não comprometida. O que diferencia é o fato de não ficar paquerando outras pessoas (quando está casada ou namorando), apesar de também considerar possível que casais eventualmente transem com outras pessoas fora do casamento, como já aconteceu em seus relacionamentos. Acredita que as relações amorosas devem durar até que a relação faça bem a ambos e, nos grupos focais, a frase “se estou com alguém e estou bem, então está bem. Se estou sozinha, e me sinto bem, então está tudo bem” foi recorrente em sua fala, demonstrando que considera importante o bem-estar pessoal, independente de estar ou não envolvida em uma relação amorosa que implique em compromisso estável.

Na entrevista individual, relatou como é sua rotina sem um companheiro: gosta de ficar em casa com seu cachorro e mantém constante contato com amigos/as, com familiares que moram em outro estado e com paqueras, pelo telefone e pelas redes sociais; pratica esportes e gosta de passear na praia bem como de encontrar com amigas para eventos festivos. Comentou sobre o período do Carnaval, de que costuma participar, mas não todos os dias porque também gosta de viajar nesta época. Sobre o trabalho, está satisfeita com o que faz, inclusive por ter a flexibilidade de organizar seus horários.

Mar não tem filhos e não pretende tê-los, mas quer encontrar alguém para morar junto, o que não significa que em sua vida de solteira ela se comporte de forma “desesperada”, o que ela demonstrou pelo modo como relatou sobre os paqueras que encontra (comumente, nos ambientes onde pratica esporte ou no seu ciclo de amigos) com os quais se relaciona sem ter esta preocupação.

Na trajetória de vida de Mar, as oportunidades de formação educacional que proporcionaram a ela independência financeira bem como a educação que recebeu na qual o caminho para a independência foi incentivado, colaboraram para

que ela, sozinha, longe da família, pudesse também bancar seu estilo de vida independente do casamento.

Beija-flor (33 anos) escolheu este nome por se ver como uma pessoa que está em constante busca da liberdade, metaforicamente representada por um pássaro. Esta participante nasceu no interior da Bahia, por escolha de sua mãe: seus pais moravam em Salvador até o pai ser transferido no trabalho para Londres e lá, a esposa engravidou e decidiu dar a luz na sua cidade natal, no Brasil. Com menos de um ano de idade, Beija-flor foi com os pais morar em Londres onde permaneceram até ela completar quatro anos. Voltando para Salvador, Beija-flor estudou no colégio Panamericano devido ao idioma. Ainda criança, seus pais se separaram e ela passou a morar com a mãe e o irmão sem, no entanto, deixar de manter uma relação de proximidade com o pai.

Na sua infância e adolescência, adotava uma rotina de estudo que era imposta por seu pai, com pouco tempo para o lazer. Este só era possível, de forma mais frequente, no período das férias quando ia para o interior do estado, para a casa de parentes e foi lá que, na adolescência, começou a namorar jovens do seu ciclo de amizade. Desde cedo costumava viajar também para o Rio de Janeiro com uma tia, que era solteira e a quem ela admirava por ser uma mulher independente e levar uma vida animada com as viagens que fazia a trabalho ou por lazer.

Sobre seu histórico de relacionamentos amorosos, relata que os primeiros duraram poucos meses e que sua primeira relação sexual aconteceu para que ela se sentisse pertencendo ao grupo de amigas que não eram mais virgens. Ao longo da sua vida adulta, passou por namoros, também curtos, e com homens que, segundo ela, tinham muitas qualidades tais como uma profissão de prestígio social, habilidade para tocar instrumento musical ou era muito educado etc., mas, por algum motivo, o relacionamento chegava ao fim. Sua primeira decepção amorosa aconteceu no período de faculdade, aos 22 anos, quando um namorado, que considera sua primeira grande paixão, terminou o relacionamento sem motivo aparente, o que a deixou depressiva e, conseqüentemente, a fez ganhar peso – o que também aconteceu em outros momentos de sua vida em que passou por

dificuldades emocionais¹³¹. Neste período, começou a fazer psicoterapia, o que a ajudou a superar suas dificuldades emocionais.

Após terminar a faculdade, mudou de estado, para cursar o Mestrado e fazer um Curso de Formação em sua área profissional, passando cerca de três anos fora de Salvador. Neste período, viveu limitações financeiras, sentindo-se presa por não poder desfrutar de atividades culturais e de lazer, limitando sua vida aos estudos, o que a fez infeliz. Ela se engajou em dois relacionamentos significativos na ocasião: um com um homem casado, que durou poucos meses, e também morou junto, por um ano e meio, com um mestrando estrangeiro. A relação terminou porque ela não estava feliz por viver com restrições financeiras, já que seu pai não estava mais custeando suas despesas (ela começou a trabalhar como professora de línguas, na ocasião) e percebeu que o relacionamento não estava indo bem, o que a fez voltar para Salvador, em 2007. De volta, com o título de Mestre, começou a dar aula e decidiu morar sozinha, com o apoio dos pais.

Neste período, reencontrou dois antigos namorados e tentou iniciar uma nova relação com um deles, mas não foi adiante. Pouco tempo depois, ficou noiva de um estrangeiro, mas terminou o relacionamento porque sentiu que sua vida ficaria limitada com o casamento. Seu último namoro, que durou um ano, foi com um homem que ela considera emocionalmente distante. No momento da entrevista, estava em processo de término desta relação e iniciando uma nova, com um rapaz que acabara de conhecer.

Sobre o fato de estar solteira, Beija-flor tem opiniões e vivências, com base em seu trânsito pelo mundo. Desde muito cedo, costumava viajar para fora e dentro do país, assim, tem muitos/as amigos/as estrangeiros/as e, por vezes, namora estrangeiros. Em sua trajetória de vida, considera que vivenciou mais a solteirice em períodos que se sentiu mais livre emocionalmente, viajava mais com amigas, saía no Carnaval e tinha relacionamentos esporádicos. Para ela, é muito difícil ser solteira em Salvador, porque a cultura favorece mais os encontros com objetivos sexuais do que com o propósito de conhecer previamente a pessoa antes de ter um encontro sexual ou construir um relacionamento, como percebe que

¹³¹ Os períodos de dificuldade emocional e entristecimento eram marcados por ganho ou perda de peso na trajetória de vida da participante, e para destacar esses períodos ela desenha a linha da vida de forma curvilínea. Ao final de relatar sua trajetória de vida, ela fez uma reflexão de que a sua vida é cheia de altos e baixos, vistos pelas curvas que desenhou, mas que ela sempre se supera depois de momentos difíceis.

acontece em cidades de outros países que visitou. Considera também que a cidade não favorece tanto os programas culturais como em outras capitais dentro e fora do país, o que limita suas opções de lazer.

Beija-Flor gosta de morar só, mas não está sozinha o tempo todo porque, comumente, recebe visitas do pai – que está morando em outro estado – e, por vezes, hospeda estudantes estrangeiros em sua casa. Ela mantém uma boa relação com seus familiares e amigos/as. Sente falta de ter por perto algumas amigas que foram morar em outras cidades e países. Busca um relacionamento que não limite sua liberdade, como sentiu que aconteceu em alguns dos seus namoros no passado. No momento em que realizou os diários, a rotina de Beija-Flor estava focada no trabalho, em pequenos encontros com familiares e amigas e também com o novo paquera que ela namora atualmente.

No grupo dos homens, há um informante que tem quase cinquenta anos e dois na faixa dos trinta anos que são homossexuais. Ricardo (49 anos) e Danilo (31 anos), naturais do interior da Bahia, se aproximam, em função da experiência de terem migrado para Salvador por motivos de estudo e terem aqui permanecido, com a diferença de que Danilo também queria estar em um contexto menos provinciano em função da sua homossexualidade, que não poderia, talvez, ser revelada em cidade do interior e em um contexto de família religiosa. Logan (35 anos) compartilha da experiência de Danilo em relação a ser homossexual e ter uma família religiosa, preferindo manter sua vivência homoafetiva de modo mais privado.

Esta geração de homens solteiros, desde diferentes lugares, compartilha, assim como as mulheres, de um contexto social mais permissivo, por um lado, porque não relataram serem cobrados pela família para que se casassem, mas sim que investissem na formação educacional. Por outro lado, a sexualidade quando não segue a normativa heterossexual, ainda é exercida de uma forma velada para a família de origem. Vejamos o resumo das trajetórias destes solteiros:

Ricardo (49 anos) é natural do interior da Bahia, cresceu em uma família tradicional, em que o pai trabalhava e a mãe era responsável pelos cuidados com o lar. Ele e os irmãos se mudaram para Salvador com o objetivo de estudar e ao concluírem a faculdade, permaneceram na cidade. Ricardo é formado em Biologia, trabalha como professor em escola particular e pública, reside em apartamento que pertencera a sua família, sozinho, há mais de dez anos e tem um filho adolescente,

fruto de um namoro com uma colega de trabalho com quem nunca conviveu maritalmente.

No momento em que participou dos grupos focais afirmou que queria sair da vida de solteiro, por já ter experimentado a liberdade que esta proporciona, e queria vivenciar como é estar em uma vida de casado. No entanto, quando o entrevistei, este desejo de casar não apareceu, porque ele considera que seu atual relacionamento está satisfatório e não acredita que irá se casar com a idade que tem. Na sua trajetória de vida, demonstra saudosismo pelo período em que viveu no interior (até a adolescência) onde tinha os amigos e familiares mais próximos, o que foi rompido quando se mudou para Salvador para estudar, aos dezessete anos de idade. Aqui, passou períodos vivendo em pensionato com outros jovens e em casa de parentes, o que considera uma época muito ruim porque, além da falta de privacidade, ele não conseguiu acompanhar o ritmo de estudo exigido pela escola em Salvador e não entrou na faculdade no período que queria.

Ricardo relatou que este tempo foi marcado por uma crise existencial e por depressão, devido às dificuldades de moradia e estudo. Aos 23 anos, começou a trabalhar, trancou a faculdade, retornando aos estudos um ano depois, até se formar e, depois de ter dividido apartamento com um colega, decidiu tomar posse de um apartamento que pertencia a sua irmã e cunhado, passando, então, a morar sozinho¹³². A partir de então, já graduado, começou a trabalhar como professor.

Sobre sua vida amorosa, relatou que teve algumas namoradas e destas relações, duas foram mais longas: uma durou cinco anos (com uma vizinha da sua irmã) que ele considera como uma relação de muita proximidade porque se viam constantemente. A outra, que durou sete anos, aconteceu com uma colega de trabalho que se tornou a mãe de seu filho. Eles costumavam se encontrar no trabalho e nos finais de semana e, no final do relacionamento, eles estavam distantes, mas foi quando ela engravidou. Moraram juntos por dez meses, mas não como casal e sim para que ele pudesse ajudar nos cuidados com o bebê (que nasceu no ano de 1997), e desde então, mantém uma relação amigável com sua ex-namorada. Considera que a paternidade chegou em um momento oportuno porque estava seguro no trabalho, tinha uma moradia e se sentia mais maduro.

¹³² Relatou que este apartamento era utilizado pela irmã e cunhado como aluguel e na época, Ricardo sugeriu a irmã que ele moraria no apartamento arcando com as despesas e foi assim que pôde morar sozinho.

Na sua trajetória de vida como solteiro, considera que a solidão e a liberdade foram elementos marcantes. A solidão é retratada por ele como uma “solidão existencial”, que nunca foi preenchida totalmente e que esteve mais presente em fases de mudanças e conflitos. Ela está também relacionada a uma solidão conjugal, pois, para ele, o sentimento seria exterminado quando encontrasse alguém muito especial (em um sentido mais espiritual) que, até o momento, não encontrou e, por isto, mesmo namorando, percebe que o sentimento ainda existe, apesar de amenizado. Já o outro lado da solidão significa uma possibilidade de crescimento pessoal que aconteceu porque ele precisou lidar com suas dificuldades, sozinho, já que sua família estava longe e seus amigos também. A liberdade significou, neste sentido, aprendizagem e crescimento pessoal, com ele passando a organizar sua vida e lidar com as dificuldades, sozinho.

Ricardo tem interesse por leituras sobre terapia holística e já fez cursos voltados para o autoconhecimento dentro de abordagens alternativas. Na sua rotina, passa grande parte do dia trabalhando, encontra seu filho com frequência, assim como com sua atual namorada com quem está junto há um ano e meio. Também tem gosto por instrumentos musicais e costuma realizar algumas atividades do cotidiano a pé, como fazer compras de alimentos, no seu bairro. Ele não costuma viajar, a não ser para visitar familiares e amigos/as na sua cidade natal.

Outro participante foi **Logan** (35 anos), que se automeinou “Wolverine”, o personagem dos quadrinhos, o que demonstra uma representação de masculinidade construída a partir de atributos que demonstram força (física) e bravura. Ele é natural de Salvador, filho do primeiro casamento de sua mãe, que se separou quando ele era criança, e se casou novamente, tendo outro filho quando Logan tinha 10 anos de idade. Assim, passou sua infância e adolescência convivendo com a mãe, o irmão, o padrasto e uma avó. Devido à diferença de idade entre ele e o irmão, ele o considera como um filho. Mantém uma boa relação com os familiares, com exceção do pai biológico, com quem não tem contato. Na infância e adolescência gostava muito de estudar, tendo sua vida escolar acontecido em escolas públicas, o que ele relata com orgulho, porque estudou em boas escolas no Segundo Grau, na Graduação e no Mestrado. Trabalhou como professor universitário conciliando esta função com a de cantor (iniciada em 1997, quando estava na Universidade).

Na sua trajetória de vida, a entrada para o candomblé, também no ano de 1997, foi um marco, porque permitiu com que ele se encontrasse espiritualmente quando ingressou no Candomblé e pudesse lidar melhor com sua (homo)sexualidade. Neste período, no entanto, enfrentou alguns conflitos com sua mãe porque a opção religiosa foi de encontro à cultura católica da sua família.

Sobre sua vida amorosa, afirma que começou a se interessar por namoro já na faculdade quando também começou a sair para beber com grupos de amigos. No seu histórico de relacionamento, constam relações mais rápidas, como o *ficar*, e mais estáveis, como o namoro, e também morou junto com um namorado por cinco anos, quando tinha 25 anos e para celebrar a união, realizou um ritual de casamento. Considera que, neste período, seus projetos estavam consolidados em termos de união conjugal e na sua vida profissional, o que afirma ter colaborado para a construção de sua personalidade.

Com relação a sua família, ela não participa de sua vida afetiva/amorosa, como já posto, para evitar comentários preconceituosos. Já sentiu o preconceito dos familiares com relação a sua homossexualidade: quando esteve doente, até ser diagnosticado com um problema de estômago, sua família suspeitou que tivesse AIDS. Um tempo depois de ter descoberto a doença, a relação com o companheiro chegou ao fim e depois disto investiu mais na sua profissão, seguindo carreira *solo*, o que ocorreu paralelamente à de professor (com a conclusão do Mestrado). Desde então, tem seguido sua vida profissional e vivido a solteirice.

Sobre a vida de solteiro, traz uma reflexão em cima de um conceito que cria a “solteirice absoluta”, ou seja, uma condição que é necessária para todos quando não se quer estar em um relacionamento conjugal ou quando se termina uma relação amorosa insatisfatória. Considera a solteirice uma instituição como o casamento, porque segue normas construídas socialmente. Atualmente, afirma que quer continuar solteiro e não busca um relacionamento profundo em termos de intimidade.

Sobre a sua rotina, atualmente tem horários mais flexíveis devido a suas ocupações, o que permite mais tempo para o lazer. Afirma ser uma pessoa “da noite”: gosta de sair para encontrar e conhecer (novas) pessoas mais para fazer amizade do que no sentido sexual; costuma sair para bares, frequenta saunas gays, gosta de viajar e relatou algumas viagens que foram significativas nos últimos meses, como a ida para o Rio de Janeiro, por motivos profissionais e para a Europa.

Gosta de sair no Carnaval, mas não com fins sexuais, e já teve a experiência de cantar em trio elétrico. Para o futuro, quer seguir carreira acadêmica concomitante a sua carreira artística.

Por fim, apresento **Danilo** (31 anos), natural do interior da Bahia onde viveu até os dezessete anos, mudando-se para a capital baiana para estudar e para sair do convívio interiorano onde “as pessoas sabem da vida uma das outras e te reconhece em função da sua família de origem” (sic). Ele tem uma irmã com quem residiu durante o período da faculdade. Esta irmã, após concluir os estudos, voltou para o interior, se casou e teve filhos gêmeos e, a partir daí, Danilo começou a morar sozinho.

Danilo considera que a relação que mantém com os familiares é tranquila, sendo muito amigo da irmã e de sua mãe, principalmente. Sobre sua infância, relata que era uma criança muito inteligente, mas pouco disciplinada para estudar. Contudo, na adolescência, priorizava os estudos, não atentando muito para namoros e paqueras. Foi despertar para a sexualidade já na faculdade e neste processo, uma amiga o ajudou a lidar com sua homossexualidade conversando com ele sobre o assunto de forma que ele se sentiu mais à vontade para assumir seus desejos homoeróticos.

A família de Danilo é religiosa (católica), mas ele não segue os mesmos costumes, apesar de ter amigos que fazem parte de grupo de jovens da igreja (de que também já fez parte). Em Salvador, cursou Direito e trabalha na área como servidor público, o que possibilita seu sustento. Por morar sozinho, considera que há maior facilidade para a intimidade na relação acontecer porque há privacidade no lar. Sendo assim, vivenciou relações amorosas com muita proximidade e intimidade, em um curto espaço de tempo. Relatou um período difícil em sua vida que envolveu um relacionamento amoroso e um grupo de amigos/as: com o fim de um namoro que durou de quatro a cinco meses, Danilo viu seus amigos e o ex-namorado manterem contato em situações sociais, o que o incomodava. Ele sentiu que estava perdendo o apoio do grupo e entrou em um processo depressivo. Foi quando começou a fazer psicoterapia (em 2005) considerando esta uma experiência importante para seu crescimento pessoal.

Em relação à vida de solteiro, Danilo relaciona a “solteirice” a seu estilo de vida, um estilo mais “cultural” pela sua preferência por atividades culturais em momentos de lazer. Tem o costume de viajar para encontrar com amigos dentro e

fora do país, priorizando lugares que proporcionam programas culturais como teatro, museus, etc. Em Salvador, gosta de sair para jantar e fazer reuniões com amigos/as e também de ir a boates gays. Prioriza o presente, as viagens, apesar de pensar em investir em outra carreira e, possivelmente, ter um bem próprio (em um futuro distante). Gosta de estar solteiro e morar sozinho, mas sente falta de estar em um relacionamento amoroso. Para o futuro, não faz muitos planos, mas é incentivado pelos amigos a fazer um concurso para ocupar cargos maiores em sua área profissional e pensa em fazer outra faculdade ou tentar seguir outra área dentro da carreira jurídica.

3.2.3 PARTICIPANTES QUE RESPONDERAM AOS QUESTIONÁRIOS

A amostra dos questionários foi composta por 76 pessoas de ambos os sexos: 53,9% de mulheres, e 46,1% de homens. A idade variou entre 30 e 60 anos, com média de 38,9 anos¹³³. Quando a idade é dividida em duas faixas etárias (até 40 anos e acima de 40 anos), prevalecem pessoas no primeiro grupo de idade, 65,8% da amostra, tendo os homens prevalecido no grupo abaixo dos 40 anos e as mulheres, acima desta idade (Tabela 1)¹³⁴.

Tabela 1 – Número e percentual segundo a faixa etária dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011-2012

IDADE EM DOIS GRUPOS	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
< 40 anos	24	48,0	26	52,0	50	65,8
> 41 anos	17	65,4	9	34,6	26	34,2
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

¹³³ A mediana foi de 38 anos, a moda 30 anos, com desvio de 7,2 anos para mais e para menos.

¹³⁴ As tabelas estão organizadas da seguinte forma: os dados gerais, do total das respostas da amostra, estão em negrito, nas últimas colunas (com número das respostas e porcentagem), podendo ser lidos na vertical. Os dados que comparam as respostas femininas com as masculinas estão nas primeiras colunas (cada uma também com número das respostas e porcentagem de acordo com o sexo) e, por se tratar de uma comparação, eles são lidos na horizontal. O Total que aparece na última linha das colunas representa o total de respostas para cada sexo, abaixo das primeiras colunas, e das respostas gerais, abaixo das últimas colunas.

Em relação à **orientação sexual**, a maioria se declarou heterossexual (90,8%), 7,9% se declarou homossexual (4 gays e 2 lésbicas) e uma mulher se declarou bissexual.

Quanto à **cor**, metade da amostra se identificou como de cor branca (50%). Pardas e negras somaram 48,7% (pardas, 39,5%, e negras, 9,2%). Uma pessoa se declarou indígena (1,3%).

Quanto à **religião**, 41,7% se declararam católicos/as e 31,9% não possuem religião. Após o Catolicismo, a religião que prevaleceu foi o Espiritismo (16,7%), a Protestante (8,3%) e o Candomblé (com 4,2% das respostas). Como outra religião foi citado o Judaísmo. A Tabela 2 mostra a diferença de gênero quanto à religião, apontando como as mulheres se referiram em maior proporção a ter uma religião, com porcentagem mais aproximada dos homens em relação ao Catolicismo, enquanto, no grupo de pessoas que declararam não ter religião, prevaleceram os homens.

Tabela 2 – Número e percentual segundo a religião à qual pertencem os/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011-2012

RELIGIÃO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Católica	17	56,7	13	43,3	30	41,7
Sem religião	9	39,1	14	60,9	23	31,9
Espírita	8	66,7	4	33,3	12	16,7
Protestante	4	66,7	2	33,3	6	8,3
Candomblé	3	100,0	–	–	3	4,2
TOTAL	39	54,2	33	45,8	72	100,0

Fonte: Elaboração própria

Nas entrevistas, um participante, Logan (35 anos, artista, soteropolitano, homossexual), relatou a importância da religião em sua vida como um elemento constituidor de identidade, no sentido do encontro consigo mesmo. O Candomblé foi assim um marco, por ter sido onde ele se reencontrou como pessoa, redimensionando os seus projetos e a sua relação com a família (de orientação católica e cardecista). Em suas palavras: “*Entrei no candomblé, aí entrou um elemento que complexificou tudo em relação a minha mãe*”, marcando, assim, uma ruptura com costumes familiares e a busca de uma individualidade vinda também

com a carreira musical: “A música e o candomblé ajudaram a consolidar uma construção de individualidade mesmo em mim, no meu jeito de ser, na minha forma, nas minhas crenças, nos meus desejos”. Expressou, também, o significado da religião se reportando ao sentido da fé como um elemento importante para lidar com as dores existenciais e ter força para seguir com seus projetos de vida:

Logan – a minha fé, aquilo que eu acredito, a espiritualidade, os orixás, [...] Sem isso? Com clareza seria muito difícil de levantar depois de... de sofrer uma decepção amorosa, [...], falta de dinheiro, a percepção de que seu trabalho tem limitações [...] essas coisas você vai superando através da fé.

Os/as outros/as entrevistados/as mencionaram a religião como um costume familiar, principalmente o Catolicismo, e não como parte significativa de suas vivências como retratou Logan.

Quanto ao **tipo de “solteirice”**, compõe esta amostra, principalmente: pessoas que nunca se casaram (64,5%), dentre as quais 51% são homens; e separadas/divorciadas/desquitadas, que correspondem a 35,5% da amostra, sendo 63% mulheres neste grupo. Entre as pessoas separadas, 65,4% delas se encontram nesta condição há mais de cinco anos e 34,6% há cinco anos.

Em relação ao **tipo de relacionamento atual**, parte da amostra estava namorando nos últimos seis meses, visto que, quando perguntado *Com quem fez sexo nos últimos seis meses?*, 42,3% referiram ter feito sexo com namorado/a; 38% em relações de cunho esporádico; e 19,7%¹³⁵ não terem praticado sexo nos seis meses que antecederam a participação no estudo (porcentagem que corresponde a mulheres).

A maioria da amostra não tem **filhos** (82,9%); as que os tem, 11,9% possuem até dois e 5,2%, de 3 a 4 filhos, sendo que todos estes participantes não residem com os filhos seja porque estes já são adultos ou por não morarem com eles por motivo de separação ou, ainda, por nunca terem residido com a mãe da criança, como Ricardo.

¹³⁵ Esta análise se refere à questão número 38, no questionário, em que foi perguntado “com quem você costuma praticar sexo atualmente (nos últimos seis meses)?” As respostas para esta questão eram de múltipla escolha, podendo a pessoa ter praticado sexo com namorado/a e com *ficante*, por exemplo.

3.3 FORMAÇÃO, TRABALHO E RENDA

Quanto à **formação** da amostra dos questionários (n=76), todos possuem graduação e 71,1% estavam cursando ou já haviam concluído algum curso de pós-graduação: 42,1%, Especialização; 14,5%, Mestrado; e a mesma porcentagem para Doutorado. Na Tabela 3, verifica-se que mais homens têm somente Graduação (68,2%); as mulheres se sobressaem em cursos de Especialização (62,5%), Mestrado (72,7%), com uma porcentagem um pouco aproximada entre os sexos, no Doutorado (para elas, 54,5% e 45,5 para eles).

Tabela 3 – Número e percentual segundo o grau de escolaridade dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011–2012

GRAU DE ESCOLARIDADE	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Especialização	20	62,5	12	37,5	32	42,1
Ensino Superior	7	31,8	15	68,2	22	28,9
Mestrado	8	72,7	3	27,3	11	14,5
Doutorado	6	54,5	5	45,5	11	14,5
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

Sobre a **área de formação**, na amostra (n=76), prevalecem cursos nas áreas de Filosofia e Ciências Humanas¹³⁶ (59,2%), tendo maior porcentagem os cursos de Direito (19,7%), Administração (11,8%) e Psicologia (9,2%); em seguida, cursos em Ciências Biológicas e Profissões de Saúde, com 23,7% das respostas, tais como Odontologia (5,3%) e Biologia (3,9%). A formação na área de Exatas – Matemática, Ciências Físicas e Tecnologia –, obteve 13,2% das respostas; nas Artes, como Artes Cênicas, a frequência foi de 2,6%; a área de Letras obteve 1,3% das respostas.

Quando esses dados são comparados por sexo, as diferenças aparecem nas áreas de Exatas e Humanas, expressando uma diferença que é social, em termos de tipo de formação. Das pessoas que têm formação em cursos na área de

¹³⁶ A classificação dos cursos por áreas foi baseada no agrupamento feito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: <http://www.vestibular.ufba.br/manual/anexo1_2012.htm>. Acesso em: 29 jan. 2012

Exatas, 80% são homens; na área de Filosofia e Ciências Humanas, prevalecem as mulheres, com 60%, estando elas também presentes nas áreas de Letras e Artes. Há uma proximidade entre homens e mulheres na área de Ciências Biológicas e profissões da saúde: 55,6% de mulheres e 44,4% de homens; e Artes (Tabela 4).

Quanto à **ocupação**, o tipo de atividade exercida se concentra em áreas que têm prestígio social: Profissões das Ciências e das Artes (86,8%), tais como professor/a universitário/a, advogado/a, psicólogo/a, engenheiro/a e outros, sendo um pouco maior a porcentagem de mulheres (53,2%). Outras ocupações estão relacionadas a trabalho como Membro superior do poder público, dirigentes de organizações de poder público e de empresas e gerentes¹³⁷ (13,2% – tendo porcentagem também maior no grupo das mulheres, com 70%).

Tabela 4 – Número e percentual segundo a área de formação dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011-2012

ÁREA DE FORMAÇÃO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Filosofia e Ciências Humanas	27	60,0	18	40,0	45	59,2
Ciências Biológicas e Profissões da Saúde	10	55,6	8	44,4	18	23,7
Matemática, Ciências Físicas e Tecnologia	2	20,0	8	80,0	10	13,2
Artes	1	50,0	1	50,0	2	2,6
Letras	1	100,0	–	–	1	1,3
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

Quanto à **renda**, esta variou entre 3 e 30 Salários Mínimos (SM) com média de 9 SM (mediana 8, desvio padrão de 4,8 e moda 10 SM). Quando a renda é classificada segundo critérios adotados no estudo de Adriana Macedo et al. (2001), tem-se maior porcentagem de pessoas com o que as autoras classificaram como *renda alta*: 76,3% recebem mais de 5 salários mínimos, tendo as mulheres porcentagem maior nos dois grupos de salários, com uma pequena aproximação dos homens no grupo de renda acima de 5 SM. (Tabela 5).

¹³⁷ Esta classificação ocupacional seguiu critérios da “Classificação Brasileira de Ocupações”. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/informacoesGerais.jsf#6>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

Tabela 5 – Número e percentual segundo a renda mensal dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011-2012

RENDA MENSAL	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
> 5 SM	30	51,7	28	48,3	58	76,3
> 2 até 5 SM	11	61,1	7	38,9	18	23,7
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

Os dados sobre formação e trabalho apontam para uma realidade que vem se destacando no Brasil, o aumento do nível de escolarização das mulheres. De acordo com dados do IBGE (2008), as mulheres estudam por mais tempo do que os homens: em 1998, a média de anos de estudo para pessoas com 15 anos ou mais de idade era de 5,8 anos, para os homens, e 6,0, para as mulheres. Em 2008, subiu respectivamente para 7,3 e 7,6 (IBGE, 2008).

Tem chamado atenção o aumento do número de mulheres com títulos de Mestrado e Doutorado no país. Segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), entre os anos de 2004 e 2010, receberam esses títulos, 5% mais mulheres do que homens. No Mestrado, a diferença chega a 17%. Neste período também foi registrado um número maior de mulheres cursando o Mestrado. O Brasil está ainda entre os países que mais titulam mulheres em Doutorado, ficando em terceiro lugar no mundo, atrás de Portugal e Itália, de acordo com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE)¹³⁸. O investimento na formação reflete no mercado de trabalho em termos de melhores oportunidades e salários, favorecendo a independência e, em grande medida, o empoderamento destas mulheres, dando condições para morarem sozinhas.

Um estudo do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em São Paulo, em 2009, mostrou que mulheres sem filhos e que moram sozinhas possuem renda familiar *per capita* maior (calculada em R\$ 1.154,00 – um mil cento e cinquenta e quatro reais) do que as sem cônjuges e

¹³⁸ Dados obtidos em reportagem do *Correio Braziliense*. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2011/09/19/internas_economia,270387/brasil-se-torna-o-pais-das-doutoras-mas-ainda-ha-discriminacao-contra-elas.shtml>. Acesso em: 20 out. 2011.

com filhos (R\$ 540 – quinhentos e quarenta reais), tendo a família nuclear renda média de R\$ 655,00 (seiscentos e cinquenta e cinco reais). O estudo discute como mulheres que moram sozinhas têm melhores cargos no mercado de trabalho e investem mais na formação, com mais condições para que isto se realize do que as que residem com filhos e/ou cônjuges devido a, dentre outros fatores, uma falta de política para dar o suporte necessário para que igualmente, todas as mulheres tenham oportunidades de formação e trabalho¹³⁹ (DIEESE, 2011).

Apesar das conquistas das mulheres, quando observamos a renda e a escolaridade de uma amostra pequena de solteiros/as, esta ainda reflete algumas desigualdades de gênero em se tratando da realidade do mercado de trabalho brasileiro: apesar do grande número de mulheres com formação educacional, ainda são os homens que recebem os melhores salários¹⁴⁰. Na amostra, mesmo parte das mulheres tendo seus salários mais equilibrados com os dos homens, quando destrinchamos esta classificação, são eles, em sua maioria, que recebem mais de 10 salários mínimos: no grupo que recebe de 3 a 5 SM, 61,1% são mulheres; no grupo de 6 a 10 SM, 60% são mulheres; no grupo de 11 a 20 SM, 62,5% são homens e 2 homens têm renda entre 21 e 30 SM.

Maria Cristina Bruschini, analisando a situação de trabalho e gênero no Brasil, nos últimos dez anos, discute como esta situação é marcada por progressos e atrasos, na medida em que a mulher garante sua participação no mercado de trabalho, mas ainda há parcelas da população feminina ocupando atividades precárias. Sobre estas tendências:

De um lado, a intensidade e constância do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, que tem ocorrido desde a metade dos anos de 1970, de outro, o elevado desemprego das mulheres e a má qualidade do trabalho feminino; de um lado, a conquista de bons empregos, o acesso a carreiras e profissões de prestígios e a cargos de gerência ou mesmo diretoria, por parte das mulheres escolarizadas, de outro, o predomínio feminino em atividades precárias e informais. (2007, p. 538).

¹³⁹ Por exemplo, as mulheres que têm filhos/as não encontram suporte de creche no trabalho e, muitas vezes, não têm auxílio sociofamiliar nos cuidados com os filhos, gerando sobrecarga de trabalho e, mesmo a diminuição do tempo despendido para o trabalho fora do lar, em função dos cuidados com os filhos pequenos.

¹⁴⁰ Segundo dados do IBGE, em 1998, o salário masculino era de R\$ 991,50 e o feminino de R\$ 589,00, uma diferença de 40%. Em dez anos, a redução foi pequena: salário médio de R\$ 1078,55, para eles, e de R\$ 704,34, para elas, totalizando 35% (IBGE/Pnad, 2008).

A autora nos lembra que as mulheres solteiras foram as que ocuparam vagas no mercado de trabalho, mas, com o tempo, a presença das casadas e com filhos trabalhando era expressiva, discutindo também como as funções das mulheres se multiplicaram, com a assunção de tarefas dentro e fora do lar.

3.4 SOBRE CLASSIFICAÇÃO DA CLASSE SOCIAL

Com base na classificação do Critério de Classificação Econômica Brasil (2010), a amostra é composta por pessoas de classe B1 e B2, que, somadas chegam a 93,4%, com 6,6% classificadas como classe A2. De acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2010), no Brasil, grande parcela da população está distribuída nas classes C: C1, 24,5% e C2, 23,9%. As classes B, juntas, correspondem a 27,1%: B1, 9,1% e B2, 18%. Na Grande Salvador, predominam as classes C2 e D. Assim, a amostra pode estar representando, em grande medida, a parte da classe abastada da Grande Salvador.

Ao tratar da renda como critério definidor de classe social, Amaury de Souza e Bolivar Lamounier discutem sobre a renda permanente, propondo que o “comportamento dos consumidores é em função de suas expectativas de rendimento durante a vida inteira, e não apenas dos caprichos do momento” e, para discutir este potencial de consumo, apontam dois tipos de investimentos necessários: investimentos em produtividade, representados, hoje, pelo “acesso à tecnologia de informação e comunicação, e os investimentos em capital humano, com especial ênfase para a educação” (SOUZA; LAMOUNIER, 2010, p. 43).

Os primeiros investimentos típicos da classe média A/B são os telefones celulares e fixos, computadores e acesso rápido à internet, bens que foram apontados como estando presentes nas classes médias mais altas e mais baixas (com menos frequência da presença da internet banda larga nas classes mais baixas: 34%), no estudo de Amaury de Souza e Bolivar Lamounier (2010). Os investimentos em capital humano são o plano de saúde, a manutenção de filhos/as em escolas privadas, poupança e previdência privada, que não foram avaliados na tese, de forma direta, mas estão presentes quando se pergunta sobre os projetos para o futuro e as pessoas apontam a busca por investimento em trabalho, educação e saúde.

Na amostra da tese, há a presença dos itens que representam investimento em produtividade, apontados em respostas sobre o lazer – quando o uso da internet funciona como um instrumento de lazer, a presença do uso de sites de relacionamentos e redes sociais, também confirmados nos diários, e a presença de celular como um instrumento de mediação nas conversas entre os/as participantes para a manutenção das relações de amizade, familiares e amorosas (vistos também nos diários). Estes itens também foram observados no contato feito para a participação no estudo, por meio de internet (*e-mail*) e telefone celular. A internet tem sido utilizada, também, como substituto da televisão, visto que algumas pessoas que entrevistei priorizam o acesso a noticiários, filmes e seriados, que podem ser adquiridos por meio de *download*, no lugar da programação da TV aberta ou de canais fechados.

3.5 SOBRE A MORADIA

Os/as participantes da pesquisa (n=73) já moram sozinhos/as por um período que variou de menos de 1 ano até 30 anos, prevalecendo o tempo de 2 a 5 anos (42,5%), seguido de 6 a 10 anos (20,7%); 20,5% da amostra reside sozinha há mais de 10 anos e 9,2% a menos de 1 ano. A Tabela 6 mostra as diferenças entre os sexos, apontando que, nos grupos com maior tempo de moradia unipessoal, prevalecem as mulheres (mais de 5 anos) e com período de até 5 anos, a porcentagem de respostas masculinas e femininas se encontra um pouco mais próxima, prevalecendo ainda as respostas femininas.

Tabela 6 – Número e percentual segundo o tempo de moradia unipessoal dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011–2012

TEMPO DE MORADIA UNIPESSOAL	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
até um ano	4	57,1	3	42,9	27	9,6
2 a 5 anos	16	51,6	15	48,4	31	42,5
6 a 10 anos	12	60,0	8	40,0	20	27,4
mais de 10 anos	9	60,0	6	40,0	15	20,5
TOTAL	41	56,2	32	43,8	73	100,0

Fonte: Elaboração própria

A pesquisa não adotou o tempo de moradia como um critério de escolha da amostra focando no tempo de solteiras, no entanto, considerando que grande parte da amostra reside sozinha por mais de dois anos, este período pode ser relevante para que possa falar de sua experiência em relação à moradia, atentando que uma pessoa com menos de dois anos e uma com mais de dez anos morando sozinha terão olhares diferentes sobre esta vivência.

Os/as participantes residem em **bairros** variados considerados como, predominantemente, de população de renda média e alta. Na amostra predominaram os bairros da Pituba (17,1%), Barra (11,8%), Stella Maris (9,2%) e Rio Vermelho (9,2%). Outros bairros presentes foram: Alfaville, Caminho das Árvores, Brotas/Cidadela, Campo Grande, Canela, Cardeal da Silva, Chame-Chame, Cidade Jardim, Costa Azul, Estrada de São Lázaro/Federação, Garcia, Graça, Imbuí, Itaigara, Jardim Apipema, Ondina, Parque Bela Vista, Piatã, Praia do Flamengo, Rio Vermelho, Stiep, Vila Laura, Vila Mar, Vitória.

Sobre o **tipo de moradia**, grande parte dos/as participantes reside em apartamento (69,7%), seguido de casa (22,4%). Alguns vivem em outro tipo de moradia como village, loft ou outro (7,9%).

A maioria tem residência própria (59,5%), sendo que 32,4% paga aluguel e 8,1% vive em propriedade pertencente a terceiros.

Os dados apresentados até aqui mostram que a amostra reflete a realidade da classe média soteropolitana no que diz respeito a renda, escolaridade e área geográfica de moradia (bairros), apontando para uma classe social formada por pessoas mais intelectualizadas, tendo em vista o alto grau de instrução da maioria da amostra e o tipo de trabalho realizado. A área de residência também sinaliza a classe social por ser habitada por uma população de renda mais alta e com melhor infraestrutura na cidade. A amostra reflete, ainda, as características raciais da cidade, com metade da amostra composta por pessoas que se declararam brancas – característica das camadas mais favorecidas economicamente, na cidade –, e a outra metade, as que se declararam negras (fazendo parte deste grupo também as indígenas e as pardas, sendo estas as que prevaleceram neste subgrupo).

3.6 ORIGEM E DESLOCAMENTOS

Quanto à **origem**, predominaram pessoas baianas nascidas na capital (48,7%) e no interior do estado (22,4%). Os/as migrantes de outros estados somaram 17,1% vindos das capitais; e do interior, 11,8%. Para esta pesquisa, interessou focar em pessoas que são naturais de grandes centros urbanos, visto que as principais mudanças, na contemporaneidade, têm sido retratadas principalmente nestes ambientes. Assim, somando a porcentagem de pessoas naturais de Salvador e de outras capitais tem-se 65,8% da amostra. A Tabela 7 aponta como a maioria das mulheres é natural da capital baiana e de cidades do interior deste estado e os homens são migrantes.

Tabela 7 – Número e percentual segundo a naturalidade dos/as participantes da pesquisa, por sexo – Salvador, 2011–2012

NATURALIDADE	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Salvador	23	62,2	14	37,8	37	48,7
Interior da Bahia	10	58,8	7	41,2	17	22,4
Capital de Outro Estado	4	30,8	9	69,2	13	17,1
Interior de Outro Estado	4	44,4	5	55,6	9	11,8
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

Uma característica importante da vida contemporânea é a possibilidade de deslocamentos e a disponibilidade de viajar que muitas pessoas passam a ter, ao ponto de serem caracterizadas como nômades (BAUMAN, 2001a). A migração para Salvador fala um pouco destes deslocamentos motivados seja por questões pessoais seja profissionais, pela busca de melhores oportunidades de trabalho e estudo em grandes centros urbanos, guiada pelo fluxo do mercado de trabalho, o que, segundo Ulrich Beck (1997), tem sido uma tendência na contemporaneidade.

Na amostra de pessoas que **migraram para Salvador** (51,3% do total dos/as participantes), 25,3% declararam estar nesta cidade há mais de 10 anos e 22,6%, de 2 a 10 anos. Somente 1,3% são recém-chegados/as na cidade (vivendo

em Salvador por um período de até um ano)¹⁴¹. Como o **trânsito por outras cidades** interessa para esta pesquisa, no intuito de saber por onde transitaram os/as participantes, naturais ou não de Salvador, foi perguntado se já residiram em outras cidades, por quanto tempo e quais os motivos que os/as levaram a morar fora da cidade. As respostas (n=90; 60 casos válidos) apontaram que, dentre os que declararam ter residido fora da capital baiana, 43,3% já moraram em outras capitais brasileiras, 28,9%, no interior da Bahia, 20% em outros países e, no interior de outros estados brasileiros, 7,8%. A Tabela 8 mostra que a porcentagem de respostas quanto a estes deslocamentos foi equilibrada entre os sexos, com uma pequena diferença no grupo das mulheres que apontaram ter residido em capitais de outros estados mais do que os homens, e eles, no interior de outro estado, mais do que elas.

Tabela 8 – Número e percentual segundo o trânsito por outras cidades, segundo os/as participantes do estudo, por sexo – Salvador, 2011-2012

OUTRAS CIDADES	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Capital de outro estado	23	59,0	16	41,0	39	43,3
Interior da Bahia	13	50,0	13	50,0	26	28,9
Outro país	9	50,0	9	50,0	18	20
Interior de outro estado	3	42,9	4	57,1	7	7,8
TOTAL	32	53,3	28	46,7	90	100

Fonte: Elaboração própria

O **tempo de residência fora de Salvador** foi em média de 14,5 anos (mínimo de 1 ano e máximo de 44 anos; 57 casos válidos). Sobre os **motivos que levaram as pessoas a morarem fora de Salvador por um período**, as respostas (n=68) foram equilibradas entre *estudo*, *trabalho* e *família* (com cerca de 30% para cada resposta); porém, agrupando-se aqueles relacionados a *estudo* e *trabalho*, chegou-se a 63,3%. Outros motivos foram apontados, tais como: para acompanhar o/a companheiro/a, por ter nascido em outra cidade e para agregar valores à experiência de vida.

¹⁴¹ Porcentagem de dados perdidos para esta questão: 2,1%

A diferença entre as respostas da amostra masculina e da feminina aponta que uma proporção um pouco maior de mulheres morou em outras cidades por motivos de *estudo* e *trabalho* enquanto, no caso dos homens, a proporção um pouco maior encontrada foi por motivos relacionados à *família*, o que é surpreendente porque, socialmente, espera-se um comportamento feminino mais vinculado às relações familiares do que ao trabalho, confirmando, de certa forma, o interesse e disponibilidade que as mulheres estão desenvolvendo para o trabalho e o estudo, o que reflete nos dados sobre o alto grau de escolaridade delas e a independência financeira que permite que morem sozinhas, diferente de parte dos homens da amostra que, ao que parece, tinham uma vinculação maior com a família. A Tabela 9 retrata estes dados:

Tabela 9 – Número e percentual de respostas segundo os motivos que os/as participantes relataram para residirem fora de Salvador, por sexo – Salvador, 2011-2012

MOTIVO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Família	12	48,0	13	52,0	25	36,8
Estudo	13	59,1	9	40,9	22	32,3
Trabalho	11	52,4	10	47,6	21	30,9
TOTAL	26	54,2	22	45,8	68	100,0

Fonte: Elaboração própria

O tema deslocamento/migração, quando discutido nos grupos focais e nas entrevistas, aponta que estes foram feitos por força de contingências relacionadas às relações familiares e conjugais, para as mulheres, diferente portanto do encontrado nas respostas ao questionário, e como uma escolha pessoal que favoreceu a busca pela independência tanto financeira como emocional em relação à família de origem, para homens e mulheres.

Por contingências relacionadas à família, Mar (37 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, divorciada) e Simone (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada) relataram, nos grupos focais, que precisaram sair das suas cidades para acompanhar o companheiro, na época. Mar saiu de Minas Gerais, passou por algumas cidades da

Bahia até chegar a Salvador com o companheiro e Simone saiu de Salvador para o Rio de Janeiro, porque o companheiro precisou se mudar por motivos de trabalho.

Outras pessoas tiveram de se transferir de sua cidade natal para estudar em Salvador, como relataram, em entrevista, Ricardo (49 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano, nunca se casou) e Danilo (31 anos, pardo, homossexual, advogado, baiano, nunca se casou) que saíram do interior da Bahia para a capital em busca de formação universitária, o que é um costume e uma necessidade, já que os pais priorizavam dar aos filhos a formação universitária que não encontrariam se continuassem no interior¹⁴².

As entrevistadas Ana Maria (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasiliense, já morou junto) e Beija-Flor (33 anos, branca, heterossexual, psicóloga e professora universitária, baiana, já morou junto e foi noiva) relatam também deslocamentos por motivos familiares quando crianças e na adolescência; na vida adulta, mudaram de cidade por conta própria. A experiência de migração foi relatada como positiva para os/as informantes porque viveram relações que favoreceram o crescimento pessoal, o que colaborou, também, para a melhoria na qualidade das relações familiares e, principalmente, somou experiências que contribuíram para que morassem sozinhas.

Essa observação sobre os processos de deslocamentos possíveis em sujeitos urbanos é posta aqui para apontar como estes também estão presentes na amostra e serão retomados ao longo das análises.

Os dados dispostos neste capítulo descreveram as principais características da amostra, apontando seu perfil socioeconômico, principalmente, refletindo aspectos da classe média em Salvador, para situar desde onde falam esses sujeitos, uma referência para as discussões que se seguem sobre suas práticas e as construções de sentido acerca do *ser/estar* solteiro/a e do morar só.

¹⁴² A expansão dos cursos universitários para o interior do Estado, nos últimos anos, tem aumentado as possibilidades de migração, favorecendo deslocamentos também da capital e de outros estados, para o interior da Bahia.

CAPÍTULO 4

SER SOLTEIRO/A E MORAR SOZINHO/A EM SALVADOR: PRÁTICAS E SENTIDOS

“Só – e bem acompanhado” é o título de uma reportagem sobre os benefícios de morar sozinho em que se afirma: “morar sozinho já foi visto como um castigo ou sinal de fracasso social. Agora, tornou-se um prêmio para quem pode investir em si mesmo”. Esta matéria de Natália Ziemkiewicz (2012) traz depoimentos de estudiosos/as sobre o tema endossando os aspectos positivos do morar só, que tem sido visto como uma conquista pessoal, e reflete identidades de sujeitos urbanos cujas vidas sociais são hipermovimentadas: “morar sozinho é sinal de status”, diz o sociólogo da Universidade de São Paulo, Sérgio Carvalho¹⁴³; “é um estilo de vida que ajuda a descobrir mais sobre nós mesmos”, segundo Eric Klinenberg¹⁴⁴, professor de Sociologia da Universidade de Nova York; e Ana Bock, psicóloga e professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) afirma que “as pessoas que vivem sozinhas são vistas como bem-sucedidas, responsáveis e descoladas”.

Estudos sobre morar sozinho/a tem utilizado expressões como “viver só” (GONÇALVES, 2007; MAURITTI, 2011), “morar só” (VICTORINO, 2001) e “*solo life*” (JAMIESON; WASOFF; SIMPSON, 2009), todas trazendo uma concepção positiva sobre este tipo de moradia também para quem é ou está solteiro/a, tendo esta condição se configurado como um novo estilo de vida¹⁴⁵.

¹⁴³ Este sociólogo estudou sobre a solidão nas metrópoles, em Dissertação de Mestrado: CARVALHO, Sérgio Lage T. de. *Lonely sweet home: solidão e modernidade. Dissertação* (Mestrado em Sociologia)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

¹⁴⁴ O livro deste autor, *Going solo: the extraordinary rise and surprising appeal of living alone* (*Vida solo: o extraordinário crescimento e o apelo surpreendente de se viver só*), publicado em 2012 pela Penguin Press, em Nova Iorque, e ainda sem edição no Brasil, traz o resultado de pesquisa desenvolvida durante dez anos, em que entrevistou 300 pessoas que moravam sozinhas para traçar padrões de comportamento desta população, chegando a conclusão de que viver sozinho/a estimula a interação social. Este livro tem sido referenciado em outras reportagens como a da Revista Galileu: “Eles moram sozinhos e estão transformando nossa cidade”. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI313055-17773,00-ELES+MORAM+SOZINHOS+E+ESTAO+TRANSFORMANDO+NOSSAS+CIDADES.html>>.

¹⁴⁵ O estilo de vida que tem sido discutido desde a moradia unipessoal também é adotado por quem é casado e reside em casas separadas – em inglês, *living apart together*

Neste capítulo, são trazidas as principais vivências acerca do morar só de homens e mulheres solteiros/as em Salvador, atentando para as práticas em torno do uso do lar, as motivações que levaram as pessoas a morarem sozinhas e estarem solteiras, assim como os benefícios e dificuldades enfrentadas no cotidiano e as construções de sentidos possíveis com a interligação desta dupla condição. Para tanto, primeiramente discorro sobre as principais construções conceituais acerca da “solteirice”, a partir da discussão sobre suas dimensões.

As dimensões da “solteirice” serão aqui destrinchadas a partir dos principais significados a ela atribuídos pelos/as participantes, que dialogam com as perspectivas atuais sobre o tema, tratadas no Capítulo Um, apontando como a solteirice está atrelada a um estilo de vida, discutindo os pormenores que envolvem o estado civil de solteiro/a bem como de que modo a solidão faz parte do seu significado, com os aspectos positivos e negativos presentes nesta experiência e, por fim, como a liberdade aparece em torno do seu significado, que será observado também em diálogo com aspectos do morar sozinho/a.

4.1 AS DIMENSÕES DA SOLTEIRICE

Para o debate acerca das noções de solteirice, que primeiramente se deu nos grupos focais, recorri aos conceitos de “condição” e “situação”, dialogando com estes com referência à identidade feminina. Os conceitos de “situação” e o de “condição feminina” são vistos como construtos sociais. O conceito de condição se refere a “índole, natureza ou propriedade das coisas” (LAGARDE, 1990, p. 73).

Dentro do conceito de “condição feminina”, o corpo feminino é visto aqui como contraposição ao masculino. Marcela Lagarde considera este conceito em relação a sua historicidade, marcando todo o conjunto de circunstâncias, qualidades e características que definem a mulher como um ser (genérico) e, de modo próximo à referência da célebre frase de Simone de Beauvoir (1980) “não se nasce mulher,

(MILAN; PETERS, 2003). Jamieson, Wasoff e Simpson (2009), em artigo sobre o tema, sinalizam a importância de definir e diferenciar as expressões solteiro e viver só/moradia individual/*solo life* que são vivenciadas por quem não compartilha a moradia com outra pessoa, estando ou não em uma relação marital. O termo solteiro/a indica o estado conjugal de quem não está em uma relação de casamento e que pode ou não residir sozinho/a. Nesta tese, reconhece-se a existência destes arranjos, mas privilegia-se o subgrupo das pessoas que estão sem uma relação conjugal marital e que moram sozinhas, visando tecer relações entre este estilo de vida e a situação de *ser* ou *estar* solteiro/a, como já pontuado em outros momentos.

torna-se mulher.” Assim, a ideia de “condição” da mulher revela ser esta uma criação histórica, “cujo conteúdo é o conjunto das circunstâncias, qualidades e características essenciais que definem a mulher como ser social e cultural genérico” (1990, p. 65). E, em contraposição à condição de gênero masculino, todas as mulheres têm em comum o compartilhamento desta “condição”: o ser mulher.

A definição de “situação” para Lagarde é distinta: ela remete à “posição de uma pessoa ou coisa em determinado lugar ou situação”. Entende a autora que “situação” das mulheres se refere ao “conjunto de características que têm as mulheres a partir de sua condição genérica, em determinadas circunstâncias históricas” (1990, p. 73; 67) e expressa a existência concreta de mulheres reais, a partir de suas condições reais de vida, tais como a formação social, as relações de produção e reprodução, o trabalho, sua definição de maternidade e paternidade, etc. Assim, as mulheres compartilham um mesmo gênero, ou seja, uma mesma condição genérica, mas diferem em relação à sua situação de vida, aos diferentes graus de opressão ou às experiências de vida concretas.

Ergo meu conceito de solteirice inspirada nestas duas noções, na medida em que este é também um constructo social (REYNOLDS, 2008) e há certos elementos gerais que perpassam a vida de pessoas solteiras que dialogam com mudanças sociais no âmbito das famílias, relacionamentos e estilos de vida contemporâneos, tal como foi discutido nos primeiros capítulos. É desde este lugar que homens e mulheres irão vivenciar a solteirice, de forma situacional diferenciada a partir das posições de gênero, idade/geração, orientação sexual, raça/etnia, classe social, etc. e, principalmente, a partir das experiências de suas vidas pessoais que perpassam estes diferentes marcadores sociais.

Sendo assim, optei, na construção dos dados, por usar expressões como *ser solteiro/a* e *estar solteiro/a*, tal como Ísis Martins (2010) trouxe em sua pesquisa com mulheres que vivem só: o *ser* foi vinculado a uma identidade e o *estar* a um estado transitório, neste caso, especificamente para a discussão sobre *ser sozinha* e *se sentir solitária*. Para a presente tese, nos grupos focais, o uso do *ser* e *estar* foi feito para que as pessoas pudessem trazer elementos relacionados a estas expressões, permitindo, desta forma, que eu pudesse refletir mais sobre estas definições.

As opiniões acerca da solteirice tratadas nos grupos focais também o foram nos outros instrumentos do estudo, para validá-las, e o que o diálogo entre os

dados construídos em diferentes etapas deste estudo apontaram foi: primeiro, o estado de transição entre *estar* e *ser* solteiro/a, que vem de uma condição social de não estar engajado/a em uma relação marital, experienciado socialmente com algumas diferenças e proximidades entre homens e mulheres de segmentos médios em Salvador; e, em segundo, que, com o tempo, a permanência neste estado pode ser incorporada como um atributo de identidade e também reconhecida (ou escolhida) como um estilo de vida, permitindo considerar a situação afirmando “*sou solteiro/a*”, e não mais na condição de “*estar solteiro/a*”.

As falas abaixo ilustram a discussão dessa transição entre *ser* e *estar solteiro/a* no primeiro grupo focal realizado. Na fala de Mar, o “*estar solteira*” significa ocupar um lugar transitório em função da possibilidade de acontecer a união conjugal.

Mar – *Acho que é estar solteiro. Eu sempre disse, “estou solteira”. Porque, pode ser que encontre alguém. Sempre existe a possibilidade de estar também com alguém. Ninguém fica solteiro a vida toda. As pessoas namoram, podem casar. Acho que estar solteira é esse período que pode ser maior ou menor antes de encontrar alguém.* (37 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, divorciada).

A fala de Simone, que também representa a transição entre *estar* e *ser* solteira, foca, porém, na passagem de uma situação transitória em função do fim de um casamento para assumir uma identidade de solteira.

Simone – *Se eu ficar solteira um ano e meio, dois anos, começo a não estar solteira, a ser solteira. É como se passasse, se virasse uma entidade própria, o ser solteiro.* (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada).

Essa “entidade própria” a que ela se refere representa a incorporação de uma identidade que está relacionada à adoção de um estilo de vida de solteiro/a, que também é visto com uma opção, um projeto de vida e, até mesmo, um “estado de espírito” que tem na **liberdade** a sua principal característica, tal como posto também nas respostas dos questionários:

[Estar solteiro] *é uma opção, um estilo de viver.* (homem, 48 anos, biólogo, pardo, heterossexual, baiano).

[Estar solteiro] *É um estado de espírito. É estar em sintonia com você mesmo, é estar bem, feliz, de bem com a vida. É estar em liberdade plena, acordar*

quando quiser sem precisar ligar ou se preocupar em dar SATISFAÇÃO a ninguém, é poder viajar a qualquer momento de qualquer maneira. Pra mim o melhor de ser solteiro e independente e de bem totalmente com você, é a tal da liberdade, o livre arbítrio. Estar solteiro é pra mim uma opção, não uma imposição social. (homem, 38 anos, historiador, branco, heterossexual, soteropolitano).

A “tal da liberdade” a que este último informante refere foi a palavra eleita nos grupos focais para representar a condição de solteiro/a, como mostra um pequeno trecho de fala de um dos grupos focais (Grupo Focal 1):

Darlane – *Qual palavra você usaria para representar estar solteiro?*

Simone – *Liberdade.* (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada).

Gabriela – *Eu pensei exatamente a mesma coisa. Significa pra mim liberdade. Uma palavra que vem pra mim é essa.* (32 anos, branca, heterossexual, professora universitária, paranaense, já morou junto).

Quando conversavam sobre a liberdade de escolha em diversos âmbitos, esta estava relacionada tanto à situação de “solteirice”, que proporcionava liberdade de exercício da sexualidade, quanto às escolhas para o lazer e ao fato de não ter que dar satisfações, porque moravam sozinhos/as. Isto porque, sozinhos/as, consideravam ter privacidade e podiam dispor de tempo para se dedicar às pessoas da rede de relações e de mobilidade para organizar a sua rotina. A liberdade neste sentido foi discutida em relação à autonomia para realizar escolhas em torno da vida pessoal – sexualidade, relações de amizade, lazer, trabalho, etc. –, sendo este um elemento presente nos debates contemporâneos sobre os estilos de vida, em um contexto em que as relações tendem a ser democráticas, e central, em discussões feministas sobre agenciamentos e o empoderamento (de mulheres). Devido à centralidade que a liberdade tem, esta foi a principal dimensão ou o elemento central para a discussão sobre a reconstrução da noção de solteirice, direcionando também suas práticas.

Outra discussão sobre a solteirice diz respeito à relação da condição de *estar e ser solteiro/a* com o seu adverso: o casamento. Considerando que uma identidade também é construída pelo outro lado/o, pelo seu oposto, ou seja, “o que não é” – estar solteiro/a é não estar casado/a –, o **estado civil** é uma das principais dimensões da condição de solteirice:

Mar – *O conceito de estado civil é solteiro. Se você não casa, você é solteiro. Mesmo namorando.* (37 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, divorciada – Grupo Focal 1).

Mulher – *Do ponto de vista legal é não ter oficializado cartorialmente uma relação com outra pessoa, seja esta outra do mesmo sexo biológico ou não.* (49 anos, heterossexual, professora universitária, baiana, nunca se casou - Participante que respondeu ao Questionário).

Quando Mar afirma que uma pessoa é solteira “mesmo namorando”, ela retrata o que está posto no senso comum para o qual quem está namorando não se considera plenamente solteiro/a, mesmo não tendo a relação de namoro o mesmo nível de compromisso – que inclui o financeiro – com o/a parceiro/a.

Nesta condição, estar solteiro/a traz implicações sociais porque, em uma sociedade que ainda tem rasgos patriarcais e heteronormativos, o lugar reservado a quem está casado/a é bem diferente daquele para quem não está (BUDGEON, 2008; GONÇALVES, 2007; 2009; TAVARES, 2008). A partir daí, as discussões nos grupos focais giraram em torno desta diferença, apontando práticas do cotidiano relacional que se distinguem, como, por exemplo: os programas de lazer feitos com amigos/as solteiros/as e com os/as casados/as, que são diferentes; e as escolhas do cotidiano para os/as casados/as, que são realizadas em torno da família, diferente das dos/as solteiros/as que focam em si mesmos ou em outras redes de relações como as de amizade:

Ricardo – *O comportamento dos amigos solteiros é um, de casados é outro. Então, não tem essa... vamos juntos fazer. Várias coisas são diferentes. Um estilo de vida de solteiro tem milhões de coisas que são totalmente diferentes. Se você está com uma mulher tem várias coisas pra fazer, marca um supermercado, tem coisa pra fazer. As coisas são diferentes, um estilo de vida totalmente diferente.* (46 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano, nunca se casou – Grupo Focal 3).

Apesar de não mencionar de forma específica quais são as “milhares de coisas diferentes” entre solteiros/as e quem está em uma relação conjugal, neste trecho de fala, há uma sinalização de que, com o par, faz-se atividades de cunho doméstico como “marcar um supermercado”, o que provavelmente não se faria com os/as amigos/as solteiros/as ou com alguém com quem se mantém relação amorosa eventual.

Sobre o casamento, também perpassaram algumas críticas ao modelo tido como o hegemônico de união, as expectativas em torno de encontrar uma pessoa ideal e o desejo de ter um tipo de relacionamento que possa ser escolhido de acordo com os moldes do estilo de vida que se leva. Jill Reynolds (2008) discute, em seu estudo, como as escolhas e oportunidades de estar solteira para as mulheres envolve o discurso em torno do casamento, escolhas que, muitas vezes, rompem com ideais pré-estabelecidos (de família e conjugalidade) e incorporam características e ideais contemporâneos de relações, tendendo a corroborar a noção do tipo de “relacionamento puro” de que fala Anthony Giddens (1992). Assim, nas discussões dos grupos focais e nos dados construídos a partir dos outros instrumentos, a solteirice foi considerada, para quem espera se casar, como uma transição para uma união conjugal enquanto outras pessoas discutem o contraponto solteirice *versus* casamento para firmar uma preferência por ser solteira.

Natália (41 anos) foi uma das participantes do estudo que afirmou gostar muito da sua vida como pessoa solteira e que não almeja o casamento. Ela trouxe, nos grupos focais, a comparação da sua vida de solteira com a dos amigos que estão casados, considerando que estes não levam uma vida feliz:

Natália – *Os amigos que estão casados esqueceram de sorrir, de se cuidar. Quero continuar feliz como estou, solteira.* (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, soteropolitana, nunca se casou – Grupo Focal 1).

No mesmo grupo, Cristiano demonstrou seu incômodo pela expectativa social que se constrói em torno do casamento:

Cristiano – *O que me incomoda é a instituição, essa coisa de impor... esse enquadramento de que todo mundo tem que casar.* (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, soteropolitano, nunca se casou).

As críticas em torno da obrigatoriedade do casamento são feitas por autoras feministas que questionam as heteronormas e discutem, em estudos sobre solteiros/as, como estes comumente utilizam estratégias para se distanciar da ideia de casamento, de forma a lidar com a construção de uma identidade e modo de vida satisfatórios fora deste modelo, diante das exigências sociais para a união conjugal, que ainda se fazem presentes em uma cultura de casados/as (BUDGEON, 2008).

Em entrevista, diferentemente das opiniões trazidas até aqui, Logan (35 anos) propõe tratar a solteirice como uma instituição tal qual o casamento

considerando que, na condição de solteirice, regras também são construídas. Ele propõe pensar no termo “solteirice absoluta”, para se referir à situação de solteiro/a assumida quando a união conjugal não deu certo e quando não se quer estar engajado/a em um relacionamento conjugal, porque há uma necessidade pessoal de estar solteiro/a.

Logan – *A solteirice é uma instituição do mesmo jeito que o casamento, eu acho isso. Tem suas regras também... tem as suas... tem as suas bases, tem o que não pode ser ferido na história da solteirice e tudo mais... né... a ideia da solteirice absoluta é muito mais uma... uma necessidade do que uma convicção.* (risos) [...] *É mais uma necessidade existencial porque o... a não solteirice não deu certo.* (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano).

O que ele chama de “convicção” é o fato de que a solteirice não é vista para ele como uma escolha definitiva, mas como uma necessidade de estar só em momentos da vida em que o engajamento em relações mais profundas não é almejado. Ele ri quando fala que não é uma convicção, porque se remete a um evento que aconteceu no ano anterior em que ele afirmou não querer estar em uma relação estável, mas se apaixonou por um rapaz com quem viveu uma relação intensa em um curto período de tempo.

A **solidão** foi outra dimensão importante que emergiu nas opiniões acerca da condição de solteiro/a. Nos grupos focais, a solidão foi tratada como um sentimento que está presente na existência humana, independentemente do estado civil, e que, apesar de ser um sentimento avaliado como negativo, é importante para o crescimento pessoal, como discutido em estudos de Luci Mansur (2011) e de Ísis Martins (2010).

No primeiro grupo focal, Cristiano afirmou: *Eu costumava ouvir uma frase de um autor, dizendo que ‘a solidão não é uma escolha, é uma escola’.* Esta frase representa o teor da conversação nos grupos onde as pessoas apontavam como passaram por um processo de aprendizagem sobre si mesmo, tendo um começo mais doloroso, logo após começarem a morar sozinhas ou quando não estavam bem emocionalmente, e como, com o tempo e a experiência, este sentimento veio a se tornar um aliado.

Rosário Mauritti (2011) discute que a solidão tem sido parte de reflexões sociológicas sobre quem mora só e é solteiro/a, tratando o fenômeno como “isolamento social” ou situações de “anomia” também discutido como reflexo do

individualismo social. Diferentemente de abordagens que focam no isolamento social e nos processos de exclusão social, compartilho as noções de que a vida para quem vive sozinho/a e está solteiro/a não carrega o significado do isolamento social, que o estado de solidão é visto por eles/as como voluntário porque há a liberdade de escolher estar em contato com pessoas das diversas redes de relações sociais nos momentos que lhes são mais convenientes, dando outro significado à solidão – tal como têm visto debates que focam nos processos de socialização nas cidades (VELHO, 1989; 1994; 1995; JAMIESON, 1999; MARTINS, 2010) e discussões sobre como o sentimento de solidão existe em função da presença/ausência do outro (MARTINS, 2010; MANSUR, 2011).

Nas conversas, nos grupos focais, a solidão foi referida como uma experiência que não fazia parte do cotidiano de alguns/algumas dos/as solteiros/as da amostra ou que não era sentida em meio à “agitada” rotina ocupada com trabalho, lazer e contatos constantes com suas redes de relações sociais, como tem sido caracterizada a vida em grandes cidades. Outras pessoas – também nos questionários e entrevistas – afirmaram que este sentimento é presente (ou já foi presente) em algumas situações relacionadas à falta de uma companhia amorosa – e de sexo –, mas, também, à falta de outras pessoas que compõem a rede social de apoio tais como amigos/as e familiares, sendo esta experiência associada a sintomas de depressão, como será discutido, com mais detalhes, adiante.

No questionário (Apêndice D), as discussões dos grupos focais sobre a solteirice e suas dimensões foram retomadas com a análise tanto da questão aberta que perguntava *Para você, o que é ser solteiro/a?* (Questão 47) quanto de duas questões que tratavam sobre representações da solteirice (Questões 48 e 50) que traziam afirmações para que a amostra avaliasse o grau de concordância com elas. A análise destes dados confirmou como a solteirice pode ser pensada tendo a liberdade como o principal elemento caracterizador, e vista também para além do estado civil e da solidão no sentido negativo, porque pode ser visualizada como um estilo de vida. Uma frase revela os vários aspectos de ser solteiro/a, que inclui o lado negativo da solidão e um dos contrapontos da positividade da liberdade: “Liberdade, privacidade, independência – positivo. Solidão, sexo esporádico, momentos tristes raros – negativo”. (Mulher, 52 anos, enfermeira, heterossexual, branca, baiana – participante que respondeu ao Questionário).

Quando as respostas (n=58; 39 casos válidos) à questão *Para você o que é ser solteiro?* foram categorizadas, a **liberdade** surgiu como a principal dimensão da solteirice, associada à independência e à privacidade, somando 53,4% das respostas e referida com uma frequência um pouco maior pelas mulheres (58% das respostas femininas).

Em segundo lugar, a solteirice, vista como um **estilo de vida**, com 22,4% das respostas, com respostas equilibradas entre homens e mulheres, prevalecendo um pouco as respostas masculinas (53,9%), englobando falas que trazem a solteirice como um “jeito de ser” ou um “estado de espírito” e relacionando esta condição também com a liberdade e a autonomia para realizar escolhas em diversos aspectos.

Em terceiro lugar, a solteirice foi caracterizada como um **estado civil**, com 13,7% das respostas que agruparam afirmativas como “não ter relacionamento estável”; “a solteirice é vista como uma transição para o casamento”, prevalecendo, nesta categoria, as respostas das mulheres (87,5%).

Por fim, significando **solidão**, somando 10,5% das respostas, que incluíram a solidão também como algo negativo. Esta resposta foi referida em grande medida pelas mulheres (83,4%). A Tabela 10 retrata as diferenças de gênero destas respostas.

Tabela 10 – Número e percentual de respostas segundo o significado da solteirice para os/as participantes do estudo, por sexo – Salvador, 2011-2012

SIGNIFICADO DA SOLTEIRICE	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Liberdade	18	58,0	13	42,0	31	53,4
Estilo de vida	6	46,1	7	53,9	13	22,4
Estado Civil	7	87,5	1	12,5	8	13,7
Solidão	5	83,4	1	16,6	6	10,5
TOTAL	36	62,0	22	38,0	58	100,0

Fonte: Elaboração própria

Outra questão proposta no instrumento quantitativo também indicou essas dimensões. Na questão que tratava das representações da solteirice em que os/as participantes foram solicitados/as a afirmar o grau de concordância com algumas

frases, as respostas¹⁴⁶ (n=76) apontaram que há um grau de concordância médio no que se refere a considerar: a) que *as pessoas solteiras tendem a ser independentes* e que *a solteirice significa ter liberdade*¹⁴⁷; b) que *as pessoas solteiras buscam uma pessoa ideal* (média geral de 2,24, com respostas próximas entre os homens e as mulheres: femininas, 2,25; masculinas, 2,24); c) que *as pessoas solteiras são exigentes na escolha de parceiros/as* (média geral de 2,22; média das respostas femininas: 2,35 e das respostas masculinas: 2,09); d) e que *têm muita liberdade sexual* (média geral de 2,02; média das respostas masculinas, 2,3; e femininas, 1,7), indicando que os homens solteiros consideram que a liberdade sexual faz parte das representações das pessoas solteiras possivelmente porque a liberdade deles é menos podada.

A liberdade sexual parece caminhar junto com a exigência quanto à escolha de parceiros, um pouco mais para mulheres do que para os homens, o que será discutido no Capítulo 6, que trata de aspectos da sexualidade nas vivências da solteirice. Assim, a solteirice se mostrou mais relacionada a uma vida livre para pessoas que são independentes, apresentando certo grau de liberdade sexual e de escolha de parceiros/as, tendo em vista a exigência quanto a buscar uma pessoa ideal para se relacionar.

Houve pouca concordância quanto à afirmativa de que *as pessoas solteiras são solitárias* (média geral: 1,32 – feminina: 1,23; masculina: 1,44), o que desconstrói esta visão mais negativa que rondava a solteirice confirmando também, na pouca frequência desta categoria nas respostas sobre *o que é ser solteiro/a* discutida anteriormente, embora, em se tratando da presença do sentimento da solidão na vida pessoal da amostra, esta esteve presente em alguns momentos quando o tema foi tratado em questão específica, nos questionários e em entrevistas.

¹⁴⁶ Na Questão 48 (Apêndice D), foi solicitado que, dentre onze afirmativas, as pessoas avaliassem o grau de concordância com as frases propostas, de 0 a 4, sendo que 0 representava grau de concordância nulo e 4, concordância máxima. Os resultados mostram a média das respostas para cada item.

¹⁴⁷ A média das respostas para cada item foi de 2,82 (para independência) e 2,77 (para liberdade), com respostas aproximadas entre homens e mulheres, sendo que o grau de concordância foi um pouco maior no grupo das mulheres, com média das respostas 3,05, do que nas respostas masculinas, que tiveram média de 2,56, para a primeira frase – “solteiros/as são independentes” – e também um pouco maior do que a dos homens para a sentença que afirma a liberdade como característica das pessoas solteiras, com média das respostas femininas de 2,35 e das respostas masculinas, de 1,75.

A questão avaliou também outras representações sobre os homens e as mulheres solteiros/as, a partir de afirmativas propostas que não foram, em grande medida, confirmadas pelos/as participantes, o que, por um lado, pode apontar alguns sinais de mudança em representações de cunho mais preconceituoso que comumente se atribuíam às pessoas solteiras. Por outro lado, a não afirmação de algumas representações mais positivas poderia estar mostrando que alguns preconceitos contra solteiros e solteiras ainda permanecem.

A amostra não concorda com a frase *A solteirice é valorizada pela sociedade* (média geral: 1,09 – mulheres: 0,93, homens: 1,29), apesar de a literatura apontar que esta condição está sendo cada vez mais bem aceita em grandes cidades, na época atual. As diferenças de gênero que ainda perpassam esta (des)valorização estão expressas nas respostas que trazem as mulheres discordando mais do que os homens, o que também está presente nas respostas mais específicas quanto à valorização da solteirice, por gênero, com a desvalorização social das solteiras mais do que dos solteiros. A amostra não concorda com a frase *As mulheres solteiras são bem vistas pela sociedade* (média geral: 0,91), sendo que as mulheres discordaram mais do que os homens (respostas femininas: 0,85 e média de respostas masculinas: 1,0). Quando esta frase foi posta dirigida aos homens, a discordância foi menor: a frase *Os homens solteiros são bem vistos pela sociedade* obteve média geral de 1,82 (média das respostas masculinas: 1,94; femininas: 1,73), o que mostra ainda uma diferença de gênero com maior valorização dos solteiros.

A ideia de que *as pessoas solteiras são muito individualistas* obteve também baixa concordância nesta amostra (média geral: 1,44) sendo que os homens discordam um pouco mais do que as mulheres (1,64, foi a média das respostas femininas e 1,24, a média das respostas masculinas) e esta é uma característica que tinha sido discutida nos grupos focais como sendo um elemento presente nas sociedades contemporâneas e como traço de características individuais que podem ser exacerbados na condição de solteiro/as (e que moram sozinhos/as), mas, principalmente, sendo esta uma característica que faz parte do cotidiano, como será exemplificado adiante neste capítulo.

Outra frase proposta no questionário que teve pouca concordância foi *As pessoas solteiras têm medo do compromisso* (média geral: 1,43; respostas femininas: 1,53; respostas masculinas: 1,32), o que indica uma desconstrução da

representação de que solteiros/as têm alguma dificuldade individual/psicológica de se engajar em um relacionamento estável, o que não quer dizer que não possa haver dificuldades, mas que não são necessariamente a regra em se tratando de solteiros/as. As respostas sinalizam para o fato de que a liberdade que a solteirice significa tem se sobressaído à negatividade da solidão ou a qualquer dificuldade individual para se relacionar.

No geral, a confirmação ou negação das representações do senso comum postas, aponta para rupturas na noção de que estar solteiro significa solidão, exacerbação do individualismo ou dificuldade de assumir um compromisso amoroso, mas se aproxima da liberdade e independência, incluindo a liberdade de escolha de parceiros/as para se relacionar. O desafio, contudo, é superar a noção de que a solteirice não é valorizada socialmente, especialmente quando são as mulheres que estão solteiras. A partir destas discussões é que reconstruo o conceito de solteirice, olhando para as dimensões que a compõem, que vão além do estado civil incluindo o estilo de vida, a solidão vista de uma forma mais positiva e agrega a liberdade como elemento importante, uma dimensão importante e significado marcante desta condição.

Nos próximos tópicos, discuto como estas dimensões também estão presentes nas representações e vivências do morar só, apontando, primeiramente, como estas aparecem dentre os motivos de estarem solteiros/as.

4.2 MOTIVOS PARA ESTAREM SOLTEIROS/AS

Quando foi perguntado sobre **as motivações para estar solteiro/a** – nos questionários –, apesar de a condição de estar solteiro/a proporcionar a liberdade e a independência, como visto nos dados que se referem às dimensões da solteirice, estas não foram as principais motivações citadas.

As respostas (n = 185; 72 casos válidos) foram agrupadas sob três motivos: a) relacional; b) escolha pelo estilo de vida e liberdade; e c) dificuldade relacional. No primeiro grupo, o principal motivo que levou os/as participantes à solteirice foi o fato de *não ter encontrado a “pessoa certa” ou ideal para um relacionamento* (24,3%) e, ainda, a afirmação do velho ditado “antes só do que mal acompanhado”, quando apontam *preferir “ficar só a estar com alguém que não agrade”* (24,3%). Juntas, estas respostas somam 48,6% (do total de respostas) e se

referem à busca de uma pessoa para se relacionar que esteja dentro de certos critérios eleitos, em um contexto que possibilite este tipo de escolha, quando a relação amorosa e o casamento deixam de ser obrigatórios. Isto corrobora a questão das representações da solteirice em que houve uma concordância média de que as *pessoas solteiras procuram por uma pessoa ideal*, e dialoga com achados de outros estudos sobre o tema, como o de Jill Reynolds (2008) que problematizou a respeito das chances e das possibilidades de encontrar a “pessoa ideal”.

Além disto, afirmar que está procurando a “pessoa certa” não significa que esta busca esteja sendo feita para compartilhar a moradia, já que, como será posto adiante, foram poucas as pessoas que afirmaram estar morando só porque não encontraram com quem compartilhar a moradia, tema também discutido nos grupos focais contemplando o casamento em casas separadas como um tipo de relação que poderia atender às expectativas do que seria uma relação ideal que favorecesse as necessidades afetivas e, ao mesmo tempo, não podasse a liberdade e a privacidade que se tem quando se mora só.

O segundo grupo de respostas apontou a *liberdade que estar solteiro/a proporciona* tendo 17,3% das respostas gerais à questão referida. *Estar solteiro/a por opção* somou 15,1%; e *não querer se casar* obteve cerca de 3,8% das respostas. Juntas, estas repostas, que somam 36,2%, refletem motivações para um estilo de vida próprio, a vida de solteiro/a, que reflete liberdade e opção de escolha pelo não casamento e aponta a dimensão da solteirice como um estilo de vida. Este agrupamento coloca a “liberdade/estilo de vida/opção” em segundo lugar, nos grupos de motivos que levaram os/as participantes desta amostra a estarem solteiros/as, diferente das respostas que se referem ao significado de estar solteiro/a, em que este item apareceu em primeiro lugar, mostrando que a “solteirice” pode significar liberdade, mas não é prioritariamente por esta liberdade que as pessoas estão solteiras.

O terceiro grupo de respostas se refere a dificuldades pessoais no âmbito das relações amorosas e da vivência de experiências relacionais anteriores que foram deletérias, o que pode desmotivar o engajamento ou a busca de um novo relacionamento. Assim, a categoria de resposta *ter passado por decepções amorosas anteriores e não querer repeti-las* representou 8,6% e *estar solteiro/a por ter alguma dificuldade de se relacionar*, 6,5%, que, juntas, somam 15,1%. (Tabela 34 – Apêndice J).

Quando os três grupos de respostas são analisados por sexo, as escolhas de cunho relacional, com a busca de uma pessoa ideal, e as que referem dificuldades também relacionais foram mais referidas pelas mulheres do que pelos homens que, por sua vez, referiam com maior frequência a escolha pelo estilo de vida de solteiro/a. A Tabela 11 ilustra o que foi posto:

Tabela 11 – Número e percentual de respostas segundo os motivos de estarem solteiros/as referidos pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

MOTIVO DE ESTAR SOLTEIRO/A	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Relacional	51	56,6	39	43,4	90	49,1
Opção/Liberdade	28	41,7	39	58,3	67	36,6
Dificuldade Relacional	18	69,2	8	30,7	26	14,3
TOTAL	97	53,0	86	47,0	183	100,0

Fonte: Elaboração própria

As referências aos relacionamentos – tanto à busca de uma pessoa ideal quanto a dificuldades neste âmbito da vida – postas, principalmente, pelas mulheres, e o estilo de vida, prevalecendo nas respostas masculinas, indicam construções de gênero que atravessam as vivências femininas comumente relacionadas às relações, e as masculinas, que não afirmam este aspecto da mesma forma, apontando, ao invés deste, o estilo de vida de solteiro e a liberdade que a este está relacionada, o que parece também apontar para uma construção de gênero em torno da solteirice. Para os homens, a condição de solteiro era vivenciada comumente porque estes, quando adultos, saíam da casa dos pais para trabalhar e passavam mais tempo sem se casar do que as mulheres que, por sua vez, não vivenciavam um período como adultas solteiras antes do casamento, porque era costume saírem da casa dos pais para a do marido (AYLMER, 2001).

Outra construção de gênero aparece no que tange às dificuldades no âmbito dos relacionamentos amorosos. Falar de dificuldades neste âmbito é mais comum entre as mulheres, o que não quer dizer que os homens não as tenham vivenciado, mas pode sinalizar que eles lidam com experiências do passado de forma que não os impeça de pensar ou se engajar em futuros relacionamentos¹⁴⁸.

¹⁴⁸ Nas entrevistas biográficas, ao retratarem o histórico de relacionamento amoroso, alguns episódios de decepções foram trazidos, por homens e mulheres, principalmente nos

Outra reflexão sobre estes dados, trazendo também observações nos grupos focais, é que, quando as mulheres falam que não querem o casamento e preferem adotar um estilo de vida de solteiras, isto pode ainda soar estranho: quando Natália (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, soteropolitana, nunca se casou) afirmou (Grupo Focal 3) querer continuar solteira, foi questionada pelos homens presentes que acreditavam que ela queria, no fundo, se casar e, ao final, ela, para atender aos questionamentos, afirmou que pode até se engajar em uma relação estável, contanto que mantenha sua individualidade: – *Pronto, eu queria uma coisa estável, mas assim, com a preservação da individualidade. Pronto.* Este tipo de comentário pode estar impresso nas respostas aqui postas do questionário, porque, assim como discussões de Shelly Budgeon (2008) apontam, os/as solteiros/as criam estratégias para viver em uma sociedade que ainda dá grande valor à união conjugal (ou à espera desta união).

Outra questão proposta objetivou avaliar o que a solteirice tem proporcionado à amostra, apontando que, apesar da busca de uma pessoa ideal ser o principal motivo que tem mantido as pessoas solteiras, quando perguntado “**o que o fato de estar solteiro/a neste momento lhe proporciona?**”¹⁴⁹, tal como para o morar só, as respostas de que proporciona *independência, liberdade* e mantém a *privacidade*, confirmam, aqui, as discussões sobre as dimensões da solteirice e o significado apontado também nos questionários (na categorização da questão aberta). As médias das respostas mais significativas estiveram relacionadas a: *liberdade de fazer o que quero* (2,65); *ter mais privacidade* (2,53); *não ter que dar satisfação a ninguém* (2,50); *facilidade para organizar meus horários* (2,50); e *oportunidade para investir em mim mesmo/a* (2,44). Outros foram: *ter mais tempo livre* (2,37); *ter uma vida prática* (2,28); *bem-estar geral* (2,1); *possibilidade de criar e manter manias* (2,1); *estabilidade financeira* (2,0); e *crescimento pessoal* (2,0).

primeiros relacionamentos, na fase da adolescência e no início da vida adulta, que eram imbuídos de muitas expectativas que, com o passar do tempo e a partir de outras experiências, foram ficando menos idealizadas. No entanto, as decepções amorosas relatadas não impediram que os/as solteiros/as entrevistados/as quisessem se relacionar novamente. Das pessoas que participaram das entrevistas, somente Logan (35 anos, pardo, homossexual, historiador, professor e artista, soteropolitano, já foi casado) relatou não querer estar em uma relação mais íntima enquanto as outras buscam algum tipo de relacionamento. Como a pesquisa não focou em possíveis dificuldades no âmbito dos relacionamentos, o tema não foi investigado em profundidade.

¹⁴⁹ Foram elencados alguns itens para que cada pessoa avaliasse o quanto a solteirice proporciona cada um (nada, pouco, mediano, muito, representados respectivamente pelos números de 0 a 3).

Todos estes aspectos confirmam como a solteirice tem proporcionado uma vida mais prática e possibilitado o exercício do investimento em si mesmo.

Os aspectos que foram apontados como estando pouco presentes na condição de solteiro/a foram as *oportunidades para o exercício da sexualidade* (média geral 1,32) e alguma *dificuldade para encontrar parceiros/as sexuais quando querem* (média de respostas: 1,19)¹⁵⁰. A *solidão* apareceu, também, como algo pouco proporcionado pela vida de solteiro/a (média 1,16). Outros aspectos negativos como *insegurança, constrangimento, tristeza e discriminação pela sociedade e família* além de *conflitos familiares e cobrança para o casamento* não foram considerados como algo proporcionado pela condição de solteiro/a na vivência da amostra (média abaixo de 1,0), reafirmando as concepções mais positivas sobre estar solteiro/a também presentes na questão que trata de suas representações, como posto anteriormente. (Tabela 35 – Apêndice J).

No tópico seguinte, veremos como todos estes aspectos se entrelaçam na condição de morar só, as escolhas, vivências e significados desse tipo de moradia.

4.3 VIVER SÓ: ESCOLHAS POSSÍVEIS

O viver só aqui é pensado como um conjunto de orientações e escolhas que as pessoas adotam reflexivamente para satisfazer tanto suas necessidades materiais como para dar forma e consistência a um projeto reflexivo de construção do *self*, em um contexto de individualização e democratização das sociedades contemporâneas (GIDDENS, 1992). Segundo Rosário Mauritti:

[...] no pressuposto da individualização e da modernização reflexiva, analisa-se em que medida a monorresidência – enquanto acção de delimitação física de um espaço singular gerido autonomamente pelo próprio – representa, no domínio da vida pessoal, uma condição propícia à concretização com êxito de projectos de realização do indivíduo autónomo. (2011, p. 42).

Esta autora se refere às análises do sociólogo Anthony Giddens (1992) que sugere que o indivíduo autônomo é capaz de identificar suas potencialidades, de gerir seus limites, constrangimentos e os contornos de relações interpessoais que estabelecem no cotidiano. Neste sentido, questiona-se: Quais as possibilidades de

¹⁵⁰ As questões sobre sexualidade serão desenvolvidas nos capítulos seguintes.

escolhas que perpassam a vida só? Tais possibilidades não são, contudo, vistas de forma livre e solta, em sociedades mais democráticas, e sim, são perpassadas por contextos e processos de negociações de “fronteiras difusas e não lineares – em função de contextos, situações e papéis diferenciados” (MAURITTI, 2011, p. 42), que, segundo a autora, perpassam as identidades dos sujeitos e os universos simbólicos e culturais das normas e padrões de condutas que circunscrevem as suas práticas sociais.

Neste sentido, “cada um escolhe o que pode”, em função das suas “condições materiais de existência, dos contextos socioinstitucionais e situacionais específicos de interação social e dos seus sistemas de valores e representações, dentro dos quais cabem ainda as projeções e expectativas”, segundo Rosário Mauritti (2011, p. 43) e, assim, em um contexto no qual as condições de vida são estruturadas por diferenciações, heterogeneidades e desigualdades, as possibilidades de viver só significando conquista de independência e como processo fundado na iniciativa pessoal e na capacidade de tomada de decisões, não são igualmente acessíveis a todos e todas.

Neste tópico, relato contextos possíveis que levaram a escolhas de viver só, trazendo os motivos declarados pela amostra para morar só que se enlaçam com parte das motivações por também estarem solteiros/as.

Em se tratando dos **motivos para morar só**, as alternativas propostas no questionário receberam respostas equilibradas: as pessoas declararam estar morando sozinhas (n = 168; 68 casos válidos) por *terem condições financeiras que possibilitem arcar com este estilo de vida*, 26,8%; para *ter mais privacidade*, 24,4%; para *desfrutar de liberdade*, 23,2%; e *de independência*, 22%. Algumas respostas mostraram que o morar só foi também uma alternativa por *não terem encontrado alguém para dividir a moradia* (3,6%).

Quando analisados por sexo, estes motivos apresentam mais proximidades do que diferenças. Homens e mulheres estão morando sozinhos/as para desfrutarem de independência, liberdade e por terem condições materiais para arcar com este estilo de vida, com respostas um pouco maior no grupo dos homens para o fato de *ter condições materiais*, 51,1%; *desfrutar de liberdade*, 51,3%; e de *privacidade*, 56,1%. Já as mulheres apontaram porcentagem de respostas um pouco maior para o fato de morarem sozinhas para desfrutarem de *independência*, 51,4%,

e com diferença maior por *não ter com quem dividir a moradia*, 66,7%, apontando que morar só, neste sentido, não foi algo tão almejado. (Tabela 12).

Tabela 12 – Número e percentuais de respostas segundo os motivos para morar só, apontados pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

MOTIVO PARA MORAR SÓ	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Ter condições materiais	22	48,9	23	51,1	45	26,8
Ter mais privacidade	18	43,9	23	56,1	41	24,4
Desfrutar de liberdade	19	48,7	20	51,3	39	23,3
Desfrutar de independência	19	51,4	18	48,6	37	22,0
Por não ter com quem dividir a moradia	4	66,7	2	33,3	6	3,6
TOTAL	35	51,5	33	48,5	168	100,0

Fonte: Elaboração própria

Sobre as motivações para escolher morar sozinho/a, a psicóloga Christiane Victorino, em seu estudo sobre morar só, entrevistou dez mulheres, em uma faixa etária entre 25 e 35 anos, cariocas e de classe média, observando que perpassava o desejo de crescimento pessoal nas escolhas feitas por morar só: o desejo “de poder exercitar a autonomia, preservar a individualidade e impor uma dinâmica própria a suas vidas” (2001, p. 34). Este processo foi motivado por limitações que existiam na casa dos pais, no que se refere ao exercício da autonomia e, para três das mulheres entrevistadas pela autora, o desejo de morar só cresceu quando passaram por experiências de residir em outras cidades, no país ou no exterior, quando vivenciaram um período de independência que não seria possível retomar se voltassem para a casa dos pais.

Entre as pessoas entrevistadas nesta tese, Beija-Flor (33 anos) e Ana Maria (50 anos) vivenciaram processos parecidos que as levaram a morar sozinhas: Beija-Flor, depois de ter residido em outro estado por cerca de três anos para fazer mestrado, ao retornar para Salvador, não quis continuar morando com a mãe, justamente por ter experienciado uma vida mais independente. Sua mãe não era o tipo de mãe que impunha limites para a filha, pelo contrário, incentivava a busca da independência. No entanto, ela queria construir uma vida, agora sozinha, e se orgulha ao falar da independência conquistada com seu trabalho:

Beija-Flor – *O que mudou a minha vida foi o trabalho. Eu descobrir o trabalho. [...] me considero [uma mulher independente]. Ninguém paga **nada** para mim. Eu tenho muito orgulho disso!* (33 anos, branca, heterossexual, psicóloga e professora universitária, baiana, já morou junto e foi noiva).

Ana Maria (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasileira, já morou junto) trilhou seu caminho de morar só com o objetivo de se desvincular da família de origem visto que, até o início da sua vida adulta, ela viveu relações não satisfatórias com os pais, já que se comportavam com distância emocional, o que a fazia se sentir sozinha. Antes de morar só em outro estado, longe da família de origem, ela compartilhou a residência com outras pessoas até que, com o auxílio financeiro do pai – cuja relação tinha melhorado depois que viveram em cidades diferentes – passou a morar sozinha. Depois de um período, com maior conquista de independência financeira, não precisou mais deste auxílio financeiro. Em Salvador, ela reside sozinha, em apartamento próprio, o que significa para ela um desafio, por estar recomeçando a vida em uma cidade desconhecida e, ao mesmo tempo, possibilita desfrutar da liberdade e privacidade que esta condição de morar só lhe proporciona.

Nessas duas trajetórias, morar só representa um movimento de conquista de autonomia e independência em relação à família de origem e de independência financeira, que permitiu arcar financeiramente com a escolha de morar só, consequência também do investimento no estudo e no trabalho.

Nos grupos focais, Natália (41 anos) também relata como decidiu morar sozinha: quando saiu da casa dos pais, dividiu apartamento com sua irmã, como uma forma de esperar o casamento. No entanto, depois de experimentar morar só, quando a irmã saiu de casa, mudou de ideia, pois gostou do estilo de vida que passou a adotar:

Natália – *[...] quando eu fui morar nesse apartamento, minha irmã foi morar comigo. Então, há cinco anos atrás, eu tinha um desejo de casar: vou morar na minha casa agora e, no meu quarto, eu botei uma cama de casal, eu botei um armário com quatro portas, tudo direitinho. Eu comprei uma geladeira grande. Aí, aconteceu sabe o quê? Aí minha irmã morou comigo uns dois anos. Morava do lado.*

Darlane – *Ela foi morar sozinha?*

Natália – *Foi morar sozinha. Eu disse: ‘Vá morar na sua casa que agora eu quero morar sozinha’. E aí ela foi, e o que aconteceu? Foi que eu gostei de morar sozinha e aí eu comecei a rever os meus conceitos. ‘E, mas essa vida tá boa demais’. Entendeu? Aí pronto. Aí eu comecei a pensar diferente.* (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, soteropolitana, nunca se casou)

No seu relato nos grupos focais demonstra a satisfação de poder arcar com a escolha que fez, o que representa para ela uma conquista também de independência financeira. Diferente de Natália (41 anos), outras mulheres dos grupos focais passaram a morar sozinhas depois de uma separação conjugal, como Mar (40 anos), que também relatou, com mais detalhes, esta trajetória, em entrevista, e Simone (32 anos).

O morar só como um momento de transição para o casamento foi discutido no estudo de Christiane Victorino (2001), em que jovens estavam buscando ter esta experiência para alcançar o autocrescimento que naquele momento da vida delas não era possível morando com os pais. Já para as adultas mais maduras (acima dos 30 anos) que fizeram parte deste estudo de tese, o morar só como busca de independência e autonomia veio para firmar que elas podem bancar suas escolhas também porque trabalham e não dependem de ajuda financeira de terceiros – independentemente de esperarem ou não pelo casamento.

Quanto aos homens, nos grupos focais, Rafael (47 anos, pardo, heterossexual, empresário, baiano) e Cristiano (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano) exemplificam aqui a vontade dos homens de morarem sozinhos, porque, à primeira vista, a busca por autonomia não esteve vinculada a qualquer situação familiar. Rafael relatou como, mesmo morando com os pais, fazia do seu quarto – que ficava como um cômodo separado das áreas principais da casa – o seu lar e que, por gostar de estar sozinho, sempre quis morar só. Ele deixou a casa dos pais por motivo de trabalho e passou a viver como um nômade urbano, residindo em hotéis, devido a sua ocupação, até decidir morar em um apartamento. Ainda, por ter uma vida movimentada, com festas e viagens, gosta de fazer do seu apartamento um lugar de descanso e, às vezes, um lugar onde pode reunir os amigos. Já Cristiano, apesar de também demonstrar a vontade de morar só desde muito jovem e de também ter conseguido realizar esta vontade depois de se estabilizar no trabalho, gosta de ficar mais sozinho em casa. Ele se considera uma

pessoa caseira e introspectiva, e, quando sai, prefere frequentar lugares pouco povoados como ir às últimas sessões do cinema no *shopping*.

Nas entrevistas, Danilo (31 anos, pardo, homossexual, advogado e servidor público, baiano, nunca se casou) e Ricardo (49 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano, nunca se casou) vieram para Salvador com o objetivo de cursar faculdade e, depois de passarem períodos vivendo em casa de terceiros, foram morar sozinhos. Para Ricardo, morar sozinho só foi possível quando ele, depois de formado, começou a trabalhar e decidiu não querer vivenciar os conflitos e incertezas que estavam presentes por compartilhar a moradia; assim, decidiu ocupar o apartamento que pertencia a familiares, como relatado na descrição da amostra. Com Danilo, a escolha por morar só se deu mais por contingências, devido ao fato de que sua irmã, que até então compartilhava a moradia com ele em apartamento adquirido pelos pais, terminou a faculdade e voltou a residir em sua cidade natal.

Diferente desses entrevistados, Logan (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano), que nasceu nesta capital, escolheu morar sozinho em apartamento alugado, sem o auxílio de familiares. A moradia individual foi relatada por ele como uma mudança importante em sua vida, significando conquista de independência e de privacidade para ele manter suas relações amorosas visto que costuma não expor sua vida afetiva para sua família de origem, por ser homossexual (assim como também o faz Danilo).

4.4 MORAR SÓ: SIGNIFICADOS E A APRESENTAÇÃO DA CASA

Os significados que apareceram ao longo da construção dos dados confirmam a liberdade, a independência, a autonomia e a privacidade como os principais elementos que perpassam também a moradia individual, refletindo características de personalidade e modos de viver de acordo com estas. Estes elementos serão confrontados nas vivências, usos e também em sentidos mais individuais construídos sobre os espaços de moradia e o seu gerenciamento.

O morar sozinho como um “espelho do eu”¹⁵¹, relatado pelos/as participantes, proporciona a organização do espaço e da rotina de um jeito próprio, além de permitir a expressão de velhas manias ou a criação de novas. Neste

¹⁵¹ Característica encontrada e discutida na pesquisa de mestrado como reflexo de uma cultura mais narcísica (ANDRADE, 2007).

processo, o autoconhecimento é facilitado. Morar só também foi considerado como expressão de uma cultura individualista e intimista quando estas características estão presentes no jeito de ser de quem vivencia este estilo de vida.

Nos grupos focais, Cristiano (31 anos, pardo, homossexual, jornalista e servidor público, soteropolitano, nunca se casou – Grupo Focal 2) expressou como morar só reflete o seu jeito de ser:

Cristiano – *Tenho um jeito mais introspectivo e gosto de ficar sozinho. Acho que ficar sozinho facilita o autoconhecimento [...] às vezes dava um pânico de estar sozinho, mas tem algo diferente e prazeroso agora.*

Também as características do individualismo e do egoísmo foram discutidas nos grupos focais: Simone reconhece ser individualista e vê esta característica como um problema, se ela for dividir a casa com alguém, enquanto Natália (41 anos) e Cristiano (31 anos) comentam como o fato de morar sozinho colabora para a exacerbação do individualismo e do egoísmo.

Simone – *Eu particularmente adoro morar só. [...] E eu vejo isso até como um problema pra mim, porque eu quero um amor, eu quero um companheiro e, ao mesmo tempo, eu adoro morar só. [...] Eu sou, eu sou muito, é, eu não posso dizer de forma pejorativa, mas eu sou muito individualista.* (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada – Grupo Focal 2).

Natália – *As pessoas esquecem um pouco o que é dividir, pelo menos em casa, quando está sozinho. Vira o “meu espaço”, “minhas regras”.* (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, professora universitária, soteropolitana, nunca se casou – Grupo Focal 1).

Cristiano – *Eu já era individualista mesmo na casa dos meus pais. Depois que fui morar sozinho, fiquei mais ainda.* (31 anos, pardo, homossexual, jornalista e servidor público, soteropolitano, nunca se casou – Grupo Focal 2).

O tema do individualismo também aparece em outros estudos, apontando a classe média como a que reflete esta cultura em seus costumes e modos de viver (MARTINS, 2010). O tema também esteve presente nas falas sobre a solteirice, apontando que a combinação da condição de solteiros e de morar só pode colaborar, em certa medida, para a exacerbação desse individualismo.

Mar – *Eu acho que as pessoas solteiras são mais individualistas, elas querem as coisas do próprio jeito, querem e fazem tudo à sua maneira, não seguem muito o grupo. Elas têm suas vontades próprias. Elas ficam mais sistemáticas, gostam das coisas do seu jeito, de pensamento, organização. Ficam um pouco egoístas também.* (37 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, divorciada – Grupo Focal 2).

Ricardo – *Eu acho que as pessoas são individualistas estando solteiras ou casadas. Mas estar solteiro reforça o individualismo.* (46 anos, pardo, heterossexual, biólogo e professor, baiano, nunca se casou – Grupo Focal 2).

Morando sozinhas, as pessoas podem também expressar (ou exacerbar) suas manias. Rafael, por exemplo, relatou que tem mania de arrumar a casa de madrugada:

Rafael – *Eu gosto de limpar [a casa] [...] Eu gosto de mudar a posição das coisas. Eu mudo sempre a posição da minha casa. Todo mundo diz que “você muda tudo assim do nada”. E sabe qual é a hora que eu faço mais isso? De madrugada. De sábado pra domingo.* (47 anos, pardo, heterossexual, empresário, soteropolitano, nunca se casou, já foi noivo – Grupo Focal 3).

As manias foram confirmadas na já discutida questão sobre o que estar solteiro/a proporciona. As manias e as características de individualismo e egoísmo são aqui vistas de modo mais subjetivo, retratando aspectos mais pessoais dos/as participantes assim como suas opiniões acerca do tema para as pessoas solteiras em geral. Em outro momento, o individualismo é colocado como uma característica que não necessariamente é própria das pessoas solteiras, quando perguntado sobre as representações da solteirice, mas que pode ser um aspecto individual que é exacerbado a partir da condição de estar solteiro/a e morar sozinho/a, como reportado nas falas acima. Mas nos grupos focais, esta característica aparece ora fazendo parte dos outros, oras como característica própria.

Morar só significa também fazer da casa um espaço de silêncio e tranquilidade, que expressa a privacidade e a liberdade que são esperadas por quem opta por este modo de vida (MARTINS, 2010).

Natália – *Adoro entrar na minha casa, como eu já disse, encontrar a casa do jeito que eu deixei, limpa ou suja, bagunçada ou arrumada, o silêncio. O meu ambiente de trabalho é muito barulhento, então na minha casa tem silêncio, uma*

coisa que eu prezo muito é essa paz, essa tranquilidade, essa liberdade. (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, soteropolitana, nunca se casou – Grupo Focal 3).

A casa também é vista como uma extensão do ambiente de trabalho e, portanto, deve ser organizada para tal fim.

Rafael – *Mas o atual [apartamento] mesmo, dá uns trinta metros quadrados, então, eu sempre fui de espaço pequeno. Eu acho que é fácil, não é difícil você ta... [organizando o espaço]. Mas, meu apartamento, há pouco tempo pra cá, ele virou escritório e casa; comecei a ter problemas de espaço das coisas. Você tem que ter o computador, você tem que ter papel, aí tem horas que você não consegue arrumar muito* (47 anos, pardo, heterossexual, empresário, baiano – Grupo Focal 3).

O estudo de Rosário Mauritti (2011), em Portugal, também aponta como a casa, para quem mora só, significa um espaço de aconchego e, também, de trabalho e a forma como este espaço é organizado reflete o jeito de ser do/a morador/a, o que também observei no estudo do Mestrado (ANDRADE, 2007).

Na realização das entrevistas, pude conhecer o espaço do lar de dois dos homens entrevistados e de uma das mulheres¹⁵² – ao menos, a sala, e o que pude visualizar do resto da casa. Todos os apartamentos tinham dispostos na sala elementos que falavam um pouco do jeito de ser de cada pessoa.

O apartamento de Danilo (31 anos, pardo, homossexual, advogado, baiano) passou uma ideia de praticidade confirmada por ele quando afirmou que buscou decorar a casa pensando na funcionalidade das coisas, sem muitos elementos que falem diretamente dele, a não ser a praticidade com que reflete o seu jeito de viver, por ser um apartamento que é de sua família. O apartamento dispõe de dois quartos, uma sala pequena, cozinha e banheiro. Na sala, onde realizei a entrevista, há um sofá de dois lugares, uma mesa de plástico onde ele apoia o *notebook*, uma estante com televisão tipo LCD, uma mesinha pequena onde apoia uma planta. Danilo afirma que é um pouco acomodado e que não usa totalmente seu potencial em termos de conquistar mais em sua vida profissional, porque reconhece que é inteligente e tem capacidade para tal, e o comodismo se reflete no fato de que não tem uma moradia própria. Ele, por vezes, pensa em ter um apartamento para decorar do seu jeito, mas não quer viver no momento pagando

¹⁵² As outras entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho ou no *playground* do prédio onde residem.

prestações com imóveis ou outro bem porque prefere pensar no presente, priorizando seu lazer, especialmente, as viagens.

Os apartamentos de Ricardo (49 anos, pardo, heterossexual, professor, baiano) e Logan (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano) contêm mais elementos que falam de si, de gostos pessoais e preferências como o gosto pela música.

Ricardo (49 anos) dispõe, em sua sala, de um *home theater* e uma guitarra, mostrando seu gosto por música. Na casa, prevalece a cor branca. Na sala, que é integrada com a cozinha, há uma estante branca onde ficam dispostas fotografias que retratam sua relação de afeto com o filho. Em um canto de parede, fica a mesa de estudo com livros da sua área de trabalho e pequenos objetos de decoração. Também há quadros com cores fortes nas paredes.

O apartamento de Logan (35 anos) fica de frente para o mar da Baía de Todos os Santos. O colorido da sua arte é refletido na residência: a grande mandala, diversas fotos e pôsters com temas relacionados à música e aos artistas baianos como Caetano Veloso e Daniela Mercury, assim como retratos de viagens e amigos. Os móveis são uma mistura de antiguidades, com simplicidade e praticidade/funcionalidade. Na sala, não há mesa e, sim, uma escrivaninha onde apoia o computador. Para fazer a entrevista, sentei em uma cadeira de balanço antiga. Um quarto, sala, cozinha e banheiro compõem o apartamento de Logan. A arrumação da casa fica a cargo dele, que não se preocupa tanto em deixar tudo limpo.

O apartamento de Ana Maria é um quarto/sala, composto também por uma cozinha e um banheiro. Na sala, estão dispostos elementos relacionados ao seu trabalho como pesquisadora: uma estante de madeira com muitos livros e um *notebook* sobre a mesa. A casa tem tom branco e marrom – pelos móveis de madeira escura. Ela comprou este apartamento logo que se mudou para Salvador, realizou uma reforma, dando ao imóvel um tom mais pessoal.

Em Salvador, tem crescido o número de residências unipessoais percebidas com a construção de prédios com apartamentos para a ocupação de uma pessoa, com os quarto-sala, os *lofts*, os apart hotéis, que trazem uma proposta de oferecer uma moradia mais prática, atendendo à tendência de um estilo de viver no espaço urbano, tal como buscam e foi demonstrado pelos/as solteiros/as da amostra.

4.5 MORAR SÓ: POSSIBILIDADES E LIMITES PARA AS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

Morar só também possibilita o exercício livre da sexualidade e a construção de relações mais íntimas em um curto espaço de tempo porque a privacidade é garantida, como afirmou parte dos entrevistados. Esta possibilidade é exercida dentro das escolhas de cada pessoa, com maior ou menor abertura para as relações mais esporádicas e para as relações que possam ser mais duradouras.

Nos grupos focais, essas possibilidades de exercício da sexualidade foram discutidas, porém, com algumas limitações de gênero, porque, de acordo com alguns/algumas dos/as participantes, criou-se, socialmente, uma ideia de que “casa de solteiro/a é motel” ou que “a mulher solteira que mora sozinha está disponível sexualmente” e que “o homem solteiro que reside sozinho tem que fazer ‘bacanais’ em sua casa”. Na conversa sobre o tema, as opiniões das mulheres tenderam para apontar como são cautelosas ao levarem pessoas com quem se relacionam sexualmente, eventualmente, para seus apartamentos e que se incomodam quando conhecem um homem e, prontamente, ele se oferece para ir a sua casa em alguma situação ocasional. Elas também mostraram preocupações com os comentários que os porteiros do prédio podem fazer sobre quem entra e sai do seu apartamento. No Grupo 2:

Simone – [...] A mulher que está solteira, ele conhece a mulher e pergunta: “Você mora só?” Então... ele pensa assim, “motel de graça”. Ele vê na frente do seu prédio uma luz neon, sabe? (risos do grupo) Neon, sabe? Então, assim... ele quer me comer e ainda quer ser de graça. (risos) Eu fico com muita raiva! Ele pergunta logo: “Você mora só?” e eu digo: “Na minha casa, homem não frequenta não” [...].

Eu, realmente, nesse lado, me sinto um pouco conservadora porque eu, pra frequentar minha casa, tem que ser meu namorado, pra entrar no meu apartamento. Tem que ser uma relação fixa, aí eu levo pra minha casa, senão entra na boca dos porteiros. A rotatividade que é lá, sempre, eu prefiro que se o homem mora só, eu que vá pra casa dele. Com o porteiro, eu não me importo. (risos do grupo) (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada).

Gabriela – *Eu concordo com ela. Eu nunca falo que moro sozinha, porque eu não quero que alguém fique insistindo pra ir pra minha casa. Eu falo logo de cara pra não se sentir assim, sabe.* (32 anos, branca, heterossexual, professora universitária, paranaense, já morou junto).

Nesta mesma conversa, Mar opina que levar um paquera para casa pode ser uma alternativa prática, quando não se quer mudar a rotina no dia seguinte:

Mar – [...] *Esse último carinho que eu fiquei [...] Eu nem transei com ele da primeira vez, ele era meu amigo, a gente começou a paquerar, aí ele foi em casa algumas vezes. Aí a gente ficou aquele clima: “Vamos para sua casa?”. Aí eu pensei: Poxa... se tá muito tarde, eu tenho que ir pra minha casa, tenho que acordar cedo, se você mora num lugar com cachorro, você tem que ajeitar o cachorro*¹⁵³ (risos), *então, tem todo um processo. Aí, eu, na minha casa, tenho que despachar [o paquera] pela manhã, aí vou estar na minha casa, não tenho que sair de nenhum lugar, eu vou ta em casa. Daí, eu falei: “Não, tudo bem”. A gente ficou assim, como namoradinho, assim, depois, assim, ele saiu.* (37 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, separada).

A preocupação com os porteiros não é vivenciada por Cristiano (31 anos), que, sobre o assunto, comenta que os amigos esperavam que ele fosse fazer bacanais pelo fato de estar morando sozinho, diferente das mulheres que veem seu exercício da sexualidade de forma mais limitada:

Cristiano – [...] *Quando falo que estou morando sozinho [os amigos], dizem: “Mas que joia!”. Morar só, acham que você pode aproveitar (risos) fazer um bacanal. Assim, um monte de amigos que tem namorado, assim, sei lá, eu até comentei que eu tenho, assim, quando eu quero ver um DVD e coisa e tal, entendeu?* (31 anos, pardo, homossexual, jornalista e servidor público, soteropolitano, nunca se casou).

A conversa continua no grupo:

Mar – *Pra mulher que mora só é complicado estar em um prédio e começa a circular gente demais, aí...* (37 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, separada).

¹⁵³ A presença de animais de estimação na vida e rotina dos/as solteiros/as é reconhecida, contudo, não foi explorada nesta pesquisa. Para estudo sobre a “vida pessoal” e animais de estimação, ver TIPPER, Becky. *Pets and personal life*. Em: MAY, Vanessa. **Sociology of personal life**. London: The United Kingdom: Palgrave, 2011, p. 85-97.

Gabriela – *E às vezes não tem nada a ver, né, às vezes são só amigos.*

Sandara¹⁵⁴ – *É, é um que veio consertar o chuveiro (risos) você diz ao porteiro o que você quiser. (risos do grupo).*

Mar – *A depender do horário, né (risos).*

Cristiano – *E não me importo com o porteiro não...*

A conversa sobre esses significados e os usos do lar para receber pessoas recém-conhecidas, mostra diferenças de gênero e preconceitos envolvendo, principalmente, a mulher que mora só e que, se não tem um parceiro sexual fixo, pode ser “mal falada” e julgada aos olhares dos porteiros dos prédios, que representam, neste contexto, os vigias destes atos. Simone, que foi quem demonstrou maiores preocupações com os julgamentos dos porteiros – que podem estar representando a internacionalização das limitações sociais para o exercício da sexualidade – e se diz “conservadora”, permite apenas que frequente sua casa quem for seu namorado. Por outro lado, as mulheres podem ceder quanto a levar o paquera para sua casa quando isto se torna mais prático, por exemplo, por terem que organizar suas coisas e cuidar do animal de estimação no outro dia pela manhã, como relatou Mar.

Em artigo, Eliane Gonçalves discute como a sexualidade é vivida culturalmente através da incorporação de regras, símbolos e significados dos contextos nos quais é construída, e neste sentido, “as relações de vizinhança, locais de residência e comunidades menores podem ter seus próprios códigos para sinalizar mensagens de conotação sexual restritiva ou permissiva” (2009, p. 195). Esta conversa nos grupos focais expõe a forma pela qual a mensagem de vigilância sobre a sexualidade se impõe entre as pessoas solteiras.

Diferente da conversa exposta, nas entrevistas, esses empecilhos não apareceram. Pelo contrário, quando se referiam às relações de intimidade, o lar foi citado como um lugar também possível para este exercício. Ana Maria (50 anos) relata um episódio em que saiu com um homem que costumava paquerar no clube onde pratica esporte:

Ana Maria – *Eu conheci no [lugar onde pratica esporte]; ele ficava me paquerando, aí, um dia, ele me chamou pra sair [...]. Saí com esse cara, fui jantar fora, fui na casa do cara, o cara veio na minha casa, não sei o que, eu não estava*

¹⁵⁴ Auxiliar de pesquisa que esteve presente neste grupo focal.

apaixonada por ele nem nada, não; ele me contou que tinha acabado de sair de um casamento, tal, tal, tal, a gente ficou junto, a gente transou. (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasiliense, já morou junto).

Ela relata que não vê problemas em levar pessoas para sua casa com fins sexuais, mas que tem de “se segurar um pouco neste aspecto”. Na mesma fala, afirma isto e relata o desenrolar do encontro:

Ana Maria – Eu, às vezes, sou incontrolável nisso; eu acho que eu preciso me controlar mais. Assim, “esse cara” teve a coragem de dizer pra mim que eu era muito fácil, porque eu tinha transado com ele. Eu achei aquilo tão maluco, porque eu pensei assim: um homem adulto, eu sou uma mulher adulta, eu sou livre, ele disse pra mim que tava livre, a gente tava com vontade de transar um com o outro, porque não?.

Ana Maria é feminista, tem amigos e amigas feministas, artistas e intelectuais e conviveu grande parte da sua vida adulta com pessoas que têm esta postura de questionamento das convenções e busca relacionamentos que, efetivamente, deixem as pessoas livres e, por isto, o comentário do seu paquera baiano foi chocante. Nesta conversa, ela relata que este tipo de comentário não aconteceria se tivesse *ficado* com alguém do seu ciclo de amizades, porque convive com pessoas que tratam as mulheres com mais respeito.

O teor de conservadorismo da fala da baiana Simone (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada) é confrontado aqui com o olhar feminista da nômade Ana Maria (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasiliense, já morou junto), que denuncia aspectos da cultura baiana que convivem com certos conservadorismos, apesar das muitas mudanças sociais.

Ainda sobre a intimidade de quem mora só, para os entrevistados Danilo (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano, nunca se casou) e Logan (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano), a moradia unipessoal facilita desenvolver a intimidade em um relacionamento de forma mais rápida, devido à privacidade no lar ser garantida. Estar longe dos olhares da família, propicia a liberdade de se relacionar e, também, a vivência da intimidade bem como dos conflitos inerentes ao conviver junto, se não na mesma casa como uma moradia definitiva, como um namoro em que grande parte da rotina é compartilhada, por passarem muito tempo juntos.

Danilo – *Aí, em 2008, eu coloquei aqui, que foi o primeiro relacionamento longo mesmo de três anos, assim, quase um casamento, né... três anos é um tempo longo de convívio... e, assim, tem um fato que é interessante constatar o seguinte: que como moro só há muito tempo, as minhas relações, elas amadurecem muito rápido, por quê? porque você tem oportunidade de convívio. (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano, nunca se casou).*

Darlane – *A pessoa vem mais para sua casa, você vai...*

Danilo – *Vem mais, e tem mais privacidade e tal, intimidade... então, você ganha nesse sentido. Porque, às vezes, quando você mora na casa dos pais e a pessoa com quem você namora mora na casa dos pais e etc., você tem pouco tempo de convívio, assim, você tem o convívio, mas é só entretenimento, você só vê o lado bom. Só vê coisa boa. Que é o sair para namorar, sair para cinema... sair para o teatro, para viajar e tal e etc. Mas quando você tem, por exemplo, um dos parceiros, uma das pessoas do casal ali, tem um espaço seu ou uma casa sua... você faz muito programa de casa e passa a ter um convívio mais próximo eu acho que você amadurece mais rápido, o relacionamento. Então você ganha **tudo** que é assim, você... você vive tudo muito mais rápido, assim, tanto as coisas boas como as dificuldades, também, vêm mais rápido. E talvez por isto, também, é... os meus relacionamentos têm sido mais curtos, inicialmente, sabe...? porque você experimenta tudo muito rápido inclusive as dificuldades, assim... as diferenças, assim, na forma de pensar...*

Logan também retrata como vivenciou a intimidade de forma rápida em seu último relacionamento, em 2011.

Logan – *Conheci uma pessoa. Olhei, olhando... e aí uma coisa que era, na minha cabeça, era para ser esporádica, como vinham sendo todas as outras, virou um namoro, né... Virou um namoro e a gente se encontra dois dias e depois três dias e, na semana seguinte, aí ele vem aqui pra casa e eu vou para a casa da pessoa e em mais ou menos um mês eu já tinha duas casas, a minha e a dele, e a gente conviveu durante seis meses; foram seis meses, pouco tempo, mas muito intensos, né... com cachorro junto, com planejamento de viagem junto. (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano).*

Essas diferentes possibilidades e dificuldades de morar só refletem uma realidade social que ainda traz limites para as mulheres exercerem sua sexualidade – e que devem ser enfrentados a partir do seu empoderamento, a ponto de não se importarem com os comentários do porteiro ou de homens machistas – e possibilidades, também para os homens, do exercício da intimidade, sem sair do seu espaço individual do lar, mantendo sua privacidade e a liberdade que almejam, devido a morarem sozinhos. Os relatos sobre a velocidade com que a intimidade é construída e as relações são mantidas refletem o contexto atual veloz e voltado ao prazer intenso que não pode ser adiado.

4.6 A SOLIDÃO PARA QUEM VIVE SÓ

Para saber em que medida a solidão é um sentimento atrelado à vida só e como esse sentimento aparece, o tema foi discutido nos grupos focais e colocado nos questionários e nas entrevistas.

Ao se perguntar sobre os **momentos em que sente solidão**, nos questionários, as respostas (n = 170; 75 casos válidos) mostraram que este sentimento está mais presente quando: a) *sentem falta de companhia afetiva* (23,5%), com percentual de respostas um pouco maior para as mulheres (57,5%); b) *quando não estão bem psicologicamente* (19,4%), prevalecendo respostas femininas (60,6%); c) *quando adoecem* (17,6%), com repostas femininas somando 53,3% e masculinas, 46,7%; d) *quando sentem falta de sexo* (12,4%), prevalecendo respostas femininas com 71,4%, considerando que parte dos homens da amostra têm namorada/o.

Por fim, a solidão parece ser mais constante para algumas pessoas da amostra que afirmaram *sentir solidão quando está sozinho/a* (11,2% das respostas totais, tendo percentual de respostas masculinas para esta questão com 57,9%). Afirmaram que *não sentem solidão*, 7,1%. No grupo de 8% do percentual de respostas que afirmaram que *o sentimento de solidão não tem um momento específico para acontecer*, 53,3% foram de respostas masculinas. A Tabela 13 traz as respostas gerais e as comparadas por sexo.

Tabela 13 – Número e percentual de respostas segundo os momentos em que os/as participantes sentem solidão, por sexo – Salvador, 2011-2012

MOMENTOS	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Quando sinto falta de companhia	23	57,5	17	42,5	40	23,5
Quando não estou bem emocionalmente/psicologicamente	20	60,6	13	39,4	33	19,4
Quando adoeço	16	53,3	14	46,7	30	17,6
Quando sinto falta de sexo	15	71,4	6	28,6	21	12,4
Quando estou sozinho/a em casa	11	57,9	8	42,1	19	11,2
Não tem momento específico	7	46,7	8	53,3	15	8,8
Não se aplica	4	33,3	8	66,7	12	7,1
TOTAL	40	53,3	35	46,7	75	100,0

Fonte: Elaboração própria

O sentimento de solidão apareceu no relato dos/as participantes dos grupos focais como algo que está presente na vida de qualquer pessoa e que independe de estar-se ou não solteiro/a. Mas, a condição de estar sozinho/a, no sentido de não estar em uma relação de conjugalidade e não dividir o apartamento com outras pessoas, proporciona momentos de solidão não somente no sentido negativo, com entristecimento – que pode, também, existir –, mas como um momento que pode ser transformado em reflexão e aprendizagem pessoal e que leva ao autoconhecimento (MANSUR, 2011; MARTINS, 2010).

Nas entrevistas, quando a solidão foi retratada, esta estava relacionada a alguma dificuldade no âmbito das relações de amizade ou familiares, também pela solidão conjugal: na trajetória de vida de Danilo, ele vivenciou a solidão por ter sido afastado de um grupo de amigos/as; na vida de Ana Maria, este sentimento se fez presente na sua infância e juventude por ter tido uma relação de distanciamento afetivo com sua mãe, e na fase adulta, com seu pai, no período em que compartilharam a moradia. Outra informante que experienciou o sentimento de solidão em sua vida foi Beija-Flor, quando estava morando em outro estado e não tinha amigos/as por perto, nem condições financeiras que lhe proporcionasse o lazer.

O sentimento de solidão nessas entrevistas foi associado a sintomas de depressão, identificados pelos participantes como uma tristeza profunda,

desmotivação, perda de autocuidado e choro sem motivo aparente (RECHE, 2003). A fala de Danilo (31 anos) retrata como se viu depressivo, tirando dúvidas sobre os seus sintomas com sua irmã que é psicóloga e que o aconselhou a procurar acompanhamento:

Danilo – eu lembro que era choro sem motivo, eu lembro que era perda da vaidade, perda de apetite... eu não comia mais, eu não me alimentava, passava o dia todo inteiro com água quando bebia água. [...] Ainda bem que eu atentei, porque eu percebi, né... que eu não estava bem. Não deixei a coisa tomar conta a ponto de eu ficar mal assim. Aí eu cheguei, ali ela [sua irmã] pegou e falou, e eu falei: Eu acho que estou entrando em depressão. Aí ela pegou e falou assim: se você está entrando em depressão eu acho que está na hora de você procurar um acompanhamento. E “se” por acaso, e de antemão eu já lhe digo: se por acaso for necessário tomar medicamento não tenha medo não. Vai fazer bem para você. Assim, se for necessário entrar, né... quimicamente e tal... aí eu fui procurar a terapia (31 anos, pardo, homossexual, advogado, baiano, nunca se casou).

Ele passou três anos em processo de acompanhamento psicoterápico, o que avalia ter sido importante para que aprendesse a tomar decisões sozinho e, quanto ao seu problema com o grupo de amigos, aprendeu, neste processo, a selecionar melhor as amizades, porque percebeu que eram poucas as pessoas com quem poderia verdadeiramente contar, separando, assim, as “amizades simples” dos “amigos conforto” (DAVIES, 2011).

A busca por psicoterapia se mostra uma prática comum entre pessoas de classe média urbana, dentro de uma cultura psicologizante e que almeja compreender as questões da “alma”, como fazem esses solteiros/as. Nos questionários, foi perguntado sobre a psicoterapia. Grande parte da amostra (n=76), cerca de 60%, já fez ou faz acompanhamento psicológico e 40,8% nunca fez psicoterapia. Das pessoas que, atualmente, fazem acompanhamento psicológico (18,4%), a maioria é de mulheres (71,4%). A porcentagem de homens e mulheres que nunca fizeram é equilibrada, com frequência um pouco maior para os homens (54,8%). Das pessoas que já fizeram acompanhamento psicológico, a maioria é mulher (54,8%), como mostra a Tabela 14.

Tabela 14 – Número e percentual de respostas segundo o acompanhamento psicoterápico feito pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

ACOMPANHAMENTO PSICOTERÁPICO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Nunca fiz	14	45,2	17	54,8	31	40,8
Já fiz	17	54,8	14	45,2	31	40,8
Faço	10	71,4	4	28,6	14	18,4
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

O fato de as mulheres já terem procurado psicoterapia ou, atualmente, estarem em processo psicoterápico corrobora com discussões acerca dos cuidados com a saúde, tendo as mulheres como as pessoas que mais procuram os serviços de saúde no país¹⁵⁵. Nas entrevistas, algumas pessoas que relataram que fazem e as que têm interesse em fazer psicoterapia não sentem que, no momento, há alguma questão pessoal/emocional que as motivem a buscá-la.

Na trajetória de vida de Ricardo (40 anos), o sentimento de solidão existe como parte do seu jeito de ser. Ele se considera uma pessoa solitária e atribui a esta característica uma vivência que transcende sua existência, o que faz com que este sentimento não deixe de estar presente, mesmo que esteja satisfeito com suas relações afetivas/amorosas e sociais. Para ele, contudo, este sentimento também está relacionado à falta de uma mulher especial, mas que pode estar além das mulheres que se relaciona.

Ricardo – Essa solidão que eu te falei é uma solidão existencial. Esteja com quem eu estiver eu vou sempre me sentir. É uma coisa que em minha vida sempre aconteceu, sabe. Eu sempre fico pensando como é que seria a mulher que eu gostaria de ter e que eu não tenho. Não é o que eu tenho. Ponto. Isso aí é a solidão existencial. Que eu vivi a minha vida inteira. A solidão material vamos dizer assim... do outro... quando eu estou com alguém ela se dilui quase que toda. (46 anos, pardo, heterossexual, professor, baiano, nunca se casou).

¹⁵⁵ As discussões neste campo também apontam como as mulheres estão mais suscetíveis a algumas psicopatologias tais como ansiedade, angústia e depressão (PAPALIA, 2006).

Quando perguntado sobre as **estratégias adotadas em momentos de solidão**¹⁵⁶, a amostra relatou adotar as seguintes estratégias: com frequência: a) *aproveitar o momento para refletir e aprender mais sobre si mesmo* (média 1,6) e b) *encontrar com amigos/as* (média de respostas: 1,4), seguidas de c) *realizar alguma atividade de lazer* (média: 1,2). *Não pensar sobre isto, realizar exercícios físicos, usar a internet para acesso a redes sociais, sair para beber e procurar alguém para fazer sexo* foram estratégias pouco citadas na amostra. Uma análise por sexo aponta como homens e mulheres da amostra adotam as mesmas estratégias, com exceção de *procurar alguém para fazer sexo*, que foi referida como utilizada com mais frequência pelos homens (1,19, enquanto para as mulheres, a média das respostas marcou menos de um ponto). (Tabela 36 – Apêndice J).

Entre as estratégias mencionadas, está o encontro e a conversa com amigos/as como um meio de enfrentar a solidão, que também esteve relacionada, principalmente, à busca de aprendizagem sobre si mesmo, mostrando que a solidão pode ser voluntária, tal como referido no trabalho de Ísis Martins (2010) e Luci Mansur (2011).

Nos grupos, foi relatado que há momentos em que sentem falta de uma companhia, seja para ter sexo, seja para ter momentos de intimidade afetiva (dormir junto sem sexo, por exemplo). Nestas horas, Natália (41 anos), quando sente falta de sexo, às vezes liga para algum ex-namorado ou procura esquecer o sentimento de falta e faz alguma atividade de que gosta ou dorme. As outras mulheres do grupo também têm seus parceiros eventuais para suprir estes momentos. Os homens relatam que sentem falta de uma companhia, com exceção de Cristiano (31 anos), que não mencionou tal fato, mas não falaram se e como realizam suas necessidades sexuais. Nestes momentos, Rafael (47 anos) faz faxina em casa e Ricardo (49 anos) comenta que nada do que ele faz consegue acabar com este sentimento, porque, como já posto, é um sentimento que é inerente a sua existência. Mas para que este sentimento seja amenizado, costuma praticar algum exercício físico, como caminhada ou ouvir música. Este mesmo participante relatou que um momento ruim, quando se está só, é em situações de adoecimento. Já outras integrantes dos grupos focais afirmam que não sentem a mesma dificuldade por não

¹⁵⁶ Nesta questão, as respostas foram dadas em média de respostas que apontaram o grau de frequência entre 0, indicando que nunca realiza a estratégia proposta, e 3, que a realiza com grande frequência.

vivenciarem uma situação de doença grave e por terem uma rede social – familiar e amigos/as – presentes.

Ao discutir acerca das dimensões da solteirice, os significados e as práticas também em torno da moradia individual, este capítulo aponta como a dupla condição – ser/estar solteiro/a e estar morando sozinho/a – delinea costumes e expressa representações perpassadas por construções de gênero, observadas pela forma pela qual homens e mulheres apontaram a liberdade, a autonomia e a independência como fazendo parte das suas vivências tanto pelo fato de estarem solteiros, mas, principalmente, por morarem sozinhos. Isto porque a moradia individual significa para muitos uma conquista de independência econômica, de privacidade onde podem expressar seu jeito de ser assim como suas manias e desde onde podem construir práticas e significados também em torno de suas relações de intimidade, sendo a privacidade garantida, lembrando que como há diferenças de gênero que marcam estas vivências a sexualidade feminina é mais vigiada do que a masculina.

A solteirice, contudo, não é motivada prioritariamente pela característica de liberdade, apesar de ter a liberdade como seu maior significado e, em sua prática, apontar para comportamentos também mais livres, no sentido de que haver certa liberdade de escolha sobre os modos de viver e se relacionar. Ainda assim, para parte da amostra, há uma busca por uma pessoa ideal ou um relacionamento ideal. Este dado foi referido, principalmente, em respostas femininas, que também prevaleceram nos itens que definem a solteirice como um estado civil e como solidão, que consideram estarem solteiras por motivos de cunho relacional ou por alguma experiência negativa que tiveram no passado. Já as respostas masculinas afirmaram a solteirice como um estilo de vida e por este motivo é que estão solteiros.

Apesar destas diferenças de gênero percebidas, principalmente, nas respostas dos questionários, homens e mulheres veem a solteirice como positiva e desconstroem suas representações mais negativas, não considerando que as pessoas solteiras sejam solitárias, individualistas ou tenham medo de compromisso. No entanto, quando entrevistados/as ou em participação nos grupos focais, as opiniões que reportavam a aspectos da vida pessoal e do jeito de ser de alguns/algumas deles/as apontavam que o individualismo pode estar presente como uma característica pessoal exacerbada em função de estarem solteiros/as e morando sozinhos/as. Houve relatos de experiências negativas de solidão bem

como olhares mais positivos que dialogam com a *solitude*, discutida Luci Mansur (2011), quando o gosto por estar só é presente, significando liberdade de escolher estar no refúgio do seu lar, com possibilidade de acionar amigos/as para superar momentos de dificuldade, quando estes aparecem, ou escolher alguma atividade de lazer para tal fim. Não houve, nas entrevistas e grupos focais, menção à existência de alguma dificuldade em lidar com a vida amorosa.

Por fim, a exploração das dimensões da solteirice como um estado civil, um estilo de vida, da solidão e do significado da liberdade fornece elementos para olhar para esta condição de forma mais ampla, observando o modo como esta se configura socialmente, nas suas representações e na prática que são perpassadas por construções de gênero.

CAPÍTULO 5

SOBRE A ROTINA E O LAZER DOS/AS SOLTEIROS/AS: TERRITÓRIOS E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE EM SALVADOR

Este capítulo discute a rotina e o cotidiano das relações estabelecidas por uma subamostra da pesquisa que respondeu aos diários, por dados dos questionários e comentários nos grupos focais e entrevistas, sobre rotinas de trabalho e atividades domésticas bem como o tempo despendido para a sua realização. Discute, também, de modo mais específico, o lazer como fazendo parte da rotina dos/as solteiros/as, trazendo as principais atividades referidas pela amostra e apontando os territórios de sociabilidade em Salvador onde solteiros/as de classes médias transitam, observando diferenças de gênero na dinâmica de interação entre pessoas, nos ambientes mais propícios para a paquera, bem como as possibilidades de trânsito nestes locais.

5.1 A ROTINA DOS/AS SOLTEIROS/AS

Segundo os registros dos diários e das entrevistas, faz parte da rotina da subamostra (seis pessoas entrevistadas das quais cinco realizaram os diários), o trabalho – para alguns, também, o estudo –, as atividades de lazer, os cuidados com o corpo e a mente, para algumas pessoas, com a inclusão da prática de exercícios físicos e do acompanhamento psicoterápico. A rotina também é ocupada com os cuidados com o lar. Todos estes elementos estiveram presentes na rotina dos sujeitos, em outros estudos sobre solteiros/as no Brasil (ANDRADE, 2007; TAVARES, 2008; GONÇALVES, 2007). Para falar destas atividades, primeiro trago o tempo gasto na sua realização, para, com isto observar a dinâmica da rotina e refletir sobre as práticas cotidianas e o modo de vida que tem se forjado em contexto urbano sob a condição de solteiros/as morando sozinhos/as.

Para refletir as atividades rotineiras, trago o estudo do britânico Dale Southerton (2011) acerca das mudanças ocorridas, nas últimas décadas, na divisão do tempo das atividades de trabalho e lazer. Os resultados deste estudo apontam que, no período de 1975 a 2000, o tempo (total de minutos por dia) destinado ao trabalho pago diminuiu para os homens (em 111 minutos) e aumentou para as

mulheres (em 23 minutos); o não pago aumentou para os homens em 63 minutos e diminuiu para as mulheres em 26 minutos. Segundo o autor, quando o tempo é analisado em conjunto, percebe-se que ambos, homens e mulheres, têm reduzido o total de suas horas de trabalho (atividades pagas e não pagas) e aumentado as horas de lazer, apesar de o tempo de lazer para os homens ter aumentado mais do que para as mulheres. O mesmo dado aparece na amostra onde as mulheres dispõem de menos horas para o lazer do que os homens, como veremos adiante.

Na amostra dos questionários, o tempo destinado às atividades remuneradas e não remuneradas (aqui foram consideradas as atividades de lazer e atividades domésticas) foi medido em horas e frequência¹⁵⁷, diferente do estudo citado.

Para tratar da carga horária despendida para o trabalho e o lazer, primeiro se deve considerar que grande parte da amostra foi composta por profissionais das Ciências Humanas e Sociais que realizam atividades vinculadas às ciências e arte. Dentro deste perfil, a amostra (n = 74) apontou trabalharem, em média, 36,6 horas por semana (a carga horária de trabalho variou de 8 a 60 horas semanais, tendo a mediana 40 horas; moda, 40 horas; e desvio de 10,6 horas). Agrupada por escala, a maioria trabalha *40 horas ou mais* (68,9%), seguido de *21 até 39 horas* (17,6%). O trabalho *até 20 horas* semanais soma 13,6% das respostas. (Tabela 15)

Tabela 15 – Número e percentual de respostas, segundo o número de horas trabalhadas semanalmente pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

CARGA HORÁRIA TRABALHO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
40 horas ou mais	26	51,0	25	49,0	51	68,9
De 21 a 39 horas	7	53,8	6	46,2	13	17,6
Até 20 horas	7	70,0	3	30,0	10	13,6
TOTAL	40	54,1	34	45,9	74	100,0

Fonte: Elaboração própria

¹⁵⁷ No questionário verifica-se: a) a questão 9 indica a carga horária de trabalho semanal (questão aberta); b) a questão 28, o momento de realização das atividades domésticas (com alternativa de resposta, em escala: *nunca, eventualmente ou nos fins de semana; diariamente*); c) a questão 30 se refere as atividades de lazer (nesta, a alternativa era aberta para indicação das horas semanais dedicadas a atividades de lazer).

Comparada por sexo, a Tabela 15 mostra proporções próximas entre os sexos, para o tempo de trabalho *acima de 21 horas* semanais, com porcentagem um pouco maior para as mulheres (*de 21 até 39hs*, as respostas somam 53,8%; e *de 40 horas ou mais*, 51%), apesar de ter representação menor na amostra geral.

Devido ao grande tempo despendido com atividades laborais, sobram poucas horas para o lazer. A **carga horária destinada ao lazer**, em números, indica que, em média, semanalmente, a amostra apontou como resposta (n=68) despender 14,37 horas (com desvio de 9,7 horas, sendo a mediana, 12; moda, 20 horas), para estas atividades, diferente da carga horária de trabalho, com média de quase 40 horas semanais. Quando as horas destinadas ao lazer são agrupadas, prevalecem as respostas com *até 20 horas* (somando as respostas para *até 10 horas* e *de 11 a 20 horas*, tem-se 78%), prevalecendo as mulheres com respostas no grupo que afirmou gastar *até 10 horas* com atividades de lazer: 65,6%. As respostas dos homens prevaleceram no grupo de respostas que apontou destinar *de 11 a 20 horas* para o lazer com cerca de 62% das respostas. O tempo *acima de 20 horas* somou 22% de respostas gerais, prevalecendo respostas masculinas neste grupo (57,1% de respostas para *de 21 e 39 horas*); um homem referiu destinar 40 horas ou mais para o lazer, como mostra a Tabela 16. Ou seja, em se tratando de tempo para o lazer, são as mulheres que dispõem de menos tempo, tal como no estudo de Dale Southerton (2011).

Tabela 16 – Número e percentual de respostas, segundo a carga horária semanal destinada ao lazer pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

CARGA HORÁRIA LAZER	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Até 10 horas	21	65,6	11	34,4	32	47,0
De 11a 20 horas	8	38,1	13	61,9	21	30,8
De 21a 39 horas	6	42,9	8	57,1	14	20,5
40 horas ou mais	–	–	1	100	1	1,7
TOTAL	35	51,5	33	48,5	68	100,0

Fonte: Elaboração própria

As respostas subjetivas para o tempo de lazer foram dadas em uma média de horas, tipo entre *1 e 3 horas*, *de 5 a 10 horas*, *mais de 20 horas*, somando 9 respostas que foram incluídas nas escalas postas acima (mas não foram incluídas

no cálculo da média de horas destinadas ao lazer). Outras cinco respostas dadas a esta questão apontaram períodos como *duas vezes na semana*, *nos finais de semana* e *poucas horas*, que não puderam ser quantificadas.

Sobre a realização de **atividades domésticas** (n=76), estas são feitas de forma *eventual*, pela maioria da amostra (57,9%), ou *diariamente* (25%). *Nunca* realizam atividades domésticas 17,1% dos/as participantes. Quando estes dados são analisados por sexo, as atividades domésticas são realizadas *diariamente* mais pelas mulheres (68,4%), sendo que a diferença entre os sexos é amenizada na realização de atividades domésticas de forma *eventual* (50% para cada resposta); nas respostas que declararam *nunca* realizarem atividades domésticas, os homens se sobressaem um pouco (53,8%), como mostra a Tabela 17.

Tabela 17 – Número e percentual de respostas, segundo a frequência de realização de atividades domésticas pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011- 2012

FREQUÊNCIA	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Eventualmente	22	50,0	22	50,0	44	57,9
Diariamente	13	68,4	6	31,6	19	25,0
Nunca	6	46,2	7	53,8	13	17,1
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

Considerando que cerca de 30% da amostra que respondeu aos questionários declarou ter empregada doméstica (no instrumento, ver Questão 13 que trata dos itens do Critério de Classificação Econômica Brasil) e que isto tem se tornado cada vez mais dispendioso para a classe média, os/as participantes acabam por ficar com o encargo das atividades do lar, sozinhos ou com o auxílio de diaristas.

O trabalho doméstico, social e historicamente, ficou a cargo das mulheres. O relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) aponta que há dificuldade de medir o tempo destinado ao trabalho doméstico no país, considerando as diferenças de gênero. No relatório do corrente ano, “o que se sabe é que elas responderam despendendo, em média, 26,6 horas por semana realizando afazeres domésticos, em 2009. Os homens, por sua vez, despendiam 10,5 horas semanais” (IPEA, 2012, p. 5).

Quando os homens começam a compartilhar esta atividade, muitas vezes o fazem de forma esporádica. Quando solteiros e morando sozinhos, estes, se não têm o auxílio de uma mulher (empregada doméstica ou diarista), acabam realizando estas atividades, no entanto, com menor frequência do que as mulheres, atentando para o fato de que parte das mulheres da amostra também declarou realizar atividades domésticas de forma eventual. Segundo discussão no relatório do Ipea (2012), o tempo despendido para realização das atividades domésticas depende do tempo também destinado ao trabalho, assim como se há ou não o auxílio de empregada doméstica.

Nos relatos sobre morar só, das pessoas entrevistadas e participantes dos grupos focais, os cuidados com o lar foram mencionados como sendo feitos de forma flexível, por haver a liberdade de organizar a casa, cozinhar, lavar a roupa, etc., sem ter que negociar como e quando tais atividades seriam realizadas: uma das vantagens de morar só. A frase de Ana Maria ilustra este dado:

Ana Maria – *Eu adoro morar sozinha e poder lidar com as coisas da minha vida, do meu espaço, de eu poder sair quando eu quero, poder fazer as coisas que eu quero – se eu quero arrumar a minha casa, eu arrumo, se eu não quero, eu não arrumo, se eu quero fazer comida pra mim, eu faço, mas eu faço porque eu tenho prazer em comer, não é porque eu tenho que fazer, porque eu tenho que ter comida na hora do almoço, na hora do jantar, se eu não quero, eu não faço* (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasiliense, já morou junto).

Essa flexibilidade de organização da casa, dos horários e da rotina está presente no cotidiano de quem é solteiro/a e mora sozinho/a, o que permite que a “vida só” tenha um caráter de praticidade, como posto no capítulo anterior.

E quanto às redes de relações sociais na rotina dos solteiros e das solteiras: quem são as pessoas que delas fazem parte?

5.2 O COTIDIANO RELACIONAL DOS/AS SOLTEIROS/AS EM DIÁRIOS

Os diários foram instrumentos fundamentais para a construção de dados acerca da dinâmica relacional no cotidiano de uma subamostra, que foi registrada em um período de sete dias, realizados do dia primeiro ao dia vinte e três de dezembro de 2011, um mês, particularmente, em que o clima de verão, de festas pré-carnavalescas e de férias rodeia a cidade de Salvador. A proximidade do Natal

também colabora para os eventos de confraternização entre colegas de trabalho, amigos/as e familiares, o que foi registrado pelos/as participantes. No período, houve um feriado na cidade – o dia oito, dia de Nossa Senhora da Conceição, que foi uma quinta-feira – o que significou o prolongamento do final de semana e o aumento do tempo livre para o lazer e encontros com as redes sociais/afetivas.

Para obter uma visão geral da rotina relacional dos/as participantes, foi feito um levantamento quantitativo dos dados dos diários, registrando-se a frequência das respostas quanto às **pessoas com quem os/as informantes tiveram contato** – classificadas pelo tipo de relacionamento –, **o local onde este contato aconteceu** (físico ou mediado pelas tecnologias da comunicação) e o **objetivo deste contato** ou de estar neste local quando o contato se deu (Tabela 37 – Apêndice J). O uso dos termos “contato” e “tipo de relacionamento” foram eleitos para abarcar discussões acerca das relações contemporâneas quando estas palavras passam a ser utilizadas para representar relações de todo tipo que se estabelecem em diversos contextos – físicos e nos espaços virtuais (JAMIESON, 1999; GIDDENS, 1992; BAUMAN, 2001b).

Ao classificarem as **pessoas que mencionaram nos diários**, nesta amostra, as respostas mais frequentes (total de respostas, n=226) apontaram que os contatos mais importantes foram feitos com *amigos/as* (34,9%) prevalecendo as respostas femininas (62%); *familiares* (16,3%), em sua maioria, mencionado pelos homens (78,4%); e *pessoas com quem tem uma relação afetivo-sexual* (namorado/a, paquera, “amigo/a colorido/a”, e amante), somando 15% (com maioria de respostas masculinas: 61,8%).

Em quarto lugar, estiveram as pessoas com quem se estabelecem *relações de cunho profissional* (13,7%), que também foram mencionadas em sua maioria pelos homens (64,6%). Outros contatos foram classificados como *colegas e vizinhos* (9,7%, com percentual de respostas maior entre os homens: 59%); com *instrutor*, em clubes esportivos e academia (5,2%, estes mencionados pelas mulheres), pessoas com quem se estabelecem *relações comerciais* ou prestadores de serviço (3,5%, tendo os homens a porcentagem de 62,5% em suas respostas); e, por fim, *profissionais de saúde* (1,7%, prevalecendo respostas femininas, com 75%).

Pelos tipos de relacionamentos mencionados, os **objetivos dos contatos e os encontros** confirmam a intenção de manutenção dos diversos tipos de

relações, prevalecendo as de amizade: o percentual de respostas¹⁵⁸ (n=287) para a manutenção das *relações de amizade* foi de 26,3% (com as respostas femininas somando 58,6%), seguido de tratar de *trabalho* (10,8%, com 51,7% de frequência de respostas masculinas). O encontro com objetivo de *lazer* somou 9,7% das respostas (com 60,7% de respostas das mulheres) e de manter *relações afetivas/sexuais* somou 9% das respostas (com 57,7% de respostas masculinas). As *relações com fins comerciais* somaram 8,3% do total de respostas (tendo 54,2% de respostas masculinas). Outros objetivos mencionados foram: manter relações com *familiares* (com 2,7% das respostas, tendo 50% de cada grupo), a *prática de esportes* (3,8%, sendo referido somente pelas mulheres), e os *cuidados de si e com a saúde* (1,3%, com 50% de resposta para cada grupo).

As relações de amizade se estabeleceram com amigos/as que moram em Salvador e os de fora desta cidade, amigos de infância e atuais, os que também compartilham do mesmo ambiente de trabalho ou estudo e pessoas da mesma idade e de outros grupos de idade¹⁵⁹ e se deram com os objetivos de conversar sobre o cotidiano, a vida afetiva, o trabalho e planejar alguma atividade de lazer, compartilhando assim, cuidado mútuo, alegrias e necessidades pessoais, corroborando com discussões a respeito da função das amizades nos modos de viver em contexto urbano (DAVIES, 2011; VELHO, 1989; 1994; 1995), em especial, para os/as solteiros/as como provendo modelos de relações mais horizontalizadas – aspectos também discutidos por Eliane Gonçalves (2007), Tuula Gordon (1994), Márcia Tavares (2008) e E. Kay Trimberger (2005), dentre outras/os.

As mulheres relataram o contato mais com amigos/as do que os homens, nos diários, por terem participado de eventos de confraternização onde puderam encontrar diversas pessoas bem como por terem o costume de encontrar amigos/as mais próximos/as em outras situações do cotidiano.

Mar (40 anos), ao longo da semana, encontrou com amigos/as para almoçar, comer caranguejo na Barra, ir à praia; ela também foi a um aniversário em

¹⁵⁸ As porcentagens das respostas foram maiores para o tipo de relacionamento do que para seu objetivo porque as pessoas indicavam, por exemplo, vários nomes de amigos/as e apontavam uma única vez que a relação tinha o objetivo de manter a amizade.

¹⁵⁹ Nas entrevistas de devolução dos diários as pessoas informavam a idade de quem tinham mencionado nos diários, assim como relatavam sobre o contexto da relação, o que mostrou que as interações são feitas com pessoas tanto da mesma idade como pessoas mais velhas, e alguns tiveram contato com gerações precedentes.

casa de amigo e um evento de confraternização do trabalho, que aconteceu na boate Leopoldina (no bairro da Graça), além de manter contato com amigos/as pelo celular e pelo site de relacionamento ou rede social *facebook*¹⁶⁰ para tratar de situações do cotidiano. Esta informante também identificou um amigo como “amigo colorido”, ou seja, com quem eventualmente faz sexo, com quem manteve contato durante a semana pessoalmente e por celular.

Ana Maria (50 anos) encontrou com amigos/as também em momentos de lazer, no feriado e no final de semana, para irem juntos ao cinema (na Universidade Federal) e na praia (da Barra), também no ambiente de estudo, ao participar de um Simpósio, e em outras situações, incluindo o contato também pela internet e celular com amigos/as que compartilham com ela de gostos semelhantes como o interesse pelo feminismo, a militância e o interesse pela pesquisa. Os horários em que estes contatos eram feitos variaram, em função da sua flexibilidade de trabalho, porque, por trabalhar em casa, pode organizar o tempo para também estabelecer a comunicação com os/as diversos/as amigos/as de dentro e de fora da cidade. Da mesma forma, variou de acordo com a disponibilidade dos/as amigos/as para estarem com ela: por exemplo, agendou um café da manhã para um casal de amigos e seu filho por ser um horário em que ficaria mais fácil o encontro¹⁶¹.

Beija-Flor (33 anos) encontrou menos com amigos/as do que estas duas informantes, por ter dedicado a semana ao trabalho como professora e a encontros com um novo paquera, o que, em certos momentos, aconteceu junto com suas amigas, por exemplo, quando foi ao “Groove” (boate na Barra), em um sábado relatado nos diários.

Entre os dois homens, o encontro com amigos prevaleceu na rotina de Danilo (31 anos) porque, durante a semana, Ricardo (49 anos) manteve mais contato com familiares e com sua namorada, principalmente em eventos de confraternização familiar, natalinos. Danilo (31 anos) falava com pessoas significativas do seu ciclo de amizade, por telefone celular e *facebook*, em diferentes horários do dia, seja no trabalho, quando estava dirigindo ou à noite, em casa. Estes contatos eram feitos para “bater papo” (sic), para saber como a pessoa estava, mostrando um certo cuidado com os/as amigos/as, e também para agendar

¹⁶⁰ Endereço: <www.facebook.com>.

¹⁶¹ Esta família reside no interior e vieram para Salvador porque a amiga iria fazer uma prova, sendo acompanhada pelo esposo e filho, que para a participante, é uma criança muito especial, por quem tem muito carinho.

encontros a lugares que costuma frequentar: restaurantes naturais (mencionou um restaurante na Graça), a boate (ele foi a *San Sebastian* e *Off Club* no período que realizou os diários) e para marcar encontro em sua casa:

Danilo – *Eu estava em casa no facebook e conversei com minha amiga para convidar para assistir um filme em casa. E aqui concretizou esse filme em casa.*

Darlane – *No mesmo dia?*

Danilo – *Na minha casa. É. Botar assim... [identificou a pessoa no diário] [...] Filme na minha casa regado a muito vinho. [...] Nós assistimos nesse dia... Ah, foi um filme tão bobo! [...] tipo uma comédia romântica. Bem água com açúcar... bem... “sessão da tarde” que ele [um amigo que sugeriu o filme] disse que adorava, que a gente ia amar. (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano, nunca se casou).*

Outras relações foram identificadas como as com colegas, que incluem os colegas de trabalho e as pessoas conhecidas – vizinhos – com quem não se tem uma relação de tanta proximidade como se tem com os que foram considerados amigos, tal como apresentado em classificações feitas no estudo de Katherine Davies (2011) e em discussões trazidas por Jeffrey Weeks e seus colegas (2001).

Os contatos feitos com vizinhos foram mencionados por Mar (40 anos) e por Ricardo (49 anos), que participou de reunião de condomínio, encontrou com o síndico do prédio fora desta reunião e também conversou com o porteiro sobre assuntos do cotidiano. Sobre os colegas de trabalho, as pessoas identificaram os que tiveram contatos corriqueiros para resolver alguma questão referente ao ofício que realizam – por exemplo, Diogo (31 anos) identificou em vários momentos “discutir questão de trabalho” ou “solicitar uma diligência” para estas pessoas. Ressalto que, alguns dos colegas de trabalho foram identificados também como sendo uma relação de amizade quando há maior proximidade afetiva com essas pessoas e também familiar, como Beija-flor (33 anos) que, além de lecionar em uma faculdade, trabalha na escola de que sua mãe é proprietária.

Sobre as relações familiares, foram mencionados os pais, irmãos/ãs, sobrinhos/as e Ricardo (49 anos) mencionou o filho com quem se encontraram em diversas situações como no trabalho, em confraternização ou situações cotidianas, sendo estes contatos também estabelecidos por telefone ou internet, principalmente para os que têm familiares residindo em outra cidade.

Beija-Flor (33 anos) tem os pais separados e, na semana de realização dos diários, seu pai, que mora em outro estado, estava na cidade e ficou hospedado em sua casa. Ela considera que o pai, depois que foi envelhecendo, ficou “uma pessoa muito carente” (*sic*) e encontra nela um apoio emocional; a relação com sua mãe se estabelece no ambiente de trabalho, de forma cotidiana, sendo que, na semana registrada nos diários, elas participaram de aniversário de parentes.

Ricardo (49 anos) foi a pessoa que mais identificou nos diários o contato com familiares, que incluiu seus irmãos¹⁶², uma tia, sobrinhos, seu filho e outros parentes que encontrou em eventos de confraternização familiar, em função de estar na semana que antecede o Natal, em que se reuniram para jantar, e no dia 23 de dezembro, para almoçar. Este informante reportou que a relação com seu filho é muito boa porque, apesar de nunca terem compartilhado residência, ele sempre foi um pai participativo, estabelecendo também um contato amistoso com a mãe deste filho, o que foi demonstrado nos relatos sobre os contatos que tiveram durante a semana de realização dos diários.

Os outros três participantes têm familiares residindo fora de Salvador e entraram em contato com estes por telefone e pelo *facebook*, para conversar sobre assuntos do cotidiano e também planejar encontros das férias: Mar (40 anos) estava planejando viajar para sua cidade natal, em Minas Gerais, e conversou com sua irmã sobre este encontro; Ana Maria (50 anos) também estava planejando encontrar com o irmão e os sobrinhos em viagem para um Congresso na cidade onde residem; Danilo (31 anos), que tem os parentes em cidade mais próxima de Salvador, além de conversar com eles pelo telefone¹⁶³, sua tia e o pai o visitaram.

Como já posto, estudos sobre solteiros/as consideram que as relações de amizade funcionam como redes sociais importantes restando evidente a presença dos amigos/as assim como das relações familiares no cotidiano. Segundo Tuula Gordon (1994), as relações familiares não foram tão privilegiadas pelo feminismo, que focou na hierarquização dos papéis dos membros da família, mas que aqui, assim como no estudo de Gordon, se mostram significativas e presentes na rotina dos/as participantes, principalmente as irmãs. Em seu estudo, E. Kay Trimberger

¹⁶² Neste período ele se encontrou com um irmão e uma irmã que residem na cidade, porque boa parte dos parentes reside no interior na sua cidade natal, no interior do estado.

¹⁶³ Ele identificou a conversa com a mãe, quem considera ser uma pessoa muito importante em sua vida e a classifica também como uma melhor amiga.

(2005) aponta como as mulheres solteiras¹⁶⁴ constroem intimidade a partir de uma rede social de amigos e familiares, que promovem companhia e também apoio em momentos de dificuldade e, apesar do discurso de que na vida urbana as relações são mais frouxas e distantes mostram que as amizades podem ser criadas e cultivadas. Identificou, também, que mulheres solteiras apreciam ter algum tipo de conexão com as próximas gerações de muitas formas, seja com seus filhos, sobrinhos ou em trabalho voluntário com crianças. Na amostra desta tese, além de Ricardo (49 anos), que tem contato com seu filho adolescente, Diogo (31 anos) e Ana Maria (50 anos) demonstraram a satisfação de estar com os sobrinhos.

Ana Maria (50 anos) considera que os sobrinhos a têm como uma figura feminina próxima: “Eu sei que eu sou muito importante pra eles, assim, que eles perderam a mãe, isso muito pequeninos, eu sou uma presença feminina muito próxima¹⁶⁵”. Diogo (31 anos) considera os sobrinhos (gêmeos, com idade de um ano) como seus filhos: “Talvez os meus sobrinhos sejam os meus filhos, assim... a projeção de mim mesmo, sabe?”. Logan (35 anos) não fez os diários, mas, em entrevista, relatou como também vê seu irmão mais novo como um filho. Estes informantes demonstram, assim, o contato com gerações mais novas em suas vidas.

Quanto às relações afetivas e sexuais, estas foram nomeadas como *amigo/a colorido/a*, *namorada*, *paquera* e *amante*, estando presentes na rotina de todos/as estes/as participantes. Na semana de realização dos diários, Beija-Flor (33 anos) tinha começado a namorar um rapaz, estrangeiro, com quem saiu durante vários dias naquela semana, relatando como foi o primeiro encontro, o primeiro beijo, os passeios pelos pontos turísticos, bares, uma boate e um passeio em Praia do Forte. Este início de namoro fez ela se sentir alegre e assim nomeou o seu estado de solteira com “alegria, e liberdade”, porque se sentia bem e livre neste novo relacionamento¹⁶⁶. Ricardo (49 anos), como já posto, estava namorando e,

¹⁶⁴ Esta autora entrevistou 46 mulheres com idade acima de 30 anos vivendo na Califórnia, Estados Unidos. Na sua amostra, as mulheres pertenciam à classe média, algumas nunca tinham se casado, outras eram divorciadas e metade delas tinha filhos; incluiu mulheres heterossexuais, lésbicas e bissexuais. Parte da amostra foi entrevistada novamente, anos após a realização da primeira entrevista, e seu estudo se baseia nestes últimos depoimentos.

¹⁶⁵ Ela tem três sobrinhos, e relatou que sempre que viaja para Brasília, agenda alguns dias para vê-los.

¹⁶⁶ Este sentimento de alegria, neste momento para Beija-flor vem também em função de estar lidando com uma relação diferente da que tinha previamente, a qual considerou

diferente do relato de Beija-Flor (33 anos), os encontros com a namorada aconteceram em seu apartamento ou no da namorada e, também em eventos comemorativos, como reunião em apartamento de familiares. Este participante relatou que, às vezes, sai com a namorada para algum bar próximo de sua residência e já viajou com ela para a cidade do interior onde reside sua família.

Os outros informantes apontaram contato feito com pessoas com quem mantém relações mais esporádicas: Mar (40 anos) foi à praia com um “amigo colorido” e conversou pela internet com um paquera que mora fora do país e a quem irá visitar em poucos meses; Danilo (31 anos) também mencionou ter conversado com um paquera para marcarem um encontro e, no dia seguinte, almoçaram juntos; Ana Maria (50 anos) trocou olhares de paquera com um colega no local onde pratica esporte e trocou mensagens com um homem com quem costuma *ficar*, a quem ela nomeou como *amante* – este contato aconteceu como forma de ela demonstrar que sentia saudades dele.

Ana Maria – *Aí [no diário] coloquei [...] o menino que eu fico paquerando na piscina, que eu cumprimentei (risos), não sei o que, porque eu achei que talvez pra pesquisa fosse uma coisa importante; a única coisa que eu coloquei, que foi uma comunicação sem retorno foi pra [NOME¹⁶⁷], que é esse cara com quem eu fico: eu coloquei até amante aqui (risos).*

Darlane – *O tipo de relacionamento.*

Maria – *Mas é porque a minha relação com ele se estabelece muito desse jeito, assim; ele tá viajando, mesmo quando ele tá viajando, se eu sinto saudade dele, eu mando mensagens pra ele, aí, quando ele volta ele vê as minhas mensagens, aí ele responde. Então, eu não tive resposta, mas é um sentimento que eu estou estabelecendo um diálogo com ele, então, por isso eu coloquei as mensagens que eu mandei pra ele.*

Ana Maria (50 anos) retrata o que talvez seja o significado de se comunicar através das novas tecnologias, por estas possibilitarem a sensação de “estabelecer um diálogo” e ser uma ponte de aproximação entre as pessoas e um meio de atender necessidades de demonstrar afeto.

que a deixava presa porque era uma situação indefinida, já que o antigo namorado não era uma pessoa presente emocionalmente.

¹⁶⁷ Suprimi o nome informado pela participante.

A partir deste e dos outros relatos (e registros), foi possível descrever e afirmar que a rotina dos/as solteiros/as é permeada por relações de cunho afetivo e sexual, além das mantidas com amigos/as, colegas e familiares, tal como tem sido discutido em estudos sobre o tema, que mostram que morar só possibilita também interações com redes sociais diversas (MARTINS, 2010; MANSUR, 2011; MAURITTI, 2011 e outros).

Outros contatos feitos tiveram objetivo **comercial**, incluindo a prestação de serviços em casa e fora dela: Ana Maria (50 anos) e Ricardo (49 anos) receberam uma faxineira em seus apartamentos; Ana Maria (50 anos) também encontrou com uma artesã para receber o produto que encomendara e conversou com um taxista a quem costuma solicitar este serviço, para levá-la ao aeroporto, porque estava com uma viagem agendada; Ricardo (49 anos) costuma ir a pé comprar comida pronta em restaurante e alimentos na padaria, porque reside em um bairro que considera tranquilo para caminhar, inclusive à noite. Sair para comer em restaurante (como Danilo costuma fazer), comprar comida pronta e ter faxineira/diarista para auxiliar nos serviços domésticos afirmam o aspecto de praticidade que os/as solteiros/as buscam ter em seus modos de vida, o que esteve presente em outros momentos deste estudo.

A configuração dos costumes de classe e das rotinas incluiu também os **cuidados consigo**, com a saúde física e psíquica, assim como a prática de esportes. Os contatos com profissionais de saúde foram feitos: para acompanhamento psicoterápico, por Beija-Flor (33 anos) e para resolver questões de saúde física, não dela, mas do paquera que havia machucado o pé e precisou de atendimento médico e Ricardo (49 anos), naquela semana, foi ao dentista. Quanto aos cuidados com o corpo, somente as mulheres relataram praticar esporte, na academia, na praia ou no clube, onde mantiveram contato com os instrutores e colegas. Como posto no depoimento de Ana Maria (50 anos), o local de esporte também funciona como um ambiente onde se encontra paqueras – e foi lá que ela conheceu o seu amante.

Apesar de já ter citado os lugares onde os contatos indicados nos diários aconteceram, trago aqui os números que estes registros geraram. Quando contabilizamos **os lugares desde onde os contatos com as pessoas foram feitos** (n= 225), as tecnologias de comunicação foram os principais meios de contatos entre as pessoas, somando as porcentagens de respostas para *celular* e

*facebook*¹⁶⁸, 33,2% (com respostas femininas de 58,6%), atentando que o celular foi mais utilizado do que o *facebook* (com 22,6% das respostas totais apontando o *uso do celular*, e 10,6% o *facebook*); em segundo lugar, o contato feito *na casa dos sujeitos* (16,8%, com prevalência de respostas masculinas: 79%); em terceiro, *no trabalho* (13,7%, também prevalecendo respostas masculinas, 61,3%). Os *espaços de lazer* somaram 11,5% das respostas, sendo estas dadas pelas mulheres. Outros lugares foram: *espaços de serviço* (loja, *shopping*, supermercado), 7,5%, sendo 82,4% destas respostas, masculinas; *casa de parentes* (6,2%, sendo esta resposta dada pelos homens); *lugares onde praticam esporte* (4%, sendo estas todas dadas pelas mulheres); *na rua* (4,6% sendo estas dadas pelos homens, que relataram encontros casuais com amigos e parentes); *em casa de amigos* (1,7%, em igual proporção para homens e mulheres); e, por fim, em *instituições de saúde* (com uma resposta para cada sexo).

É interessante apontar como, nesta subamostra, os homens mantiveram contatos com pessoas significativas em suas casas, também no trabalho, nos locais de serviço, casa de parentes e nas ruas, mais do que as mulheres que, por sua vez, tiveram mais respostas para tecnologias de comunicação, lazer e esporte. As diferenças possibilitam refletir sobre o trânsito de homens e mulheres no espaço urbano que permitem o contato com diferentes pessoas das suas redes. A permanência nas construções e costumes de gênero se apresenta aqui pelo fato de os homens transitarem mais nos espaços da rua para consumir serviços diversos. As mulheres, por sua vez, apontaram fazer mais uso das tecnologias da comunicação, reportando a construção de que elas possivelmente gostam de se manter conectadas e falando com suas redes sociais, mais do que os homens. No entanto, algumas mudanças apareceram, apontando uma frequência maior dos homens em espaços familiares e das mulheres solteiras, em ambientes de lazer fora de casa e na prática de esportes. Tais mudanças apontam alguma flexibilidade acerca dos lugares ocupados por homens e mulheres solteiros/as.

No que se refere aos locais de lazer, as mulheres frequentaram estes locais para estabelecer contatos com suas redes de relações. Muitos dos lugares indicados por elas foram por mim visitados no decorrer da pesquisa, tais como: o

¹⁶⁸ O uso da internet também esteve presente nos questionários: quando perguntado sobre o uso da internet para o lazer (Ver Questão 29 do instrumento quantitativo), a amostra apontou que este uso se dá *muitas vezes* ou *sempre* (56% da amostra).

Leopoldina, onde Mar (40 anos) esteve em uma confraternização com amigas do trabalho; os diversos lugares que Beija-Flor (33 anos) frequentou com o novo namorado, tais como o “Groove Bar” (Barra), o Museu de Arte Moderna (MAM), o bar “Moema”, em pontos turísticos como Pelourinho e “Acarajé da Dinha” e em Praia do Forte; Ana Maria (50 anos) foi ao cinema da UFBA com amigas, no feriado; Danilo (31 anos), além de ter recebido amigos em casa também saiu com alguns deles para a boate *San Sebastian* e a *Off Club* – boates gays, no Rio Vermelho. Os territórios de lazer em Salvador assim como as atividades de lazer é o que será discutido nos tópicos seguintes.

5.3 SOBRE O LAZER

Nas sociedades contemporâneas, o lazer tem ganhado um espaço importante no cotidiano assim como na economia, sendo este um grande setor de empregabilidade no mundo, segundo Ken Roberts (2011), que relata como tem crescido os estudos sobre o lazer, a partir da década de 1970, na Sociologia e em outras disciplinas. Atividades como sair para comer ou beber (álcool), encontros amorosos, cassinos, casas de apostas, atividades de esporte, as novas tecnologias digitais e eventos musicais têm sido retratadas em estudos sobre o tema. Ao analisar as mudanças no tempo de exercício de atividades do cotidiano – trabalho remunerado e não remunerado (que inclui atividade de lazer) –, Dale Southerton (2011) demonstra como o tempo destinado às atividades de lazer (definidas como não-trabalho) têm aumentado no período estudado (o ano de 1975 comparado ao ano 2000), no Reino Unido e Estados Unidos, como discutido no início deste Capítulo.

No Brasil, os trabalhos sobre lazer também começam a se desenvolver na década de 1970 e, segundo o professor Valmir Oleia¹⁶⁹ e também em artigo de Cristina Gomes (2004), muitos deles têm como fundamentação teórica a definição do sociólogo francês Joffre Dumazedier¹⁷⁰ que define lazer como

¹⁶⁹ Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. “Conceito de lazer”. Disponível em: <<http://www.cds.ufsc.br/~valmir/cl.html>>. Acesso em: 9 jun. 2012.

¹⁷⁰ DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (1976 apud OLEIA, [2012]).

Valmir Oleia, trazendo uma revisão do conceito a partir de diferentes autores, discute como o lazer também está relacionado ao investimento de políticas públicas nesta área e como se vê, nas cidades, a construção de áreas de lazer nos diferentes espaços. Ao analisar o espaço público na cidade contemporânea, Angelo Serpa (2007) faz um mapeamento de lugares públicos em Salvador e em Paris, apontando as diferenças de classe, os usos das praças, parques e a ocupação dos espaços nos festejos culturais (especificamente, em Salvador), demonstrando como as políticas públicas têm investido nestes espaços.

O lazer emerge nas sociedades industriais e está relacionado a uma conquista dos trabalhadores, vinculando jornada de trabalho e tempo livre e, sob uma perspectiva psicossocial, o tempo livre destinado ao lazer é empregado pelo indivíduo na sua realização pessoal, conforme definição de Liz Rolin (1989)¹⁷¹ citada por Valmir Oleia ([2012]): “o indivíduo se libera à vontade do cansaço, repousando; do aborrecimento, divertindo-se; da especialização funcional, desenvolvendo de forma intencional as capacidades de seu corpo e espírito”.

O tempo livre e o acesso aos bens e atividades de lazer são privilégios de pessoas das classes mais favorecidas economicamente, segundo Valmir Oleia, o que coloca a classe média, de que tratamos aqui nesta tese, como uma classe que pratica o lazer como mais um bem a ser consumido. Em Salvador, as diferenças de classe são visíveis, em se tratando da ocupação dos espaços urbanos disponíveis para o lazer como, por exemplo, os festejos carnavalescos, que têm se reinventado para atender a um consumo turístico cada vez mais diferenciado, tal como discute Angelo Serpa:

[...] são as classes médias cultivadas os ‘clientes’ privilegiados dos equipamentos socioculturais, concebidos por elas e para elas, que são, ao mesmo tempo, os criadores, os gestores e os usuários dos espaços públicos urbanos, definindo e garantindo, através da apropriação social e espacial, sua identidade e seu poder. (SERPA, 2007, p. 115).

¹⁷¹ ROLIN, Liz Cintra. **Educação e lazer: a aprendizagem permanente**. São Paulo, SP: Ática, 1989.

Estudos sobre consumo e lazer das classes médias brasileiras apontam a busca por bens culturais que confirmam uma identidade de pertencimento a este segmento social refletido em atividades tais como leitura de livros diversos, como os romances, assistir a diversos programas de TV, em canais abertos e fechados, ir ao cinema, teatro, a realização de viagens, passeios em *shopping centers* (SOUZA; LAMOUNIER, 2010; O'DOUGHERTY, 1998; TAVARES, 2008).

Nesta tese, as atividades de lazer foram investigadas através das diversas técnicas, a começar pela sua sistematização em questão específica nos questionários, complementada pelas conversas nos grupos focais, entrevistas e nos diários em que, mapeando as redes de relações e espaços transitados na cidade, as práticas de lazer foram identificadas.

No questionário, as atividades identificadas com maior frequência¹⁷² na amostra foram aquelas realizadas dentro do lar tais como: *ouvir música* (3,23), *ver TV ou DVD em casa* (2,95), *ler livros* (2,87) e *usar a internet para o lazer* (2,72) – o que não necessariamente é feito em casa visto que a internet pode estar disponível em dispositivos móveis (celular). (Tabela 38 – Apêndice J). Em levantamento realizado pela Ipsos, em nove metrópoles brasileiras, no período entre os anos de 2007 e 2008, as atividades mais apontadas pelos/as solteiros/as também foram equivalentes às mencionadas pela amostra dos questionários: ouvir música (89%) e assistir a filmes em videocassete/DVD (70%)¹⁷³.

Estas atividades foram destrinchadas em estudo de Márcia Tavares (2008) que mapeou, em entrevistas, os gostos e preferências pelo tipo de música, filmes, novelas, seriados e livros, por solteiros e solteiras em Salvador e Aracaju, apontando que há uma diversidade de gostos que são recortados por gênero e classe social. Por exemplo, os homens entrevistados por ela preferiram notícias de esporte a novelas e as mulheres, filmes românticos mais do que os de ação. As atividades de leitura também revelaram costumes de classe, quando mencionaram

¹⁷² Nesta questão (de número 29, no instrumento quantitativo), foi solicitado que os/as participantes avaliassem o grau de frequência (em escala variando entre 0 – nunca –, e 4 – sempre) com que costumam realizar 25 tipos de atividades listadas e foi deixado um espaço para poderem demarcar outras atividades. Os números postos em parênteses para cada atividade de lazer indicam as médias das respostas gerais.

¹⁷³ Outras atividades principais foram *ir a shopping center* (54%); *comer ou passear em shopping* e *andar e caminhar*, ambos com 50%; e *ir à praia*, com 48%. Na pesquisa da Ipsos (2008), as classes A/B representavam 43% da amostra e a classe C, 44%. Sendo assim, em se tratando de uma classe média (que inclui a nova classe média) e intelectualizada, justifica-se a grande frequência nestas atividades.

gosto por autores renomados na literatura brasileira como Érico Veríssimo e Fernando Sabino.

O estudo de Dale Southerton (2011) sobre o tempo destinado à realização de atividades do cotidiano, especialmente as de lazer, mostrou que as atividades cujo tempo destinado à sua realização tem aumentado no Reino Unido (RU) e nos Estados Unidos (EUA), nas últimas décadas, foram: *comer fora de casa* e *viajar para o lazer* (no RU), *praticar esportes* (no RU e EUA) e *ver televisão* (mais no RU do que nos EUA). Estas atividades – além da TV, já mencionada – foram referidas também nesta tese.

Neste estudo, as atividades de cunho mais intelectual foram observadas nas conversas nos grupos, entrevistas e diários, em que pessoas apontavam gostar de ficar em casa descansando, lendo, vendo TV e usando a internet para fins de lazer, acompanhando noticiários e mantendo contato com suas redes de relações de amizade pelas redes sociais, principalmente o *facebook*. Esta rede social foi referida como um importante veículo de comunicação com pessoas dentro e fora de Salvador, por um lado, e, por outro, como um equipamento que acaba substituindo o contato pessoal, como criticou Ricardo (49 anos), que não costuma fazer uso deste aparato de forma prioritária. Outros/as informantes utilizam esta rede social com frequência, não como forma de substituir o contato pessoal, mas, principalmente, como uma ponte para encontrar amigos/as e até paqueras, como os mencionados nos diários por Beija-Flor (33 anos), Danilo (31 anos), Ana Maria (50 anos) e Mar (40 anos).

Outras atividades de lazer citadas foram aquelas exercidas fora do lar, tais como: *visitar amigos* (2,45); *ir ao shopping* (2,55); *jantar fora* (2,27); e *ir ao cinema* (2,25), como também foi reportado nos diários. Raramente os/as participantes *saem para alguma atividade de lazer sozinhos* (1,84) e *vão a teatro* (1,63) e *museus* (1,30).

Em se tratando de atividades fora do lar, alguns participantes relataram como nem todo solteiro/a é “badaladeiro” ou o é de forma exclusiva, porque há quem goste de frequentar shows, boates e bares bem como de ir a cinema, teatro e museu, como Danilo (31 anos) que afirma gostar de atividades diversificadas – cinema, teatro, ida a shows e também boates –, mas não se considera uma pessoa “baladeira”, ou seja, aquela que está frequentemente em locais de lazer mais “agitados”. Assim se define Gabriela (32 anos), participante dos grupos focais, que

se considera “baladeira” porque gosta de sair para dançar, principalmente forró. Afirma, ainda, que, em Salvador, há muita coisa para as pessoas solteiras:

Gabriela – *Eu acho que Salvador é uma cidade boa para ser solteiro. [...] Aqui você pode ir para bares, shows, cinema. Não fica limitado* (32 anos, branca, heterossexual, professora universitária, paranaense, já morou junto – Grupo Focal 1).

Mar (40 anos) – em conversa nos grupos focais e nas entrevistas – gosta também de dançar e citou a “Borracharia” (no Rio Vermelho) como um lugar que frequenta. Também citou outros programas de lazer como o show de jazz no MAM, que acontece todos os sábados, reunindo estudantes, intelectuais, artistas e turistas e que também Beija-Flor (33 anos) frequentou em um dos dias nos quais construiu seus diários.

Nos questionários, as atividades que envolvem saídas para lugares mais “badalados” foram postas como realizadas *algumas vezes* (número equivalente à média das respostas: 2) ou *raramente* (número equivalente à média das respostas: 1). Os *bares* (2,11) e *shows* (2,05) são um pouco mais frequentados do que as *boates* (1,41), talvez devido à pouca oferta de boates em Salvador para um público acima de 30 anos, visto que boa parte destes locais na cidade é frequentada por adultos na faixa dos vinte anos, ou também pelo gosto ou preferência por outros programas de lazer. A amostra que respondeu aos instrumentos qualitativos apontou algumas preferências e opiniões sobre as boates na cidade, referindo as (pequenas boates) situadas na Barra e Rio Vermelho, que serão discutidas adiante neste capítulo. Os shows referidos pelos/as entrevistados/as foram os de música popular brasileira que geralmente ocorrem na Concha Acústica e no Teatro Castro Alves (TCA).

Quanto ao *Carnaval* e às *festas de largo*, que são comuns no verão soteropolitano, estas são atividades de que a amostra pouco participa com, respectivamente média de respostas de 1,86 e 1,05. Nas entrevistas, os/as informantes afirmaram que participavam com mais frequência destes festejos em períodos anteriores: no início da adolescência e da fase adulta, ou quando migraram para Salvador. Lembraram, nas conversas, de um período em que o Carnaval era uma festa mais tranquila e menos comercial do que é hoje, com a ocupação dos espaços da rua pelos camarotes e blocos cada vez mais caros. Assim, apesar de

todos os entrevistados/as afirmarem que participam do Carnaval, sempre reportam que esta participação era mais intensa quando mais jovens. Mas, quando participam, atualmente, têm preferências por certos blocos escolhidos pelo estilo de pessoas que também frequentam, como os intelectuais e os homossexuais – e o público LGBT – têm preferência pelo bloco “Os Mascarados”, como afirmou Danilo (33 anos, homossexual); ou escolhem apenas ver os blocos passarem na Avenida, em Ondina, como Mar (40 anos) e Ricardo (49 anos) costumam fazer, porque consideram que é mais prático, já que residem perto deste circuito¹⁷⁴.

Algumas pessoas entrevistadas dividem os dias de Carnaval com viagens para dentro ou fora do país: Danilo (31 anos) já viajou para Punta del Este neste período do ano e Beija-Flor (33 anos) planeja ir para Europa passar o Carnaval e suas férias com o novo namorado. As viagens não estão presentes no lazer dos/as solteiros/as somente no Carnaval, mas em outros períodos do ano. No Questionário, as *viagens dentro do país* foram apontadas como realizadas com alguma frequência (média geral: 2,37), mais do que as *viagens para o exterior* (média geral: 1,15).

Com exceção de Ricardo (49 anos), que não tem costume de fazer muitas viagens além das visitas a parentes no interior e que relatou uma viagem que fez a passeio pela Europa, as outras pessoas que responderam aos diários têm costume de viajar e, inclusive, priorizam o investimento em viagens em detrimento da aquisição de algum bem durável, como um apartamento, no caso de Danilo (31 anos) que não pretende comprar um apartamento próprio no momento, apesar de poder fazê-lo, porque prefere destinar parte da sua renda às viagens. Ele explica sobre este costume:

Danilo – *Eu tenho uma média de viagem acima da média. Nada de viagem espetacular, fantástica, não. Viagem comum, simples... viajar pelo Brasil, mesmo. É porque eu gosto mesmo de ir e voltar no mesmo lugar, eu tenho esse hábito. Ah, para mim, dinheiro é isso, é você se permitir a essas coisas, assim. Não acho que eu vou ganhar para poder... sei lá... viver num mundo “faraônico” de*

¹⁷⁴ Na dissertação de Mestrado (ANDRADE, 2007), dediquei algumas páginas do Capítulo 3, descrevendo sobre a dinâmica do Carnaval em Salvador. O que os/as participantes da tese agora retomam é o histórico do circuito da folia que se limitava às ruas do Centro da cidade, e que chegou à região da Barra e Ondina na década de 1990, e que, a cada ano, os espaços públicos ficam mais restritos com a disseminação dos camarotes como estruturas construídas para garantir a quem pode pagar por um espaço privilegiado para a folia porque conta com serviços de alimentação e entretenimento. A divisão social, neste sentido, continua presente como discuti no estudo anterior.

riqueza e luxo... isso não. (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano, nunca se casou).

A preferência por viagens como um bem cultural é um dos costumes das camadas médias urbanas brasileiras (VELHO, 1989) que se soma ao chamado “capital social”, ou seja, as redes de relações sociais que são também indicativos de classe, segundo Amaury de Souza e Bolivar Lamounier (2010). Danilo (31 anos) e Ana Maria (50 anos) retratam essa junção de viagens e capital social, quando estas são feitas em função de encontrar amigos/as e manter as relações de amizade, mas que também estes amigos acabam colaborando para a divisão dos gastos com as viagens, viabilizando, desta forma, o passeio. Danilo (31 anos), na frase a seguir, relata como suas viagens acontecem em função dos amigos e da característica dos lugares.

Danilo – *Eu vou muito ao Rio de Janeiro, eu ia muito ao Rio de Janeiro, agora até que diminuiu, mas eu ia muito. São Paulo... Recife... mas, assim, para mim tem que ter afeto com o lugar, sabe? Não só com o lugar, com as pessoas... então, tem um pouco disso. Porto Alegre... que eu tenho amigos... aí o povo diz: “Ah, você gosta de Porto Alegre”. Eu amo Porto Alegre! Porto Alegre realmente é uma cidade pequena que não tem tanto atrativo, mas tem pessoas que eu adoro! Amigos... aí, eu me sinto bem, sabe? Eu tenho uma ligação de afeto muito forte, o conjunto... sabe? Pesa muito. Eu tenho interesse de descobrir lugares novos, eu vou... de vez em quando eu vou... aí, no ano passado, eu fui para Foz do Iguaçu, eu fui a Curitiba... aí, para a Argentina, eu já fui três vezes, sabe...?... que eu adoro Buenos Aires, também... agora no Carnaval eu fui para o Uruguai, para Punta del Este. Assim, tipo, eu faço passeios de conhecer lugares novos, mas, geralmente, eu vou e volto aos mesmos lugares pelo afeto que eu tenho de ver os amigos... de ver as pessoas, sabe...?*

Ana Maria (50 anos) aponta, em seu relato sobre viagens e amigos/as, como ter uma rede de amigos/as colaborativa é importante para as viagens se concretizarem. Por exemplo, os/as amigos/as comumente a ajudam com passagem e hospedagem, para que ela possa visitá-los; eles a acolhem, quando ela está visitando a cidade onde residem, e dividem aluguéis de casa na praia quando querem passar férias. Em sua fala, relata como é comumente convidada a estar com amigos fora de Salvador:

Ana Maria – [...] *‘Maria’ – eu tenho uma amiga, uma grande amiga, vai fazer aniversário – o presente: ‘quero que você venha pra minha festa, eu vou te dar uma passagem pra você vir pra cá’. Agora eu fui encontrar com esse meu amigo dos Estados Unidos, ele falou: ‘Eu vou pra Recife não vou poder passar em Salvador pra te ver e queria que você viesse pra cá, então vou pagar sua passagem, pago seu hotel’.* [Eu falei:] *‘Não precisa de hotel não, tenho tantos amigos, sempre tenho onde ficar’.* (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasileira, já morou junto).

Logan (35 anos) também relatou a importância de viagens, tanto por motivos de trabalho como exclusivamente para lazer, e Beija-Flor (33 anos), desde muito jovem costuma viajar para visitar parentes em outros estados e para passear fora do país. Em seu histórico de relações amorosas e de amizade, há a presença de estrangeiros que, assim como o ciclo de relações de Ana Maria (50 anos), também facilitam e motivam seus deslocamentos pelo mundo.

Outras atividades de lazer mencionadas nos questionários foram a prática de *esporte* (média 2,11) e, com pouca frequência, a ida à *praia* (média 1,77). Nos diários, como já posto, as mulheres relataram praticar esportes tanto para manter a forma física como por prazer, o que inclui a prática de algum exercício físico também em momentos de lazer, como faz Mar (40 anos), que nada, mergulha e, às vezes, veleja nos finais de semana. A prática de esportes também esteve presente como uma medida para controle de peso, por Beija-Flor (33 anos) e Ana Maria (50 anos), sendo que a primeira porque tem facilidade de ganhar peso quando não está bem emocionalmente e a segunda porque quis perder peso para manter a saúde, fazendo também acompanhamento nutricional.

Nesta amostra de entrevistados/as, os homens não mencionaram a prática de esportes nem a vontade de inserir esta prática na rotina ou no lazer, o que é um dado diferente do que encontrei no estudo anterior (ANDRADE, 2007) onde homens e mulheres apontaram a prática de esportes como um item importante na rotina que tem como função cuidar de si. E aqui se vê diferenças de gênero em relação ao cuidado com o corpo mais presente para as mulheres que, socialmente, têm o corpo como atrativo sexual ou porque é no corpo que as dificuldades emocionais se expressam com ganho ou perda de peso.

Quanto à ida à praia, foi mencionada nas entrevistas e diários com alguma frequência e, apesar da amostra nos questionários apontar a ida à praia com pouca frequência no lazer, esta é uma opção presente no cotidiano de muitos/as

baianos/as. As praias que são muito frequentadas por solteiros/as se localizam na região de Stella Maris e em Lauro de Freitas, em Villas do Atlântico, na Região Metropolitana de Salvador e no Litoral Norte. Principalmente na primavera e no verão, as praias atraem jovens solteiros, com corpos malhados e tatuados – estilo que pude observar em pessoas que frequentam a “Barraca do Loro”, na praia de Aleluia.

Vejamos no tópico seguinte algumas dinâmicas de sociabilidade observadas entre solteiros/as em territórios de lazer em Salvador.

5.4 TERRITÓRIOS DE SOCIABILIDADE E A DINÂMICA DA PAQUERA

Neste tópico, destaco as dinâmicas de socialização nos territórios das zonas boêmias em Salvador, onde se concentram bares e boates, alguns deles mencionados nos instrumentos qualitativos deste estudo. Por ser esta uma cidade em cuja cultura as festas populares estão muito presentes, como o Carnaval e as Festas de Largo, aqui também são retomadas opiniões e costumes da amostra entrevistada em relação a estes festejos. As dinâmicas de socialização nos espaços de lazer como lugares sociais são demarcadas pela combinação das identidades sociais de gênero, sexualidade, classe, raça/etnia e idade/geração, categorias que serão pensadas aqui juntamente com a categoria espaço.

Ana Martinez, Juana Moya e Maria de los Ángeles Muñoz (1995), pautadas numa perspectiva feminista, utilizam o conceito de “geografia de gênero” para mostrar como os espaços não são neutros do ponto de vista de gênero, na medida em que são ocupados de forma diferenciada por mulheres e homens. Ampliando esta noção, os espaços também não são ocupados de forma homogênea por pessoas de diferentes orientações sexuais, como mostra estudo realizado por Érico Nascimento (2007) no qual descreve por onde circula a população LGBTT na cidade de Salvador: boates, praias, bares localizados em ruas e bairros específicos, conformando “manchas”, “circuitos” e “guetos”¹⁷⁵ a partir do uso dos espaços para

¹⁷⁵ O conceito de “Gueto” é tratado como as áreas da cidade ocupadas majoritariamente por uma população segregada, marcadas por isolamento, instituições comunitárias, concentração habitacional e área cultural (WIRTH, 1982 apud NASCIMENTO, 2007); os conceitos de “mancha” e “circuito” são descritos por Magnani (2001 apud NASCIMENTO, 2007): o conceito de “mancha” se refere às áreas que englobam estabelecimentos e serviços que dão suporte a um estilo de vida deste público. O fluxo de pessoas através

socialização, lazer e também trabalho, como é o caso das travestis. Outros estudos também focam nos espaços LGBTT's discorrendo sobre as performances nas noites baianas nos espaços “flex”¹⁷⁶ na cidade (CERQUEIRA, 2011; PENA, 2011).

Na contemporaneidade, o espaço urbano (CASTELLS, 1983) reflete características de uma época marcada pela dinamicidade e pela velocidade, identificadas nos diversos serviços que tornam o cotidiano mais prático como, por exemplo, os diversos serviços de televidas, os *fast foods*, os serviços 24 horas, dentre outros. No contexto urbano, irão se conformar também novos lugares – os não-lugares, segundo Marc Augé (2001) – que proporcionam a invisibilidade das individualidades, se pensarmos, por exemplo, na grande quantidade de pessoas que circulam nas ruas, nos *shoppings* e nos saguões de aeroportos, e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade de identidades que neles se misturam.

Em relação às pessoas solteiras de classes médias, estas também circulam por espaços específicos da cidade, que se concentram em bairros como Barra, Graça, Pituba, Rio Vermelho e Itaigara nos quais existem bares e algumas boates voltadas para a classe média e alta, uma diversidade de lugares frequentados por pessoas mais jovens, mais maduras e de diversas orientações sexuais e raças, lembrando que, em Salvador, apesar da maioria da população ser negra, são as pessoas brancas que compõem, em grande medida, as camadas médias (GARCIA, 2009).

Na Figura 1, foi destacada a região do Rio Vermelho, da Barra e as praias que foram citadas pelos/as participantes, nos diários, sendo a região da Barra-Graça referida por Érico Nascimento (2007) como uma “mancha” LGBTT's da cidade¹⁷⁷.

dos territórios e manchas podem, segundo o autor, ser considerados como um “circuito” que une espaços na paisagem urbana que passam a ser reconhecidos a partir do uso que se faz pelos seus frequentadores. (MAGNANI, J. G. C.; TORRES, Lilian (Org.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP, 2000).

¹⁷⁶ Termo “flex” vem como uma abreviação de *flexível* para indicar sobre pessoas que, independente da orientação sexual, tem maior flexibilidade para se relacionar (comumente ou eventualmente), tanto com pessoas do mesmo sexo como com as do sexo oposto. Nesta tese podemos trazer como exemplo Ana Maria (50 anos) que se considera heterossexual e já vivenciou relacionamentos homossexuais.

¹⁷⁷ O autor identifica três “manchas” na cidade: a **região da Barra-Graça** (Na Barra, a orla, do Porto da Barra até o Cristo, e na Graça, a rua Euclides da Cunha e as transversais). Nesta região encontra-se também nas ruas transversais alguns bares e boates muito frequentados por solteiros/as também heterossexuais. As outras duas manchas são frequentadas por uma população LGBTT de baixa renda: a **Orla-Boca do Rio** (onde se concentram bares e praias); e o **Centro** (Campo Grande – Centro Histórico, Pelourinho, Av. Carlos Gomes, Av. Sete, Dois de Julho e Campo Grande).

Não foi incluída por este autor a “mancha” do Rio Vermelho, mas aqui esta região é trazida porque é onde se localizam espaços diversos – bares e boates – frequentados por pessoas de classes médias, incluindo o público LGBTT’s.

Figura 1 – Mapa “Territórios de Sociabilidade” – Salvador, 2011-2012



Legenda: 1 – Solar do União; 2 – Leopoldina; 3 – Dinha do Acarajé; 4 – San Sebastian; 5 – Praia do Forte

Fonte: Figuras retiradas de páginas acessadas pelo Google. Elaboração própria

Os diversos locais de lazer na cidade são, por vezes, avaliados e indicados como ideais para pessoas solteiras que procuram paquera, em guias locais, como o “*Guia do Ócio*”, e nacionais, como a *Revista Veja*, que, anualmente, lança um número especial com guias de serviços de diversas cidades brasileiras. O “Leopoldina” (no bairro da Graça) e o Twist (no Rio Vermelho) foram mencionados como locais frequentados por adultos/as jovens e onde a possibilidade da paquera é alta. Muitas vezes, o que a mídia espera das pessoas solteiras é que estas estejam à procura de um relacionamento e/ou de sexo, haja vista o grande número de *sites* de encontros para solteiros e solteiras, mas, apesar das indicações feitas neste trabalho quanto a lugares para paquerar, nem sempre é isto que as pessoas buscam quando saem para alguma atividade de lazer.

Quando perguntado, nos questionários, sobre **o que procuram quando realizam alguma atividade de lazer fora do lar**, a média das respostas dadas em

escala¹⁷⁸ (n=73) aponta que, primeiramente, a amostra busca *diversão* (3,47), como é esperado no lazer. *Encontrar amigos* é o que, principalmente, buscam solteiros (3,12), confirmando informações dos diários. Em seguida, com pouca frequência, buscam *não se sentir só* (1,86), *paquerar* (1,47) e *encontrar um/a namorado/a* (1,23).

Nestas respostas, a média ficou próxima entre homens e mulheres, com diferença no engajamento em atividades de lazer *para paquerar* um pouco maior nos homens (1,57) enquanto as mulheres apontaram a média de 1,43 para este item. As mulheres no lazer *procuram um namorado* (1,33) com frequência um pouco maior do que os homens (1,14)¹⁷⁹. O que mais se diferenciou foi a busca das atividades de lazer para *não se sentir só*, mencionada mais pelas mulheres (2,28) contra 1,41 para os homens, reafirmando, aqui, outras respostas dadas por elas sobre os motivos de estarem solteiras e as representações sobre solteirice, discutidas no capítulo anterior, que parecem apontar serem as mulheres ainda as que olham mais para as relações e, possivelmente, sentem mais falta de uma parceria amorosa. Parte da amostra (15 respostas) citou outros objetivos de cunho relacionais: *ter sexo*, *conhecer pessoas novas* e *preservar relações familiares*. Também buscam *conhecer novos lugares*, *investir na cultura e conhecimento*, *beber e relaxar*. A Tabela 18 traz as médias e o desvio padrão das respostas, por sexo e as respostas gerais.

¹⁷⁸ Na questão 31 do Questionário (Apêndice D) foi perguntado sobre o objetivo do lazer, tendo as respostas sido dadas em escala: 0 – nunca; 1 – raramente; 2 – algumas vezes; 3 – muitas vezes; 4 – sempre. Os números entre parênteses indicam a média geral das respostas.

¹⁷⁹ Este dado dialoga com os achados do estudo do Mestrado (ANDRADE, 2007) em que, explorando a temática, essas diferenças de gênero estavam presentes, quando algumas das entrevistadas afirmaram que o lazer especificamente a ida a boates pode ser um meio de se encontrar uma pessoa para se relacionar (no sentido de namorar), ao passo que as opiniões masculinas tendiam a não considerar o ambiente das boates como ideal para encontrar uma pessoa para namorar porque nestes seria mais difícil encontrar alguém com afinidades, sendo mais provável o ambiente de trabalho ou a prática de esportes, como lazer, como locais com maiores chances de encontrar pessoas para se estabelecer uma relação estável. Esta discussão leva, contudo a observar permanências nos comportamentos de gênero, em que homens avaliam as mulheres “descoladas” que frequentam as boates como “impróprias para namorar”, desde um olhar ainda preconceituoso para as mudanças no comportamento feminino, dialogando também com outras discussões sobre como as “novas mulheres” se deparam ainda com “velhos homens”, a quem, provavelmente elas não escolham para manter uma relação estável ou temporária.

Tabela 18 – Média e desvio padrão das respostas segundo os objetivos do lazer, segundo os/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

OBJETIVO DO LAZER	SEXO						TOTAL	
	FEMININO			MASCULINO			Média	Desvio Padrão
	n	Média	Desvio Padrão	n	Média	Desvio Padrão		
Diversão	41	3,76	0,48	35	3,17	0,95	3,47	0,80
Encontrar com amigos/as	40	3,23	1,12	35	2,94	0,83	3,12	0,94
Não se sentir só	40	2,28	1,45	34	1,41	1,13	1,86	1,37
Paquerar	40	1,43	1,08	35	1,57	0,94	1,47	1,02
Encontrar um/a namorado/a	39	1,33	1,13	35	1,14	0,94	1,23	1,04

Obs: escala entre 0 – nunca; e 4 – sempre

Fonte: Elaboração própria

Durante as observações realizadas em diversos espaços de lazer na cidade, pude verificar um pouco da dinâmica que se estabelece entre homens e mulheres solteiros/as que, apesar de nem todos terem o objetivo da paquera ou de ser este mais um dentre outros lugares para se paquerar, a disposição do ambiente pode facilitar o encontro das pessoas. Nos espaços observados onde predominam pessoas heterossexuais solteiras – “Twist” (no Rio Vermelho), “Leopoldina” (na Graça), “30 Segundos” (no Rio Vermelho) – notei que há um movimento de “divisão sexual” do ambiente, de forma estratégica, para facilitar a paquera: muitos homens ficam próximos ao balcão do bar, com uma bebida (alcoólica) na mão, observando as mulheres que passam, possivelmente para ver quem pode lhes interessar. As mulheres, por sua vez, caminham por eles trocando olhares, até que algum movimento de encontro, com conversa, dança e possível beijo, venha a acontecer. Nestes lugares, o tipo de música – geralmente, mais agitada –, a pouca luminosidade, a bebida (alcoólica) e a disposição para se divertir das pessoas presentes são elementos que propiciam o encontro dos corpos. A pouca conversa que é possível ter – porque o som geralmente é muito alto –, o movimento da dança e a troca de olhares são dinâmicas presentes.

Ao estudar sobre o “ficar com”, Jaqueline Chaves (1997) também fez essa observação, no Rio de Janeiro, onde realizou pesquisa com jovens. Alguns movimentos de paquera irão se diferenciar de uma cultura para outra. Por exemplo, em Salvador, observei mais homens tomando a iniciativa para paquerar as mulheres e ainda que, quando eles *ficavam*, o que acontecia eram beijos e abraços, além do

movimento da dança, seguindo o ritmo que toca no lugar – forró, dance, *techno*, etc. No ano de 2010, estive no Rio de Janeiro e observando, na “Zozô” (restaurante e boate, no bairro das Laranjeiras), as pessoas que estavam se beijando, estas trocavam carícias, uma sentava no colo da outra no sofá e em cima do balcão onde se serve as bebidas, de forma mais explícita do que o observado nos lugares visitados em Salvador.

Não tão ousados/as como os/as cariocas, um lugar em Salvador em que se vê pessoas mais disponíveis para o encontro fortuito é a boate “Borracharia”. Localizada no Rio Vermelho, é uma boate pequena, que funciona como uma borracharia durante o dia (daí o nome), existente há muitos anos, que tem suas noites de funcionamento frequentadas por diversos estilos de pessoas – mulheres de salto alto, de sandália, homens também muito arrumados ou mais despojados, brasileiros/as e estrangeiros e outros estilos, prevalecendo pessoas com idade próxima ou acima de 30 anos. O ambiente tem pouca iluminação, toca diversos tipos de música e funciona até o dia amanhecer, sendo, portanto, um dos poucos lugares na cidade que ficam abertos até muito tarde. Geralmente as pessoas chegam no local depois da meia-noite, quando já foram a algum bar nas redondezas do Rio Vermelho. Quando estive no local, em 2011 – depois de ter estado no “Zen”, que é uma espécie de restaurante, boate e oferece música ao vivo, também no Rio Vermelho –, já por volta de duas e meia da manhã, percebi o quanto as pessoas estavam eufóricas para se conhecerem e para dançar. Havia o uso mais explícito de cigarro, maconha, além de bebida alcóolica.

Este local tem a “fama” de ser costumeiramente frequentado por muitos homens comprometidos, que deixam suas namoradas em casa e saem à procura de diversão com os amigos ou de uma relação eventual. Este comentário é feito também em relação a quem frequenta algum outro bar ou boate na cidade, durante a semana. Não tendo como verificar a veracidade desta informação, mas atenta ao fato de que para os homens comprometidos o trânsito por lugares ou práticas de solteiros/as pode ser mais frequentes do que para as mulheres comprometidas, o que observei nestes locais foram mais pessoas em grupos de amigos – grupos de homens, de mulheres ou grupos mistos – ou sozinhas, do que casais.

Outra observação é que, na dinâmica dos encontros nos espaços de lazer (heterossexuais) há um certo ritual que acontece, como vi muitas vezes no “Twist”: as pessoas chegam, a grande maioria em grupo, e começam a beber algo (álcool)

até a banda começar. Circulam no ambiente, trocam olhares e a conversa e paquera entre homens e mulheres acontece. Quando a banda começa, a dança estimula ainda mais o encontro entre solteiros e solteiras. Já no meio da noite, os pares se formam e quando a banda termina de tocar, muitas pessoas que não encontraram com quem *ficar*, continuam interagindo com seu grupo de amigos/as. Quem encontrou alguém interessante e está disposto/a a estender a noite para um ambiente mais íntimo, sai acompanhado/a.

Nos grupos focais e em algumas entrevistas, as mulheres relataram já terem tido a experiência de sair com pessoas que conheceram na noite para uma relação mais íntima, sendo este um comportamento comum entre elas. Já os homens (heterossexuais, nos grupos focais e entrevistas) afirmaram que não costumam *ficar* com mulheres que conhecem na noite.

Em viagens fora do país, o que observei de diferente no movimento da interação das pessoas em boates, foi a tomada de iniciativa por parte das mulheres, mais do que dos homens. Em Zurique, na boate “Palavrion” (em 2009), observei que os homens ficam dançando, geralmente com um copo de bebida alcoólica na mão, enquanto as mulheres tomam a iniciativa de dançar de forma mais sensual, inclusive com outras mulheres, com o objetivo de chamar a atenção destes homens. No Reino Unido, nas cidades onde transitei (em 2011), também observei posturas de maior iniciativa por parte das mulheres (pelo menos uma iniciativa mais explícita do que comumente observei nos lugares em Salvador): elas dão o telefone, iniciam a conversa com quem estão interessadas e convidam para fazer sexo.

Em várias situações, meus amigos relataram como, em boates, já foram abordados por mulheres que os convidavam a ir para sua casa depois de dançarem um pouco e de trocarem poucas palavras. Presenciei uma situação em que uma garçonete iniciou conversa com um amigo espanhol, lhe deu um papel onde tinha anotado seu telefone, tomando a iniciativa de agendar um encontro. Em conversa com brasileiras em Londres, elas relataram que, quando conheciam alguém em uma boate, muitas vezes tinham de tomar a iniciativa para *ficar* com a pessoa e tiveram de aprender a fazer isto porque este não era o costume quando estavam no Brasil.

No Grupo Focal 1, foi comentado sobre o movimento de paquera entre heterossexuais, sobre quem toma iniciativa, se o homem ou a mulher, nos espaços de lazer. Os/as participantes afirmaram que os dois podem iniciar uma investida sexual, no entanto, este comportamento é mais comum nos homens. São eles que

iniciam uma conversa com as mulheres – e foi este o comportamento que observei nos lugares que frequentei em Salvador.

Natália (41 anos) considera que os homens são mais “cara de pau” no sentido de não terem vergonha de tomar a iniciativa e também de levar “não” como resposta, caso a “cantada” não funcione, e não se sentem mal com isso. Ricardo (49 anos) afirmou, porém, o contrário: os homens também se sentem mal por levar um “não”, principalmente se há um sentimento pela mulher. A participante também comenta que, quando uma mulher toma a iniciativa, o homem se assusta. Ricardo (49 anos) também se contrapôs a esta ideia, afirmando que o homem inseguro é que se assusta, porque ele, particularmente, não tem problema neste aspecto.

Natália – *Os homens se acostumam mais com receber um ‘não’. Eles recebem e ao mesmo tempo vão procurar outra. É mais comum ver um homem ficando com mais mulheres na mesma festa, tomando atitudes. (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, soteropolitana, nunca se casou).*

Ricardo – *Você quem pensa! O poder devastador de um homem quando ouve um não de uma mulher que ele gosta! A mulher hoje também toma atitude, ela vai atrás do que quer. (49 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano, nunca se casou).*

Natália – *E isso assusta os homens.*

Ricardo – *Isso não me assusta. Assusta mais os conservadores. Eu não tenho problema com as mulheres tomarem a iniciativa. Eu convivo muito com adolescentes e eles falam muito do ficar. Antes, eu achava que era um ficar contínuo, você estar com uma pessoa por um tempo. Mas, não. O ficar é somente beijar na boca, beija e sai beijando. Não fica continuamente. E muitas mulheres não têm pudor em fazer isso. A mulher chega de igual para igual com o homem. Se ela quer, ela vai atrás.*

Mar – *Cada vez mais as mulheres se permitem um comportamento que há muito tempo atrás era somente dos homens. Mas ainda existe um lado conservador nisso, as mulheres são mal vistas quando saem “ficando”. (40 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, divorciada).*

O jogo de sedução, que envolve a tomada de iniciativa por uma pessoa, vai falar das relações de gênero e mostrar certas regras que envolvem comportamentos de homens e mulheres que se colocam como sedutores e

seduzidos e que, nestes papéis, ambos podem tomar a iniciativa, mas, ainda hoje pode haver olhares negativos para as mulheres que *ficam*, porém, nem sempre, como mostra a opinião dos homens que consideram ser comum este comportamento das mulheres quando em uma relação transitória como o *ficar* (ANDRADE, 2004; CHAVES, 1997 e outros estudos).

As diferenças e proximidades de gênero puderam ser observadas quando foi perguntado nos questionários, **quem toma a iniciativa para ter uma relação sexual**. As respostas gerais (n=72) apontam que *as duas pessoas, igualmente*, costumam tomar a iniciativa (43,1%), mostrando, assim, proximidades de gênero porque, no senso comum, são as mulheres que esperam (ao menos, é este o comportamento socialmente prescrito para elas). Afirmaram que, *mais frequentemente tomam iniciativa*, 27,8% da amostra; e, *mais frequentemente a outra pessoa toma iniciativa para ter com ela/e uma relação sexual* 16,7%. Por fim, *sempre o/a participante toma iniciativa* (6,9%) e *sempre a outra pessoa*, 5,6% das respostas.

Quando comparadas por sexo, as respostas mostram diferenças no comportamento de homens e mulheres apontando que ainda são elas que esperam a outra pessoa tomar a iniciativa, sendo os homens mais ativos neste sentido. Em números: a Tabela 19 aponta que as respostas para *sempre a outra pessoa* e *mais frequentemente a outra pessoa* foram dadas pelas mulheres; e *sempre você* e *mais frequentemente você*, foram dadas pelos homens, sendo que 3 mulheres, ou seja, 15% das respostas, afirmaram que *mais frequentemente tomam a iniciativa*.

Tabela 19 – Número e percentual de respostas, segundo quem toma a iniciativa para ter uma relação sexual, por sexo – Salvador, 2011-2012

INICIATIVA SEXUAL	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Os(as) dois(as) igualmente	19	61,3	12	38,7	31	43,1
Mais frequentemente você	3	15,0	17	85,0	20	27,8
Mais frequentemente a outra pessoa	12	100,0	–	–	12	16,9
Sempre você	–	–	5	100,0	5	6,9
Sempre a outra pessoa	4	100,0	–	–	4	5,6
TOTAL	38	52,8	34	47,2	72	100,0

Fonte: Elaboração própria

Como estas práticas podem ser vistas a partir da categoria orientação sexual? Por ser a amostra pequena no que se refere a homossexuais e bissexuais, não foi feita uma comparação por orientação sexual para as questões quantitativas referentes às práticas discutidas até aqui, mas foram realizadas entrevistas com homossexuais bem como observados espaços de lazer para o público LGBTT's, atentando-se, desta forma, para algumas características nas dinâmicas de socialização e para algumas diferenças de gênero também na ocupação dos espaços.

Em relação a boates e bares LGBTT's de classe média, estes se concentram, em Salvador, nos bairros da Barra e Rio Vermelho, principalmente. A "San Sebastian" (no Rio Vermelho) é uma boate muito conhecida e, na amostra, foi mencionada por Danilo (31 anos), que afirma gostar do lugar por causa da música. A dinâmica da paquera é parecida com a de outros locais que visitei, em que há a troca de olhares, o movimento de sedução entre as pessoas, com o diferencial da exibição de corpos: alguns homens tiravam a camisa mostrando corpos musculosos como mais um elemento de sedução (o que não acontece nos espaços hetero).

Em observação no local, notei mais presença de gays do que de lésbicas, o que também foi observado em estudo anterior quando, por exemplo, visitei o antigo bar "Babalutin", no Rio Vermelho (ANDRADE, 2007). Neste, grupos gays ficavam concentrados na frente do bar enquanto as lésbicas – minorias no local, naquele dia – ficavam no primeiro andar onde quem passasse pela rua, não podia vê-las. Esta divisão aponta sinais de diferenças de gênero na ocupação destes espaços públicos de lazer. Na "San Sebastian" (visitada em 2010), em meio a muitos gays, havia somente um grupo de lésbicas, e elas, no movimento da paquera, *ficavam* entre si.

Sobre a pouca presença das mulheres nos lugares LGBTT's citados, outra reflexão que faço é que esta invisibilidade reflete ainda uma sociedade que destina lugares públicos mais aos homens do que às mulheres, sendo elas mais vulneráveis a eventos de violência e discriminação do que eles, como discute Vanessa May (2011) ao falar da "vida pessoal" em espaços públicos. Quando estas mulheres são lésbicas, a vulnerabilidade pode aumentar ainda mais – de alguma forma, também para os homens (homossexuais). Em outros depoimentos colhidos no estudo anterior, algumas pessoas homossexuais, tanto homem como mulheres, apontaram o preconceito que sofrem quando estão em público. Quando expressam

algum tipo de carinho para com o/a parceiro/a do mesmo sexo em *shoppings* ou, até mesmo, em bares, ficam vulneráveis a sofrer o rechaço de donos do estabelecimento e de seguranças do local. Por vezes, na cidade, há manifestações contra este tipo de rechaço, como os “beijaços”, que já aconteceram em bares e *shoppings* na cidade nos quais, como protesto, casais homossexuais se beijam no local onde um casal sofreu algum tipo de recriminação (PRATES, 2005; ANDRADE, 2007).

Em dezembro de 2011, quando estava no Largo de Santana, no Rio Vermelho, onde fica a barraca de acarajé da Dinha, recebi uns panfletos informando sobre as festas que iriam acontecer nos bares e boates do bairro e em outros locais da cidade. Grande parte deste material publicitário era destinado ao público de gays e lésbicas, mostrando como neste bairro se constituem espaços LGBTT's. Este bairro boêmio da cidade também tem sido citado em outros estudos que falam de lazer e socialização não-hegemônica em Salvador (CERQUEIRA, 2011; PENA, 2011).

No ano de 2008, em Belo Horizonte, estive em uma boate localizada no bairro Savassi, que é um bairro boêmio tanto quanto o Rio Vermelho em Salvador. Era 12 de junho, dia dos namorados. Esta boate, em alguns dias da semana, recebe um público LGBTT e em outros predominam heterossexuais. Nesta noite dos namorados, era LGBTT. O lugar é muito grande, com diversos ambientes nos quais transitavam, principalmente, homens, muitos deles sem camisa, exibindo corpos musculosos – mais homens sem camisa do que em Salvador e mais musculosos. Vi alguns pares transitando no espaço, de mãos dadas e os que estavam sozinhos, dançavam em uma grande pista no meio de um dos ambientes do local. Assim como em Salvador, poucas mulheres estavam no local.

As diferenças de gênero quanto à ocupação dos lugares de lazer nos espaços públicos é algo interessante para se pensar em se tratando das identidades sexuais assim como da interação entre as pessoas, visto que, em boates gays, vê-se três pessoas se beijando – como observei entre as mulheres que estavam na San Sebastian – ou mesmo três homens e a troca de pares em uma mesma noite, um tipo de comportamento que não é comumente visto nos espaços heterossexuais. Tal flexibilidade de encontro pode se aproximar do que Anthony Giddens (1992) e outros autores têm discutido acerca das relações homossexuais como mais igualitárias e flexíveis.

É, culturalmente, nos “guetos”, nos espaços específicos e mais propícios para a paquera e nos diversos jogos de sedução em público que as pessoas se colocam mais disponíveis para as diversas formas de contato com o outro (ou outros), como expressão de sexualidade. Outro lugar de socialização de gays é a sauna. Em entrevista realizada com Logan, este relata como considera as saunas gays interessantes, por serem, segundo ele, ambientes frequentados não somente por quem quer fazer sexo sem compromisso, mas também por quem quer interagir com as pessoas sem objetivo sexual.

Logan – *No caso dos solteiros gays existe um outro lugar que é muito frequentado que é a sauna, né... a sauna é um espaço que... que facilita o... o contato sexual, de forma segura, e não só o contato sexual, né... mas o “conhecer” pessoa. Talvez uma pessoa que nunca foi a uma sauna não tenha noção do quanto as pessoas se conhecem... existem pessoas que entram e que não têm nenhuma relação sexual. Vão lá e conversam, bebem, assistem um filme, leem um jornal, veem uma revista e... “muitas” pessoas, não são poucas pessoas e o grau de circulação de pessoas do meu convívio social dentro das saunas é muito grande, né... as pessoas não revelam isso, por razões óbvias, porque isso é... tem pessoas que já foram demitidas por que se soube que iam àquilo, à sauna e tudo mais. Mas isso é... é um espaço importante que talvez as mulheres não tenham... não existe sauna para as mulheres, né... eu tenho um grupo de amigas inclusive que defendem, a “Marina Lima fez uma vez uma defesa disso”! Deveria haver saunas para mulheres, aqui, porque isso é visto como uma coisa... ligada ao mundo da promiscuidade, da falta de... de cuidado com a saúde e, na verdade, não tem nada a ver, são o contrário disso tudo. São ambientes absolutamente higienizados, são limpos o tempo inteiro, então, você, saunas, uma sauna mesmo onde as pessoas se deitam, e conversam muito e evidentemente existem os lugares onde as pessoas... se a sala não foi reservado onde elas vão transar, fazer sexo, enfim... Mas, eu acho, é um espaço... em Salvador, é um espaço que vem se consolidando como um espaço para homens solteiros gays e, às vezes, não gays, mas o que... HSH, né... o homem que faz sexo com homem, né... (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano, já foi casado).*

A existência de espaço para sexo voltado para os homens heteros e gays é uma experiência socialmente não compartilhada pelas mulheres. Não existem prostíbulos para mulheres nem saunas lésbicas. Para ter sexo casual, as mulheres

utilizam outros espaços, como suas casas, motéis ou a casa do/a parceiro/a eventual. Na fala de Logan (35 anos), o aspecto da sexualidade é ampliado para diversas formas de sociabilidade, quando o objetivo da sauna vai além e inclui o possível encontro de pessoas.

5.4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CARNAVAL, SAIR SOZINHO/A E AS LIMITAÇÕES NOS ESPAÇOS DE LAZER

Em Salvador, há a ideia de que o clima carnavalesco de permissividade sexual prevalece durante o ano inteiro, favorecendo, principalmente para as pessoas solteiras, o exercício da sexualidade em encontros fortuitos e a participação em festas, shows e eventos “axezeiros”¹⁸⁰ que acontecem no decorrer do ano. Mas, apesar desta representação, o clima de **Carnaval** não prevalece o ano inteiro nem todos/as aderem à cultura carnavalesca que é construída em torno da cidade e nem se interessam por “micareteiros/as” ou “axezeiros/as”, ou seja, pessoas que gostam de axé e frequentam estas festas dentro e fora da cidade, o ano inteiro. A respeito disto, Simone (32 anos) comentou que tem aversão a homens “micareteiros”:

Simone – *Salvador tem o espírito da micareta*¹⁸¹, *eu falo assim, mais do que Carnaval, assim, micareta mesmo, porque é o ano inteiro assim. Se eu entrar no Orkut de um homem e ver assim “Chiclete eu te amo”, ah!* [risos do grupo]. *“Asa Folia”, oh, queima! Camaleão, assim, a patinha no carro, ferrou!* [risos do grupo]. (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada – Grupo Focal 2).

Geralmente, o público-alvo de festas de *axé music* é predominantemente formado por jovens – adolescentes e adultos jovens –, apesar de muitos adultos maduros gostarem deste estilo. Simone (32 anos) apontou como sua escolha de pessoas para se relacionar perpassa também os gostos pelos costumes locais.

¹⁸⁰ Termo que se refere a eventos com bandas de axé, o principal ritmo de música presente no Carnaval.

¹⁸¹ Micareta é o Carnaval fora de época em que predominam shows com bandas de axé. Nesta fala, ela se refere às “comunidades” do *Orkut* (site de relacionamento), que são espaços de discussão de temas específicos, e no caso presente, comunidades que tratam de festas e blocos de Carnaval existentes em Salvador. O “Camaleão eu te amo” é exemplo de uma comunidade para quem gosta do Bloco Camaleão e da banda Chiclete com Banana, cujo símbolo é a pata de um camaleão. Quem tem este símbolo em forma de adesivo no carro também mostra seu gosto por este bloco de Carnaval. O mesmo para o “Asa folia”, que referencia a banda de axé “Asa de Águia”.

Nas entrevistas, os/as informantes falaram sobre o Carnaval, uma festa profana em que, culturalmente, muitas pessoas solteiras se divertem sendo comum a prática do *ficar*. Mas não é somente isto. Nas entrevistas os/as participantes relataram que, no Carnaval, não costumam sair com o objetivo de *ficar* – beijar pessoas e ter sexo casual –, uma prática que era mais comum quando mais jovens, tendo agora o objetivo maior de encontrar com amigos/as, como já tratado anteriormente.

Uma observação que os/as informantes Mar (40 anos) e Ricardo (49 anos) apontaram sobre o Carnaval, como já sinalizado, é que presenciaram algumas mudanças acontecerem na maior festa da cidade, lembrando uma época em que o circuito se resumia ao circuito da folia nos bairros do Campo Grande e da Barra, tendo a área do bairro de Ondina uma frequência menor de trios elétricos e blocos carnavalescos, o que facilitava o trânsito das pessoas, pois, ainda não havia a “invasão” dos camarotes, como se vê atualmente. Hoje, com a grande povoação de Ondina, estes informantes frequentam o Carnaval, mas não saem em blocos, ao contrário de Danilo (31 anos), que é mais jovem do que estes informantes, que gosta de sair no circuito da Barra para ver Daniela Mercury e outros dos seus artistas favoritos. Diferente dos outros entrevistados, Logan (35 anos) participa do Carnaval como folião e como cantor. Ele, que tem como uma de suas atividades, a música profissional, cantou em trio elétrico e quer repetir a experiência.

Com base em observações no Carnaval e através de registros já discutidos em outro trabalho (ANDRADE, 2007), pude ver o quanto, nesta grande festa, o movimento da paquera está presente, estimulado pelo clima de descontração que se cria somado ao consumo de bebidas alcoólicas (que pode ser somada a outras substâncias psicoativas) e como, na dinâmica espacial, há segregações de classe social, raça e idade/geração, percebida na ocupação dos blocos, camarotes e nas ruas do circuito carnavalesco camufladas com a “ilusão da integração” (ANDRADE, 2007, p. 60).

Outra observação sobre o lazer para solteiros e solteiras é **a realização de atividades sozinhos/as**. É mais comum ver homens chegando sozinhos – desacompanhados de amigos/as, colegas ou outra pessoa – em bares e eventos festivos, do que mulheres. Quando perguntado sobre as principais atividades de

lazer¹⁸², sair sozinho/a é algo realizado *algumas vezes* (média 1,84, nas respostas totais) pelos/as participantes que responderam aos questionários. Quando esta frequência é analisada por sexo, os percentuais de respostas são parecidos, com exceção para *nunca*, em que prevalecem as respostas femininas (77,8%); *raramente* (50%, para cada sexo); ou *algumas vezes* (53,6% das respostas masculinas). Somente três mulheres afirmaram ter o costume de saírem sozinhas. (Tabela 20).

Tabela 20 – Número e percentual de respostas, segundo a realização de atividades de lazer sozinho/a pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

FREQUÊNCIA	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Sempre	3	100,0	0	-	3	4,0
Muitas vezes	10	52,6	9	47,4	19	25,3
Algumas vezes	13	46,4	15	53,6	28	37,4
Raramente	8	50,0	8	50,0	16	21,3
Nunca	7	77,8	2	22,2	9	12,0
TOTAL	41	54,7	34	45,3	75	100,0

Fonte: Elaboração própria

Observei, em alguns dos lugares visitados, homens e mulheres chegando sozinhos/as. Eles/as seguram uma bebida ou, até mesmo, levam um livro que sirva de companhia. Uma noite, no “Twist”, havia uma mulher sentada próximo à bancada do bar, bebendo uma caipiroska, de óculos e com um livro de Maquiavel na mão. Um grupo de cariocas¹⁸³ se aproximou e um deles, prontamente, foi falar com a moça e ficaram conversando grande parte da noite. Os homens, quando estão sozinhos nestes locais, também costumam estar com alguma bebida (alcoólica) na mão e interagir com grupos de pessoas, principalmente de mulheres. Outra observação realizada em um bar onde o estilo musical é o samba, o “Seu Jorge”, também no Rio Vermelho, havia uma mulher na faixa dos cinquenta anos, em uma mesa, sozinha, bebendo cerveja e dançando descontraída ao som do samba. Alguns homens se aproximaram chamando-a para dançar, mas ela não aceitou e terminou a noite dançando sozinha, demonstrando estar feliz.

¹⁸² Questão 29 do instrumento quantitativo. Uma das atividades listadas foi “sair sozinho/a para alguma atividade de lazer”.

¹⁸³ Conversamos com alguns rapazes deste grupo para informar sobre a pesquisa e eles se identificaram como cariocas.

Quanto a **viajar sozinho/a**, os/as participantes não têm este costume, apenas fazem o percurso sós para chegar ao lugar de destino e encontrar familiares, amigos ou paqueras, diferente de algumas pessoas que conheci na Europa, que têm o costume de viajar sozinhas e, em muitas cidades, há programas turísticos voltados para este público, incluindo *tour* à noite por bares e boates¹⁸⁴. Em algumas viagens que fiz, conversando com brasileiras que estavam viajando sozinhas, elas afirmavam que priorizavam os passeios durante o dia e não saíam a noite por temerem sair sozinhas, diferente das europeias, norte-americanas e canadenses que conheci as quais, talvez por terem mais segurança pública nos seus países de origem, não temiam sair à noite.

Ao discutir o tema, Eliane Gonçalves (2009) descreve a imagem da mulher pública, que está na noite para se divertir, mas que, quando sozinha, fica vulnerável à abordagem dos homens que consideram que a mulher só está sempre disponível para o que eles quiserem, o que pode gerar desconforto para muitas mulheres e, inclusive, fazer com que elas deixem de sair também por este motivo, além da vulnerabilidade por situações de violência, discussão também compartilhada por Vanessa May (2011) ao estudar a “vida pessoal” nos espaços públicos.

No entanto, sinaliza Eliane Gonçalves,

o cenário contemporâneo das cidades mostra que, cada vez mais, as mulheres saem desacompanhadas de um homem para bares, restaurantes, boates, cafés, etc., sem que o objetivo principal seja encontrar potenciais namorados e, mesmo assim, sua exposição nesses lugares ainda provoca situações desconfortáveis (2009, p. 193).

Assim, percebe-se como o gênero atravessa os sentidos atribuídos ao lazer nos espaços públicos, considerados “lugar masculino de trânsito e liberdade” (GONÇALVES, 2009, p. 193), o que mostra como a autonomia dos sujeitos em uma sociedade democrática não foi alcançada plenamente como se espera, o que aponta ainda a necessidade ruptura de dicotomias de gênero também nestes espaços.

¹⁸⁴ Este *tour* é chamado de *Pub crawl*, que significa maratona de bares, ou seja, um guia leva um grupo de pessoas em diferentes bares em uma noite, com objetivo de diversão. Este costume tem sido frequente em diferentes cidades turísticas ao redor do mundo. Ver termo na enciclopédia virtual: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pub_crawl>.

Além da vulnerabilidade de exposição nos espaços, as pessoas solteiras enfrentam algumas limitações nos espaços de lazer. Se, para alguns/as participantes, a cidade proporciona boas opções de lazer, para outros/as, nem tanto. Beija-Flor (33 anos) relata como tentou encontrar um local para sair com o novo paquera, em um dia durante a semana, e não encontrou tantas opções para cumprir seu objetivo que era sair para um bar e depois para algum outro lugar para dançar.

Beija-Flor – *A gente saiu de noite. Eu fui buscar ele de noite. Aí a gente... eu fiquei um pouco sem saber para onde ia... uma coisa horrível Salvador! Darlane – [...] Quinta-feira, não tinha lugar não para ir.*

Darlane – *É... que foi até o dia que eu fui no “Twister”, né? Que eu falei com você...*

Beija-Flor – *Foi. Aquele dia. “Twister” era bom, mas a gente não queria ir logo para um lugar para dançar. Aí [...] a gente foi no “Moema” e aí foi... estava um pouquinho melhor. Eu falei: a gente vai no “Moema” depois vai no “30 Segundos”.*

Darlane – *É... tem uma música neste dia [...].*

Beija-Flor – *É. Aí a gente foi. Quando... depois que a gente saiu [do Moema], umas onze e meia... para ir no “30 Segundos”, era open-bar!*

Darlane – *Ah...*

Beija-Flor – *Para mulher! até não sei que horas. Eu estava entrando, casal... mesmo assim, a gente não queria pagar... acho que era... 50 reais para o homem... [...] uma coisa assim... para beber... e, aí, a gente não estava a fim disso. Então, não era bem a nossa. Não tinha lugar. Eu rodei na Barra e não tinha nada. O “Groove”, fechado. Tudo fechado.*

Darlane – *É... é que vai ficando tarde... e vai ficando tudo fechado.*

Beija-Flor – *Meia noite! (33 anos, branca, heterossexual, psicóloga, baiana).*

Nesta fala, ela reclama de não ter muitos lugares abertos na cidade, para dançar, durante a semana que atendesse a seu gosto pessoal, porque naquele momento ela não queria ir para uma danceteria que tivesse “bebida liberada para homens e mulheres” – o que é um costume em alguns espaços de lazer na cidade que, comumente, são frequentados por adultos mais jovens. Se compararmos Salvador com outras grandes capitais do país como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, a capital baiana tem opções limitadas no aspecto cultural, como

analisa Adriana Prates (2005), além da diversidade de estilos musicais nos bares e boates, de poucas opções para pessoas adultas acima de 30 anos e para as mais maduras, como também observou Márcia Tavares (2008).

Nos grupos focais, foi discutido como a cidade oferece mais programas de lazer, na noite, para jovens do que para adultos mais maduros. Assim, parece haver uma dinâmica também geracional na noite dos/as solteiros/a na cidade: as pessoas mais maduras costumam sair na cidade durante a semana¹⁸⁵ e as mais jovens, nos finais de semana. Não que a interação geracional não aconteça em diversos locais de lazer e em dias variados, mas há certa tendência a prevalecer pessoas mais jovens ou mais maduras em lugares e momentos específicos.

Rafael (47 anos), nos grupos focais, relatou que costuma frequentar a “noite” na cidade, porque trabalha com eventos, tem que estar no “mitiê” – expressão usada para falar de grupos de pessoas das classes mais altas que frequentam lugares que estão na moda e que são o *point* do momento, como já explicado em outra ocasião, neste estudo. Quanto à idade das pessoas, afirmou que gosta de sair durante a semana também para encontrar pessoas na sua faixa etária ou um pouco mais jovens. Outros comentários também foram feitos pela informante Mar (40 anos), que esteve, em dezembro, no “Leopoldina” (na Graça) para um evento de encontro de confraternização com amigos. Considerou que o lugar tinha muitas pessoas muito mais jovens do que ela e não gostou muito do tipo de música que a banda estava tocando (axé)¹⁸⁶, mas, depois, gostou daquelas escolhidas pelo DJ – estilo *dance*.

Nos questionários, quando perguntado sobre a **preferência por frequentar lugares de lazer em relação à faixa etária** (75 casos válidos; n= 112), as respostas apontaram, primeiramente, que a preferência *pela faixa etária varia conforme o programa de lazer* (32,1%, sendo 55,6% de respostas femininas e

¹⁸⁵ Uma queixa ouvida pelos participantes é que os espaços de lazer não funcionam até tarde, o que limita as opções quando se quer esticar a noite, como aconteceu com Beijaflo, que procurou um lugar para ir depois das dez da noite e não encontrou nenhum que lhe agradasse. E em diversas situações que estive no “Twist” e conversei com algumas mulheres, essa reclamação se somava ao fato de que, devido às poucas opções de lazer, elas sempre se encontravam com as mesmas pessoas, ou seja, os mesmos homens que já tinham *ficado* ou quiseram *ficar*, porque são poucos os locais para solteiros/as acima de 30 anos.

¹⁸⁶ O não gostar de *axé music* também foi um dado presente entre solteiros/as na amostra do estudo do Mestrado. Este estilo musical costuma ser preferência de pessoas mais jovens e adolescentes do que adultos mais maduros, nesta cidade.

44,4%, masculinas); em seguida, *preferem lugares frequentados por pessoas da mesma faixa etária* (31,3% das respostas, sendo 54,3%, femininas). Na alternativa a *faixa etária das pessoas não é um problema em se tratando da escolha por programas de lazer* obteve 19,6% das respostas, com mesma porcentagem de respostas para os dois sexos, 50%; uma pequena porcentagem afirmou *preferir lugares frequentados por pessoas mais novas* (7,1%, dos quais a maioria de respostas masculinas, 87,5%); e *prefere lugares frequentados por pessoas mais velhas* (6,3%, sendo 57,1% de respostas masculinas). Assim, parece que a faixa etária pode variar a depender do tipo de programa de lazer escolhido, e pode haver certa preferência por lugares frequentados por pessoas da mesma faixa etária. (Tabela 21).

Tabela 21 – Número e percentual de respostas quanto à preferência por frequentar lugares de lazer em relação à faixa etária, segundo os/as participantes, por sexo – Salvador, 2011–2012

COMPANHIA LAZER/ FAIXA ETÁRIA	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Varia conforme o programa	20	55,6	16	44,4	36	32,1
Mesma idade	19	54,3	16	45,7	35	31,3
Não é problema	11	50,0	11	50,0	22	19,6
Mais novos	1	12,5	7	87,5	8	7,1
Mais velhos	3	42,9	4	57,1	7	6,3
Não tenho opinião	1	25,0	3	75,0	4	3,6
TOTAL	41	54,7	34	45,3	75	100,0

Fonte: Elaboração própria

Este capítulo expôs a rotina dos solteiros e solteiras da amostra apontando os principais elementos que fazem parte do cotidiano do trabalho, as atividades domésticas, o lazer e o cuidado consigo, mostrando como estes sujeitos urbanos, que dedicam grande parte da sua rotina ao trabalho, despendendo menos tempo para o lazer, ainda assim, mantém relações, de forma presencial, com suas redes de amigos/as, familiares, com as pessoas que mantém relacionamentos amorosos e sexuais, mais do que virtualmente. Neste sentido, as tecnologias parecem ser utilizadas como uma importante ferramenta que viabiliza o encontro

presencial e que passa a ser parte integrante da rotina. Também facilita a expressão de sentimento de afeto para com o outro, quando este não se faz presente.

Este capítulo também mostrou como foi feito o mapeamento desta rotina relacional, de trabalho e lazer, descrevendo, especialmente, os territórios na cidade onde transitam os solteiros e as solteiras de classe média, da amostra, bem como as dinâmicas empreendidas por eles/as no movimento da paquera, que farão parte dos modos de se vivenciar a sexualidade e o campo dos afetos. Estas pessoas se colocam disponíveis ao encontro com o outro para fazer sexo, para manter uma relação de afeto (com namorado/a, amante ou *ficante*), e com os amigos/as, para se divertir e manter ou desenvolver a relação de amizade. Observar estes trânsitos também possibilita uma reflexão acerca de como os espaços e as dinâmicas sociais são atravessadas por gênero, por geração e raça/etnia, visto que nos espaços para solteiros/as de classe média aqui em Salvador predominam brancos e pardos, havendo uma dinâmica geracional a respeito do tipo de local frequentado e do dia, bem como uma dinâmica de gênero no movimento da paquera, no flerte e na tomada de iniciativa sexual, assim como nas possibilidades de trânsito no espaço público.

Apesar de ainda serem as mulheres a ficarem mais vulneráveis quando saem na noite, elas têm ocupado esses espaços, principalmente quando saem em grupo com suas amigas e colegas, expressando a liberdade que tem se mostrado característica principal da condição de solteiro/a. Neste capítulo, também foi discutido como a cultura carnavalesca que permeia a cidade de Salvador pode ser ressignificada, quando a ida ao Carnaval não visa somente o encontro sexual momentâneo, mas a diversão e o encontro com amigos/as. Também foi denunciado como as opções de lazer, para quem gosta de sair na noite, são limitadas em se tratando de lugares onde frequentam comumente adultos/as mais maduros/as, acima dos trinta anos.

CAPÍTULO 6

SOLTEIROS/AS PROCURAM? SOBRE A SEXUALIDADE, AVALIAÇÃO DA VIDA DE SOLTEIRO/A ATUAL E PROJETOS PARA O FUTURO

Este capítulo trata primeiramente dos aspectos da sexualidade dos/as solteiros/as participantes do estudo, seguido de uma avaliação em torno de elementos que fazem parte dos seus modos de viver, e por fim, os principais projetos para o futuro na vida pessoal tais como as relações afetivas, familiares, o campo profissional, o lazer e outros projetos, de modo a ter um panorama mais amplo da solteirice em Salvador, que vem sendo desvelada até aqui.

6.1 SOBRE A SEXUALIDADE

Na década de 1970, Helen Gurley Brown escreveu sobre a vida sensual¹⁸⁷ da mulher solteira:

as pessoas achavam que a mulher solteira não tinha uma vida sexual (a não ser aquilo que fazia em segredo quando estava sozinha-no-seu-leitona-calada-da-noite e, como na época também mal se falava de masturbação, pode-se até mesmo dizer que a pobrezinha não tinha absolutamente nenhuma). Atualmente, desde 1962, assim como nos anos que se seguiram e até este preciso minuto, as mulheres solteiras tem tido uma vida sexual bastante ativa. (1972, p. 9).

Neste período, temas tabus como a masturbação, o aborto, o sexo fora do casamento, o sexo sem compromisso, dentre outras práticas, passam a sair das quatro paredes e adentrar as conversas e as práticas das mulheres¹⁸⁸. Esta abertura para falar da sexualidade e também para praticá-la de forma mais diversificada perdurou ao longo do tempo e, neste novo milênio, a sexualidade tem sido vista também como um elemento constituinte de identidades, como parte integrante do eu, aplicado aos corpos, desejos e afetos, tendo também o corpo como portador da

¹⁸⁷ A “vida sensual” também se pode ler como “sexual”.

¹⁸⁸ Com exceção do aborto, que ainda é um tema polêmico atualmente – apesar de ser muito praticado. Esta prática não é legalizada em muitos países, incluindo o Brasil: a prática ainda é criminalizada, salvo em situações de estupro, de risco de morte para a mãe e em casos de feto anencéfalo.

autoidentidade, estando interligado com decisões individuais do estilo de vida, como discute Anthony Giddens (1992).

Sobre o tema, Eliane Gonçalves discute como a relação com o corpo e modos de expressar e vivenciar a sexualidade de forma desvinculada da reprodução, da maternidade e fora de relações maritais se configura em uma sexualidade compreendida de forma mais ampla. Em se tratando de mulheres solteiras, afirma:

‘Sexualidade’ é compreendida aqui como parte inerente das histórias narradas, que evocam noções relacionadas a um campo relativamente amplo – prazer erótico; práticas sexuais; relacionamentos em curso, antigos e ‘projetados’; conexões com o gênero, em suas formulações acerca do feminino e do masculino; reprodução ou projetos de maternidade, etc. Se a sexualidade não pode ser vista como reveladora de uma subjetividade específica das “solteiras” que moram sozinhas ou que suas práticas sexuais – ou ausência delas – lhes conferem algum sentido de identidade pessoal, ela marca um modo de ser no mundo, caracterizado em termos de maior ou menor liberdade de agir e das escolhas daí resultantes em determinado contexto histórico e cultural. (2009, p. 198).

Desta forma, a autora discute a importância de indagar acerca dos significados e experiências da sexualidade para quem está solteiro/a. Em se tratando das mulheres, afirma: “em vários sentidos, as mulheres ‘sós’ desorganizam as referências culturais dominantes em torno da sexualidade”. Isto porque a sociedade ainda se organiza em torno da norma conjugal, o que leva a leituras em torno das práticas sexuais com este parâmetro: o sexo pré-marital, marital e extramarital. Discute, ainda, como “esses sistemas de práticas referentes à organização social do parentesco e da família comporta um número, ainda que não ilimitado, de outras práticas sancionadas ou não” (GONÇALVES, 2009, p. 198) e utiliza o debate de Michel Foucault (1988) em seu estudo sobre a história da sexualidade, apontando seu caráter social, histórico, no entendimento da sexualidade compreendida como um campo onde o poder também opera. Diversos estudos sobre o tema também consideram a sexualidade como uma experiência humana, produto de um complexo conjunto de processos sociais, históricos e biológicos, também subjetivos e simbólicos (WEEKS, 2010; SWAIN, 2004).

O debate proposto por Eliane Gonçalves (2007; 2009), assim como outras estudiosas, sobre os solteiros e as solteiras, se pauta, especialmente, em diversas discussões feministas que vêm sendo travadas em defesa da autonomia sobre o

corpo, da liberdade de escolha e independência para realizar tais escolhas, e da crítica à obrigatoriedade de exercício da sexualidade em modelos de relações convencionais – e heteronormativas. Outro debate, de cunho sociológico, gira em torno das transformações da intimidade em sociedades mais individualizadas, democratizadas e que passam por processo de destradicionalização, que confrontam mudanças radicais incidindo sobre a forma como a sexualidade é exercida, com mais flexibilidade na busca de prazer e satisfação de formas mais diversas tendendo ao estabelecimento de relações mais horizontalizadas (BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990; GIDDENS, 1992; BAUMAN, 2001b).

Como já abordado no capítulo introdutório e no teórico, as transformações na intimidade convivem com algumas permanências, que vem sido evidenciadas em estudos empíricos em países desenvolvidos (JAMIESON, 1999; 2005), também, na realidade brasileira, em uma cultura onde o “antigo” e o “moderno” se entrelaçam (VAITSMAN, 1994; MACHADO, 2001; JABLONSKI, 2009; ARAÚJO, 2009), marcando rupturas e permanências nas práticas no âmbito da “vida pessoal”. Diante destas discussões, este capítulo aponta o que muda e o que permanece a partir de práticas de solteiros/as no campo da sexualidade, dentro do contexto baiano, considerando que as questões em torno da sexualidade foram discutidas ao longo desta tese, pois, de diversas maneiras, o sexo, o afeto, as relações mais estáveis ou temporárias fazem parte das vivências passadas, presentes e/ou das expectativas para o futuro dos/as participantes do estudo. Da mesma forma, a sexualidade – e a diversidade sexual – também se enlaçam nos espaços públicos que se configuram territórios de desejos, como posto no Capítulo 5.

Os instrumentos colaboraram de modo diferente para a captação de discursos sobre aspectos da sexualidade: nos grupos focais, houve falas mais tímidas sobre sexo, por parte dos homens, e algumas falas reveladoras das mulheres, principalmente em torno do sexo sem compromisso; nas entrevistas biográficas, foi possível obter dados sobre o histórico dos relacionamentos amorosos, as relações atuais e expectativas para o futuro, mas foi com os questionários que alguns detalhes acerca de elementos que envolvem a sexualidade puderam ser acessados. Isto porque, com este instrumento, as pessoas tinham maior privacidade para responder questões sobre sua vida sexual, já que poderiam respondê-lo sozinhas, diferentemente da forma de participação nos grupos focais e nas entrevistas. Mas, ainda assim, registrar informações sobre a sexualidade foi

embaraçoso para alguns/algumas dos/as participantes que comentavam sobre o fato de as questões tratarem de temas mais íntimos e alguns ficaram receosos em deixar o *email* para devolução dos resultados, mesmo tendo conhecimento do sigilo quanto a sua identidade.

Essa dificuldade de obter informações sobre a vida sexual de homens e mulheres é compartilhada por outros/as estudiosos/as (JAMIESON, 1999; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), e nela estão atravessadas questões de gênero. Em diversos momentos das análises dos dados, estas construções eram vistas, por exemplo, em opiniões de homens, nos grupos focais, a respeito de preferirem namorar a *ficar* e a se colocarem como disponíveis para o casamento, em uma situação em que eles estavam falando para mulheres solteiras. Neste sentido, vale questionar: será que se eles não estivessem em um grupo com mulheres solteiras, o discurso seria diferente? Nos questionários, a prevalência de respostas masculinas afirmando ter uma vida sexual mais ativa do que uma parte das mulheres da amostra pode também estar refletindo construções de gênero em que homens se colocam como mais ativos sexualmente do que as mulheres. Será que eles poderiam falar/expor em um contexto de pesquisa, que não têm uma vida sexual tão ativa, ou elas, que praticam o sexo com mais frequência?

6.1.1 HISTÓRICO DE RELACIONAMENTO AMOROSO

Sobre o **histórico de relacionamento amoroso**¹⁸⁹, a amostra (n=76) apresentou relacionamentos variados, prevalecendo pessoas que tiveram o *namoro* como o estilo de relacionamento mais presente no passado amoroso (61,8% das respostas), seguido do *ficar* (23,7%). Uma pequena parcela da amostra teve o *morar junto* (11,8%) e o *casamento formal* – na igreja e/ou cartório – (2,7%). Quando estes números são analisados por sexo, a diferença aparece no estilo de relacionamento *morar junto*, prevalecendo as mulheres, 66,7%, tendo os outros estilos relacionais,

¹⁸⁹ O histórico de relacionamentos amorosos não foi controlado no acesso à amostra no sentido de focar em pessoas que tiveram em seu curso de vida poucas relações estáveis (em busca de, talvez, o perfil de solteiros/as convictos/as), porque o estudo buscou focar na experiência atual das pessoas estando elas na condição de solteiras, independente do tempo de duração das relações prévias ou do tipo de relacionamento que prevaleceu no passado.

um equilíbrio entre as respostas, mostrando experiências passadas aproximadas entre os sexos. (Tabela 22).

Tabela 22 – Número e percentual de respostas segundo o tipo de relação que prevaleceu no histórico de relacionamento dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

RELAÇÃO PREVALECENTE	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Namoro	25	53,2	22	46,8	47	61,8
<i>Ficar</i>	9	50,0	9	50,0	18	23,7
Morar Junto	6	66,7	3	33,3	9	11,8
Casamento Formal	1	50,0	1	50,0	2	2,7
TOTAL	41	53,9	35	46,1	76	100,0

Fonte: Elaboração própria

Quando perguntado sobre a **duração da última relação estável**, nas respostas (n = 74) prevaleceram: *entre dois e cinco anos* (45,9% das respostas), seguida de relações mais curtas que duraram *até dois anos* (33,8% das respostas, se somado o tempo de *até seis meses* e de *sete meses a menos de dois anos*). Tiveram relações mais longas, 16,2% da amostra, com duração *de 6 a 10 anos* e *mais de 10 anos* (2,7%).

Ao serem analisadas por sexo, as respostas são equilibradas, diferenciando-se apenas nas seguintes relações/tempo prevalecendo as respostas femininas: relação com duração de *até seis meses*, (60%), duração *de 7 meses a menos de dois anos* (53,3%) e em relações mais longas o tempo de duração *de 6 a 10 anos* (58,3%). (Tabela 23).

Tabela 23 – Número e percentual de respostas, segundo o tempo de duração do último relacionamento dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

DURAÇÃO DA ÚLTIMA RELAÇÃO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Até 6 meses	6	60,0	4	40,0	10	13,5
7 meses até menos de 2 anos	8	53,3	7	46,7	15	20,3
2 a 5 anos	17	50,0	17	50,0	34	45,9
6 a 10 anos	7	58,3	5	41,7	12	16,2
Mais de 10 anos	1	50,0	1	50,0	2	2,7
Não se aplica	1	100,0	–	–	1	1,4
TOTAL	40	54,1	34	45,9	74	100,0

Fonte: Elaboração própria

O histórico de relacionamento e o tempo de duração da última relação estável mostra o perfil da amostra, formada em sua maioria por solteiros/as que nunca se casaram e que tiveram em seu passado relações como o namoro e o *ficar*. As relações passadas tenderam a durar entre 2 e 5 anos e com relações mais curtas, que variaram de poucos meses até 2 anos, o que condiz com as práticas atuais em torno dos relacionamentos que tendem a ser efêmeros ou a serem “eternos enquanto durarem”, como afirma o poeta Vinícius de Moraes (1960)¹⁹⁰, expressando, em certo sentido, que a intensidade da relação pode ser mais valiosa do que o tempo cronológico ou que, simplesmente, a relação (seja ela intensa ou não), durou enquanto havia satisfação de estar nela para uma ou ambas as partes envolvidas, como nos “relacionamentos puros” (GIDDENS, 1992).

A dinamicidade das relações contemporâneas também desafia a pensar sobre o que é uma relação estável, tendo em vista as fragilidades dos laços (BAUMAN, 2001b). Aqui considere que um “relacionamento estável” envolve o compromisso afetivo e de fidelidade sexual que comumente existe nas relações de namoro e nas modalidades de casamento, o que vai ser diferente da relação de cunho mais transitório como o *ficar* na qual há ausência de compromisso. No entanto, considerando que as regras que norteiam as relações amorosas estão mais flexíveis na contemporaneidade, a noção de “relação estável” pode variar.

Nas entrevistas, o histórico foi também retratado, não sendo possível, no entanto, estabelecer um padrão de relacionamentos de um modo geral, apenas algumas tendências. Nos seus relatos, as mulheres apontaram ter passado mais tempo namorando do que os homens. Desde que começaram a namorar, no final da adolescência, por volta dos 17, 18 anos, as entrevistadas vêm estabelecendo relacionamentos estáveis, umas com relações que duram mais de um ano, outras que duram menos.

Beija-Flor (33 anos, branca, heterossexual, psicóloga, baiana) relatou como, a cada ano, tem um novo namorado, passando por intervalos que podem durar meses, sem namorar alguém; Mar (40 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira) experienciou relacionamentos curtos e os que duraram mais de um ano, tendo passado pela experiência do casamento e de morar junto; Ana Maria (50 anos, branca, heterossexual, historiadora, brasiliense) teve, em seu histórico de

¹⁹⁰ Poema “Soneto da Fidelidade” publicado em: MORAES, Vinicius de. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 96.

relacionamento, também relações que duraram poucos meses e outras que duraram alguns anos, passando pela experiência de compartilhar a moradia com namorado por duas vezes e, ainda, por um período em sua vida, vivenciou uma relação homoafetiva que durou cerca de quatro anos, como já posto em outros momentos do estudo.

No grupo dos homens, estes tiveram históricos de relacionamentos diferentes: Ricardo (49 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano) relatou que teve muitas namoradas e frisava em sua fala este fato: *“Tive várias namoradas, né... enfim... graças a Deus não passei aperto não”*. Logan (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano) e Danilo (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano) também relataram sobre seus namoros, mas, por serem mais novos do que Ricardo (49 anos), não firmaram que tiveram muitas experiências de namoro, prevalecendo relações mais esporádicas em suas práticas, com algumas relações mais duradouras incluindo a moradia compartilhada/casamento na vivência de Logan (35 anos).

Estes informantes relatam que começaram a namorar “tarde”, já no período da faculdade, porque na adolescência priorizavam o estudo e não tinham despertado para o exercício da sexualidade desta forma. Quando se referem a “começar a namorar tarde” apontam um contraponto com a tendência dos últimos anos que indica que a vida sexual e as experiências afetivas e sexuais são iniciadas cada vez mais cedo¹⁹¹. O que foi comum no relato das relações amorosas dos homens e das mulheres foi o fato de que, em suas trajetórias, os primeiros relacionamentos foram imbuídos de expectativas e idealizações. Logan (35 anos) comenta que, na sua trajetória, havia a busca de uma relação ideal ou de uma pessoa ideal como o mito da “Cinderela”, que representa a sua busca por alguém para construir uma história:

¹⁹¹ Sobre a iniciação sexual, no estudo realizado com 2.502 mulheres brasileiras (com idade de 15 anos ou mais), das diferentes regiões do país, Alessandra Sampaio Chacham e Mônica Maia apontam que a iniciação sexual para a maioria das entrevistadas aconteceu quando tinham idade entre 15 e 20 anos (63%), com 14% da amostra tendo a primeira relação sexual antes dos 15 anos. As autoras discutem que a iniciação sexual tende a acontecer cada vez mais cedo para mulheres mais jovens: “na faixa etária de 15 a 17 anos a média de iniciação sexual foi de 14,6 anos, enquanto entre as mulheres com 35 anos ou mais a média ficava acima de 18 anos” (2004, p. 77). Para os homens, a vida sexual tende também a ser iniciada mais cedo.

Logan – *Tive [relacionamentos estáveis] curtos, muito curtos, muito curtos. Assim coisas de... Tentativas, né... porque, antes do relacionamento duradouro, eu sonhava, ainda, eu tinha o sonho da Cinderela, né... E todo mundo tem, os homens também têm esse sonho, independente de serem gays, o sonho da Cinderela, né. As mulheres não sonham com o príncipe encantado? Os homens também sonham com as suas Cinderelas, né.*

Darlane – *De encontrar alguém...*

Logan – *De encontrar alguém que vai ser... talvez queira aquela que vai ser a mãe dos meus filhos, a mulher da minha vida... No meu caso, uma pessoa que eu queria que fosse, que eu tivesse um relacionamento, que pudesse trocar, que pudesse amar, que pudesse enfim, ter uma história. Então as outras histórias, todas antes dessa pessoa foram tentativas disso. (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano, já foi casado)*

No relato das mulheres, elas não mencionaram a “Cinderela”, mas havia algumas expectativas mais idealizadas em torno dos relacionamentos quando mais jovens ou quando adolescentes, ou estas relações se estabeleciam para atender demandas de pertencimento ao grupo de iguais, como aconteceu com Beija-Flor (33 anos) que teve sua primeira relação sexual para atender a esta expectativa:

Beija-Flor – [a primeira relação sexual] foi uma coisa muito assim, eu descobri que as minhas amigas já não eram... eu era a única virgem. Minhas amigas já iam para o motel e olhe que eu tinha 17 anos e ela já iam à torto e a direito e eu não. Então foi quase uma coisa de curiosidade do que sentimento, enfim... Que ele não gostava de mim e nem eu não era apaixonada por ele... uma coisa muito assim... (33 anos, branca, heterossexual, psicóloga, baiana, já morou junto e foi noiva).

Essa participante também reporta a um relacionamento que foi significativo em sua vida, apontando as características do namorado como a de um “príncipe”, dialogando com o comentário de Logan (35 anos). Segundo ela, o encontro dos dois:

– *Foi muito lindo... ele era um **príncipe!**—Imagine...? ele tocava nos lugares... e ele é médico... **Gente!** Bonito, charmoso... ele é lindo! Gostava de correr... imagine...? (Beija-flor, 33 anos, branca, heterossexual, psicóloga, baiana, já morou junto e foi noiva).*

O tema da “pessoa ideal para se relacionar”, será retomado adiante. As experiências sobre os relacionamentos passados colaboram para reflexões acerca dos significados atribuídos ao sexo e às vivências relacionais que, no transcurso de práticas e construções de sentidos bem como de expectativas sobre este âmbito da vida, demarcam modos de exercício da sexualidade condizentes com as construções de modos de vida de cada pessoa, que agora se desprendem dos ideais adolescentes, como afirma Logan:

– *Porque a experiência leva a gente de certa forma a entender que talvez esse relacionamento que a gente pensa ele não exista como a gente pensa.* (Logan, 35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano, já foi casado).

6.1.2 SEXO E RELACIONAMENTOS ATUAIS

Sobre as práticas sexuais atuais, foi perguntado **com quem os/as informantes fizeram sexo nos últimos 6 meses**. Esta questão foi elaborada com mais de uma alternativa de resposta, de modo que o resultado (71 casos válidos; n=100), demonstra que o sexo não foi necessariamente praticado com uma pessoa com quem se mantém algum estilo de relacionamento. Assim, as respostas foram variadas, tendo parte delas apontado que o sexo foi feito com *namorado/a* (42,3%), prevalecendo os homens, com 73,5% das respostas. Em segundo lugar, com *ficante*, ou seja, uma pessoa com quem se mantém uma relação somente com fins sexuais, 23,9%, prevalecendo as respostas masculinas, com 76% das respostas.

O sexo com *recém-conhecido/a* somou 21,1%, tendo respostas mais próximas entre homens e mulheres, prevalecendo um pouco as masculinas (53,3%), apontando a disponibilidade de algumas mulheres para o sexo casual, diferente de outra parte da amostra que prefere fazer sexo com quem já conhece. O sexo com *amigo/a* somou 11,3% (62,5% dos homens referiram tal prática); com *ex-namorado/a*, 9,9% (prevalecendo respostas masculinas, 71,4%); e com *ex-marido/esposa*, 4,2% (também prevalecendo respostas masculinas, com 66,7%). Praticaram sexo com *amante*, 7% da amostra (prevalecendo respostas femininas, com 80%); um homem (1,4%) referiu o sexo com *profissional do sexo*; e 19,7% da

amostra *não fez sexo nos últimos seis meses*, uma porcentagem que corresponde a 14 mulheres¹⁹². (Tabela 24).

Tabela 24 – Número e percentual de respostas segundo o tipo de pessoa com quem os/as participantes fizeram sexo nos últimos seis meses, por sexo – Salvador, 2011-2012

PESSOA COM QUEM FEZ SEXO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Namorado/a	11	36,7	19	63,3	30	42,3
<i>Ficante</i>	5	29,4	12	70,6	17	23,9
Recém-conhecido/a	7	46,7	8	53,3	15	21,1
Amigo/a	3	37,5	5	62,5	8	11,3
Ex-namorado/a	2	28,6	5	71,4	7	9,9
Amante	4	80,0	1	20,0	5	7,0
Ex-marido/esposa	1	33,3	2	66,7	3	4,2
Profissional do sexo	–	–	1	100,0	1	1,4
Não pratiquei	14	100,0	–	–	14	19,7
TOTAL	37	52,1	34	47,9	71	100,0

Fonte: Elaboração própria

Foi perguntado qual a **cor da pessoa com quem costumam fazer sexo**, mas poucas foram as respostas mostrando preferência por pessoas de uma ou outra cor. Grande parte das respostas (n=75), ou seja, 69,3%, afirmou que *a cor da outra pessoa é indiferente* para se relacionar (tendo respostas equilibradas para homens e mulheres: 50% cada). Afirmaram preferir se relacionar com pessoas brancas, 28% das respostas gerais (destas, 61,9% foram respostas femininas). Somadas as cores parda, preta e indígena têm-se 11,9% das respostas gerais, sendo estas respostas dadas, também, em sua maioria, pelas mulheres (7 respostas femininas e 2 masculinas) (Tabela 39 – Apêndice J). Devido a grande parte da amostra não ter

¹⁹² Sobre esta questão, fiz uma análise separando mulheres e homens em dois grupos de idades (abaixo dos 40 anos e acima dos 40 anos), tendo chamado atenção os seguintes resultados: no grupo das mulheres (n=47) as de idade abaixo dos 40 anos fizeram mais sexo com *namorado* (72,7%), *recém-conhecido* (71,4%), *amigo* (66,7%), *ex-marido* (1 mulher); e as com idade acima dos 40 anos tiveram porcentagem maior de resposta para *ficantes* (60%) e *não praticaram sexo nos últimos seis meses* (57,1%). Ambos os grupos fizeram sexo com *ex-namorado/a*. No grupo dos homens (n=53) aqueles com idade abaixo dos 40 anos praticaram sexo com as diferentes pessoas sinalizadas na questão, mais do que o grupo de homens com mais de 40 anos: *namorada/o* (78,9%), *amante* (1 homem), *recém-conhecido* (87,5%), *amigo/a* (60%), *ex-namorado/a* (80%), *ficante* (91,7%). As respostas foram iguais para sexo com *ex-esposa/marido* para ambos os grupos de idade, e um homem acima de 40 anos fez sexo com profissional do sexo.

exposto a sua preferência, esta questão pode ter um alto grau de desejabilidade social, ou seja, pode ter sido afirmado o que consideram que o/a pesquisador/a deseja ouvir – ou as pessoas tiveram receio de que, se apontassem uma preferência, pudessem ser vistas como expressando um preconceito racial.

Sobre as relações sexuais, dados de pesquisa do Ministério da Saúde apontam que tem aumentado a prática do sexo eventual, no Brasil: o número de pessoas que fizeram sexo com parceiros casuais nos doze meses anteriores passou de 4%, em 2004, para 9,3%, em 2008¹⁹³.

Estas práticas estiveram presentes nas conversas nos grupos focais onde, apesar de não ter sido discutido sobre a frequência com que todos/as os/as participantes realizam sexo, este tema emergiu no segundo grupo focal. No momento de realização dos grupos, os/as solteiros/as não estavam namorando e as mulheres conversaram a respeito das relações esporádicas: elas afirmaram que podem até sentir falta de sexo por não estarem em uma relação estável, mas encontram meios para satisfazer suas necessidades neste sentido, como afirmou Gabriela (32 anos) que, quando sente falta de sexo, esta falta é resolvida com um telefonema para uma “p.a.”¹⁹⁴, ou seja, uma pessoa com quem tem contato somente para ter relações sexuais, que pode ser traduzida como um *ficante*. Esta pessoa pode ser um ex-namorado, amigo ou outra pessoa conhecida cuja relação se estabelece somente com fins sexuais.

A conversa no grupo ilustra como a temática foi discutida:

Gabriela – *Eu nunca fico muito tempo sem transar, eu acho que sexo é bom pra saúde!* (32 anos, branca, heterossexual, professora universitária, paranaense, já morou junto).

Simone – *Olha você, com essa aparência de meiguinha, quietinha, transa mais do que eu que sou faladeira!* (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada).

Gabriela – *É, às vezes, eu, solteira, transo mais do que minhas amigas que têm namorado.*

(Risos do grupo).

¹⁹³ Dados postos na reportagem do jornal *Alagoas 24 Horas*, publicada em 19 de junho de 2009: “Sexo casual entre brasileiros cresce”. Disponível em: <<http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vCod=67736>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

¹⁹⁴ “P.A.” é abreviação de “pica amiga” que também é um termo utilizado pelos homossexuais. Para homens heterossexuais, é utilizado “b.a.”- buceta amiga.

Sandara – *Tem casais que transam menos do que pessoas solteiras.*

Gabriela – *É, porque quando você está casado, aí, muitas vezes, é uma obrigação. Quando você tá casado muitas vezes a pessoa transa por obrigação, sei lá. A solteira não, você faz quando você tá com vontade.*

Darlane – *E como é? Fale mais sobre isso, assim, de o fato de você ficar solteira e transar mais.*

Sandara – *É, como é? Você acha aonde? Faz como?*

Gabriela – (Risos) *Entre amigos!*

Sandara – *E a internet? A internet é um canal.*

Gabriela – *Eu uso a internet, mas não para isso. Eu não sei, eu sou, eu sou muito liberal. Eu não sou uma pessoa que tem muito tabu. Eu sei que sexo é uma coisa e relacionamento é outra. Eu tenho, é P.A. e se eu começo alguma coisa com alguém e eu vejo que o cara não quer nada, e se ele é bom de cama, eu não me importo de continuar transando com ele. Meu coração está aberto, mas eu não quero nada com ele, e vou ficar continuando buscando outra pessoa. Mas eu quero é transar. Se ele for bom de cama, eu vou querer.*

Mar – *Você transa com quem é conhecido? (40 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, divorciada).*

Gabriela – *Geralmente sim. Então, se você conhece, você tem menos trabalho. Assim, você já sabe como é que é. Você não tem que ficar conversando. (risos) Ele não tem que ficar falando nada demais pra te agradar. Você sabe que é assim mesmo e você fala assim, ô. Você já fica, é uma coisa boa porque é uma ferramenta que a gente usa.*

Simone – (risos) *Olha, eu toda tagarela e aqui, encruada, e a de lá mimimi (fazendo gesto de meiguice), tá jogando duro¹⁹⁵.*

(Risos do grupo).

Em pesquisa sobre a sexualidade de mulheres solteiras, independentes financeiramente e que estavam no período do climatério, Josefa Carvalho (2003)

¹⁹⁵ Simone demonstrou ser uma pessoa desinibida, ao participar do grupo focal, inclusive falando sobre algumas de suas experiências sexuais, como a prática do sexo a três, enquanto Gabriela parecia mais tímida em função de ter falado pouco, por isso o comentário sobre uma ser “tagarela” e a outra “mimimi” – significando ser mais meiga ou quieta. O termo “encruada” é uma gíria local que significa que a pessoa está sem fazer sexo e não está em um relacionamento, e o termo “jogando duro” significa que a pessoa está tendo uma vida sexual ativa.

encontrou o termo *manutenção* para se referir a este tipo de relação que as mulheres mantinham com homens, com fins sexuais, trazendo a vantagem de não ter o compromisso que é exigido no namoro. A *p.a*, *manutenção*, também denominada *step*, foi agrupada aqui na categoria *ficante* para as respostas nos questionários. É interessante observar como os/as amigos/as estão incluídos/as no tipo de pessoa que se elege para transar, os chamados *amigos com direitos*, *amigos coloridos*, *amigos com benefício*, terminologias que também estão presentes nas práticas de europeus, apontando, mais uma vez, a função das amizades na vida de solteiro/a e, também, das mulheres heterossexuais.

As amizades como centrais nos relacionamentos têm sido observadas em estudos sobre casais do mesmo sexo, como fizeram Jeffrey Weeks, Brian Heaphy e Catherine Donovan (2001), ao explorarem o significado da amizade, discutindo a “ética da amizade” entre não-heterossexuais e incluindo alguns aspectos da amizade, como o critério de escolha de amigos/as, os diferentes tipos de amigos/as e o elemento sexual que também se insere em relações de amizade entre não-heterossexuais, características que, nesta amostra de solteiros/as – em sua maioria, heterossexuais – também se fez presente, apontando uma abertura maior no leque de possibilidades relacionais e sexuais.

O sexo com amigos/as também está presente no histórico amoroso de Ana Maria (50 anos), que relata sobre esta prática em suas relações de amizade:

Ana Maria – *Eu tenho inclusive amigos que são amigos... outro amante, que eu tinha, que era amante [...] nós somos muito amigos, fazemos muita coisa juntos, quando eu tenho namorado, quando ele tá casado, com a namorada, eu saio com eles, eles saem comigo, com meu namorado e, de vez em quando, de dois em dois anos, de três em três anos, sei lá, a gente fica junto [...] você consegue ter uma relação de amizade de respeito com o homem que te trata bem e que pode também, eventualmente, ser a pessoa com quem você vai pra cama, e é carinhoso [...].* (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasileira, já morou junto).

Esta informante, atualmente, tem um relacionamento de amante. Ela considera que eles têm gostos e jeitos de ser muito diferentes, porque ele é conservador, no sentido de valorizar se relacionar com uma mulher que tenha o mesmo status social ou mais dinheiro do que ele, por exemplo, razão pela qual ela já pensou em não se relacionar mais com ele, mas, no entanto, optou por continuar a manter contato com este homem porque entre eles tem nascido uma amizade e

cuidado com o outro, no sentido de estarem sempre conversando sobre suas vidas e, principalmente, porque ele lhe proporciona prazer sexual.

Ana Maria – *E esse cara com quem eu fico, ele é um cara, assim, sabe, ele é muito diferente de mim, como eu não conheço muita gente aqui, como eu sou uma pessoa... eu gosto de transar, eu gosto muito de transar, então, foram coisas que eu pesei, assim, eu posso escolher continuar sozinha ou eu posso escolher continuar me encontrando com esse cara: é agradável quando a gente se encontra, me dá prazer, me dá muito prazer sexual. Aí eu escolhi: “não, eu vou ficar com ele”.* (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasileira, já morou junto).

Os relatos de Ana Maria e o trazido no grupo focal exemplificam uma prática que tem sido comum entre as mulheres, o sexo sem compromisso, que pode ser exercido com pessoas com quem elas estabelecem algum tipo de relação de cuidado, como a relação de amizade ou alguma outra afinidade emocional que é agregada ao desejo sexual, e representa uma escolha por um tipo de relacionamento que proporcione prioritariamente o prazer sexual.

Já os homens, nos grupos focais, não falaram das suas práticas sexuais de cunho mais esporádico, afirmando que preferem namorar: Ricardo (49 anos, pardo, heterossexual, biólogo, baiano) quando foi entrevistado, estava há cerca de um ano e meio namorando a irmã de um amigo de infância; Danilo (31 anos, pardo, homossexual, servidor público, baiano) tem um paquera com quem mantém contato costumeiramente; e Logan (35 anos, pardo, homossexual, artista, soteropolitano,) está disposto a conhecer pessoas para relacionamentos mais rasos, vivendo sua “solteirice absoluta”. Os outros entrevistados não têm um relacionamento estável no momento.

As práticas discutidas neste tópico, que são possíveis atualmente para a amostra, confirmam algumas rupturas no comportamento de mulheres que, sem culpa, fazem sexo esporádico, sexo com recém-conhecidos assim como a inclusão de amigos/s no ciclo de parcerias sexuais, o que também tem acontecido com os homens. E se as mulheres rompem com alguns comportamentos, os homens confirmam a abertura para o sexo com diferentes tipos de pessoas para além do namoro, como mostraram dados dos questionários.

6.1.3 SOBRE AMOR E SEXO

Em se tratando das relações sexuais, foi solicitada a opinião dos participantes acerca da percepção sobre a ligação entre o sexo e o sentimento de amor, para observar em que medida esta concepção tem mudado, considerando que a literatura aponta como o sexo sem compromisso começa a fazer parte das práticas relacionais atuais, o que significa também a desvinculação do sexo de algum tipo de sentimento para além da atração sexual entre as pessoas, como se observa na prática do *ficar* (ANDRADE, 2004; CHAVES, 1997 e outras).

Na fala das mulheres que praticam sexo em relações mais eventuais, nos grupos focais e entrevistas, há a afirmação da separação entre sexo e amor:

Gabriela – *Eu sei que sexo é uma coisa e relacionamento é outra* (32 anos, heterossexual, branca, professora, paranaense – Grupo Focal 2).

Apesar desta afirmativa, quando perguntado, no questionário, sobre a opinião a respeito de quanto **o sexo e o amor estão interligados**, as respostas (n=75) apontaram que homens e mulheres consideram ainda que estes são *muito ligados* (48%, com a mesma proporção de respostas para homens e mulheres); ou *completamente ligados* (22,7% das respostas gerais, sendo que as respostas femininas representaram 52,8%). Consideram que sexo e amor são *medianamente ligados*, 18,7% da amostra (com respostas femininas somando 57,1%) e *nada* ou *pouco ligados*, 10,7% (respostas femininas: 58,8%). Ou seja, algumas mulheres e homens flexibilizam a crença de que “sexo e amor têm pouca ligação”, mas as respostas gerais apontam que a crença maior ainda é a de que “sexo e amor são ligados”, o que não significa que esta crença seja impeditiva em relação à adoção do sexo sem compromisso, haja vista a comum prática do *ficar* entre grande parte da amostra¹⁹⁶. (Tabela 25).

¹⁹⁶ A ligação sexo e amor para as mulheres neste estudo, também pode ser pensada quando, nas falas trazidas no tópico anterior, algumas delas relatam o sexo sem compromisso, mas com algum tipo de afinidade com o parceiro no sentido de que o conhece previamente – por ser amante, amigo ou ex-namorado. O sentimento pode não ser o mesmo do amor que se presume ter uma relação de namoro, por exemplo, mas um tipo de sentimento que talvez faça com que o sexo não seja voltado exclusivamente para o prazer sexual com algumas pessoas que as mulheres entrevistadas se relacionam, apesar da relação se estabelecer preferencialmente para este fim.

Tabela 25 – Número e percentual de respostas segundo a opinião quanto à ligação entre sexo e amor, dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

A LIGAÇÃO ENTRE SEXO E AMOR	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Muito Ligado	18	50,0	18	50,0	36	48
Completamente Ligados	10	58,8	7	41,2	17	22,6
Medianamente Ligado	8	57,1	6	42,9	14	18,7
Pouco Ligados	2	40,0	3	60,0	5	6,7
Nada Ligados	2	66,7	1	33,3	3	4
TOTAL	40	53,3	35	46,7	75	100,0

Fonte: Elaboração própria

6.1.4 SEXO: ONDE ENCONTRAR?

Apesar de os espaços de lazer serem um grande atrativo para solteiros e solteiras se conhecerem com fins de encontro sexual, as respostas dos questionários em relação ao **lugar onde comumente se encontra pessoas para fazer sexo** mostraram que é mais comum encontrar alguém através do ciclo de amizade do que fora deles, principalmente para as mulheres. De acordo com as respostas (n=143; 72 casos válidos), comumente se encontra pessoas para se relacionar sexualmente *através do ciclo de amigos* (21,6%) e este encontro pode acontecer em qualquer lugar, ou seja, *não há um lugar específico* (18,2%). Alguns lugares referidos também foram: *boates* (10,5%); *viagens* (9,8%); *locais de trabalho e estudo* (9,1%); *bares* (6,3%); e *sites de relacionamentos* (5,6%). Outros locais foram, ainda: *praia* (3,5%); *shopping* (2,8%); *clubes ou organizações esportivas* (1,4%)¹⁹⁷; e *internet/salas de bate-papo/redes sociais* (1,4%).

Comparando as respostas de homens e mulheres vê-se que eles referiram encontrar pessoas para fazer sexo em lugares mais variados do que elas. Já algumas mulheres da amostra (14 delas) não fazem sexo quando não estão em um relacionamento estável e as que o fazem, apontaram alguns lugares onde comumente este encontro acontece. (Tabela 26).

¹⁹⁷ Apesar de não apontarem que encontram pessoas para fazer sexo em organização esportiva, Ana Maria (50 anos) e Mar (40 anos), nas entrevistas afirmaram que esta é uma prática comum, também pela facilidade de que nestes espaços encontram pessoas que compartilham com elas interesses em comum.

A função dos grupos de amigos/as para estabelecer contatos que possibilitem o envolvimento sexual, presente em diversos momentos ao longo das análises dos dados, aqui é reafirmada. O que os/as participantes desta tese e também os do estudo feito no Mestrado (ANDRADE, 2007) apontaram foi a facilidade de, no grupo de amigos, encontrarem pessoas com maior afinidade e também por ter a praticidade de não terem que procurar sexo em redes sociais mais distantes (como muito discutido nos grupos focais). Talvez fique aí uma dica para os solteiros e as solteiras que estão em busca de se relacionar sexualmente: ampliar o ciclo de amizades e atentar para os/as amigos/as que já fazem parte deste ciclo.

Tabela 26 – Número e percentual de lugares onde comumente os/as participantes encontram pessoas para fazer sexo, por sexo – Salvador, 2011-2012

LUGAR ONDE ENCONTRAM PESSOAS PARA SEXO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Ciclo de Amizades	11	35,5	20	64,5	31	21,6
Nenhum lugar específico	12	46,2	14	53,8	26	18,2
Boates/Festas	4	26,7	11	73,3	15	10,5
Viagens/Férias	6	42,9	8	57,1	14	9,8
Local de Trabalho/Estudo	4	30,8	9	69,2	13	9,1
Bares	2	22,2	7	77,8	9	6,3
Site de Relacionamento	4	50,0	4	50,0	8	5,6
Praia	1	20,0	4	80,0	5	3,5
<i>Shopping</i>	1	25,0	3	75,0	4	2,8
Salas de bate-papo na internet	0	-	2	100,0	2	1,4
Clube/organização esportiva	0	-	2	100,0	2	1,4
Não me relaciono sexualmente sem relacionamento estável	14	100,0	0	-	14	9,8
TOTAL	38	52,8	34	47,2	143	100,0

Fonte: Elaboração própria

6.1.5 FREQUÊNCIA DAS RELAÇÕES SEXUAIS ATUAIS

Quando perguntado sobre a **frequência das relações sexuais atuais**, do total de respostas (n=75), 48% apontaram uma *prática semanal de sexo*, sendo grande parte das respostas dadas pelos homens (cerca de 60%). Outra parte pratica sexo *mensalmente* (16,2%), também prevalecendo respostas masculinas (72,7%). Um homem ainda afirmou que *pratica sexo todos os dias*. Afirmaram que praticam sexo de forma mais esporádica, 36% da amostra (somando a prática em *momentos*

raros e a *abstinência sexual*) afirmada pelas mulheres, sendo que somente um homem raramente pratica sexo. (Tabela 27).

Estes dados apontam que os homens da amostra fazem sexo com mais frequência do que as mulheres, mostrando uma diferença de gênero importante no sentido de que, socialmente, a prática do sexo (principalmente fora do casamento) tem sido mais permitida aos homens do que às mulheres. Levando em consideração que a porcentagem de homens que fizeram sexo com namorada/o nos últimos meses foi maior que a das mulheres, será este um dos motivos? Ou eles podem estar mostrando afirmação de sua masculinidade ao reiterarem que praticam sexo com maior frequência (dentro e fora de relações de namoro)? Será que as mulheres solteiras realmente estão praticando sexo com menor frequência ou não se sentiram à vontade para retratar suas vivências no campo da sexualidade neste estudo?

Tabela 27 – Número e percentual de respostas, segundo a frequência de prática sexual dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

FREQUÊNCIA DE PRÁTICA SEXUAL	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		N	%
	n	%	n	%		
Toda Semana	12	33,3	24	66,7	36	48,0
Não pratiquei sexo nos últimos 6 meses	14	100,0	–	–	14	18,7
Raramente	12	92,3	1	7,7	13	17,3
Todo Mês	3	27,3	8	72,7	11	14,7
Todos os Dias	–	–	1	100,0	1	1,3
TOTAL	41	54,7	34	45,3	75	100,0

Fonte: Elaboração própria

Considerando que a prática sexual também inclui a **masturbação**, este tema foi tratado a partir dos dados dos questionários. Segundo Michel Foucault (1988), a masturbação era considerada como símbolo de sexualidade fracassada, comumente policiada e revestida de um discurso proibido. Eliane Gonçalves assinala que era vista como “uma prática sexual ‘solitária’ que, embora prazerosa, parece menor, menos importante, menos satisfatória, porque remete à falta de um ‘outro’”. Para a autora, raramente a prática da masturbação tem sido associada à sexualidade feminina, “mesmo o feminismo da segunda onda, que deu à sexualidade um lugar de destaque, negligenciou ou silenciou o assunto” (2009, p. 202). Ela também aponta como o tema tem saído da margem, com o advento da

sexologia, no início do século passado, e que o discurso que tem se construído em torno desta prática sexual a inclui como parte do desenvolvimento sexual e até saudável das pessoas. Esta prática tem sido recomendada por especialistas como forma de melhorar a resposta sexual (MASTERS; JOHNSON, 1984).

Nas pesquisas de William Masters e Virgínia Johnson (1984) e no Relatório Kinsey (1953)¹⁹⁸, verificou-se a existência dessas práticas em algum período da vida de homens e mulheres. Na amostra desta tese, a prática da masturbação existe, mesmo com baixa frequência. Do número total de respostas (n= 74), 59,5% *não se masturba* ou o faz *raramente*; somando as respostas para *algumas vezes* e *todos os dias*, temos 40,5% das respostas. Das pessoas que afirmaram não se masturbar, a maioria é mulher (72,7% das respostas a esta alternativa). Os outros itens apresentam respostas próximas entre homens e mulheres. (Tabela 28).

Tabela 28 – Número e percentual de respostas, segundo a prática da masturbação pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

PRÁTICA DA MASTURBAÇÃO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Não me masturbo	8	72,7	3	27,3	11	14,9
Raramente	15	45,5	18	54,5	33	44,6
Algumas vezes	15	53,6	13	46,4	28	37,8
Todos os dias	1	50,0	1	50,0	2	2,7
TOTAL	39	52,7	35	47,3	74	100,0

Fonte: Elaboração própria

As solteiras da amostra que declararam, em uma maior porcentagem, que fazem sexo fora de relações estáveis com pessoas recém-conhecidas, se masturbam e buscam pessoas para se relacionar sexualmente em ambientes diversos, sinalizam mudanças nos comportamentos sexuais, aproximando-se dos comportamentos dos solteiros do estudo que, por sua vez apresentaram comportamentos esperados socialmente: maior atividade sexual em relações diversas, com disponibilidade para encontrar pessoas para fazer sexo em diversos lugares tais como em diferentes espaços de lazer. Já parte das mulheres da amostra

¹⁹⁸ A referência a este relatório foi feita por Anthony Giddens (1992) utilizando a seguinte publicação: KINSEY, Alfred C. et al., **Sexual behavior in the human male**, Filadelfia: Saunders, 1948; **Sexual behavior in the human female**, Philadelphia: Saunders, 1953.

que não se masturbam, não fazem sexo fora de uma relação estável e não buscam pessoas para se relacionar sexualmente em ambientes de lazer retratam que certas convenções em torno da sexualidade ainda permanecem, apesar de todas as mudanças sociais que apontam uma maior flexibilidade nos comportamentos de gênero (JAMIESON, 1999, 2005; VAITSMAN, 1994), principalmente para as mulheres solteiras, que tendem a ser vistas como mais “liberadas sexualmente”. Elas podem estar sinalizando também significados diferentes do sexo em suas vidas, ao restringirem sua prática, negando talvez a premissa social atual de que a atividade sexual tem que ser uma constante.

6.1.6 EXPECTATIVAS EM TORNO DOS RELACIONAMENTOS

Considerando que as pessoas solteiras também se relacionam e criam expectativas em torno das relações amorosas, perguntou-se sobre tais expectativas nos questionários e o tema também foi tratado nas conversas nos grupos focais e nas entrevistas.

Nos questionários, foi perguntado *O que pode ser atrativo para uma relação eventual e para um relacionamento estável?*¹⁹⁹, sendo este um item importante para a vida de solteiro/a, no sentido de pensar qual o tipo de pessoa que a amostra busca, já que as práticas da sexualidade perpassam a vida de solteiro/a, e a busca por uma pessoa ou uma relação ideal também integram os motivos de estarem sós.

Para uma **relação eventual**, os itens considerados *importantes* foram: características psicológicas (2,6); atração física, “a química/o *feeling*” (2,47); “características sociais” (2,42), seguido de “aparência física” (1,9). Tem *pouca importância*: “ter algum sentimento (amor ou paixão)” pela pessoa (1,78); “ter independência financeira” (1,5); “ter idade próxima” (1,2); e “ser da mesma classe social” (1,5). As diferenças nas respostas aparecem na “aparência física”,

¹⁹⁹ No instrumento quantitativo, a questão número 42 se refere às características atrativas para um relacionamento eventual; e a questão de número 43 trata das características para um relacionamento estável. Ambas tiveram as alternativas propostas para serem avaliadas quanto o grau de importância. As respostas eram dadas em escala variando de 0 – não é importante, e 3 – muito importante. Foi tirada a média dessas respostas que estão apresentadas aqui entre parênteses.

considerada mais *importante* para os homens do que para as mulheres: média de respostas masculinas, 2,11, e femininas, 1,72. (Tabela 40 – Apêndice J).

E para se **relacionar de forma mais estável**, o que pode ser atrativo? Em resposta a esta pergunta, a amostra considera *importante*: “ter algum sentimento (amor, paixão)” pela pessoa (2,79); “características psicológicas” (2,77); “sentir atração física” (2,73); e “características sociais” (2,66). Nota-se que, aqui já aparece como *importante* a outra pessoa “ter independência financeira” (2,0). Como características *pouco importantes* foram marcadas: “a aparência física” (1,73); “ser da mesma classe social” (1,59); e “ser da mesma localidade” (1,54). As diferenças de gênero aparecem em relação às seguintes características: “aparência física” – *importante* para os homens (2,0) e *pouco importante* para as mulheres (1,46); a outra pessoa “ter independência financeira” – *importante* para as mulheres (2,28) e *pouco importante* para os homens (1,69); “ser da mesma localidade” – *importante* para os homens (2,0) e *pouco importante* para as mulheres (1,6). (Tabela 41 – Apêndice J).

Ainda sobre opiniões em torno de uma relação estável, foi perguntado **o quanto o passado sexual ativo da outra pessoa influencia na decisão de ter com ela uma relação estável**. Grande parte da amostra apontou que o passado sexual (ativo) *não influencia* (60%). Quando comparadas por sexo, uma porcentagem um pouco maior de homens considera que o passado sexual *influencia negativamente* (55,6%), sendo as respostas para *não influencia* dadas com porcentagem um pouco maior pelas mulheres (57,8%). Na resposta *influencia positivamente*, homens e mulheres têm opiniões equilibradas (50%). (Tabela 29).

Tabela 29 – Número e percentual de respostas, segundo o grau de influência de passado sexual ativo da outra pessoa para ter com ela um relacionamento estável, por sexo – Salvador, 2011-2012

INFLUÊNCIA DO PASSADO NA RELAÇÃO	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Não Influencia	26	57,8	19	42,2	45	60,0
Influencia Negativamente	8	44,4	10	55,6	18	24,0
Influencia Positivamente	6	50,0	6	50,0	12	16,0
TOTAL	40	53,3	35	46,7	75	100,0

Fonte: Elaboração própria

Os dados sobre as expectativas em torno das relações amorosas mostram que as pessoas solteiras da amostra elegem critérios para escolher com quem querem se relacionar, tanto eventualmente como para uma relação estável. Para uma relação eventual, a *atração sexual*, ou seja, a *química*, o *feeling* não será estimulada somente pela *aparência física*, tal como discutem estudos sobre escolhas amorosas e conjugais (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003; FÉRES-CARNEIRO, 1997) e as discussões sobre o *ficar* (ANDRADE, 2004; CHAVES, 1997 dentre outros estudos); mais importantes do que esta serão as *características psicológicas e sociais* da outra pessoa, que mostram o jeito de ser, exigindo, portanto, um maior entrosamento entre as pessoas.

Para manter uma relação estável, o nível de exigência é maior ainda, porque, além de ser importante a presença de algum *sentimento* e de *atração sexual*, somada às *características pessoais*, são consideradas também importantes a *independência financeira*, para as mulheres, a *aparência física* e *ser da mesma localidade*, para os homens. Em estudo sobre a escolha conjugal realizado com 356 cariocas de classe média, de ambos os sexos, homo e heterossexuais, de diferentes estados civis (casados, solteiros/as, separados/as, recasados/as), Teresinha Féres-Carneiro constatou que

[...] os homens e mulheres heterossexuais valorizam as mesmas qualidades em seus parceiros, ou seja, a *fidelidade*, a *integridade*, o *carinho* e a *paixão*. Tais qualidades são igualmente valorizadas pelas mulheres homossexuais, enquanto os homens homossexuais tendem a enfatizar a importância da *atração física* e da *capacidade erótica* de seus parceiros (1997, p. 15).

Outros itens investigados apontam como a *independência financeira* da outra pessoa é considerada importante para as mulheres, – como também achado nesta tese – principalmente para as solteiras e heterossexuais, e a *atração física*, para os homens das diferentes orientações sexuais, reafirmando algumas permanências em torno das construções de gênero quando características voltadas para o mercado de trabalho são culturalmente identificadas como masculinas e as relacionadas à beleza, femininas (FÉRES-CARNEIRO, 1997).

Nesta tese, a escolha de parceiros/as também envolve a avaliação do passado sexual da pessoa. No geral, a amostra aponta rupturas em construções de gênero ao considerar que o passado sexual ativo de uma pessoa não tem influência

na escolha para ter com ela uma relação estável; quando comparada por sexo, ambos consideram que influencia positivamente, mostrando, de certa forma, uma diminuição do preconceito, talvez, com mulheres com passado sexual ativo ou rompendo com a valorização da virgindade – já que, para os homens, o passado sexual ativo tem sido socialmente valorizado. No entanto, para as respostas que apontam o passado sexual ativo como uma influência negativa na escolha de parceiros/as para uma relação estável, as respostas tiveram afirmativas masculinas, apontando algumas permanências de costumes neste sentido.

Ao discutirem sobre o que esperam das relações amorosas, nos grupos e entrevistas, o que esteve presente para quem procura um relacionamento estável e até um casamento foi a busca de que este relacionamento permita a preservação da liberdade e da privacidade, que são aspectos tão caros à vida de solteiro/a. E quando o desejo de não ter um relacionamento aparecia, era justamente este o motivo: não perder a liberdade e a privacidade. Por esta razão, um tipo de relacionamento visualizado – para quem busca um – foi, em grande medida, o casamento em casas separadas:

Rafael – *Eu tinha um sonho de consumo de casar, e a pessoa morar na casa dela, eu na minha. Como não apareceu ninguém ainda, que eu pedia que ela morasse na dela e eu morasse na minha, como isso é mais difícil...* (47 anos, pardo, heterossexual, empresário, soteropolitano, nunca se casou e já foi noivo – Grupo Focal 3).

Nos grupos focais, Natália (41 anos) demonstrou opinião próxima à de Rafael (47 anos), afirmando a vontade de preservar sua privacidade e liberdade e que, caso se engajasse em algum relacionamento mais próximo do casamento, este seria mantido em casas separadas. Ainda nos grupos, Cristiano (31 anos) demonstrou não ter o casamento como um projeto de vida. Já os outros participantes – Mar (40 anos), Gabriela (32 anos), Simone (32 anos) e Ricardo (46 anos) – querem se casar por motivos diferentes: Mar (40 anos), Simone (32 anos) e Gabriela (32 anos), por já terem vivenciado a experiência do casamento ou de morar junto, não se veem solteiras por muito tempo e sua moradia pode ser adaptada para receber um futuro parceiro: por exemplo, elas têm uma parte do armário reservado para as roupas deste futuro homem.

O participante Ricardo (49 anos) quer se casar para ter esta experiência, porque considera que já experienciou toda a liberdade que a vida de solteiro pôde lhe proporcionar. No entanto, quando foi entrevistado e estava namorando, apesar de ainda afirmar querer se casar, ele não mais visualizava uma vida conjugal com moradia compartilhada. Já Mar (40 anos), que, nos grupos focais, demonstrou também querer compartilhar a moradia com companheiro, independente de este ser um casamento formal ou não, ela não demonstrou uma expectativa muito grande porque está satisfeita com a vida de solteira atual e com os paqueras que eventualmente encontra.

Outros entrevistados também têm a expectativa da união conjugal. Beija-Flor (33 anos), em entrevista, relatou também buscar um relacionamento que a deixe livre emocionalmente. Ela tem desejo de casar e ter filhos, mas se deparou com relações que não sentia que a deixava livre emocionalmente e, por isto, rompeu com namoros e noivado e continua na busca da relação que considera ideal. Ana Maria (50 anos) busca ter um namorado porque quer estar em uma relação estável. Ela, no entanto, levanta questionamentos em torno das relações amorosas que, apesar das mudanças, ainda não permitem a liberdade que as mulheres almejam, o que expressa de certo modo os anseios dos/as outros/as participantes que apresentaram em seus discursos esta vontade de se relacionar, mas, ao mesmo tempo, de continuarem se sentindo livres.

Ana Maria – *Então, assim, como a gente pode criar novas formas de se relacionar? Eu penso muito sobre isso, porque também eu moro sozinha não é só por uma falta de opção de estar com outra pessoa não. É por uma opção de tá no mundo, né. Como é que a gente pode construir novas formas de se relacionar sem que elas aprisionem tanto a gente, inclusive nesses papéis que a gente o tempo todo tá dizendo que não dá mais? Que a gente não quer tá amarrada a eles, né. Assim, eu não quero ter um papel de tá numa relação de mulher que seja tradicional.* (50 anos, branca, heterossexual, pesquisadora, brasiliense, já morou junto).

A fala de Ana Maria (50 anos) reflete uma sociedade em mudança cujos valores democráticos ainda não foram totalmente alcançados, haja vista a discussão já presente, que é a da existência de “novas mulheres” para relacionamentos ainda com vestígios de antigos modelos e visões preconceituosas sobre as mulheres que têm uma postura mais “liberada sexualmente”. Contextualizando a fala de Ana Maria (50 anos), ela faz uma reflexão sobre o tipo de relacionamento que busca, tendo em

vista atitudes machistas que encontrou em relações aqui em Salvador e em relações desiguais que já vivenciou (já citadas em capítulos anteriores). Também aponta uma série de discussões sociológicas no campo da intimidade e os diversos conflitos entre a busca de liberdade para garantir que escolhas pessoais sejam possíveis, e a segurança de estar em relacionamentos que possibilitem a sensação do encontro de um “porto seguro”, de um “chão para pisar” quando os vínculos se fragilizam e as tradições se esvanecem, tal como discutem Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (1990).

Para finalizar a discussão acerca da expectativa no âmbito relacional, trago o tema do **casamento** que emergiu nas conversas nos grupos focais, o que motivou a inclusão de uma questão sobre o assunto, nos questionários, com respostas em forma de escala, para que as pessoas marcassem o grau de concordância com frases que traziam as principais representações acerca desta instituição. As respostas mostraram grau maior de concordância (dada em uma escala variando de 0 – não concordo, a 4 – concordo plenamente) com a noção contemporânea de que *o casamento é um projeto de vida em comum* (média geral das respostas a esta categoria: 1,75); e o *resultado do amor entre duas pessoas* (média geral: 1,45), com média parecida entre as respostas de homens e mulheres. A maior discordância ocorreu nas ideias de que *o casamento é um ideal a ser alcançado, uma instituição falida, uma exigência social* ou que *limita a liberdade*, com média menos de 1,0 para cada resposta dada por homens e mulheres, apontando noções contemporâneas sobre o casamento que têm sido discutidas por muitos estudos. (GIDDENS, 1992; BECK, BECK-GERNSHEIM, 1990; BAUMAN, 2001b; FÉRES-CARNEIRO, 1997).

Essas respostas se diferenciaram bastante dos comentários observados nos grupos focais, que trouxeram opiniões negativas sobre o casamento, discutindo a dimensão do estado civil, contrapondo a “solteirice” com o casamento, principalmente no que tange ao aspecto da liberdade, pondo o casamento como limitante desta. Nos questionários, a visão mais flexível sobre o casamento apontou que este não necessariamente limitaria a liberdade. (Tabela 30).

Tabela 30 – Número, média e desvio padrão de respostas, segundo assertivas relacionadas ao casamento entre os/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

CONCEITO CASAMENTO	SEXO						TOTAL		
	FEMININO			MASCULINO			n	Média	Dv. Pd.
	n	Média	Dv. Pd.	n	Média	Dv. Pd.			
Um projeto de vida em conjunto	40	1,80	0,51	35	1,71	0,45	75	1,75	0,49
Resultado do amor entre duas pessoas	40	1,40	0,63	35	1,54	0,61	75	1,45	0,62
Limita a liberdade	40	0,90	0,54	35	0,91	0,70	75	0,90	0,62
Uma exigência social	40	1,00	0,78	35	0,74	0,65	75	0,89	0,73
Um ideal a ser alcançado	40	0,63	0,74	35	0,91	0,70	75	0,75	0,73
Uma instituição falida	40	0,57	0,63	34	0,47	0,70	74	0,52	0,66

Fonte: Elaboração própria

Postas as questões envolvendo aspectos da sexualidade dos/as solteiros/as, neste último tópico do capítulo, trago avaliação dos diversos aspectos da vida dos solteiros e das solteiras da amostra, apontando o grau de importância para alguns elementos da vida pessoal que foram discutidos ao longo desta tese, bem como os projetos para o futuro.

6.2 AVALIAÇÃO DA VIDA DE SOLTEIRO/A E PROJETOS PARA O FUTURO

6.2.1 GRAU DE SATISFAÇÃO SOBRE ASPECTOS DA VIDA PESSOAL

Sobre o **grau de satisfação em relação a diversos aspectos da vida pessoal** da amostra, a média das respostas (n=71), que foram dadas em escala variando de 0 – insatisfatório a 3 – totalmente satisfatório, indica que a *maior satisfação* aparece em relação ao fato de morar sozinho/a (2,35); com as relações familiares (2,26); e com as relações de amizade (2,25); em seguida, quanto à vida enquanto uma pessoa que está solteira (1,88) e o trabalho (1,88), que se mostraram *satisfatórias* (considerando que a pontuação 1 se refere a *pouco satisfatório* e 2 a *muito satisfatório*). A vida sexual e afetiva parece estar *pouco satisfatória* para os/as informantes (média 1,38, para a vida sexual atual e 1,35, para a vida afetiva), como

mostra a Tabela 31, que também traz a análise por sexo, sinalizando diferenças entre homens e mulheres principalmente no que tange à vida sexual e afetiva.

Tabela 31 – Número de respostas, média e desvio padrão, segundo o grau de satisfação dos/as participantes com aspectos da vida, por sexo – Salvador, 2011-2012

ASPECTOS DA VIDA	SEXO						TOTAL	
	FEMININO			MASCULINO			Média	Dv. Pd.
	n	Média	Dv. Pd.	n	Média	Dv. Pd.		
Morar sozinho(a)	39	2,36	0,74	34	2,35	0,59	2,35	0,67
Relações de amizade	40	2,35	0,66	35	2,14	0,61	2,25	0,64
Relações familiares	40	2,17	0,90	34	2,35	0,59	2,26	0,77
Trabalho e rotina de trabalho	40	1,90	0,70	34	1,85	0,61	1,88	0,66
Vida de solteiro(a)	40	1,80	0,82	34	2,03	0,71	1,88	0,78
Vida sexual atual	40	0,93	0,79	35	1,97	0,82	1,38	0,96
Vida afetiva/amorosa	39	1,05	0,97	34	1,71	0,76	1,35	0,94

Fonte: Elaboração própria

Como a Tabela 31 aponta, o **trabalho e a rotina laboral** foram avaliados como próximos a *muito satisfatórias*: para as mulheres, a média das respostas foi de 1,9 e, para os homens, 1,8. Quando o tema foi tratado neste estudo, verificamos que os/as participantes têm uma alta carga de trabalho e que este era visto como um elemento importante por possibilitar recursos para manter o estilo de vida que se escolhe – morando sozinho/as, podendo realizar atividades de lazer, que incluem viagens, dentre outros aspectos –, além de ser uma conquista pessoal.

Quanto às **relações de amizade** e às **relações familiares**, ambas foram avaliadas como *muito satisfatórias* pela amostra. As respostas para as relações de amizade tiveram média 2,35, para as mulheres, e 2,14, para os homens; as respostas para as relações familiares tiveram média de 2,17, para as mulheres, e 2,35, para os homens, confirmando a importância destas redes de relações para solteiros e solteiras, já sinalizada em outros momentos da construção dos dados e discutida também em outros estudos (GORDON, 1994; ANDRADE, 2007; TAVARES, 2008; GONÇALVES, 2007 e outros).

Com relação à **vida sexual atual e afetiva**, percebem-se diferenças importantes para homens e mulheres. As mulheres se mostraram mais *insatisfeitas*

do que os homens, nos dois aspectos: as respostas femininas tiveram média 0,93 e as dos homens, 1,97, para a *vida sexual atual*. Para a *vida afetiva*, a média de respostas das mulheres (1,05) mostrou que elas estão *pouco satisfeitas* neste campo da vida, já as respostas dos homens se aproximou a estarem *satisfeitos* (média: 1,71).

Nos questionários, não foram investigados, de forma qualitativa, os motivos das pessoas estarem ou não satisfeitas com aspectos da vida pessoal em geral, mas, no que tange à vida sexual e afetiva – que podem andar juntas, mas nem sempre – considero que: em relação à vida sexual, parte da amostra feminina (cerca de 19%) apontou não ter praticado sexo nos últimos seis meses, que não está tão aberta para o sexo sem compromisso nem para o praticado com pessoas menos conhecidas, entendendo-se que a insatisfação possa estar presente ou, talvez, porque as relações que estejam estabelecendo – para homens e mulheres que praticam sexo com namorado/a, parceiros/as eventuais, conhecidos/as ou recém-conhecidos/as – o sexo também não esteja sendo tão satisfatório como esperam, e neste caso, vale a pena investigar futuramente o que definiria uma vida sexual e afetiva satisfatórias, bem como aprofundar o que esperam para estes campos da vida pessoal, de modo a auxiliar a compreensão deste aspecto da vida.

Em estudo sobre as mulheres brasileiras, Alessandra Chacham e Mônica Maia (2004) apontaram que 61% do total das participantes²⁰⁰ se declararam satisfeitas com a sua sexualidade ou a vida sexual, com pouca variação em termos sociodemográficos (renda, cor, idade, educação, local de residência e origem – rural ou urbana), tendo uma variação em termos de idade: o grupo de mulheres entre 18 e 24 anos tinha maior probabilidade de se declarar mais satisfeito com a vida sexual, com 69% das respostas neste grupo. Já no grupo das mulheres com mais de 45 anos, 53% declarou estarem satisfeitas com a vida sexual.

As autoras apontam também que as mulheres com maior escolaridade e renda tenderam a se declarar mais satisfeitas com sua sexualidade do que aquelas com níveis de educação e renda mais baixos e discutem que a homogeneidade das respostas reflete o discurso de uma “felicidade geral na cama” que reafirma o

²⁰⁰ Como já citado, o estudo abarcou um universo de 2.502 mulheres com 15 anos de idade ou mais, oriundas das diferentes regiões brasileiras, tendo os dados sido colhidos no ano de 2001, por uma equipe de pesquisadores/as de diferentes universidades no país.

autoconceito brasileiro de “povo sensual e sexual”²⁰¹ (CHACHAM; MAIA, 2004, p. 77).

Apesar da pouca satisfação com a vida afetiva e sexual, **a vida de solteiro/a** se mostrou satisfatória, mais para os homens do que para as mulheres da amostra de solteiros/as em Salvador: a média das respostas masculinas (2,03) foi maior do que as femininas (1,80), observando que, em diferentes momentos da análise dos dados quantitativos, os solteiros apontaram valorizar este estilo de vida, a liberdade e terem mais práticas sexuais do que parte da amostra feminina, que se engaja na solteirice por motivos relacionais que podem ser uns dos motivos para as diferenças de gênero.

De modo geral, ao explorar as noções sobre solteirice nos grupos focais, elas tenderam a ser positivas, visto que os/as participantes não se referiram a ela como algo ruim, doloroso ou que os/as colocasse em situações vexatórias e com menor valor social. Assim, foram recorrentes as falas:

Rafael – *Eu gosto de ser solteiro.* (47 anos, pardo, heterossexual, empresário, soteropolitano, nunca se casou e já foi noivo).

Mar – *Eu não vejo ser solteira um problema para mim.* (40 anos, branca, heterossexual, dentista, mineira, divorciada).

Natália – *Eu não troco esta vida por nada.* (41 anos, parda, heterossexual, nutricionista, soteropolitana, nunca se casou).

Simone – *Eu não vivo a fase de solteira como um desespero.* (32 anos, branca, heterossexual, analista de recursos humanos, soteropolitana, separada).

O grau de satisfação, contudo, se mostrou maior com o fato de estarem **morando sozinhos/as**: a média das respostas femininas foi de 2,36 e a dos homens, 2,35. Combinados, estar solteiro/a e morando sozinho/a, compõem a condição de solteirice aqui discutida, que parece ser uma condição vivida com satisfação pela amostra, com algumas diferenças de gênero em torno de estar solteiro/a. Deste modo, apesar de a amostra não estar completamente satisfeita com a vida amorosa e sexual, a satisfação nos outros âmbitos da vida está presente, com

²⁰¹ No estudo citado, também se investigou, dentre outras questões, o grau de prazer sexual obtido na última relação sexual, tendo como resultado que 51% relatou ter sentido muito prazer sexual, que 70% estava vivendo uma relação de intimidade com um parceiro, mas que apesar disso, apenas 47% declarou ter tido pelo menos uma relação sexual na semana anterior.

as relações de amizade, familiares, o trabalho, elementos que irão compor este modo de viver – solteiro/a e morando sozinho.

Mas, como estar solteiro/a e morar só podem ser satisfatórios com uma vida sexual e amorosa insatisfatória? O que a amostra considera ser uma vida sexual satisfatória – principalmente as mulheres, que foram as que mais demonstraram insatisfação com este aspecto da vida? Estes questionamentos são compartilhados por Alessandra Chacham e Mônica Maia:

como medir a satisfação sexual? A que as entrevistada estavam se referindo quando afirmaram tanta satisfação com sua vida sexual? À capacidade de ter orgasmos, à qualidade da intimidade e da relação afetiva, à frequência de relações sexuais ou a outros indicadores que talvez nem tenhamos imaginado? É realmente difícil construir um critério que não seja o subjetivo para avaliar a satisfação com a sexualidade, mesmo entre mulheres que nunca tiveram relações sexuais. (2004, p. 78).

Alessandra Chacham e Mônica Maia, ao discutirem os aspectos da sexualidade em mulheres, veem como “legítimo, aceitável e, talvez esperado responder afirmativamente a uma enquete sobre a vida sexual” (2004, p. 78), considerando mais difícil questionar sobre a qualidade da vida sexual. Compartilhando a reflexão das autoras e investigando a vida (neste capítulo, a vida sexual) das pessoas solteiras, reflito sobre como é complexo abarcar todas as questões que se referem à sexualidade – especificamente criar critérios para avaliar sua satisfação. Outra reflexão se dá no sentido de mostrar como diversos elementos da vida de solteiro/a estão satisfatórios, mais do que suas vidas sexuais e afetivas: por um lado, isto aponta que a vida de solteiro/a não significa somente ter como foco a vida afetivo-sexual e, por outro lado, pode estar sinalizando algumas limitações neste campo da vida – aumento das expectativas e exigências em torno das relações afetivo-sexuais, restrições de gênero para a disponibilidade de exercício da sexualidade, dentre outras questões – e, ainda, que o campo da sexualidade é muito mais complexo do que foi possível retratar aqui.

6.2.2 PROJETOS PARA O FUTURO

Para avaliar o que as pessoas solteiras estão esperando para o futuro, foi analisado, primeiro, o **grau de importância que os sujeitos dão a diversos**

campos da vida. Os campos propostos no questionário foram avaliados, em sua maioria, como *importantes* (média das respostas dadas em escala, variando entre 0 – não é importante, e 3 – muito importante). Em ordem de importância, no geral, foram destacados os seguintes aspectos da vida pessoal: *saúde, amigos, família, trabalho, estudo, dinheiro, lazer, sexo, individualidade, amor conjugal, filhos, religiosidade, política.*

Analisando por sexo, homens e mulheres consideram a *saúde* em primeiro lugar de importância. Em segundo lugar, as mulheres apontaram a *família* e os homens, o *trabalho* (aspecto que elas colocaram em terceiro lugar). Os homens colocaram os *amigos* em terceiro lugar, tendo estes dados mostrando construções de gênero em torno da importância do apoio das redes de relações mais para as mulheres, com os homens incluindo o *trabalho* também como um elemento importante.

Outra diferença aparece na ordem de importância dada ao sexo e ao *amor* que, para as mulheres, está abaixo dos elementos que falam da independência e autonomia, como o *bem-estar, o estudo e o dinheiro*, e das redes de *amigos* e do *lazer*, além da *individualidade*, refletindo, assim, em mudanças que se aproximam das discussões da transformação da intimidade e de outros estudos sobre solteiros e estilo de vida urbano, em que elementos que agregam valor a individualidade antecedem aos que envolvem as relações amorosas. Os homens solteiros colocam *sexo* e *amor* com uma distância maior, com o *sexo* sendo mais importante do que o *amor* (corroborando, com a resposta, a questão da ligação entre sexo e amor), inclusive mais importante do que a *família, o lazer* e o *dinheiro*.

Tanto homens como mulheres apontaram *ter filhos, a política e a religiosidade* como não sendo aspectos importantes em suas vidas. Não considerar ter filhos como importante atinge e reforça o discurso de que ter filhos não é obrigatório, o que faz parecer que, neste sentido, a heteronormatividade apresenta sinais de rupturas. A pouca importância dada à religiosidade e à política condiz com os debates em torno do enfraquecimento destas instituições, em uma amostra onde muitas pessoas apontaram não seguir uma religião (e não foi investigado se quem tem religião é praticante). Estes aspectos podem, também, constituir retratos de sujeitos urbanos mais individualizados.

Tabela 32 – Número de respostas, média e desvio padrão segundo a importância atribuída a aspectos da vida pessoal, pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

ASPECTOS DA VIDA	SEXO						TOTAL		
	FEMININO			MASCULINO			n	Média	Desvio Padrão
	n	Média	Desvio Padrão	n	Média	Desvio Padrão			
Saúde	41	2,93	0,264	35	2,83	0,453	76	2,87	0,37
Trabalho	41	2,78	0,419	34	2,53	0,547	75	2,71	0,48
Família	41	2,80	0,459	34	2,50	0,564	75	2,65	0,53
Amigos(as)	41	2,76	0,435	34	2,56	0,561	75	2,65	0,50
Estudo	41	2,66	0,575	35	2,37	0,615	76	2,61	0,56
Sexo	41	2,39	0,586	34	2,53	0,507	76	2,46	0,52
Lazer	41	2,41	0,631	34	2,47	0,563	75	2,43	0,60
Dinheiro	41	2,44	0,502	35	2,63	0,598	76	2,41	0,54
Amor conjugal	40	2,28	0,784	35	2,29	0,622	75	2,27	0,71
Individualidade	41	2,37	0,767	35	2,11	0,900	76	2,26	0,83
Filhos(as)	40	1,58	1,259	35	1,74	1,197	75	1,65	1,21
Política	41	1,51	0,978	35	2,37	1,019	76	1,54	1,00
Religiosidade	41	1,51	1,075	35	1,57	1,037	76	1,52	1,05

Fonte: Elaboração própria

Dessa forma, consideram como aspectos mais importantes da vida, as relações mais próximas e significativas, como as de amizade e familiares, que foram também avaliadas como satisfatórias na vida atual da amostra. Também atribuem importância a elementos que falam da vida profissional como o trabalho, estudo e dinheiro. Outros elementos se relacionam aos cuidados com a saúde, a manutenção da individualidade – que aqui representa também privacidade e liberdade proporcionadas pela condição de solteiros que moram sozinhos/as. O lazer também é apontado como um item importante na vida pessoal, assim como o sexo e também o amor, com menos importância ter filhos.

Os aspectos citados guiaram os **projetos para o futuro**. Foi solicitado, nos questionários, que as pessoas apontassem elementos que consideram importantes para o futuro (com respostas dadas em escala variando de 0 – não é importante a 3 – muito importante). Tirando as médias das respostas, os aspectos *mais importantes* foram: cuidar da saúde, adquirir independência financeira, investir no autoconhecimento, investir na carreira, ter um bem próprio, investir no lazer e encontrar uma pessoa ideal para um relacionamento estável. Foram considerados

aspectos *pouco importantes*, contudo, o casamento, ter filhos e *não é importante* mudar de cidade, de profissão ou continuar solteiro/a. (Tabela 33).

Tabela 33 – Número, média e desvio padrão de respostas, segundo projetos para o futuro dos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011-2012

PROJETOS	SEXO						TOTAL		
	FEMININO			MASCULINO			n	Média	Desvio Padrão
	n	Média	Desvio Padrão	n	Média	Desvio Padrão			
Continuar solteiro(a)	39	0,72	0,793	33	0,55	0,617	72	0,65	0,72
Encontrar uma pessoa para um relacionamento estável	41	2,15	0,823	34	2,06	0,983	75	2,04	0,89
Casamento	41	1,24	0,969	35	1,37	1,003	76	1,27	0,97
Ter filhos(as)	41	0,95	1,117	35	1,49	1,121	76	1,20	1,13
Investir no crescimento pessoal	41	2,49	0,810	35	2,60	0,651	76	2,54	0,73
Mudar de cidade ou país	40	0,80	1,043	35	0,89	0,932	75	0,82	0,97
Cuidar da saúde	41	2,71	0,642	35	2,66	0,539	76	2,65	0,61
Investir mais no lazer	41	2,41	0,670	34	2,15	0,657	75	2,25	0,67
Investir na carreira profissional	41	2,63	0,536	35	2,51	0,702	76	2,55	0,62
Adquirir independência financeira	41	2,61	0,737	35	2,49	0,853	76	2,54	0,81
Ter um bem próprio	41	2,34	0,990	35	2,46	0,852	76	2,35	0,94
Mudar de profissão	40	0,75	1,056	35	0,69	0,867	75	0,67	0,94

Fonte: Elaboração própria

As médias de respostas indicam que os solteiros e as solteiras dão o mesmo grau de importância aos diferentes aspectos da vida pessoal, para o futuro, com uma pequena diferença para ter filhos, que os homens consideram mais importante do que as mulheres, o que não era esperado, haja vista que, socialmente, das mulheres se espera que queiram ter filhos, desconstruindo, assim, esta norma de gênero.

A avaliação da vida de solteiro/a, o grau de importância para aspectos da vida e os projetos para o futuro demonstraram a importância dos elementos discutidos ao longo das análises dos dados que favorecem a manutenção de um modo de vida com liberdade e independência, em que o que se prioriza é o investimento em si, no trabalho, no estudo, na saúde e nas relações mais importantes, com destaque para as amizades que, ao longo do estudo, estiveram

presentes em diversos elementos da vida de solteiro/a. Os amigos e amigas são suportes para o enfrentamento da solidão, quando este sentimento aparece, são os principais motivos para se fazer algum programa de lazer, estiveram presentes na rotina do subgrupo que participou das entrevistas com diários, são também uma ponte para conhecer parceiros/as sexuais assim como podem eles mesmos exercerem a função sexual.

Importante destacar que a continuidade na vida de solteiro/a, não é prioridade para a amostra, mas, também, não o é o casamento, o que não quer dizer que as pessoas não se visualizem em um relacionamento amoroso (ou fora deles), o que foi afirmado como importante para um projeto futuro. Muitas se projetam em uma relação estável, mas, nas conversas, as críticas aos modelos mais tradicionais e a busca de relações que mantenham a liberdade é presente, o que reflete o grande desafio dos relacionamentos atuais, como apontam discussões, principalmente, de Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (1990). Já o fato de esta relação ser esperada ou de a vida sexual e afetiva atual não ter sido avaliada como satisfatória – nos questionários – o fato de morar só e ser solteiro/a é visto como satisfatório.

Outro ponto a ser ressaltado que emergiu nas conversas é como o futuro não é visto como algo distante. Quando perguntado sobre o futuro, o que os/as entrevistados/as traziam eram expectativas mais imediatistas em relação à manutenção do estilo de vida que estavam levando, como também reportaram entrevistados/as do estudo anterior (ANDRADE, 2007). As prioridades estavam, assim, relacionadas ao investimento na carreira profissional, como é costume nas classes médias e, também, uma necessidade, tendo em vista a instabilidade do mercado e a necessidade de constante atualização e busca de maior segurança financeira que permitam a manutenção do estilo de vida escolhido (O'DOUGHERTY, 1998; TAVARES, 2008; SOUZA; LAMOUNIER, 2010; NERI, 2008).

Nas entrevistas, alguns manifestarem o desejo de realizar concurso público, como Ana Maria (50 anos), Logan (35 anos) e Beija-Flor (33 anos), que querem seguir carreira acadêmica e têm investido na formação. Mar (40 anos) e Ricardo (49 anos), de certa forma, se preparam para a aposentadoria, porque consideram ter bons empregos e não querem investir em outra formação. Danilo (31 anos) é quem pensa em seguir outra carreira seja dentro do Direito ou fazendo outra

graduação, mas não se decidiu, apesar de ser estimulado por amigos e familiares para investir mais no campo profissional.

Por fim, as práticas no âmbito da sexualidade e outros elementos da vida pessoal retratados neste capítulo, a partir da avaliação dos/as participantes em relação ao trabalho, lazer, relações familiares e de amizade, dentre outros, bem como os projetos para o futuro, reafirmam que as pessoas solteiras gerenciam a sua vida buscando primeiramente o bem-estar pessoal, no campo profissional e em redes de relações significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender o fenômeno da “solteirice” a partir de experiências e construções de sentidos entre uma amostra de adultos/as solteiros/as de classes médias morando sozinhos/as em Salvador. Para tanto, busquei elementos que pudessem colaborar para a (re)construção do conceito de “solteirice” desde uma realidade baiana, dialogando com estudos também baianos e de outros contextos, que compartilham o uso do termo, do inglês, *singleness* (REYNOLDS, 2008), os que privilegiam o termo *solteiro/a*, e os que trabalham com a *vida só* e o *morar só*, ou *solo life*, cada qual trazendo especificidades em relação à condição de *ser* ou *estar* solteiro/a na contemporaneidade, que colaboram para pensar na configuração de um estilo de vida específico que tem sido forjado em grandes centros urbanos: aquele adotado por quem é solteiro/a e mora sozinho/a.

Considerando que a condição de solteiro/a pode ser transitória e a dificuldade de pautá-la em uma definição única, optei por tecer um diálogo com as experiências e construções de sentidos de um subgrupo de solteiros/as: aquelas pessoas que não estão engajadas em uma relação marital por um período, independente de quais foram as suas experiências relacionais prévias, e, principalmente, que estivessem na condição de moradia individual.

Esse recorte foi feito dentro de um contexto de classe social específico: a classe média urbana, definida por critérios mais subjetivos tais como o estilo de vida, os gostos pessoais condizentes com uma cultura urbana que passa por processos de individualização e psicologização, do qual fazem parte pessoas mais intelectualizadas (VELHO, 1989; 1994; 1995; BOURDIEU, 2003; SOUZA; LAMOUNIER, 2010); e por critérios mais objetivos que se delineiam em torno, principalmente, da renda, da formação educacional, da ocupação e do potencial de consumo (SOUZA; LAMOUNIER, 2010), além do local de moradia, considerando os bairros que abrigam uma população com maiores rendimentos financeiros e que dispõem de melhor infraestrutura na cidade de Salvador (GARCIA, 2009; CUNHA, 1979).

Os recortes citados foram escolhidos em função de uma série de debates sociológicos em torno dos processos de mudanças sociais, culturais e no campo da “vida pessoal” que vêm sendo construídos desde o contexto dos países desenvolvidos, apontando como, dentre outros fatores, os processos de

individualização e destraditionalização das sociedades ocidentais implicam na emergência de novos arranjos domésticos e familiares bem como em novas formas de viver no espaço urbano principalmente, que tendem para a democracia nas relações e para a possibilidade de escolhas agenciadas de forma individual, tendo a moradia unipessoal sido eleita por solteiros/as, como uma de suas expressões (GIDDENS, 1992; BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990; BAUMAN, 2001b).

No cenário brasileiro, as mudanças são percebidas demograficamente pela diminuição do número de membros das famílias, pelo aumento do número de famílias monoparentais e, dentre outras mudanças, pelo aumento do número de domicílios unipessoais e de pessoas solteiros/as – principalmente em um grupo etário mais jovem (entre 25 e 34 anos, NERI, 2005), que nunca se casaram, além dos/as divorciados/as e viúvos/as (em uma faixa etária maior). Este cenário vem acompanhado de uma multiplicidade de arranjos domésticos e familiares e também de estilos de relacionamentos que tendem à flexibilização dos papéis de gênero e incorporam características de uma cultura urbana que carrega ideais individualistas e psicologizantes para as classes médias (VELHO, 1989; 1994; 1995). As formas de se relacionar que se caracterizam como mais “modernas”, no entanto, convivem com modelos ainda “antigos”, na cultura brasileira, visto que muitas convenções em torno dos papéis de gênero e nas relações em geral ainda fazem parte das práticas sociais (VAITSMAN, 1994; MACHADO, 2001; JABLONSKI, 2009; ARAÚJO, 2009).

Neste contexto, Salvador é uma metrópole que abriga diversas formas de viver e apresenta grande número de adultos/as solteiros/as e em que os domicílios unipessoais estão em expansão. Nesta cidade, as classes médias correspondem a uma parcela da população com rendimentos que permitem o acesso a bens de consumo tanto os duráveis como os culturais – expressos pelo investimento em educação, cultura e lazer –, e que ocupam espaços e territórios para morar e ter lazer que estão delimitados nas zonas geográficas mais nobres da cidade, as que possuem boa infraestrutura e cuja população tem rendimento econômico médio/alto, tais como as regiões localizadas na orla. Esta população também tem características raciais, prevalecendo pessoas de cor branca, em uma cidade onde as negras – pretas e pardas – são maioria (GARCIA, 2009), o que, nesta tese se diversificou visto que incluiu pessoas negras, pardas e indígenas que, juntas, compõem metade da amostra.

Salvador, também conhecida como a capital dos festejos carnavalescos e do turismo, foi retratada aqui por solteiros e solteiras que participaram das diferentes fases do estudo, tendo duas delas – a das entrevistas e os diários – sido construídas no período do verão, em que os contatos com as redes de sociabilidade são facilitados pelo tempo livre que se tem em função dos feriados e das férias. Ao longo do estudo, foi-se desvelando, ou seja, trazida para a visibilidade uma série de informações acerca das principais práticas do cotidiano do trabalho, o lazer, as redes de sociabilidade, as práticas em torno da sexualidade, as vivências de morar sozinho/a, a existência ou não da solidão nestas vivências, as expectativas para o futuro e os sentidos apreendidos sob a condição de estarem solteiros/as nesta metrópole.

Para construir este apanhado de dados, utilizei como guia a perspectiva feminista, tendo o gênero como a principal categoria de análise, interseccionalizada com outras categorias – classe social, raça/etnia, idade/geração, espaço/localidade, orientação sexual – que funcionaram para localizar os lugares sociais de cada participante do estudo, assim como para observar algumas particularidades nas vivências a partir destes lugares, tal como proposto por autoras feministas (SCOTT, 1988; CRENSHAW, 2002; PISCITELLI, 2008).

A perspectiva feminista colaborou para o reconhecimento do meu lugar de sujeito que produz o conhecimento tendo, primeiro, como contexto, minha localidade geográfica dentro de um país em desenvolvimento e de um estado nordestino; segundo, a característica do Programa de Pós-graduação, feminista, no qual esta pesquisa foi desenvolvida, que se propõe também a ter uma dimensão militante; terceiro, o meu lugar de sujeito e as reflexões que fiz acerca das implicações dos deslocamentos que escolhi (e dos que foram possíveis), tanto na minha situação de solteira (mais jovem do que meus/minhas informantes, mas compartilhando com eles/as costumes de classe parecidos) quanto nos diferentes tipos de moradia que experienciei. Estes lugares atravessaram tanto meu olhar para a temática de estudo, bem como, dentre outras questões, me permitiu (ou e em alguns momentos, limitou) acionar redes de contato para o acesso à amostra. Mas não somente isto: as escolhas teóricas e metodológicas serviram de guia para a delimitação e iluminação de como melhor compreender o objeto e o seu estudo.

Nesse sentido, leituras feministas e a abordagem sociológica sobre a “vida pessoal” (SMART, 2007; MAY, 2011) e as “famílias por escolha” (SMART,

2007; MAY, 2011; WEEKS; HEAPHY; DONOVAN, 2001; DAVIES, 2011) que se valem também de argumentos feministas, foram ferramentas importantes. Isto porque, teoricamente, dialogavam com alguns dos argumentos da teoria da individualização (GIDDENS, 1992; BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990; BAUMAN, 2001a; 2001b), principalmente no que se refere às possibilidades de escolha de diversos estilos de vida, à flexibilização das identidades de gênero, visualizando a democracia como uma tendência para as relações de todo tipo, mas também criticando a postura generalista destes argumentos assim como analisando que, na prática social, muitos dos ideais democráticos e de igualdade de gênero e nas relações de intimidade, ainda não fazem parte da vivência de muitas pessoas em diferentes contextos (JAMIESON, 1999; SMART, 2007; MACHADO, 2001).

Dentro dessa perspectiva, para as pessoas solteiras, se há uma maior abertura social que lhes possibilita adotar um estilo de vida fora dos padrões convencionais de famílias, também há uma convivência com discursos que as colocam à margem de uma “cultura de casais”, tendo elas, na prática, que traçar estratégias de negociação para conviver com os dilemas de se sentirem bem na condição de solteiras e de serem questionadas (ou se questionarem) sobre a possibilidade de casamento, ou a conviverem com dicotomias entre os costumes característicos da vida de solteiro em contraponto com a vida de quem não está nesta condição, como apareceu nos resultados da amostra e em outros estudos (BUDGEON, 2008; REYNOLDS, 2008).

Os contrapontos dos discursos e das práticas em torno da solteirice foram acessados por diferentes vias, através do uso dos métodos mistos, tendo os grupos focais, as entrevistas guiadas pela “linha da vida”, os diários e as observações de campo nos espaços de lazer, configurado estratégias para a construção de dados que, analisados sob um viés qualitativo (MASON, 2006), permitiram tecer um olhar mais abrangente para o fenômeno com vistas a compreender a complexidade do mesmo.

A construção dos instrumentos reflete uma trajetória de dez anos de estudos sobre temáticas que atravessam o cotidiano das pessoas solteiras bem como suas construções identitárias (ANDRADE; PERLIN, 2003; ANDRADE, 2004; 2005; 2007) as quais possibilitaram que questões fossem reformuladas e outras novas, criadas, compondo assim, um extenso questionário e guias de entrevistas, dos diários e de condução de um grupo focal. Outros estudos auxiliaram nesta

construção, como apresentado no Capítulo Metodológico, assim como o acesso a novas leituras sobre o uso de técnicas combinadas.

Por se tratar de um tema incomum em estudos acadêmicos e, no senso comum, não ser a ele dada a devida atenção – apesar do grande número de pessoas solteiras –, algumas dificuldades na aplicação dos instrumentos, em determinados momentos do estudo, foram enfrentadas, principalmente em se tratando de acessar homens para participar. Por outro lado, o tema despertou interesse das pessoas que colaboraram nas diferentes etapas do estudo, que se mostraram dispostas a compartilhar as suas vivências e opiniões sobre a solteirice, acreditando na seriedade da pesquisa.

Desde aqui, os dados permitiram, principalmente, reconstruir a noção de “solteirice”, partindo do pressuposto de que esta é uma construção social, tal como aborda Jill Reynolds (2008). Neste sentido, foram trazidos os modos de se falar da “solteirice”, de construir sentidos e, principalmente, de apontar, a partir das práticas atuais agenciadas pelos diversos participantes do estudo, desde onde esses sentidos são construídos, dialogando, assim, com a perspectiva de Jill Reynolds (2008) e ampliando as tendências de pesquisas sobre o tema que têm privilegiado o uso de entrevistas (em profundidade e de histórias de vida, principalmente), tal como fizeram diversas autoras como Eliane Gonçalves (2007; 2009), Márcia Tavares (2008), E. Kay Trimberger (2005), Shelly Budgeon (2008), dentre outras. E o que resultou nesta tese, foi um apanhado de dados que revelam e confirmam um novo *ethos* da vida contemporânea que aqui é trazido com as particularidades baianas.

Os sentidos construídos sobre a solteirice foram discutidos, primeiramente, a partir da exploração de conceitos e noções sobre o tema e, em seguida, sobre as práticas possíveis a partir desta situação. Os resultados relacionaram as discussões acerca de algumas das dimensões da solteirice, exploradas, inicialmente, nos grupos focais e que foram sendo confirmadas nos dados construídos nos outros instrumentos utilizados. Neste processo, foi interessante o uso das noções de *condição* e *situação* das mulheres, proposta por Marcela Lagarde (1990), e o uso das expressões *ser solteiro/a* e *estar solteiro/a*, tal como estudo de Ísis Martins (2010) utilizou o *estar só* e *ser só* em referência a morar sozinha/a para mulheres da classe média carioca, isto para provocar o debate sobre o tema e suscitar reflexões sobre a condição de solteiro/a.

As dimensões exploradas foram: *estado civil* e sua contraposição com o casamento, bem como as expectativas em torno do mesmo, o que dialoga com a condição de *estar solteiro/a* visto que esta condição pode ser transitória; *estilo de vida*, adotado por quem se considera *ser solteiro/a*, que se caracteriza por assumir um modo de viver que reflete a conquista por independência, autonomia e liberdade; e por fim, a *solidão* como uma dimensão que cogita tanto experiências subjetivas, sentidas porque há a ausência do outro, quanto uma vivência que colabora para o crescimento pessoal, desconstruindo, assim, a ideia de que estar solteiro/a morando sozinho/a significa o isolamento social. Ao contrário, o *estar só* não implica em solidão, visto que esta condição é voluntária e que muitas conexões se estabelecem quando e como a pessoa assim o desejar; o que vai ser diferente de *sentir-se só*, que está relacionado à experiência negativa da solidão, que pode ser sentida independentemente do estado civil ou de não compartilhar moradia.

A proposta de discussão sobre essas dimensões não é olhá-las de modo segregado, construindo uma noção única de solteirice – que seja somente o estado civil, ou somente o estilo de vida, ou somente a solidão – porque, como uma experiência no campo da vida pessoal, ela é múltipla. Assim, a noção de solteirice que aqui defendo e reconstruo, é a de que esta condição – que é tão social como pessoal –, agrega as dimensões mencionadas de modo a integrá-las na experiência e nas construções de sentidos através destas experiências, podendo uma dimensão se sobressair sobre as outras de modo a direcionar algumas práticas ou sentidos ou aparecerem de forma mais integrada.

A integração e a sobreposição das dimensões estão postas nos dados construídos em diversos momentos da tese, em que, seja através da conversa nos grupos ou nas entrevistas, seja nas respostas dadas às questões propostas no questionário, a solteirice era revelada em seus aspectos de *estado civil* e o que, a partir dele, se contrapunha ao casamento, o que lhe era próprio, e de que forma era vivenciado; de *solidão* – se este sentimento era ou não experienciado e de que forma o era (se de forma negativa ou positiva), bem como a função deste sentimento na vida de cada pessoa; e o *estilo de vida*: se este era algo assumido como uma condição escolhida ou visto como um modo de vida a que a pessoa se adaptou em função das contingências, e quais elementos o caracterizavam – bem como, de que forma a solidão e a condição de estado civil faziam parte também deste modo de vida.

O que agrega os diversos modos de *ser* ou de *estar* solteiro/a é a característica de *liberdade* reportada como o principal significado atribuído a esta condição e a sua dimensão mais importante: liberdade para organizar a rotina, a casa, e preservar a privacidade; liberdade para programar o lazer e fazer diversos planos de forma individual, destituído de preocupações conjugais e familiares; liberdade para o exercício da sexualidade quando e com quem desejar; liberdade para escolher estar só ou acompanhado pelas redes diversas de relações – com familiares, amigos/as, com quem se estabelece relações afetivas e sexuais: namorado/a, paquera, *ficante*, amante, amigo/a (“colorido/a”).

A liberdade, assim, se configura como uma característica presente neste modo de vida, que dialoga com os ideais democráticos e em um contexto onde as regras e as tradições tem se diluído, deixando às pessoas o legado de fazerem escolhas individuais, a construir suas biografias e seus modos de vida, sendo elas – sozinhas – responsáveis por assumir as consequências de tais escolhas (GIDDENS, 1992; BECK; BECK-GERNSHEIM, 1990). No entanto, as escolhas não são feitas de forma solta, a depender da vontade pessoal, puramente. Elas são agenciadas dentro de certos contextos perpassados por marcadores das identidades sociais de gênero, classe social, localidade, etc. (SMART, 2007; MAY, 2011). Neste sentido, as trajetórias, experiências e os lugares sociais desde onde falam os/as participantes do estudo revelam as escolhas e oportunidades que favoreceram morarem sozinho/a e a *serem/estarem* solteiros/as.

Esta dupla condição foi possível primeiro, pela conquista de independência financeira – e para alguns, também emocional, quando precisaram se desvincular da família de origem, como na trajetória de Beija-flor (33 anos) e de Ana Maria (50 anos), o que permitiu com que os/as participantes morassem sozinhos/as, podendo arcar com o estilo de vida que estavam adotando e que para muitos, era um desejo que foi possível se concretizar a partir do trabalho. Segundo, por fazerem parte de um contexto social, de classe e familiar cuja cobrança pelo casamento para homens e mulheres adultos/as, se diluiu, dando lugar à valorização do investimento no estudo e na carreira profissional, sendo este um caminho para a independência e que deu possibilidades de escolha também no âmbito relacional.

Assim, a grande motivação declarada pela amostra, para estarem solteiros/as foi o fato de não terem encontrado a “pessoa ideal” e por “preferir estar só a mal acompanhado/a”, bem como “não terem encontrado um tipo de

relacionamento ideal”: aquele que preserve a privacidade e a liberdade que são elementos tão caros à vida de quem dos/as solteiros/as. Assim, apesar de terem declarado que a vida como uma pessoa que está solteira proporciona satisfação em diversos aspectos, a liberdade, privacidade e praticidade para organização da rotina, a espera por uma pessoa ou uma relação que sejam ideais, se fazem presentes nos discursos. Diferenças de gênero perpassaram essas declarações, tendo as mulheres – especificamente nos questionários – afirmado estarem solteiras por motivos mais relacionados à espera de uma relação, a dificuldades neste âmbito da vida e a solidão, do que os homens, que, por sua vez, ao tratar dos aspectos da liberdade e estilo de vida de solteiro/a, tiveram maioria das respostas.

A reflexão que faço se direciona a pensar acerca dos motivos para a solteirice, declarados como sendo principalmente o movimento de escolha de uma pessoa ou um relacionamento ideal²⁰², expressam tanto uma estratégia utilizada por quem está solteiro/a para negociar demandas sociais para o engajamento em uma relação a dois – que seja, de preferência, sob o mesmo teto –, bem como pode estar denunciando que as relações conjugais ainda são vistas como as que não permitem a liberdade que se busca na vida pessoal, ou que demandam muito esforço, porque essa liberdade tem que ser negociada. Neste sentido, a união conjugal em casas separadas foi visto com uma alternativa para quem não quer perder o espaço individual.

Outra reflexão que faço se direciona a pensar como os ideais que perpassam as expectativas para um futuro conjugal podem estar mais longe do que as possibilidades de relações que aparecem para esses solteiros/as e solteiras/as. E como ainda pode ser incomum assumir que há um desejo de manter um estilo de vida que seja desprovido de algum tipo de expectativas em torno do casamento, principalmente para as mulheres, tendo assim o engajamento em relações mais estáveis como algo mais esperado para o futuro, do que o casamento. Isto foi visto tanto em respostas nos questionários como nos grupos focais quando uma das

²⁰² Sobre as escolhas do par, observei que, nas trajetórias de vida dos entrevistados, houve mudanças nas expectativas e na qualidade dos relacionamentos quando os/as informantes comparam suas relações atuais com as passadas as que esperam no futuro, visto que as primeiras relações eram relatadas como mais idealizadas ou tinham característica de dependência emocional. As experiências e o amadurecimento emocional favoreceram o engajamento em relações que consideram mais saudáveis e esperam neste âmbito, um relacionamento que favoreça o bem-estar mais do que atendam a ideais muito longínquos do que seja um relacionamento e não mais esperam “a outra metade”/idealizações amorosas mais platônicas.

participantes demonstrava o desejo de continuar solteira e morando sozinha, sua opinião era desacreditada pelos homens.

Sobre o tema das práticas em torno da sexualidade, as respostas dos questionários apontaram que, apesar de haver expectativas em torno da “pessoa ideal” para um futuro relacional e de considerarem o amor conjugal como importante, o casamento não foi visto como prioritário para o futuro, nem ter filhos. No presente, as práticas neste campo da vida apontam para o fato de que a solteirice não tem sido vivenciada sem o estabelecimento de relações de cunho afetivo e sexual, visto que a maioria da amostra declarou ter feito sexo nos últimos meses, com diferentes tipos de pessoas – namorado/a, amante, *ficante*, etc.

Neste âmbito, os dados apontaram comportamentos condizentes para o que é esperado socialmente em termos de sexualidade de boa parte da amostra dos homens e das mulheres solteiras: os homens praticam sexo em diferentes lugares e com diferentes tipos de pessoas – namorada/o, recém-conhecidas/os, *ficantes*, etc.; eles acreditam mais na dissociação do sexo e do amor; parte deles avalia o passado sexual ativo da pessoa como negativo para ter com ela uma relação estável. Já parte da amostra das mulheres, para se relacionar sexualmente, prefere pessoas já conhecidas, tendo uma variedade menor de preferência por locais onde encontram essas pessoas – predominando no grupo de amigos/as, sendo que algumas delas não praticam sexo fora de uma relação estável e estavam sem fazer sexo por seis meses, quando responderam o questionário; elas consideram que o sexo e amor estão interligados, e que o passado sexual ativo da outra pessoa influencia positivamente para ter com ela uma relação estável.

Algumas rupturas nestes comportamentos, contudo, apareceram nos dados para as mulheres: parte da amostra se mostrou mais disponível para o sexo com recém-conhecidos, por exemplo, e nas conversas nos grupos focais e nas entrevistas, essa prática também era comum, inclusive tendo elas afirmado que tomam a iniciativa de convidar pessoas para *ficar* que, comumente encontram parceiros sexuais em ambientes de estudo, trabalho ou onde praticam esporte, sem haver a preocupação do estabelecimento de uma relação futura, nem estarem presas às convenções de gênero.

Apesar de terem a vida sexual movimentada, mesmo que, com frequência de prática de sexo mais baixa do que os homens, quando solicitados a avaliarem os diversos aspectos da vida pessoal, o âmbito afetivo e sexual não foi considerado

como muito satisfatório, mas a vida enquanto uma pessoa que está solteira, sim. Também o morar só. Isto mostra em certa medida que a vida de quem é solteiro/a e mora sozinho/a tem outros elementos além do estabelecimento das relações afetivo-sexuais que fazem com que esta seja satisfatória. Contudo, os critérios para avaliar o nível de satisfação na vida afetivo-sexual são mais subjetivos e não foram aqui explorados – compartilhando a mesma limitação do estudo de Alessandra Chacham e Mônica Maia (2004).

Chamou atenção, quando perguntados sobre projetos para o futuro, a busca pelo investimento em si – na carreira, saúde, lazer, bem-estar, etc. – e priorização da liberdade, autonomia e independência conquistadas e que parece ser possível quando se mora só, a ponto das pessoas poderem até se visualizar saindo da vida de solteiro/a, mas não deixando de morar só, temendo perder seu espaço individual. Assim, parece que morar só colabora em grande medida para a permanência na condição de solteiro/a.

Então, o que é a solteirice senão uma forma de agir no mundo e de estar no mundo que carrega em si a construção de um jeito de ser próprio, e o reflexo de uma sociedade em constante mudança que tem na liberdade um ideal que cotidianamente se busca colocar em prática? A literatura com a qual a tese dialoga aponta o aspecto da possibilidade de escolha, de forma situada, como já posto, e que tem na independência financeira e autonomia, e independência emocional como fatores fundamentais para manutenção de uma vida só, mas não os únicos. As construções de gênero e comportamentos em torno da solteirice também favorecem a manutenção de uma vida satisfatória, que, como Eliane Gonçalves (2007; 2009) afirma, não é vivida “nem só, nem mal acompanhada”, mas cheia de possibilidades.

Neste sentido retomo aqui alguns dos aspectos do perfil dos/as participantes no que se referem às suas redes de relações sociais, tendo as relações de amizade como as que assumem uma função importante no cotidiano dos/as solteiros/as: os amigos e as amigas foram as pessoas com quem mais a subamostra dos diários manteve contato no período pesquisado, seja para conversar sobre o cotidiano ou para realizar alguma atividade de lazer. Nos questionários, as relações de amizade foram apontadas como tendo a função de encontro para o lazer, de auxílio em momentos que se sente solidão; funcionam como ponte para conhecer pessoas disponíveis para fazer sexo sendo que há também amigos/as que podem assumir essa função e, por fim, as relações de

amizade foram avaliadas com muito importantes na vida dos/as solteiros/as. As amizades são vistas como o tipo de relacionamento democrático na contemporaneidade, fazendo parte das redes sociais mais significativas de pessoas que vivem em grandes centros urbanos, principalmente nas classes médias (VELHO, 1989; DAVIES, 2011; GIDDENS, 1992), e esta importância se confirmou neste estudo.

As amizades são vistas como também uma nova forma de organização familiar, quando se inserem nas formações não convencionais de famílias, as chamadas “famílias por escolhas”, e nesta tese, não ter privilegiado solteiros/as que compartilham a moradia com amigos/as e colegas, deixou de discutir sobre as dinâmicas desse novo arranjo, visto que o que se esperava aqui era fazer uma pesquisa com uma amostra mais restrita, e neste sentido, outros estudos podem futuramente voltar o olhar para essa nova configuração.

Sobre as práticas de sociabilidade, também se mostraram significativas as relações com familiares, incluindo pais, irmãos, sobrinhos/as, com quem se troca afeto e a partir dos quais se tem apoio emocional. Para a manutenção desses contatos, o uso das tecnologias da comunicação se fazem presentes, visto que, nos diários, o uso do celular e do *facebook* foram apontados como mediadores das relações, através dos quais a distância era amenizada quando amigos/as, familiares (e também os amantes, os *ficantes*, etc.) não se encontravam na cidade, mas, quando em Salvador o contato por meio das tecnologias foi feito mais para agendar um encontro pessoal do que não fazê-lo. O uso das tecnologias, aqui, portanto, não mostrou estar substituindo as relações presenciais e sim, funcionando como um meio para viabilizar esses encontros.

Outra observação se faz em torno das diversas relações que se estabelecem com colegas, vizinhos, com pessoas no ambiente onde praticam esportes (aqui mencionados prioritariamente pelas mulheres), as relações comerciais que, nos diários, revelaram as rotinas, costumes e gostos pessoais – e de classe –, por exemplo, o costume de comprar comida em restaurante, o gosto por artesanato, a ida ao *shopping*, a ida a restaurantes, a ida à praia, ao clube esportivo e academia, etc., bem como o cuidado com a saúde, incluindo aí a prática psicoterápica – que é um costume das classes médias. Mapear esta rotina, observando as dinâmicas relacionais com os diários – sem precisar estar presente –

possibilitou discutir como a vida pessoal enquanto prática é vivida tanto dentro como fora do lar, diluindo fronteiras do público e privado (SMART, 2007; MAY, 2011).

Assim, a solteirice vivenciada dentro do lar é expressa pelo uso que se faz deste espaço para trabalhar, descansar, ter lazer, para convidar alguém para fazer sexo ou evitar que o espaço seja utilizado para tal fim; o espaço do lar como meio de se manter uma relação com mais intimidade e principalmente que seja um local que expresse o jeito de ser do/a seu/a morador/a. E fora do lar, além do trânsito na cidade para as funções laborais e para adquirir alguns serviços – de saúde, esporte, comprar alimento, etc. – também será marcado pelas práticas de lazer. E em territórios de lazer, as práticas da paquera estarão presentes, como foi observado nos lugares mais propícios para os encontros sexuais como as boates, que na cidade se localizam em zonas boêmias como nos bairros do Rio Vermelho e da Barra, onde as dinâmicas de interação entre as pessoas expressam comportamentos de gênero, visto pela disposição de homens e mulheres nos locais, a disponibilidade para paquerar e serem paquerados/as e as regras em torno deste movimento que tem suas particularidades entre homossexuais e heterossexuais, sendo os/as primeiros/as demonstrando maior diversidade nestas práticas.

As práticas de lazer também apontam comportamentos de classe observados pelos espaços frequentados onde predominam pessoas de classes médias e altas na cidade, e em outras atividades eleitas como preferidas pela amostra tais como as atividades realizadas no lar, os programas culturais e as viagens, que foram muito presentes, inclusive sendo realizadas no período do Carnaval. Neste sentido também se mostrou presente o “capital social”, ou seja, o valor de classe agregado às relações estabelecidas entre as redes de contato mais significativas, que, além de proverem suporte afetivo (e por vezes, sexuais), também são ponte para acesso a bens culturais.

Nesta amostra entrevistada, a solteirice não se configurou uma questão que incomodava a família, reflexo de uma época de menos cobranças em torno do casamento, mas de pouco abertura ainda para se falar sobre o exercício de sexualidades não hegemônicas, visto que, entre os homossexuais da amostra a vida afetiva não é compartilhada com a família para evitar comentários preconceituosos, o que retrata ainda uma cultura baiana convencional em termos de aceitação da diversidade sexual. A inclusão de homossexuais na amostra, principalmente nas entrevistas, colaborou para pensar nos movimentos também de ruptura com essas

normas familiares que são reflexo de construções sociais mais amplas, apontando, apesar das práticas veladas perante a família, que os/as participantes constroem na sua individualidade – e no espaço do lar, onde tem a privacidade que precisam – diversas formas de relações afetivas, sexuais, de amizade, etc. e não excluem destas redes também os familiares, visto que estes familiares (ou alguns deles) também foram considerados como os melhores amigos (Danilo, 31 anos, afirmou a grande amizade com sua mãe e irmã, e Logan, 35 anos, o afeto também pelos familiares).

Até aqui, buscando “tirar o véu”, como uma metáfora que suscita olhar a solteirice para além da condição de não ser casado/a, mas como uma condição que traz elementos próprios nos modos de se vivenciá-la, pretendi trazer a tona uma temática social que a tanto me é particular e é particular de tantas pessoas que vivem sós – solteiras e morando sozinhas – que desfrutam desta condição como reflexo de conquista de autonomia, liberdade, independência, privacidade, e que aprendem sobre si mesmas, estando só, mas também com as diversas pessoas que fazem parte das suas redes de sociabilidade. Assim, a liberdade de estar sozinha/o e de estar também com as pessoas, caracteriza a solteirice dando-lhe uma dinâmica própria.

O estudo pode ser ampliado para outras situações de solteirice, considerando outros grupos de idade, incluindo uma heterogeneidade de pessoas de diferentes orientações sexuais, de classes sociais distintas, dentre outras possibilidades, assim como se pode fazer outros cruzamentos de dados, considerando outros marcadores sociais que aqui não foram tão privilegiados, bem como uma análise mais rebuscada dos dados quantitativos pode ser feita a partir desses outros cruzamentos e com uma amostra maior, a fim de ampliar o conhecimento desta realidade na capital baiana e no país, como um todo.

Por fim, ressalto que os diversos elementos que fazem parte da solteirice que aqui foram discutidos, são parte de uma condição social e pessoal que apesar de ainda apresentar algumas permanências – principalmente em termos de comportamento de gênero –, ainda assim revelam novos modos de ser, inaugurando novas formas de se relacionar que garantam a efetiva liberdade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. **Salvador é a capital com mais solteiros no país**. 10 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/brasil/noticia.jsf?id=931592>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Aumenta número de pessoas que moram sozinhas no Brasil. **Folha de São Paulo**, 16 nov. 2011. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1007287-aumenta-numero-de-pessoas-que-moram-sozinhas-mostra-ibge.shtml>>. Acesso em: 5 jun. 2012.

ALDANA, Claudia. **“31, profissão solteira”**. São Paulo: Primavera, 2008.

AMADOR, Xavier; KIERSKY, Judith. **Ser solteiro(a) num mundo de casados**. São Paulo: Gente, 2003.

AMORIM, Nádia. **Mulher solteira**: do estigma à construção de uma nova identidade. Maceió: UFAL, 1992.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira. **Antes só do que mal acompanhado/a?** um estudo sistêmico sobre a experiência de ser solteiro/a na atualidade. 2005, Salvador. Monografia (Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar) – Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, 2005.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira. Conceitos e significados acerca do estilo relacional *ficar*: uma análise de discurso entre adultos jovens. **CienteFico**, ano IV, v. III, 2004. Disponível em: <http://www.cientefico.frb.br/2004.2/especial_tcc/esp_tccs.andrade.pdf>. Acesso em: 20 nov 2004.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira. **Dando voz à diversidade**: um estudo sobre pessoas solteiras em Salvador. 2007, Salvador. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher – NEIM, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ANDRADE, Darlane. “Salvador: a capital da solteirice” 2011. Disponível em: <<http://www.aldeianago.com.br/content/view/5318/3/>>. Acesso em: 30 maio 2012.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira. “Solteiro(a), mas não sozinho(a)”: as pessoas solteiras e suas redes de relações sócio-afetivas em Salvador. In: FERREIRA, Sílvia Lucia; ALVES, Ivia; COSTA, Ana Alice (Org.). **Construindo interdisciplinaridades**: estudos de gênero na Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. p. 13-35. (Coleção Bahianas, 11). Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/construindointerdisciplinidade.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2012.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira. Os doze anos de “Sex and the City”: representações da solteirice na mídia. SIMPÓSIO BAIANO DE PESQUISADORAS(ES) SOBRE MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO, XVI; SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Políticas de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres, I. Salvador, 8-11 nov. 2010. **Trabalhos apresentados**. Salvador, NEIM/UFBA, 2010.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira; PERLIN, Giovana Dal Bianco. Relacionamentos sexuais temporários: conceitos e experiências em adultos. In: CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PSICOLOGIA, III, João Pessoa, 2003. **Anais...** Fundação Espaço Cultural, v. II, p. 211, 2003.

ANTUNES, Mariana. **Itinerários da vida de solteira**: razões e sentidos em projetos de vida de mulheres solteiras à luz do sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. Em: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45-77.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e família na construção de relações democráticas. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 9-23.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA – ABEP. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. São Paulo: Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa, 2008. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301>>. Acesso em: 25 maio 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA – ABEP. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. São Paulo: Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa, 2010.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2001.

AYLMER, Robert. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica e cols. **As mudanças do ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2001. Cap. 9, p. 169-179.

BADINTER, Elizabeth. **Um é o outro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARSTED, Leila Linhares; HERMANN, Jacqueline (Coord.). **As mulheres e os direitos civis**. Rio de Janeiro: CEPIA, 1999. (Traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero, 3). Disponível em: <<http://www.cepia.org.br/doc/leis3.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001a.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997. Cap. 1, p. 11- 71.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **El normal caos del amor**. Barcelona: El Roure, 1990.

BERQUÓ, Elza. **Pirâmide da solidão?** In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 5. São Paulo, out. 1986.

BERQUÓ, Elza Salvatori; CAZENAGHI, Suzana M. Oportunidades e fatalidades: um estudo demográfico das pessoas que moram sozinhas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6. **Anais...** Olinda, PE, 1988. v. 1.

BOURDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, Renato. (Org.). **A sociologia de Pierre de Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de Sociólogo**: metodologia da pesquisa em Sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do idoso**. Brasília: MS, 2003. Disponível em: <http://www.assufba.org.br/legis/estatuto_idoso.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2010.

BRASIL. **Exame Nacional de Curso** – ENEM, 2010. Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em: 7 jul. 2010.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n. 13, p. 191-221, 1999. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/n13a07.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Teorias de geração na perspectiva de gênero. In: CRUZ, Maria Helena S.; ALVES, Amy Adelina C. F. **Feminismo, desenvolvimento e direitos humanos**: multiplicidade de questões feministas. Aracaju: REDOR, NEPIMG, 2005. p. 1-20.

BROWN, Helen Gurley. **A vida sensual da mulher solteira**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

BROWN, Helen Gurley. **Sex and the office**. New York: Pocket Books, 1965a.

BROWN, Helen Gurley. **Solteira e sexy**. São Paulo: Grijalbo, 1965b.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.oei.es/genero/trabalho_genero_brasil.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2012.

BUSHNELL, Candace. **Sex and the city**. New York: Boston, 2006.

BUDGEON, Shelly. Couple culture and the production of singleness. **Sexualities**, v. 11, n. 3, p. 301-325, 2008.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: CORNELL, Drucilla; BÉNHABIB, Sheila (Coord.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. p. 139-154.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia et al. O processo de constituição de família entre os jovens: novos e velhos arranjos. In: _____. **Transição para uma vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CARVALHO, Josefa. **Sexualidade em mulheres no climatério**: grupo reflexivo com mulheres maduras, solteiras e independentes financeiramente. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: _____. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2 – O poder da identidade; Cap. 4.

CERQUEIRA, Caio Felipe Campos. Entre “Caras & Bocas” e muitas fechações: abjeção e performance em noites flex. In: SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 2 – Direito, relações etnoraciais, educação, trabalho, reprodução, diversidade sexual, comunicação e cultura. **Anais...** Diadorim, Universidade do Estado da Bahia. 4-6 set. 2011.

CHACHAM, Andressa Sampaio; MAIA, Mônica Bara. Corpo e Sexualidade da mulher brasileira. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (org.) **A mulher brasileira nos espaços públicos e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-86.

CHAVES, Jaqueline. **“Ficar com”**: um novo código entre jovens. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

CHAVES, Jaqueline. **Contextuais e pragmáticos**: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade. 2004, Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CHANDLER, Joan et al. Living alone: its place in household formation and change. **Sociological Research**, v. 9, n. 3, 2004.

CIAMPA, Antônio Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CLASSE ALTA BRASILEIRA CRESCE 37% em cinco anos, diz FGV. **Terra.com**. 21 set. 2009. Disponível em:
<<http://noticiasar.terra.com.ar/tecnologia/interna/0,,OI3987627-EI8177,00.html>>.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, Antonio Augusto et al. (Org.) **Colcha de Retalhos**: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 13-38.

COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria Bacelar. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luiza R.; BINGEMER, Maria Clara L. (Org.) **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Loyola, 1994.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CUNHA, Mercedes. **Dados para uma avaliação de currículo do curso de Psicologia da UFBA**: caracterização do aluno, análise das condições de ensino oferecidas pela Instituição. 1979, Salvador. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

DANSILIO, Sergio. **La defensa de la objetividad en las epistemologías feministas**. 2001. Disponível em:
<http://galileo.fcien.edu.uy/epistemologias_feministas.htm>. Acesso em: 9 jun. 2011.

DAVIES, Katherine. Friendship and personal life. In: MAY, Vanessa. **Sociology of personal life**. London, The United Kingdom: Palgrave, 2011. p. 72-84.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. **Anuário das Mulheres Brasileiras**, São Paulo: DIEESE, 2011. Disponível em:
<<http://www.dieese.org.br/anu/anuarioMulheresBrasileiras2011.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

DEPAULLO, Bella. **“Single at Heart”**: is it quirkyalone’s naughty cousin? 2010. Disponível em: <<http://www.psychologytoday.com/blog/living-single/201004/single-heart-is-it-quirkyalone-s-naughty-cousin>>. Acesso em: 9 jun. 2011.

D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DOMINGUES, José Maurício. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. In: **Tempo Sociol.** – Rev. de Sociol. USP, Universidade de São Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-89, maio 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v14n1/v14n01a04.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

DUNCAN, Simon; SMITH, Darren P. Individualization versus the geography of “new families”. **Families & Social Capital ESRC** – Research Group Working Paper No. 19, 2006. Disponível em: <<http://www.payonline.lsbu.ac.uk/ahs/downloads/families/familieswp19.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ELLIOT, H. The use of diaries in sociological research on health experience. **Sociological Research Online**, v. 2, n. 2, 1997.

ELLIS, Albert. **Sexo e o homem solteiro**: mitos e realidades. São Paulo: Brasiliense, 1969.

FELDON, Barbara. **Solteira sim, sozinha nunca**: como desfrutar as maravilhas deste estilo de vida. Campinas, SP: Versus, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 dec. 2012.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.** [online], v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 maio 2012.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; ZIVIANI, Cílio. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

FIELDING, Helen. **O diário de Bridget Jones**. Tradução Beatriz Horta. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FIGUEIRA, S. A. (Org.). **Uma nova família?** o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

FONSECA, Cláudia. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do não-casamento entre pequenoburguesas no início do século. **Revista Brasileira de História**, n. 18, p. 90-120, 1989.

FORRACCHI, Marialice M. O conflito de gerações. In: _____. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Linaere Pioneira, 1972.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

FUREDI, Frank, 2002. Single Britain. **Social Trends** (Married or not in Britain today). Disponível em: <<http://www.marriedornot.org.uk/PDF/Factsheet.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

GARCIA, Antonia. **Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais**: Salvador, cidade d'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GIAVONI, Adriana; TAMAYO, Álvaro. Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA). **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 175-184, maio/ago. 2000.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1992.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.

GOMES, Cristina. **Dumazedier e os estudos do lazer no Brasil**: breve trajetória histórica. Universidade Federal de São João Del Rey, 2004. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof._Adalberto_Santos/1-dumazedier_e_os_estudos_do_lazer_no_brasil-_breve_trajetoria_historica_12.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2011.

GONÇALVES, Eliane. **Vidas no singular**: noções sobre “mulheres só” no Brasil contemporâneo. Campinas, 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/vidas_no_singular.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

GONÇALVES, Eliane. Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a “solidão” das “solteiras” na contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 189-216, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a09.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

GORDON, Tuula. Single women and familism: challenge from the margins. **European Journal of Women’s Studies**, v. 1, n. 2, p. 165-182, nov. 1994. Disponível em: <<http://ejw.sagepub.com/content/1/2/165>>. Acesso em: 5 abr. 2011.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **RBCS**, v. 20, n. 58, p. 157-212, jun. 2005.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Unicamp, Campinas, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/pagu05.02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575-599, autumn 1988. Disponível em: <<http://www.staff.amu.edu.pl/~ewa/Haraway,%20Situated%20Knowledges.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/pagu05.02.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2012.

HARDING, Sandra. Rethinking standpoint epistemology: what is “strong objectivity?”. In: KELLER, Evelyn F.; LONGINO, Helen E. (Eds.). **Feminism & Science**, Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 235-248.

HARDING, Sandra. “Strong Objectivity” and socially situated knowledge. In: _____. **Whose Science? Whose Knowledge?** thinking from women's lives. Ithaca: Cornell University Press, 1991. p. 138-163.

HARDING, Sandra. “Existe un método feminista?” In: BARTRA, Eli (Org.). **Debates en torno a una metodología feminista**. México, D.F.: UNAM, 1998. p. 9-34.

HARSTOCK, Nancy. The feminist standpoint: developing the ground for a specifically feminist historical materialism. In: HARDING, Sandra (Ed.). **Feminism & methodology**. Bloomington, Indiana: Indiana: Open University Press, 1987. p. 157-180.

HASENBALG, C.; SILVA, N. V. **Relações raciais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992. Pesquisas das desigualdades raciais no Brasil p. 7-16 e Cor e pobreza no centenário da abolição. p 119-138.

HEAPHY, Brian. **Late modernity and social change**: reconstructing social and personal life. London: Routledge, 2007.

HEATH, Sue. Peer-shared households, quasi-communes and neo-tribes. **Current Sociology**, n. 52, p. 161, 2004.

HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M; .KNAUTH, D. R. (Org.). **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006.

HITA, Maria Gabriela. Esterilização e pobreza: necessidades, falta de opção ou decisão? In: COSTA, Ana Alice Alcantara; ALVES, Ivya (Org.). **Ritos, mitos e fatos**: mulher e gênero na Bahia. Salvador, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, FFCH/UFBA, 1997. p. 91-101 (1992). Coleção Bahianas 1.

HITA-DUSSEL, Maria Gabriela. As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador. 2004, Campinas. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/26122003censofecundhtml.shtm>>. Acesso em: 25 jul. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 20 out. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina>. Acesso em: 20 out. 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Mulheres dedicam muito mais tempo ao trabalho doméstico**, 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=14321>. Acesso em: 20 out. 2011.

JABLONSKI, Bernardo. Crenças e credices sobre a sexualidade humana. **Psicologia teoria e pesquisa**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 209-218, set./dez. 1998.

JABLONSKI, Bernardo. Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudos. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 109-134.

JAMIESON, Lynn. **Intimacy**: personal relationships in modern societies. Cambridge, Polity Press, 2005.

JAMIESON, Lynn. Intimacy transformed? **Sociology**, v. 33, n. 3, p. 477-494, August 1999. Disponível em: <<http://soc.sagepub.com/content/33/3/477.short?rss=1&ssource=mfr>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

JAMIESON, Lynn; WASOFF, Fran; SIMPSON, Roona. Solo-Living, demographic and family change: the need to know more about men, **Sociological Research Online**, v. 14, n. 2/3, 2009.

JOHNSON, Allan G. Feminism and feminists. In: _____. **The gender knot**: unraveling our patriarchal legacy. Phyladelphia: Temple Univ. Press, 1997. p. 99-130.

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saude soc.**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 733-743, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000400016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 fev. 2010.

LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. Mexico: Universidad Nacional Autonoma de Mexico, 1990.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução Ernani Pavareli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloisa B. (Org.) **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-Genero-Teresa-de-Lauretis>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

LEVY, Maria Stella Ferreira. A escolha do cônjuge. **Rev. Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 117-133, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol26_n1_2009/vol26_n1_2009_10a_rtigo_p117a133.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2011.

LEVI-STRAUSS, Claude et al. **Raça e ciência I**. São Paulo: Perspectiva, 1970. (Raça e História 231-252).

LEWIS, K. G.; MOON, S. Always single and single again women: a qualitative study. **Journal of marital family therapy**, v. 23, n. 2, p. 115-34, 1997.

LINS DE BARROS, Myriam M. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACEDO, Adriana C.; PAIM, Jairnilson S.; SILVA, Lígia M Vieira da; COSTA, Maria da Conceição N. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. **Rev Saúde Pública**, v. 35, n. 6, p. 515-522, 2001. Disponível em: <www.fsp.usp.br/rsp>. Acesso em: 10 mar. 2011.

MACEDO, Márcia. **Tecendo os fios e segurando as pontas**: trajetórias e experiências de chefia feminina em Salvador. 1999, Salvador. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

MACEDO, Márcia. **Na trama das interseccionalidades**: mulheres chefes de família em Salvador. 2008, Salvador. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/42/TDE-2010-04-16T123032Z-1572/Publico/Dissertacao%20Marcia%20Macedoseg.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2010.

MACHADO, Lia Zanotta. Família e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. **Interface – Comunic, Saúde, Educ**, v. 4, n. 8, p. 11-26, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/02.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; FERÉS-CARNEIRO, Terezinha. Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”. In: SEGUNDO ENCONTRO MUNDIAL DOS ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE, Rio de Janeiro, 2003.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2011.

MANSUR, Luci Helena B. **Solidão-solitude**: passagens femininas do estado civil ao território da alma. São Paulo: EDUSP, 2011.

MARTINEZ, Ana S.; MOYA, Juana, M. R.; MUÑOZ, Maria de los Ángeles D. In: MARTINEZ, Ana S. **Mujeres, espacio y sociedad**: hacia una geografía del género. Madrid: Síntesis, 1995. Cap. I; **Por que una Geografía de Género?** p. 12-21.

MARTINS, Ísis Ribeiro. **“Só há solidão porque vivemos com os outros...”**: um estudo sobre as vivências de solidão e sociabilidade entre mulheres que vivem sós no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://teses2.ufrj.br/Teses/PPGAS_M/IsisRibeiroMartins.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2011.

MASON, Jennifer. **Qualitative researching**. London: Sage Publications, 1996.

MASON, Jennifer. Mixing methods in a qualitatively driven way. **Qualitative Research**, v. 6, n. 1, p. 9-25, 2006. Disponível em: <<http://qrj.sagepub.com/content/6/1/9.abstract>>. Acesso em: 5 jun. 2011.

MASTERS, William H.; JOHNSON, Virgínia E. **A resposta sexual humana**. São Paulo: Rocca, 1984.

MAURITTI, Rosário. **Viver só: mudança social e estilos de vida**. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.

MAY, Vanessa. Introducing a sociology of personal life. In: MAY, Vanessa. **Sociology of personal life**. London. The United Kingdom: Palgrave, 2011. p. 1-8.

MAY, Vanessa. **Lone motherhood in Finnish women's life stories: creating meaning in a narrative context**. Abo: Abo Akademi University Press, 2001.

MEAD, Margaret. **Sex and temperament in three primitive societies**. New York: Dell Publishing, 1968.

MESSA, Márcia Rejane. **As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006a. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=383>. Acesso em: 10 fev. 2010.

MESSA, Márcia Rejane. Mulher solteira procura: um esboço de crítica diagnóstica de *Sex and the City*. SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, VII. **Anais...**, 2006b.

MESSA, Márcia Rejane. As mulheres só querem ser salvas: Sex and the city e o pós-feminismo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em comunicação**. Abril, 2007. Disponível em: <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: 5 jun. 2011.

MILAN, A.; PETERS, A. Couples living apart. **Canadian Social Trends**, n. 2/6, Summer, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MULINARI, Diana ; SANDELL, Kerstin. A feminist re-reading of theories of late modernity: Beck, Giddens and the location of gender. **Crit Sociol**, v. 35: 493, 2009.

NARAYA, Uma. O projeto da epistemologia feminista: perspectivas de uma feminista não ocidental. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (Org.). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 276-290.

NASCIMENTO, Erico Silva. **Territórios e circuitos homossexuais em Salvador: há um gueto gay?** 2007, Salvador. Monografia (Bacharelado em Urbanismo) – Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

NERI, Marcelo Cortes. Sexo, casamento e solidão. **Conjuntura Econômica**, p. 66-70, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/ibre/cps/artigos/Conjuntura/2005/Sexo,%20casamento%20e%20solidao.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2005.

NERI, Marcelo Cortes. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Políticas Sociais, 2008.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 165-174, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a09v20n2.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

NOGUEIRA, Maria da Conceição de O. Feminismo e discurso de gênero na psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, v. 13 n. 1, p. 107-128, jan./jun. 2001.

O'DOUGHERTY, Maureen. Auto-retratos da classe média: hierarquias de "cultura" e consumo em São Paulo. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun. 2012.

OLEIA, Valmir. **Conceito de lazer**. [2012]. Disponível em: <<http://www.cds.ufsc.br/~valmir/cl.html>>. Acesso em: 9 jun. 2012.

OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia. Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 597-615, set./dez. 2006.

OLIVEIRA, Kátia Neves Lenz César de. **Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro**: sobre violências conjugais contemporâneas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ORNELLAS, S. Maria de Lourdes. **Ficar na escola**: um furo no afeto. Salvador. EDUFBA, 2008.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento psicossocial na adolescência. In: _____. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PENA, João Soares. Sexualidades e apropriação do espaço: relações sensíveis entre corpos e cidade. Seminário Enlaçando Sexualidades, II. Direito, relações etnoraciais, educação, trabalho, reprodução, diversidade sexual, comunicação e cultura. **Anais...** Diadorim, Universidade do Estado da Bahia. 4-6 set. 2011. p. 109. Disponível em: <<http://enlacandosexualidades.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 maio 2012.

PERLIN, Giovana. **Validação da versão brasileira de Escala de Ajuste da Díade**. Pesquisa de Pós-doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília, 2011.

PERLIN, Giovana; DINIZ, Gláucia. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 15-29, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a02.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2007.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP Editora, 1999.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/5247/4295>>. Acesso em: 10 maio 2012.

PRATES, Adriana. **Homossexualidade, “modernidade”, consumo e hierarquia: a relação entre identidade e consumo na contemporaneidade**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

RECHE, Carlos. **Essa tal de depressão: doença ou resposta?** Campinas, SP: Átomo, 2003.

REYNOLDS, Jill. **The single woman: a discursive investigation**. London and New York: Routledge, 2008.

REYNOLDS, J.; WETHERELL, M. 'The discursive climate of singleness: the consequences for women's negotiation of a single identity'. **Feminism and Psychology**, v. 13, n. 4, p. 489-510, 2003. Disponível em: <http://oro.open.ac.uk/2784/1/Discursive_climate_paper.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2012.

RICH, Adrienne. A heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Tradução Carlos Guilherme do Valle. **Revista Bagoas**, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2009.

ROBERTS, Brian. **Biographical research**. Open University press. Philadelphia. 2002.

ROBERTS, Ken. Sociology of leisure. **Key Articles in British Sociology**, University of Liverpool, UK, 2011. Disponível em: <http://www.sagebsa.co.uk/code/resources/pdf/Roberts_Leisure_final.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2012.

ROSENEIL, Sasha; BUDGEON, Shelly. Beyond the conventional family. **Sociology**, v. 5, n. 2, p. 127-134, March 2004.

ROSENEIL, Sasha. On not living with a partner: unpicking coupledness and cohabitation, 2006. **Sociological Research Online**, v. 11, n. 3. Disponível em: <www.socresonline.org.uk/11/3/roseneil.html>. Acesso em: 5 jul. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1992. p. 183-215.

SAFRA, Gilberto. Prefácio. In: MANSUR, Luci Helena B. **Solidão-solitude**: passagens femininas do estado civil ao território da alma. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 11-16.

SALVADOR. Secretaria Municipal de Cultura Esporte e Lazer/Prefeitura Municipal. **Guia do ócio**. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2010.

SANTOS, Milton. A cidade e o urbano como espaço-tempo. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio. **Cidade & História**. Salvador: EDUFBA, 1993. p. 241-244.

SARDENBERG, Cecília Maria B. Estudos feministas: um esboço crítico. In: GURGEL, Célia (Org.). **Teoria e práxis dos enfoques de gênero**. Salvador: REDOR-NEGIF, 2004. p. 17-40.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini et al. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. In: _____. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988. p. 28-52. [Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993].

SEPTÍMIO, Mariana. Perto do coração selvagem: um olhar frente a literatura e o direito. In: FAZENDO GÊNERO 9; Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Universidade Federal de Santa Catarina, 23-26 ago. 2010. **Anais...** Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278361891_ARQUIVO_ArtigoFaz.GeneroMarianaSeptimio.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2012.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SEVERIANO, Maria de Fátima V. **Narcisismo e publicidade**: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade. São Paulo: Annablume, 2001.

SEXO CASUAL entre brasileiros cresce. **Alagoas 24 Horas**, 19 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vCod=67736>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

SILVEIRA BUENO. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.

SIMPSON, Roona. **Contemporary spinsters in the new millennium**: changing notions of family and kinship. New working paper series, 10. Gender Institute, London School of Economics and Political Science, London, UK. 2003.

SIMPSON, Roona. **Contemporary spinsterhood in Britain**: gender, partnership status and social change. Thesis submitted to the University of London. PhD Social Science. London, 2009.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SMART, Carol. **Personal life**: new directions in sociological thinking. Cambridge: Polity Press, 2007.

SMART, Carol. Close relationships and personal life. In: MAY, Vanessa. **Sociology of personal life**. London; The United Kingdom: Palgrave, 2011. p. 35-46.

SOJA, Edward. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. In: _____. **A dialética sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOROKIN, A. Pitirim. O que é uma classe social? In: BERTELLI, Antônio; PALMEIRA, Moacir; VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **Estrutura de classes e estratificação social**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1973. p. 84-93.

SOUTHERTON, Dale. Are we running out of time? In: MAY, Vanessa. **Sociology of personal life**. London; The United Kingdom: Palgrave, 2011. p. 121-133.

SOUZA, Amaury de; LAMOUNIER, Bolivar. **A classe média brasileira**: ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

SWAIN, Tânia Navarro. O normal e o “abjeto”: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. **Labrys, Estudos Feministas**, n. 6, ago./dez. 2004 Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/labrys/labrys6/lesb/anahita.htm>>. Acesso em: 28 maio 2009.

TAVARES, Márcia. “**Ser classe média é...**”: percepções de homens e mulheres solteiros residentes em Salvador/BA. In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGÍA DEL MERCOSUR, 8 – Diversidad y Poder en América Latina. Buenos Aires, Argentina, 29 set./2 out. 2009. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/3830/Programa_del_evento_RAM_2009.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 out. 2012.

TAVARES, Márcia. **Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compassos de gênero**: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador. 2008, Salvador. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

THOMSON, Rachel. **When will I see you again?** strategies for interviewing over time. Paper for presentation at ‘Reflexive methodologies: interviewing revisited’ 30-31.10.03 Helsinki Collegium for Advanced Studies, 2003.

THOMSON, Rachel; HOLLAND, Janet. Young people, social change and the negotiation of moral authority. **Children & Society**, v. 16, p. 103-115, 2002. Disponível em: <www.interscience.wiley.com>. Acesso em: 28 out. 2010.

TRIMBERGER, E. Kay. **The new single woman**. Boston: Beacon Press, 2005.

VAITSMAN, Jeny. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELOS, Waldir. **Da desproteção legal da mulher aos direitos atuais**. Disponível em: <<http://www.waldirdepinhoveloso.com/artigos/dadesprotecaodamulheraosdireitosatuais2.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

VICTORINO, Christiane Machado. **Morar só**: uma nova opção de vida. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality**. London: Routledge, 2010.

WEEKS, Jeffrey; HEAPHY, Brian; DONOVAN, Catherine. **Same-sex intimacies**: families of choice and other life experiments. London and New York: Routledge, 2001.

WEINGÄRTNER, Carmen L. et al. O ficar e o namorar visto pelos adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 8, p. 181-203, 1995.

WESTPHAL, Vera Herweg. A individualização em Ulrich Beck: análise da sociedade contemporânea. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 419-433, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

WILSON, Sara. Young people, biographical narratives and the life grid: young people's accounts of parental substance use. **Qualitative Research**, v. 7, n. 1, p. 135-151, 2007.

WITTIG, Monique. O pensamento hetero. In: _____. **The straight mind and other essays**. Boston: Beacon, 1992. Disponível em: <http://www.geocities.com/girl_ilga/textos/pensamentohetero.htm>. Acesso em: 25 jun. 2008.

WOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZIEMKIEWICZ, Nathalia. Só – e bem acompanhado. **Revista Época**. 12 abr. 2012
Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/04/so-e-bem-acompanhado.html>>. Acesso em: 3 jun. 2012.

ZIMMERMAN, Don H.; WIEDER, D. Lawrence. The diary: diary-interview method. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 5, p. 479-498, 1977. Disponível em: <<http://jce.sagepub.com/content/5/4/479>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A ROTEIRO DE CONDUÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS	288
APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS GRUPOS FOCAIS	289
APÊNDICE C FICHA DE IDENTIFICAÇÃO PARA INTEGRANTES DOS GRUPOS FOCAIS	290
APÊNDICE D QUESTIONÁRIO	291
APÊNDICE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS QUESTIONÁRIOS	299
APÊNDICE F ROTEIRO DE ENTREVISTA “LINHA DA VIDA”	300
APÊNDICE G GUIA DE INSTRUÇÃO PARA REALIZAÇÃO DOS DIÁRIOS	301
APÊNDICE H MODELO E ROTEIRO DE ENTREVISTA DE DEVOLUÇÃO DO DIÁRIO	302
APÊNDICE I QUADROS DE CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES E FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO	303
APÊNDICE J TABELAS	307
Tabela 34 Número e percentual de respostas referentes aos motivos atribuídos para estarem solteiros/as, pelos/as participantes – Salvador, 2011-2012	307
Tabela 35 Média e desvio padrão das respostas referentes ao que a condição de solteiro/a proporciona as/aos participantes (Escala entre 0 – nada, e 3 – muito) – Salvador, 2011-2012	307
Tabela 36 Número, média e desvio padrão de respostas referentes a estratégias utilizadas pelos/as participantes para lidar com a solidão, por sexo – Salvador, 2011-2012	308
Tabela 37 Número e percentual de respostas referentes aos contatos, objetivos e locais onde estes contatos aconteceram, registrados nos Diários, pelos/as participantes, por sexo – Salvador, 2011- 2012	308
Tabela 38 Número, média e desvio padrão de frequência de realização de atividades de lazer, por sexo (Escala de 0 – nunca, a 4 – sempre). Salvador, 2011-2012	309
Tabela 39 Número e percentual de indicativo de cor da pessoa com quem os/as participantes costumam se relacionar, por sexo – Salvador, 2011-2012	310
Tabela 40 Número de casos, média e desvio padrão de características atrativas em uma pessoa para ter com ela um relacionamento eventual, indicadas pelos/as participantes, por sexo (escala de respostas de 0 – não é importante, a 3 – muito importante) – Salvador, 2011-2012 ...	310
Tabela 41 Média e desvio padrão de características atrativas em uma pessoa para ter com ela um relacionamento estável, indicada pelos/as participantes, por sexo. (escala de respostas de 0 – não é importante a 3 – muito importante). Salvador, 2011-2012	311

APÊNDICE A

ROTEIRO DE CONDUÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS

Grupo 1

a) Apresentação

- Facilitadora se apresenta e expõe o objetivo do grupo – colher dados para a pesquisa sobre estilo de vida de pessoas solteiras em Salvador. Apresenta o termo de consentimento.
- Entrega ficha para preenchimento de cada membro do grupo com dados para perfil dos(as) participantes.
- Apresentação do grupo (nome, idade, profissão)

b) Questões para o grupo:

- - o que é sua vida como solteiro(a)?
- - Qual o significado para você em estar solteiro(a)?
- - Você acha que as pessoas solteiras são mais individualistas? Fundamente.
- - Se está ou se é solteiro? Esta é uma opção, escolha ou situação para você? Explique.
- - Quais são os relacionamentos possíveis para as pessoas solteiras? Homens e mulheres se comportam da mesma forma?
- - Você espera algo para a vida amorosa? Explique/fale das suas expectativas (se houver)

Grupo 2

a) Apresentação do grupo

- Caso apareçam pessoas novas no grupo/ entrega termo de consentimento e ficha.

b) Questões

- Como é para você morar sozinho(a)? Explique.
- Para você, o que significa morar sozinho? É bom? Por que? Ruim? Por que?
- Quais as vantagens e desvantagens/ dificuldades e benefícios de morar só?
- Você mora sozinho hoje. E no futuro? Quais seus planos para o futuro?

Grupo 3

a) Apresentação do grupo

- Caso apareçam pessoas novas no grupo/ entrega termo de consentimento e ficha.
- Idem.

b) Questões

- Você se sente sozinho(a) por vezes? Quando? Em que situações? De que modo?
- Você sente solidão? Explique como ou porque não. Caso sim... como lida com a solidão?
- Para você existe uma relação entre ser solteiro(a) e a solidão?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS GRUPOS FOCAIS

1. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “Estilo de vida de pessoas solteiras em Salvador”, que está sendo realizada no curso de doutorado em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na Universidade Federal da Bahia.
2. Você foi selecionado(a) através da rede de contato da pesquisadora e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição a qual a pesquisadora faz parte.
5. Os objetivos deste estudo são conhecer o estilo de vida de pessoas solteiras de classes médias e altas em Salvador, considerando as questões de gênero e trajetórias de vida destes sujeitos.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de um grupo focal que será realizado em três momentos, com duração de duas horas cada. Você poderá participar de outra etapa da pesquisa que consiste em realização de entrevistas de histórias de vida, a serem realizadas de forma individual, com tempo de duração imprevisto.
7. Sua participação não envolve riscos.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação são colaborar para o conhecimento sobre o estilo de vida de pessoas solteiras em Salvador e a compreensão sobre as diferenças de gênero em torno desta vivência.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Serão utilizados dados da sua fala e citações referenciadas por codinomes.
11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL

Darlane Silva Vieira Andrade

Assinatura

Av. Cardeal da Silva, 523 apt 801 Federação. Salvador-Ba.

Telefones: (71) 87537334 e 32479763

Declaro que li, entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Fui informado(a) dos procedimentos da pesquisa e assegurada a preservação da minha identidade.

Salvador, _____ de _____ de _____

Participante da pesquisa

Assinatura

RG ou CPF: _____

APÊNDICE D QUESTIONÁRIO

Caro(a) participante

Estamos realizando uma pesquisa de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - PPGNEIM – na Universidade Federal da Bahia. O tema da pesquisa é a “solteirice” na contemporaneidade, a partir do qual buscamos conhecer sobre os modos de viver de quem está solteiro(a) e morando sozinho (a) em Salvador. Esta etapa da pesquisa utiliza um questionário auto-aplicável para coleta de dados referentes à vivência da “solteirice” nesta cidade. Responder o questionário leva em torno de 20 a 30 minutos. Informamos que a participação na pesquisa é voluntária e anônima, tendo os dados utilizados para relatos de pesquisa e publicações científicas. Grata pela colaboração.

Darlane Andrade (Psicóloga CRP03-03187; Doutoranda PPGNEIM-UFBA)

Contato: 71. 91186446 / pesquisa.solteirice@gmail.com / solteirice-salvador.blogspot.com

Para responder o questionário marque com um X a resposta que mais se adequar à sua realidade. Caso haja mais de uma resposta, fique à vontade para marcá-las e preencher os campos vazios.

I. DADOS PESSOAIS

1.Sexo: A() feminino B. () masculino **2.Idade:** _____

3. Estado civil: A() Solteiro, nunca me casei.

B() separado/a, divorciado/a, desquitado/a . Há quanto tempo? _____

C() viúvo/a. Há quanto tempo? _____

4.Filhos: A() Não B.() Sim **5.Quantos?** _____

6.Trabalha? A() Não B() Sim **7.Ocupação:** _____

8 Qual a sua formação profissional/graduação? _____

9. Carga horária de trabalho semanal: _____

10.Com quem mora? _____

11. Você é o principal provedor da sua casa? A () sim B () não

12.Qual a maior escolaridade do(a) principal provedor(a) da sua casa?

A() Analfabeto/até 3ª série fundamental B() Até 4ª Série fundamental C() Até 8ª série

D() Até 3º ano colegial E() Superior completo ou incompleto F() Especialização completo ou incompleto

G() Mestrado completo ou incompleto H() Doutorado completo ou incompleto

13. Dentre os itens abaixo, marque quantos existem na sua residência:

Televisores em cores 0 1 2 3 4 ou + Empregadas mensalistas 0 1 2 3 4 ou +

Videocassete/DVD 0 1 2 3 4 ou + Máquinas de lavar 0 1 2 3 4 ou +

Rádios 0 1 2 3 4 ou + Geladeira 0 1 2 3 4 ou +

Banheiros 0 1 2 3 4 ou + Freezer(*) 0 1 2 3 4 ou +

Automóveis 0 1 2 3 4 ou + (*) Independente ou 2ª porta da geladeira

14. Qual a sua renda mensal atual (em salários mínimos. O SM atual é R\$545,00)? _____ SM

15.Em relação a sua cor, como você se considera?

A() branco/a B() pardo/a C() preto/a D() amarelo/a E.() indígena

16.Qual a sua religião?

A() católico/a B() protestante ou evangélica C() espírita D() umbanda ou candomblé

E() sem religião F() Outra: _____

17. Qual a sua orientação sexual? A() heterossexual B() gay C() lésbica D() bissexual

18. Qual a sua naturalidade? _____

19. Caso não seja natural de Salvador, há quanto tempo reside nesta cidade? _____

20. Além de Salvador, você já residiu em outro local?

A () não. B () sim, no interior da Bahia C () sim, em capital (is) de outro(s) estado(s)

D () sim, no interior de outro(s) estado(s) E () sim, já residi em outro país

21. Por quanto tempo residiu fora de Salvador? _____

22. Por qual(is) motivo(s) residiu fora de Salvador?

0() não se aplica A() trabalho B() estudo C() família D() outro: _____

II. SOBRE MORADIA

23. Em que bairro você mora? _____

24. Tipo de moradia:

A() casa B() apartamento C() flat, hotel ou pousada D() vilage E() loft F() outro _____

25. Sua moradia é: A() própria B() alugada C() de terceiros /familiares

26. Há quanto tempo mora sozinho/a? _____

27. Indique abaixo os 3 principais motivos que o/a levaram a morar sozinho/a:

A() ter condições materiais/financeiras que me permitiram morar sozinho/a

B() desfrutar de independência

C() desfrutar de mais liberdade

D() não ter com quem dividir a moradia

E() ter mais privacidade

F() outro _____

28 Na sua casa, em que momento você realiza as atividades domésticas?

A() nunca B() eventualmente ou nos finais de semana C() diariamente

III. SOBRE O LAZER E COSTUMES

29. Indique, seguindo a legenda, com que freqüência você costuma realizar as seguintes atividades de lazer.

(0) Nunca (1) Raramente (2) Algumas vezes (3) Muitas vezes (4) Sempre

A () ler livros

B () ver TV/ DVD em casa

C () ouvir música

D () ir ao cinema

E () visitar amigos/as/fazer reuniões com amigos

F () ir a praia

G() praticar esportes/malhar

H() ir ao teatro

I () freqüentar bares / pubs

J ()freqüentar boates /danceterias/ casas noturnas

K () pescar

L () sair sozinho/a para alguma atividade de lazer

M() velejar

N () ir a apresentações musicais/ shows

O () ir a shopping fazer compras ou passear

P () jantar fora

Q () jogar video game

R () viajar para lugares dentro do país

S () viajar para o exterior

T () assistir futebol em estádios

U () ir a exposições/ museus

V () tocar instrumentos musicais

W () ir a Carnaval

X () participar de festas de largo

Y () uso de internet para atividades lazer (sites de relacionamento, filmes, jogos, etc)

Z() Outra atividade: _____

30. Quantas horas por semana você se dedica a atividades de lazer? _____

31. Quando você sai para alguma atividade de lazer, você procura: (Responda de acordo com a legenda)

(0) Nunca (1) Raramente (2) Algumas vezes (3) Muitas vezes (4) Sempre

- A() diversão
 B() alguém para paquerar/ficar
 C() um/a namorado/a
 D() procuro não me sentir sozinho/a ou solitário/a
 E() encontrar com amigos/as
 F() outro: _____

32. Sobre lazer e faixa etária dos/as freqüentadores/as de locais de lazer em Salvador:

- A () prefiro lugares freqüentados por pessoas de minha faixa etária
 B () prefiro lugares freqüentados por pessoas mais velhas
 C () prefiro lugares freqüentados por pessoas mais novas.
 D () a faixa etária das outras pessoas não é problema para mim.
 E () minha preferência sobre faixa etária varia conforme o programa de lazer.
 F () não tenho opinião sobre isso.

33. Você faz ou já fez acompanhamento psicológico (psicoterapia, terapia, análise)?

- A() Nunca fiz B() Já fiz C() Faço

IV. SOBRE SITUAÇÃO AFETIVO-SEXUAL

34. Em seu histórico de relação amorosa, qual o estilo de relação que prevalece?

- A() ficar B() namoro C() morar junto D() casamento (no cartório / igreja) E() outro: _____

35. Qual a duração da sua última relação estável? _____

36. Você costuma se relacionar com pessoas de que cor/etnia?

- A() branco/a B() pardo/a C() preto/a D() amarelo/a E() indígena F() a cor/etnia da pessoa é indiferente

37. Com que freqüência pratica sexo atualmente (nos últimos 6 meses)?

- A() não pratiquei sexo nos últimos 6 meses B() Raramente C() Todo mês
 D() Toda semana E() Todo dia

38. Com quem você costuma praticar sexo atualmente (nos últimos 6 meses)?

- A () namorado(a)
 B () amante
 C () pessoa que conheceu casualmente ou recém-conhecido(a)
 D () amigo(a)
 E () ex-marido/esposa/ companheiro(a)
 F () ex-namorado(a)
 G () ficante /pessoa que costuma encontrar somente para ter sexo
 H () garoto(a) de programa/ profissional do sexo
 I () outra situação: _____
 J () não pratiquei sexo nos últimos 6 meses

39. Onde você costuma encontrar pessoas para se relacionar sexualmente?

- A() em bares e pubs
 B() boates e festas
 C() no local de trabalho ou estudo
 D() na praia
 E() em viagens e/ou férias
 F() em meu ciclo de amizades/casa de amigos/colegas
 G() através de sites de relacionamento
 H() através de salas de bate-papo na internet
- I() em saunas (gays)
 J() no shopping
 K() casa de prostituição
 L() clube ou outras organizações esportivas
 M() não tem um local específico
 N() não me relaciono sexualmente quando não estou em um relacionamento estável
 O() outra situação: _____

40. Quem costuma tomar iniciativa na hora de transar:

- A() sempre você
 B() mais freqüentemente você
 C() sempre a outra pessoa
 D() mais freqüentemente a outra pessoa
 E() os dois/as igualmente

41. Com relação à prática da masturbação, você atualmente:

- A() Não me masturbo
 B() Me masturbo raramente
 C() Me masturbo algumas vezes na semana
 D() Me masturbo todos os dias
 E() Me masturbo mais de uma vez por dia

42. O que lhe atrai em uma pessoa para se relacionar eventualmente? Marque de acordo com o grau de importância.

(0) não é importante (1) pouco importante (2) importante (3) muito importante

- A() aparência física
 B() características psicológicas (ser inteligente, ter bom humor, etc)
 C() características sociais (ter uma boa conversa, ser sociável, etc)
 D() ter independência financeira
 E() ser da mesma classe social
 F() ter a mesma religião
 G() ser da mesma localidade (cidade, país)
- H() ser de outra localidade (cidade, país)
 I() ter idade próxima a minha
 J() ser mais velho/a que eu
 K() ser mais novo/a que eu
 L() a química /o feeling
 M() ter algum sentimento (amor, paixão)
 N() outra: _____

43. O que lhe atrai em uma pessoa para ter um relacionamento estável? Marque de acordo com o grau de importância.

(0) não é importante (1) pouco importante (2) importante (3) muito importante

- | | |
|---|--|
| A() aparência física | H () ser de outra localidade (cidade, país) |
| B() características psicológicas (ser inteligente, ter bom humor, etc) | I () ter idade próxima a minha |
| C() características sociais (ter uma boa conversa, ser sociável, etc) | J () ser mais velho/a que eu |
| D() ter independência financeira | K() ser mais novo/a que eu |
| E() ser da mesma classe social | L () a química /o feeling |
| F() ter a mesma religião | M() ter algum sentimento (amor, paixão) |
| G() ser da mesma localidade (cidade, país) | N () outra: _____ |

44. Em uma escala de 0 a 2 marque a alternativa que indica o quanto o passado sexual ativo de uma pessoa (ter tido vários parceiros/as) influencia na sua decisão de ter com ele/a um relacionamento estável:

0	1	2
Influencia negativamente	Não influencia	Influencia positivamente

45. Em uma escala de 0 a 4 marque a alternativa que indique o quanto o sexo e o amor estão interligados para você:

0	1	2	3	4
Nada ligados	Um pouco ligados	Medianamente ligados	Muito ligados	Completamente ligados

46. Para você, o casamento é: (Marque de acordo com a legenda)

(0) Discordo completamente (1) concordo parcialmente (2) concordo plenamente

- A() um ideal a ser alcançado
 B() uma instituição falida
 C() limita a liberdade
 D() um projeto de vida em conjunto
 E() o resultado do amor entre duas pessoas
 F() uma exigência social
 G() tenho outra opinião sobre o casamento: _____

V. SOBRE A "SOLTEIRICE"

47. Para você, o que é ser solteiro/a?

48. Expresse sua opinião sobre a solteirice a partir do quanto concorda e discorda das frases abaixo. Dê sua resposta utilizando os números conforme a escala que se segue:

- | | | | | | |
|--|----------------------------|----------|----------|----------|----------------------------|
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| | discordo totalmente | | | | concordo totalmente |
- A () Ser solteiro/a significa ter liberdade
- B () A solteirice é valorizada pela sociedade
- C () As mulheres solteiras são bem vistas pela sociedade
- D () Os homens solteiros são bem vistos pela sociedade
- E () As pessoas solteiras têm medo do compromisso
- F () As pessoas solteiras tendem a ser independentes
- G () As pessoas solteiras são muito individualistas
- H () As pessoas solteiras têm muita liberdade sexual
- I () As pessoas solteiras são solitárias
- J () As pessoas solteiras são muito exigentes na escolha de parceiro/a
- K () As pessoas solteiras procuram um amor, uma pessoa ideal

49. Atualmente, quais os 3 principais motivos pelos quais você está solteiro/a?

- A() por opção
- B() não encontrei uma pessoa ideal/ a pessoa certa
- C() não quero me casar / vivenciar uma união conjugal
- D() prefiro ficar só a estar com alguém que não me agrada
- E() gosto da liberdade que a vida de solteiro/a me proporciona
- F() tenho alguma dificuldade de me relacionar
- G() tive decepções amorosas anteriores e não quero repeti-las
- H() outro motivo. Qual? _____

50. O fato de você estar solteiro/a neste momento lhe proporciona: (Responda de acordo com a legenda)

- | | | | |
|-----------------|------------------|--------------------|------------------|
| (0) nada | (1) pouco | (2) mediano | (3) muito |
|-----------------|------------------|--------------------|------------------|
- A() Bem-estar geral
- B() Mais oportunidades para lazer
- C() Mais tempo livre
- D() Mais privacidade
- E() Liberdade para fazer o que quero
- F() Não ter que dar satisfação a ninguém
- G() Mais facilidade para organizar meus horários
- H() Ter uma vida prática
- I() Possibilidade de criar e manter minhas manias
- J() Oportunidade para investir em mim mesmo/a
- K() Ansiedade em relação ao futuro
- L() Insegurança
- M() Solidão
- N() Constrangimento
- O() Tristeza
- P() Estabilidade financeira
- Q() Oportunidade para crescimento profissional
- R() Maior possibilidades de exercício da sexualidade
- S() Dificuldade para encontrar parceiro/a sexual quando quero
- T() Oportunidade para amizades íntimas
- U() Ser discriminado/a na sociedade
- V() Maior facilidade para lidar com a família de origem
- W() Ser discriminado/a na família
- X() Conflitos com a família de origem
- Y() Cobranças para que eu me case

VI. PROJETOS PARA O FUTURO

54. Qual o grau de importância das seguintes dimensões da sua vida? Responda de acordo com a legenda.

(0) não é importante (1) pouco importante (2) importante (3) muito importante

A () Amor conjugal (em relacionamentos do tipo casamento, namoro, etc)

B () Sexo

C () Família

D () Filhos/as

E () Amigos/as

F () Individualidade

G () Religiosidade

H () Lazer

I () Saúde

J () Política

K () Dinheiro

L () Trabalho

M () estudo

55 Sobre o futuro, quais as suas prioridades? Marque de acordo com a legenda.

(0) não é importante (1) pouco importante (2) importante (3) muito importante

A () continuar solteiro/a

B () encontrar uma pessoa ideal para um relacionamento estável

C () o casamento / união conjugal

D () ter filhos

E () investir no auto-conhecimento/ crescimento pessoal

F () mudar de cidade ou país

G () cuidar da saúde

H () investir mais no lazer

I () investir na carreira profissional

J () adquirir independência financeira

K () ter algum bem próprio

L () mudar de profissão

M () outro: _____

Data que você respondeu este questionário: _____

Local onde respondeu este questionário: a. () em casa b. () no trabalho

c. () em outro local: _____

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

Deixe seu email para que possamos enviar o resultado da pesquisa: _____

Caso queira participar de outra etapa da pesquisa com realização de entrevista, deixe seu contato (telefone e email) _____

Favor encaminhar este questionário para o email pesquisa.solteirice@gmail.com

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS QUESTIONÁRIOS

12. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa cujo tema é “Solteirice na Contemporaneidade”, a partir do qual buscamos conhecer sobre os modos de viver de quem está solteiro/a e morando sozinho/a em Salvador. O estudo está sendo realizada no curso de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na Universidade Federal da Bahia.
13. Você foi selecionado(a) através da rede de contato da pesquisadora e sua participação não é obrigatória.
14. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
15. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição a qual a pesquisadora faz parte.
16. Sua participação nesta etapa da pesquisa consistirá em responder um questionário auto-aplicável, que leva um tempo de pelo menos 20 a 30 minutos. Você poderá participar de outra etapa da pesquisa que consiste em realização de entrevista a ser realizada de forma individual, com tempo de duração imprevisto.
17. Sua participação não envolve riscos.
18. Os benefícios relacionados com a sua participação são colaborar para o conhecimento sobre os modos de viver para quem está solteiro/a e morando sozinho/a em Salvador, compreendendo as diferenças de gênero em torno desta vivência.
19. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
20. Os dados do questionário serão utilizados para relatórios de pesquisa e publicações científicas, sem a divulgação da sua identificação.
21. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o contato da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Darlane Silva Vieira Andrade (Psicóloga CRP03/03187; Doutoranda PPGNEIM/UFBA)
Tels: 32479763 / 91186446 Email: pesquisa.solteirice@gmail.com

Declaro que li, entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Fui informado(a) dos procedimentos da pesquisa e assegurada a preservação da minha identidade.

Salvador, _____ de _____ de _____

Participante da pesquisa

RG ou CPF

Assinatura

Deixe seu email para envio do resultado da pesquisa: _____

APÊNDICE F

ROTEIRO DE ENTREVISTA “LINHA DA VIDA”

Em uma folha em branco, o/ informante irá desenhar uma linha e destacar pontos equivalentes as fases da vida, considerando eventos que foram mais significativos em cada fase. A partir daí, a conversação se estabelece.

Ex:



Guia de entrevista:

- Sobre a infância: Como foi sua infância? Com quem você residia? Como era o relacionamento com seus pais e familiares? Quais eram suas brincadeiras favoritas? Quem eram seus amigos e como era a relação entre vocês? Com que idade você foi para escola e como foi esta fase?
- Adolescência: Como eram suas relações familiares e com amigos/as? Como foi o período da escola? Quais eram seus planos profissionais? Como foram seus primeiros relacionamentos amorosos? Na sua família havia alguma pessoa solteira e que morava só? O que você achava desta pessoa?
- Fase adulta e meia-idade: Como era (e é) sua vida em termos de estudo e trabalho? Fale sobre suas relações familiares nesta fase da vida. Como são suas relações de amizade? Fale sobre o que significa ser independente para você e da sua busca por independência. Como são (ou foram) seus relacionamentos amorosos? Como você avalia sua vida como uma pessoa solteira e que mora sozinha? Como você se vê hoje com a idade que tem?
- Planos para o futuro: Como você se vê e percebe sua vida no futuro? Quais são seus planos em termos de trabalho, família, relacionamentos e lazer?

APÊNDICE G

GUIA DE INSTRUÇÕES PARA REALIZAÇÃO DOS DIÁRIOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO
DOUTORANDA: DARLANE ANDRADE
ORIENTADORA: DRA. MARIA GABRIELA HITA

PESQUISA: A “SOLTEIRICE” EM SALVADOR

Fase 2: Estudo biográfico

Você está sendo convidado(a) a responder um diário no período de 7 dias. Para tanto, você irá escrever nos espaços indicados, respondendo as seguintes perguntas:

- 1) Quem você manteve contato durante o dia?

Nomeie a(s) pessoa(s) que você manteve contato durante o dia (não somente pessoalmente, mas também pela internet) e classifique o tipo de relacionamento que você tem com esta pessoa.

- 2) Quando manteve contato com a(s) pessoa(s), aonde você esteve e o que estava fazendo no local?

Nomei o lugar, hora e objetivos.

Caso esqueça de preencher algum dia, você pode continuar o diário de onde parou. Qualquer dúvida ou sugestões, favor anotar. Após o período de sete dias, favor entregar o diário à pesquisadora.

Grata pela colaboração

Darlane S.V. Andrade
Doutoranda PPGNEIM/UFBA
Contatos: 32479763/91186446
pesquisa.solteirice@gmail.com
solteirice-salvador.blogspot.com

APÊNDICE H

MODELO E ROTEIRO DE ENTREVISTA DE DEVOLUÇÃO DO DIÁRIO

DIÁRIO

Data	Com quem você manteve contato?	Tipo de Relacionamento	Local onde esteve	Hora	Objetivo(s)

ROTEIRO DE ENTREVISTA DE DEVOLUÇÃO DOS DIÁRIOS

1. Conte-me sobre como foi a realização dos diários.
2. Fale sobre as pessoas que você destacou nos diários: Quem são? Qual a idade? Como é a relação de vocês? Como se conheceram? Qual a importância desta pessoa em sua vida?
3. Fale sobre o local onde encontrou ou entrou em contato com as pessoas que destacou nos diários: você costuma ir neste local com que frequência? Ou se for algum local "virtual", qual o seu uso no cotidiano?

APÊNDICE I – QUADROS DE CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES E FORMA DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

NOME	IDADE	SEXO		COR DECL.			ORIENTAÇÃO SEXUAL			TIPO DE SOLTEIRICE		NATURALIDADE	PROFISSÃO/ OCUPAÇÃO	PARTICIPAÇÃO PESQUISA		
		Masculino	Feminino	Parda	Preta	Branca	Homossexual	Heterossexual	Bissexual	Separado(a)	Nunca se casou			GRUPO FOCAL	ENTREVISTA	DIÁRIO
Ana Maria	50								*			Brasiliense	Historiadora; Pesquisadora			
		Já morou junto/Vivenciou relacionamentos homoafetivos														
Beija-flor	33											Baiana	Psicóloga; Professora Universitária			
		Foi noiva/Já morou junto										Interior				
Cristiano	31											Baiana	Jornalista; Servidor Público			
												Capital				
Rafael	47											Baiana	Empresário			
		Já foi noivo										Capital				
Simone	32											Baiana	Analista de Recursos Humanos			
												Capital				
Danilo	31											Baiana	Advogado e Servidor Público			
												Capital				
Gabriela	32											Paranaense	Professora Universitária			
		Já morou junto por 8 anos														
Logan	35											Baiana	Historiador; Professor; Artista			
												Capital				
Mar	40											Mineira	Dentista			
Natália	41											Baiana	Nutricionista; Professora Universitária			
												Capital				
Ricardo	49											Baiana	Biólogo; Professor			
												Interior				

ENTREVISTAS

NOME	IDADE	SEXO		COR DECL.			ORIENTAÇÃO SEXUAL			TIPO DE SOLTEIRICE		NATURALIDADE	PROFISSÃO/ OCUPAÇÃO	GRUPO FOCAL		
		Masculino	Feminino	Parda	Preta	Branca	Homossexual	Heterossexual	Bissexual	Separado(a)	Nunca se casou			ENTREVISTA	DIÁRIO	
Ana Maria	50	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Brasiliense	Historiadora; Pesquisadora	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
		Já morou junto/Vivenciou relacionamentos homoafetivos										<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Beija-flor	33	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Baiana	Psicóloga; Professora Universitária	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
		Foi noiva/Já morou junto										Interior		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Danilo	31	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Baiana	Advogado e Servidor Público	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
												Capital		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Logan	35	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Baiana	Historiador; Professor; Artista	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
												Capital		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mar	40	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Mineira	Dentista	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
														<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ricardo	49	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Baiana	Biólogo; Professor	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
												Interior		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DIÁRIOS

NOME	IDADE	SEXO		COR DECL.			ORIENTAÇÃO SEXUAL			TIPO DE SOLTEIRICE		NATURALIDADE	PROFISSÃO/ OCUPAÇÃO	GRUPO FOCAL		
		Masculino	Feminino	Parda	Preta	Branca	Homossexual	Heterossexual	Bissexual	Separado(a)	Nunca se casou			ENTREVISTA	DIÁRIO	
Ana Maria	50	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Brasiliense	Historiadora; Pesquisadora	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
		Já morou junto/Vivenciou relacionamentos homoafetivos												<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Beija-flor	33	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Baiana	Psicóloga; Professora Universitária	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
		Foi noiva/Já morou junto										Interior		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Danilo	31	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Baiana	Advogado e Servidor Público	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
												Capital		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mar	40	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Mineira	Dentista	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
														<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ricardo	49	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Baiana	Biólogo; Professor	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
												Interior		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

APÊNDICE J

Tabela 34 – Número e porcentagem de respostas referentes aos motivos atribuídos por estarem solteiros/as, pelos/as participantes – Salvador, 2011-2012

MOTIVOS	RESPOSTAS	
	n	%
Não encontrei a pessoa ideal/certa	45	24,3
Prefiro ficar só a estar com alguém que não me agrada	45	24,3
Gosto da liberdade que ser solteiro proporciona	32	17,3
Por opção	28	15,1
Teve decepções amorosas	16	8,6
Alguma dificuldade relacionamento	12	6,5
Não quero me casar	7	3,8
TOTAL	185	100,0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 35 – Média e desvio padrão das respostas referentes ao que a condição de solteiro/a proporciona as/aos participantes (Escala entre 0 – nada, e 3 – muito) – Salvador, 2011-2012

SOLTEIRICE PROPORCIONA	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Liberdade para fazer o que quero	2,65	0,56
Mais privacidade	2,53	0,72
Não ter que dar satisfação a ninguém	2,50	0,78
Mais facilidade para organizar meus horários	2,50	0,66
Oportunidade para investir em mim mesmo(a)	2,44	0,80
Mais tempo livre	2,37	0,75
Ter uma vida prática	2,28	0,86
Possibilidade de criar e manter minhas manias	2,17	0,99
Bem estar geral	2,10	0,74
Oportunidade para crescimento pessoal	2,04	0,94
Estabilidade financeira	2,00	0,87
Mais oportunidades para lazer	1,97	0,81
Maior facilidade para lidar com a família de origem	1,50	1,21
Oportunidade para amizades íntimas	1,40	1,01
Maiores possibilidades de exercício da sexualidade	1,32	1,05
Ansiedade em relação ao futuro	1,28	1,04
Dificuldade para encontrar parceiro/a sexual quando quero	1,19	1,01
Solidão	1,16	0,89
Insegurança	0,94	0,86
Cobranças para que eu me case	0,79	1,06
Tristeza	0,71	0,71
Discriminação	0,71	0,98
Constrangimento	0,47	0,72
Ser discriminado(a) na família	0,46	0,82
Conflitos com a família de origem	0,46	0,85

Número de casos válidos: 67

Fonte: Elaboração própria

Tabela 38 – Número, média e desvio padrão de frequência de realização de atividades de lazer, por sexo (Escala de 0 – nunca, a 4 – sempre) – Salvador, 2011-2012

LAZER	SEXO						TOTAL	
	FEMININO			MASCULINO			Média Geral	Desvio Padrão
	n	Média	Dv. Pd.	n	Média	Dv. Pd.		
Ouvir música	41	3,22	0,98	34	3,26	0,79	3,23	0,91
Ver TV/DVD em casa	41	2,95	1,07	35	2,94	0,87	2,95	0,95
Ler livros	41	3,15	0,88	33	2,52	0,97	2,87	0,94
Usar internet	41	2,54	1,41	35	3,00	1,23	2,72	1,34
Shopping	41	2,78	1,01	34	2,26	0,66	2,55	0,90
Visitar amigos	41	2,39	0,97	34	2,50	0,99	2,45	0,97
Viagem no país	41	2,39	1,11	35	2,37	,80	2,37	0,98
Jantar for a	41	2,17	0,89	35	2,43	0,81	2,27	0,87
Cinema	41	2,32	1,01	35	2,23	0,91	2,25	0,93
Praticar esportes/malhar	41	1,85	1,45	35	2,37	1,23	2,11	1,37
Bares e pubs	41	1,93	1,01	34	2,41	0,92	2,11	0,98
Shows	41	1,88	0,98	35	2,26	0,81	2,05	0,93
Carnaval	40	1,60	1,46	35	2,14	1,30	1,86	1,41
Sair só	41	1,85	1,19	34	1,91	0,866	1,84	1,05
Ir a praia	41	1,71	1,05	35	1,86	0,97	1,77	1,03
Teatro	41	1,78	0,93	35	1,43	0,97	1,63	0,98
Boates	41	1,27	0,86	34	1,68	1,12	1,41	1,00
Museus/exposições	40	1,40	0,90	35	1,17	0,70	1,30	0,83
Viagem para o exterior	41	1,20	1,07	35	1,17	0,89	1,15	0,97
Festas de largo	40	1,00	1,13	35	1,09	0,98	1,05	1,06
Assistir futebol em estádios	41	0,37	0,73	35	1,00	0,97	0,61	0,81
Tocar instrumentos musicais	40	0,18	0,54	35	0,80	1,05	0,47	0,88
Jogar video game	41	0,07	0,26	34	0,74	1,08	0,38	0,83
Pescar	41	0,10	0,30	34	0,26	0,51	0,16	0,41
Velejar	41	0,12	0,33	34	0,21	0,64	0,16	0,50

Fonte: Elaboração própria

Tabela 39 – Número e percentual de indicativo de cor da pessoa com quem os/as participantes costumam se relacionar, por sexo – Salvador, 2011-2012

COR	SEXO				TOTAL	
	FEMININO		MASCULINO		n	%
	n	%	n	%		
Indiferente	26	50,0	26	50,0	52	69,3
Branca	13	61,9	8	38,1	21	28,0
Parda	5	71,4	2	28,6	7	9,3
Preto	1	100,0	–	–	1	1,3
Indígena	1	100,0	–	–	1	1,3
TOTAL	40	53,3	35	46,7	75	100,0

Fonte: Elaboração própria

Tabela 40 – Número de casos, média e desvio padrão de características atrativas em uma pessoa para ter com ela um relacionamento eventual, indicadas pelos/as participantes, por sexo (escala de respostas de 0 – não é importante, a 3 – muito importante) – Salvador, 2011-2012

CARACTERÍSTICAS	SEXO						TOTAL	
	FEMININO			MASCULINO			Média Geral	Desvio Padrão
	n	Média	Dv. Pd.	n	Média	Dv. Pd.		
Características psicológicas	39	2,69	0,65	35	2,51	0,65	2,60	0,66
<i>A química/o feeling</i> pela pessoa	39	2,56	0,78	34	2,41	0,65	2,47	0,73
Características sociais	39	2,51	0,68	35	2,34	0,68	2,42	0,69
Aparência física	39	1,72	0,75	35	2,11	0,67	1,91	0,75
Ter algum sentimento pela pessoa	39	1,97	1,03	34	1,65	1,01	1,78	1,02
Ter independência financeira	39	1,87	0,86	35	1,17	0,85	1,52	0,93
Ser da mesma classe social	39	1,54	0,94	35	0,83	0,74	1,21	0,92
Ter idade próxima a minha	39	1,36	0,90	35	1,14	0,87	1,25	0,88
Ser da mesma localidade (cidade, país)	39	1,08	1,01	35	0,94	1,08	0,98	1,03
Ser mais novo(a) do que eu	37	0,70	0,77	35	0,80	1,05	0,71	0,88
Ser mais velho(a) do que eu	37	0,86	0,82	34	0,32	0,53	0,60	0,74
Ter a mesma religião	39	0,56	0,91	35	0,49	0,65	0,49	0,79
Ser de outra localidade	37	0,59	0,79	34	0,38	0,77	0,49	0,79

Fonte: Elaboração própria

Tabela 41 – Média e desvio padrão de características atrativas em uma pessoa para ter com ela um relacionamento estável, indicada pelos/as participantes, por sexo. (escala de respostas de 0 – não é importante a 3 – muito importante). Salvador, 2011-2012

CARACTERÍSTICAS	SEXO						TOTAL	
	FEMININO			MASCULINO			Média Geral	Desvio Padrão
	n	Média	Dv. Pd.	n	Média	Dv. Pd.		
Ter algum sentimento pela pessoa	40	2,73	0,59	34	2,88	0,32	2,79	0,50
Características psicológicas	40	2,78	0,57	35	2,77	0,42	2,77	0,50
A <i>química</i> /o <i>feeling</i> pela pessoa	40	2,73	0,71	35	2,77	0,49	2,73	0,62
Características sociais	40	2,65	0,70	35	2,66	0,53	2,66	0,60
Ter independência financeira	40	2,28	0,75	35	1,69	0,83	2,00	0,85
Ser da mesma localidade (cidade, país)	40	1,63	1,12	35	2,09	0,98	1,81	1,09
Aparência física	41	1,46	0,84	35	2,00	0,59	1,73	0,76
Ser da mesma classe social	40	1,75	0,89	34	1,41	0,92	1,59	0,92
Ter idade próxima a minha	40	1,63	1,00	35	1,46	0,98	1,54	0,97
Ser mais velho(a) do que eu	38	1,11	0,86	35	0,34	0,53	0,75	0,81
Ser mais novo(a) do que eu	38	0,66	0,74	34	0,71	0,90	0,68	0,81
Ter a mesma religião	40	0,70	0,93	35	0,60	0,77	0,65	0,87
Ser de outra localidade	38	0,63	0,91	35	0,60	1,03	0,62	0,97

Fonte: Elaboração própria

ANEXO

**QUADRO DAS REGIÕES GEOGRÁFICAS EM SALVADOR POR RENDA DA
POPULAÇÃO DE CLASSE MÉDIA**

AED	BAIRRO PRINCIPAL	RdDom Sem rendimento	Ate 1 SM	De 1 a 2 SM	De 2 a 3 SM	De 3 a 5 SM	De 5 a 10 SM	De 10 a 20 SM	Mais de 20 SM	
2	PATAMARES/PITUAÇU/PIAT Ã	4,2%	2,0%	10,8%	6,7%	13,5%	10,8%	15,8%	35,9%	99,5%
6	STELLA MARIS E AEROPORTO	0,6%	1,5%	1,7%	0,7%	9,7%	18,8%	25,8%	39,8%	98,7%
14	IMBUÍ	1,1%		1,6%	1,8%	6,7%	18,5%	28,1%	40,9%	98,7%
16	ARMAÇÃO/COSTA AZUL/STIEP E C DOS BANCÁRIOS	1,0%	1,5%	4,0%	2,2%	5,9%	14,0%	23,9%	47,7%	100,0%
17	ITAIGARA/C DAS ÁRVORES E IGUATEMI	0,4%		0,3%	0,3%	1,2%	6,1%	16,2%	75,0%	99,7%
18	PITUBA E PQ NOSSA SENHORA DA LUZ	1,5%		0,5%	0,8%	2,3%	11,6%	20,2%	62,6%	99,5%
22	RIO VERMELHO E PQ CRUZ AGUIAR	1,7%	0,4%	3,4%	3,8%	13,9%	17,3%	21,9%	36,5%	98,9%
23	BARRA E BARRA AVENIDA	1,4%		4,3%	1,0%	1,7%	13,1%	26,8%	50,5%	98,9%
24	GRAÇA	3,1%	0,6%	0,4%	1,8%	2,6%	8,9%	24,1%	57,3%	98,8%
25	CHAME CHAME/JD APIEMA/MORRO GATO E M. IPIRANGA	3,1%		1,2%	1,3%	4,5%	14,6%	18,2%	56,2%	99,1%
26	CAMPO GRANDE CANELA E VITÓRIA	1,7%	1,7%	5,9%	1,8%	6,6%	12,4%	19,5%	48,0%	97,5%
27	GARCIA	2,1%	0,6%	8,3%	9,8%	17,3%	13,8%	24,5%	23,2%	99,7%
29	ONDINA/S. LÁZARO/C DA SILVA E VILA MATOS	3,2%	1,8%	10,3%	8,5%	11,8%	20,7%	20,9%	22,2%	99,4%
36	NAZERÉ/SAÚDE/TORORÓ E JARDIM BAHIANO	5,9%	1,0%	7,3%	6,3%	12,4%	22,0%	23,2%	21,3%	99,4%
64	VILA LAURA/LUIS ANSELMO E JARDIM SANTA TEREZA	4,0%	1,8%	7,8%	6,6%	11,1%	16,4%	28,0%	23,9%	99,7%
67	BROTAS/ACUPE E DANIEL LISBOA	2,9%	1,9%	11,5%	8,5%	15,8%	21,2%	17,1%	20,3%	99,2%
68	JD CASTRO ALVES/VALE FLORES E C DE BROTAS	3,0%	1,3%	3,9%	7,2%	10,9%	21,0%	30,1%	20,7%	98,1%
69	CANDEAL E HORTO FLORESTAL DE BROTAS	2,7%		5,6%	5,4%	9,0%	13,6%	8,8%	54,2%	99,2%

Tratamento de dados feito por Antônia Garcia (2009) com base nos dados do IBGE (2000)